



Universidade Federal do Amazonas
Programa de Pós-Graduação em História
Mestrado em História

SILVIA MARIA QUINTINO BARAÚNA

Condições Sociais de Migrantes em Manaus, 1920-1945

Manaus
Novembro de 2010



Universidade Federal do Amazonas
Programa de Pós-Graduação em História
Mestrado em História

SILVIA MARIA QUINTINO BARAÚNA

Condições Sociais de Migrantes em Manaus, 1920-1945

Orientadora:
Prof. Dr. Maria Luiza Ugarte Pinheiro

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas em 12 de Novembro de 2010, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Manaus
Novembro de 2010

TERMO DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Luiza Ugarte Pinheiro
(Presidente – PPGH/UFAM)

Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda
(Membro – PPGH/UFPA)

Profa. Dra. Kátia Cilene do Couto
(Membro – PPGH/UFAM)

DEDICATÓRIA

À minha avó Ormindá de Souza Barbosa que partiu deixando em meu coração muita saudade e a lembrança de um belo sorriso que jamais será esquecido, pois ficará eternizado em nossos corações. Descendente de turcos, nordestinos e índios foi uma pessoa extraordinária e exemplo para todos seus netos e filhas. Sua história de vida foi marcada por experiências que a fizeram uma mulher a frente de seu tempo. Mulher, Mãe, Avó, Bisavó, Guerreira que nunca se rendeu ao fracasso, ensinou-nos que diante de uma derrota não devemos nos abater, mas sim levantar a cabeça e seguir firme, sempre com esperança, dignidade e respeito ao próximo. À você, vizinha, dedico em especial minha Dissertação.

À Marli Quintino Baraúna, minha mãe, que por mim lutou e não mediu esforços para isso.

À José Beltrão de Mello Baraúna, meu pai amado que sempre acreditou em mim e junto a minha mãe foi responsável pelo que sou.

À João de Souza Barbosa, meu avô e segundo pai, o melhor avô do mundo.

À meus irmãos: Silvano, Denilson, Gláucia, Mônica, Valéria, Willian e Mariazinha, amores da minha vida.

À Maria Marlene Lopes Quintino, minha tia amada sou eternamente grata pelo seu carinho e tudo que fez por mim.

À meus primos: Ricardo, Regina e Rômulo, primos queridos, amados e inseparáveis.

À meus sobrinhos: Gabriela, Daniela, Sabrina, Rachel, Ricardo Júnior, Ana Luíza e João, meus pequenos e lindos amo vocês.

AGRADECIMENTOS

A constituição desta dissertação não seria possível sem a colaboração e participação de pessoas e instituições que direta e indiretamente manifestaram seu apoio. E aqui se encontram todos aqueles que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Primeiramente gostaria de agradecer à Deus por me proporcionar tudo que sou e tenho, pois sem ele não seria absolutamente nada. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de uma bolsa sendo imprescindível para despesas relativas às pesquisas e toda a confecção deste trabalho.

Assim, também agradeço às Instituições que cederam seus espaços, especificamente os arquivos para realização de minhas pesquisas, meus agradecimentos ao: Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), a Associação Comercial do Amazonas (ACA), ao Museu Amazônico, ao Centro Cultural Povos da Amazônia, Arquivo Público e principalmente a Santa Casa de Misericórdia que, mesmo desativada pude ter acesso a seu arquivo, agradeço a direção pela paciência frente aos tantos apelos que fiz.

Não poderia deixar de fora meus colegas e amigos do curso de Mestrado que, juntos, participaram das disciplinas durante a realização do curso e também fora da sala de aula, alguns foram companheiros não só de estudos e pesquisas, mas compartilharam outros momentos que hoje recordo com carinho. Em especial, quero agradecer aos que estiveram próximos, são eles:

À minha querida colega e amiga Luciane Campos companheira de pesquisa, foi com você que compartilhei os momentos de feitura da dissertação, sua companhia e apoio foram fundamentais, não tenha dúvida. Ao colega João Rosendo, sempre foi solícito, agradeço os documentos emprestados. À Célia Santiago, Ricardo, Karol, Suellen, Ursula, Macário, companheiros de sala, foi gratificante tê-los como colegas. Aos amigos especiais Dassuen, Clayton e Maglúcia da antropologia e sociologia, além de amigos fazem parte da família. Enfim, à Maria José dos Santos, amada amiga, companheira de estudo, festas, tantas coisas passamos juntas quando da sua estada aqui, você é e sempre será a minha eterna amiga.

Meus agradecimentos vão ainda para minha orientadora Prof^a Dr^a Maria Luiza Ugarte Pinheiro, pelo apoio, conselhos, confiança e liberdade para que eu pudesse desenvolver meu trabalho, por ela tenho muita admiração, respeito e carinho. Ao Prof. Dr. Luis Balkar Sá Peixoto Pinheiro, pela colaboração e apoio, meus sinceros agradecimentos. À professora e amiga Christiane Kelli, pelos bons conselhos e apoio que sempre me deu quando estávamos juntas. Enfim, a todos os colegas e amigos que não citei aqui, mas que incentivaram e torceram pelo término deste trabalho, expresso o meu carinho e agradecimento.

RESUMO

Esta dissertação procurou observar as experiências sociais de imigrantes nacionais e estrangeiros na cidade de Manaus entre o período de 1920 a 1945, e vai de encontro a inquietações que, entre outras coisas, levam em consideração a pouca produção historiográfica referente às condições de vida e trabalho de imigrantes em Manaus no período mencionado. Para tanto, observamos a situação do espaço que acomodou os imigrantes, ou seja, como se apresentava Manaus em seu aspecto, social, político e econômico, analisado principalmente as políticas demandadas pelo poder público em relação aos imigrantes. Além disso, procuramos analisar dimensões relevantes envolvendo relações e práticas de seus cotidianos na área urbana, quase imperceptíveis na memória local, principalmente quando se trata de períodos posteriores a expansão do látex.

Palavras-chave: Imigração; Cidade, História Social.

ABSTRACT

This thesis sought to observe the social experiences of immigrants and foreign nationals in the city of Manaus from the period 1920 to 1945, and meets the concerns that, among other things, consider the little historiographical concerning the conditions of life and work immigrants in Manaus in the period. To this end, we observe the situation of the space that accommodated the immigrants, or as it stood Manaus in their appearance, social, political and economic policies demanded mainly analyzed by the public in relation to immigrants. In addition, we analyzed relevant dimensions involving relationships and practices of their everyday lives in urban areas, almost imperceptible in local memory, especially when it comes to periods after the expansion of the latex.

Key words: Immigration, City, Social History.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS, TABELAS E IMAGENS	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: MIGRANTES E MIGRAÇÕES: UMA ANÁLISE SOBRE ALGUNS ESTUDOS MIGRATÓRIOS	18
1.1 – PERSPECTIVA SOBRE IMIGRAÇÃO NO BRASIL	18
1.2 – PERSPECTIVAS PARA O AMAZONAS	36
1.3 – MANAUS NO PERÍODO DE 1920 A 1945.	52
CAPÍTULO 2: A CONDIÇÃO SOCIAL DE IMIGRANTES E A POLÍTICA VARGUISTA EM MANAUS	63
2.1 – NACIONAIS E ESTRANGEIROS: FACES E PERFIS DOS IMIGRANTES NA CIDADE	63
2.2 – ENTRE JORNALEIROS E CATRAIEIROS: IDENTIFICANDO O TRABALHADOR IMIGRANTE NA CIDADE	92
2.3 – MANAUS NO QUADRO DA POLÍTICA VARGUISTA	105
CAPÍTULO 3: MODOS DE VIDA DE IMIGRANTES: EXPERIÊNCIA NA CIDADE DO OUTRO	123
3.1 – CENAS DE VIDA NAS PÁGINAS DE UM JORNAL	123
3.2 – O IMIGRANTE E AS INSTITUIÇÕES E ASSOCIAÇÕES DE AJUDA.	148
3.3 – REFLEXÕES SOBRE ASPECTOS PARTICIPATIVOS DOS MIGRANTES EM MANAUS	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
FONTES	176
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	178

LISTA DE IMAGENS, TABELAS E FICHAS

Tabela 1	
Imigrantes no Hospital da Santa Casa de Misericórdia	72
Tabela 2	
Imigrantes no Hospital Beneficente Portuguesa	75
Tabela 3	
Imigrantes Nacionais	75
Tabela 4	
Imigrantes Estrangeiros	75
Ficha 01	77
Imigrantes na Santa Casa – Ano de 1935	
Ficha 02	94
Dados Cadastrais da Santa Casa – 1941	
Ficha 03	95
Dados Cadastrais da Santa Casa - 1937	
Figura 01	112
Propaganda da Campanha Pela Borracha	
Figura 2	114
Soldados da Borracha	

INTRODUÇÃO

Em agosto de 1930, um jornal traz estampado em suas páginas a situação de imigrantes vivendo em condições de extrema miséria em Manaus: “*Não ha muitos dias pintamos com cores vivas, o estado de alguns flagellados que estavam morrendo a migua, no Galpão, salientando que outros já haviam sucumbido no mais triste estado de abandono*”¹. Na verdade, esta era a realidade de muitos imigrantes que se encontravam na capital do Amazonas entre os anos de 1920 a 1945.

Esta pesquisa vem de encontro ao estudo das condições de vida de migrantes e ou seus descendentes na cidade de Manaus entre 1920 a 1945. Nossa preocupação foi identificar e analisar a situação de vida de imigrantes, entre estrangeiros e nacionais. Mas, não apenas visualizá-los por si, se limitando a identificar seu local de origem, interessou mostrar quem foram, saber seus nomes, o que faziam, onde moravam, enfim, um pouco de suas experiências sociais no espaço da cidade. Assim, o estudo procurou observar o migrante no ambiente urbano, num espaço fora de sua realidade mais que neste forjou diversas situações para garantir sua própria sobrevivência.

As cidades são espaços complexos e comportam diferentes realidades, nesses espaços sobrevivem grupos sociais distintos que se relacionam de diferentes formas desenvolvendo e praticando ações diversas. Ao chegar à cidade o migrante passa a fazer parte deste espaço e traz consigo sonhos e esperanças que muitas vezes podem se transformar em frustrações. Frustrações que, na maioria das vezes, ocorre quando não consegue encontrar prioridades básicas para sua sobrevivência como, trabalho e moradia adequados.

E foi neste espaço que conseguimos resgatar um pouco da história de cearenses, paraenses, paraibanos, acreanos, maranhenses, cariocas e ainda peruanos, espanhóis, portugueses, barbadianos, sírios, entre outros que viveram em Manaus entre 1920 a 1945, identificados essas pessoas a partir de jornais e livros de registros da Santa Casa de Misericórdia². Foi principalmente através dos livros de registros que conseguimos

¹ *Jornal do Comércio*. Manaus, 13 de Agosto de 1920.

² Os livros de registros da Santa Casa de Misericórdia e o *Jornal do Comércio* foram as principais fontes utilizadas neste trabalho, porém trabalhamos com alguns registros hospitalares da Santa Casa de Misericórdia.

visualizar os migrantes existentes na cidade, as informações revelaram a origem, trabalho, faixa etária, sexo, enfim, itens relevantes sobre a condição de vida desses sujeitos sociais na cidade.

O interesse pelo assunto surgiu principalmente a partir de leituras próximas do tema, do contato com relatórios de governo, livros de registros hospitalares indicadores de um alto índice de indigência de pessoas não nortistas em Manaus, ou seja, uma grande parcela daqueles que migraram para a cidade viveu de subempregos e em condições de mendicância como observamos nos livros de registros e jornais. Além disso, entendemos que, analisar as condições de vida desses migrantes, é atentar para reflexão de um grupo social específico – pela categoria de migrantes – que viveram experiências distintas na cidade e forjaram diferentes formas de sobrevivência.

Também levamos em consideração os poucos trabalhos envolvendo a análise social dos grupos urbanos constituídos na cidade de Manaus para este período. Período de intensas mudanças, uma vez que a cidade transitou entre as décadas de 20 e 30, em busca de perspectivas, sentindo o impacto da crise econômica e comportando uma massa de trabalhadores desejosos por melhores condições de vida. E na década de 40, quando as perspectivas para um novo investimento no setor extrativista recebeu impulso e a Amazônia passou a fazer parte da política desenvolvimentista do governo Vargas atraindo um novo surto migratório para a região.

A utilização da imprensa foi fundamental para identificarmos em Manaus, entre os períodos acima mencionados, uma população de migrantes vivendo em condições pouco favoráveis, situação constatada também nos livros de registros hospitalares da Santa Casa de Misericórdia. O hospital foi um dos principais de Manaus na época, cujo ideal caritativo estava ancorado no favorecimento de pessoas pobres³. Também utilizamos os relatórios do hospital Beneficente Portuguesa para complementar nossas pesquisas. No que se refere às fontes periódicas, trabalhamos principalmente o Jornal do Comércio, um periódico importante na cidade, que tratava de questões relacionadas ao comércio, a política, a saúde, assuntos policiais e que destinava espaço para as reclamações da população.

Ao escolher o recorte cronológico, levamos em consideração o contexto histórico da cidade, ou seja, a conjuntura sócio-econômica e política de Manaus, no intuito de relacionar com a condição de vida e trabalho dos imigrantes. E levamos em

³ BOTELHO, João Bosco. A Santa Casa de Misericórdia de Manaus entre 1939 e 1941. **Amazônia em Cadernos**. Manaus, 1998, v.4, n. 4. p. 203-230.

consideração ainda a premissa de que, falar sobre a história do norte do País é atentar para a influência dos movimentos migratórios e suas múltiplas conseqüências para esta região. Uma vez que, constituem fenômeno complexo e essencialmente social com características distintas para os indivíduos ou grupos sociais que a compõem e caracterizam⁴. Os processos migratórios constituem experiências sociais que ultrapassam a noção de fronteiras. Essas múltiplas e complexas experiências promovem um emaranhado de trocas onde diferentes culturas ganham novas formas e contornos no decorrer de vivências sociais.

A região Norte sempre foi alvo de migrações, mas foi no século XIX que uma corrente humana rumou em direção a Amazônia para trabalhar na produção da borracha. Especificadamente no Amazonas, os maiores fluxos migratórios estão associados a grandes ciclos econômicos⁵. Um dos primeiros fluxos - referente aos ciclos econômicos - observados na região aconteceu no final do século XIX, quando vieram para o Amazonas uma quantidade significativa de migrantes, principalmente nordestinos, a maioria atraída pela expansão nos negócios da borracha. De acordo com Benchimol, desde a expansão da borracha até 1960, aproximadamente 500.000 nordestinos vieram para a Amazônia, representando assim, o maior movimento humano das migrações internas da história brasileira superado somente pela migração pau-de-arara para São Paulo⁶.

O crescimento na produção e comercialização da borracha, na segunda metade do século XIX, aliada a parca mão-de-obra para extração nos seringais do norte e ainda a estiagem sentida no nordeste naquele fim de século, somam fatores que resultaram na vinda de nordestinos para a Amazônia. Assim, pode ser comparado, por exemplo, como conseqüência dos afluxos de migrantes, um aumento na população nortista entre 1872 e 1920 de aproximadamente 22,6%, ou seja, de 332.847 habitantes para 1.090.545

⁴ SALIM, Celso Amorim. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Vol. 3 São Paulo, ABEP, 1992, p. 119-144

⁵ SANTOS, Carlos Augusto dos; BRASIL, Marília C.; MOURA, Hélio A. “Persona Non Gratae? – A imigração indocumentada no Estado do Amazonas”. In: **Migrações internacionais: Contribuições para Políticas – Brasil 2000**. Brasília: CNPD, 2001. Para uma crítica a noção de ciclos econômicos na história, conferir: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. “Conquista e Colonização da América Portuguesa: O Brasil Colônia – 1500/1750” in: LINHARES, Maria Yedda (Org.) **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus: 1990, p. 46.

⁶ BENCHIMOL, Samuel. **A Formação Social do Amazonas**. Manaus: Valer, 1992.

habitantes⁷. É importante compreendermos que a economia extrativista atraiu não só nordestinos, mas pessoas de outras regiões do país e também de outros países computando naquele período um número expressivo de estrangeiros, principalmente portugueses e sírios⁸.

No período de produção intensa da borracha, no final do século XIX e início do XX, a maioria da mão-de-obra migrante ficou concentrada em áreas estratégicas dos seringais amazônicos. Com a decadência da economia extrativista, devido a alta produtividade nos seringais asiáticos – situação que levou a baixa na produção da borracha nacional e conseqüentemente a deflagração da crise - Manaus passou a receber um número considerável de trabalhadores que, sem perspectivas nas áreas rurais, migraram para a cidade em busca de novos horizontes.

Assim, na década de 1920, a cidade concentrou parcela de trabalhadores, principalmente vindos dos seringais, população que no geral era composta de pessoas de baixo nível de renda, caboclos empobrecidos e cearenses⁹. Alguns conseguiram voltar para suas terras, mas a maioria permaneceu na cidade sobrevivendo de subempregos ou mesmo como mendigos nas ruas da cidade. Nos relatórios e livros de registros hospitalares dos principais hospitais da cidade, referente às décadas de vinte e trinta, é possível observar um número expressivo de pessoas internadas como indigentes, sendo a maior parte de outras localidades. A situação de indigência mostra um quadro crítico em que viveram a maioria dos migrantes residentes em Manaus nestes períodos, situação não muito diferente para décadas seguintes.

Na década de 1940, o Amazonas foi palco de um novo surto migratório, estimulado pelo financiamento na produção da borracha. Neste período verificou-se a entrada, entre 1941 e 1945 de 152.138 pessoas, sendo que, dessas, saíram para o interior e outros Estados, 118.068 pessoas, permanecendo em Manaus provavelmente, 34.070 migrantes¹⁰. Esses migrantes, que na sua maioria eram pessoas humildes com gana de vencer na vida em território desconhecido, abarrotaram a cidade que não ofereceu tantas

⁷ FRAGOSO, João Luis. O Império Escravista e a República dos Plantadores: mais que uma *plantation* escravista exportadora. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). **História Geral do Brasil**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 176, 177.

⁸ BIENCOURT, Agnelo. **Corografia do Estado do Amazonas**. Manaus: Fundo Editorial, 1985, p. 122-152.

⁹ SANTOS, Eloína Monteiro dos. **A Rebelião de 1924 em Manaus**. Manaus: Valer, 2001, p. 33.

¹⁰ Com relação a estas estatísticas consultar: BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.

perspectivas. A consequência foi o aumento da população manauara que chegou a concentrar, na década de 1940, cerca de 106.399 habitantes, traduzindo seu espaço na concentração de segmentos carentes nas áreas menos salubres e menos valorizadas¹¹.

Segundo Benchimol¹², a maioria dos migrantes que se estabeleceram em Manaus na década de 40 e 50, acreditou conseguir qualquer espécie de emprego e inventaram estratégias de sobrevivências como trabalhadores avulsos, vendedores ambulantes, biscateiros entre outros. Os migrantes que vieram para Manaus, recrutados para participar da ‘Batalha da Borracha’, fugiam das hospedarias e albergues e se estabeleceram em bairros distantes. Além da flagrante miséria encontrada nos bairros, os migrantes ainda sofreram com a rivalidade discriminatória dos moradores locais. Alguns jornais¹³ criticaram a presença de migrantes, que foram na maioria das vezes apontados como responsáveis pelo aumento da violência e desordem na cidade.

Em Manaus, os imigrantes que identificamos sentiram as dificuldades em viver numa cidade com pouca estrutura para abrigá-los e atender suas necessidades básicas. Junto a isso, a adaptação desses sujeitos sociais ao novo ambiente, um universo distinto, com diferenças sociais e culturais característicos e que, de certa forma, foi palco de propagandas ilusórias que criou na grande maioria expectativas além da verdadeira realidade local. Propagandas que na maioria das vezes foram veiculadas pela imprensa e ainda pelos agenciadores de migrantes que construíram uma imagem sobre o lugar de destino com intuito de atrair o migrante para atender as demandas do capital.

Sendo assim, o “lugar” da nova etapa da vida, a terra dos sonhos produzida no imaginário do migrante é frustrante. As pessoas se submetem a situações de extrema violência contra seus direitos básicos. A fome e a miséria são companheiras inseparáveis dos migrantes nas ocupações urbanas. As pessoas são privadas do seu direito mais elementar: o exercício da cidadania¹⁴. Essa foi a realidade de muitos imigrantes estabelecidos em Manaus, no período analisado, pois acabaram encontrando uma cidade fora das expectativas imaginadas.

¹¹ MELLO, Mário Lacerda de, MOURA, Hélio A. de. (Org). **Migrações para Manaus**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1990.

¹² BENCHIMOL, Samuel. Manaus: O crescimento de Uma Cidade no Vale Amazônico. In: **Raízes da Amazônia**, v. 1, nº 1, Manaus: Editora do INPA, 2005, p. 137, 155.

¹³ *Diário da Tarde*, Manaus, 1944.

¹⁴ Ver artigo de OLIVEIRA, Márcia Maria de. A mobilidade humana na tríplice fronteira – Peru – Colômbia – Brasil e seus reflexos na cidade de Manaus - AM. **Cadernos de Estudos Avançados**, v. 20, p. 183-196. 2005.

A maioria dessas pessoas se deparou com uma realidade dura e cruel, tendo de se habituar em um espaço alheio ao seu e ainda submeter-se a situações que os levaram a condições de indignidade. Na maioria das vezes discriminados, foram tratados como um fardo pela sociedade que os excluiu através de barreiras sociais, denominando-os pejorativamente de agregados, “arigós”, “gente de fora”, estabelecendo, de certa forma, uma fronteira cultural¹⁵, entre moradores locais e não locais. Realidade essa que conseguimos observar em jornais da época. O fato é que esses migrantes contribuíram não só economicamente como culturalmente para a região, deixando um legado de saberes e hábitos que hoje fazem parte da história local.

E esta dissertação procurou mostrar um pouco da história de vida dos imigrantes que conseguimos identificar entre os documentos pesquisados. Sendo assim, dividimos o trabalho em três capítulos que contemplam os objetivos traçados pela pesquisa. No primeiro capítulo, intitulado, *Migrantes e migrações: uma análise sobre alguns estudos migratórios* procuramos analisar estudos que levaram em consideração o tema da migração. A mobilização humana é um fenômeno complexo e ponto de discussão entre diferentes disciplinas que, apoiadas em abordagens distintas, procuram explicar tal fenômeno. Daí tentarmos compreender melhor como alguns desses estudos abordaram as migrações no Brasil e principalmente na Amazônia.

Uma vez que este estudo procurou analisar os migrantes no espaço da cidade de Manaus, foi relevante analisarmos a situação deste espaço em seu aspecto social, político e econômico. Manaus neste período enfrentou a crise econômica devido a queda na produção da borracha, situação que deixou a cidade em estado crítico, pois seus maiores investidores diante da crise, se ausentaram, isso afetou parte dos serviços públicos, sendo que uma massa de trabalhadores ficaram desempregados e a maioria da população teve de conviver com uma recessão que durou quase trinta anos.

O segundo capítulo se intitula, *A condição social de migrantes e a política Vargasista em Manaus*, e apresenta os migrantes na cidade de Manaus identificados a partir dos livros de registro hospitalar da Santa Casa de Misericórdia e do Jornal do Comércio. Com base nas referências dessas fontes, foi possível observarmos a origem, o tipo de trabalho que desenvolveram e outras informações relevantes que revelam a condição de vida dessas pessoas na cidade.

¹⁵ MARTINS, José de Souza: **A Degradação do Outro nos Confins do Humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

Procuramos abordar ainda neste capítulo, as políticas demandadas para o Amazonas pelo governo Vargas, sobretudo na década de quarenta, quando o norte passou a fazer parte do programa de ações daquele governo. Assim, este Governo foi responsável - dada a condição conjuntural do país na época, com a emergência da Segunda Guerra - pela propaganda conhecida como “A batalha da borracha” onde o intuito era trazer o maior número possível de trabalhadores para a região.

A maioria das pessoas que seguiram em direção a Amazônia seria enviada para os seringais, mas boa parte preferiu não seguir e permaneceram na cidade. A permanência de tantos trabalhadores em Manaus repercutiu em novos problemas sociais já que a cidade não possuía infra-estrutura e condições para acomodar um número expressivo de pessoas. Na verdade, tentamos mostrar que no período de 1940, apesar do aquecimento no setor econômico e algumas melhorias na cidade a condições de vida da população continuava a desejar maiores atenções. Buscamos, portanto, avaliar estes e outros problemas nos quais muitos dos trabalhadores migrantes encontravam-se sujeitados.

O terceiro capítulo intitulamos, *Representações e modos de vida de migrantes: experiências na cidade do outro*, onde procuramos levar em consideração espaços específicos de vivências e experiências sociais múltiplas em seu cotidiano, quer seja na vida diária, ou em seus relacionamentos com o outro, bem como as diversas formas de entretenimento construídas por eles. Entender essas experiências é atentar para práticas reveladoras da organização social e cultural de grupos distintos, entender como se estabeleciam essas relações, já que vivenciaram experiências diversas em determinado espaço, onde o real se fez através das constantes formas de relação social.

Daí a necessidade de entendermos a cultura como sendo um emaranhado complexo de práticas e experiências construídas e reconstruídas por grupos sociais distintos. Interessou-nos neste capítulo, recuperar um pouco dos espaços de sociabilidades, algumas formas de lazer, seus interesses, enfim, tudo aquilo que fosse capaz de traduzir as experiências e história de vida dos migrantes em Manaus para aquele período. Procuramos ainda analisar que ações foram desencadeadas pela sociedade como forma de prestar auxílio a essas pessoas, as principais instituições e associações de ajuda, o papel dessas organizações, e que práticas desenvolveram em auxílio ao migrante.

Finalmente, no último tópico deste capítulo, fazemos uma discussão acerca das influências e contribuições legadas pelos migrantes para a cidade de Manaus. É uma

forma de tentar mostrar que essas pessoas foram peças importantes na constituição e desenvolvimento da cidade e que fazem parte do caldo cultural que constitui o manauara hoje.

CAPÍTULO 1

MIGRANTES E MIGRAÇÕES: UMA ANÁLISE SOBRE ALGUNS ESTUDOS MIGRATÓRIOS

1.1 – PERSPECTIVAS SOBRE IMIGRAÇÃO NO BRASIL

A História de Manaus, como tantas outras cidades é marcada pela presença de migrantes vindos de outras regiões e países que, por motivos distintos, acabaram encontrando na cidade um espaço de sobrevivência. São muitos os estudos que falam das migrações para a Amazônia e parte da historiografia sobre o assunto é referente ao final do século XIX, quando milhares de pessoas migraram para esta região. Entretanto, se formos analisar a trajetória e experiência desses migrantes no ambiente urbano pouca coisa encontraremos. Mais ainda se observarmos estudos que identifiquem as condições de vida e trabalho dos migrantes na cidade de Manaus para o período de 1920 a 1945.

Não obstante, algumas abordagens historiográficas acabaram por homogeneizar os migrantes que seguiram para o norte, como cearenses e ainda por consolidar uma imagem de sofredor e passivo frente às explorações e dificuldades local. Acontece que essas análises deixam escapar situações envolvendo dimensões distintas do processo migratório, isto diz respeito a experiências vividas pelo próprio agente da migração refletidas em várias formas de resistências que podem ser vistas no espaço urbano. Não podemos negar a presença maciça de cearenses em todo o Norte, mas não apenas eles, quando nos debruçamos sobre algumas fontes específicas, é possível constatar pessoas de outros estados e países vivendo em Manaus.

Aqui, a preocupação vai de encontro a esses e outros questionamentos capazes de fornecer uma parte da história de migrantes brasileiros ou não e/ou descendentes que escolheram Manaus como refúgio de sobrevivência. Procuramos então, identificar esses personagens e analisar suas condições de vida e trabalho entre o período de 1920 a 1945 na cidade. A pesquisa está embasada em uma compacta documentação, onde levo em conta, registros hospitalares de dois importantes hospitais da época, a Santa Casa de Misericórdia e a Beneficente Portuguesa, além de documentos ditos oficiais, fontes hemerográficas, bibliografias diversas entre outros que possam identificar os migrantes.

De certo a tarefa não é fácil, dada a dispersão de informações e os poucos estudos envolvendo o tema proposto, principalmente no que diz respeito à região, mas como é bem sabido, para um historiador, só o fato de tentar recuperar vivências e experiências remotas, já constitui um desafio. Mas essa é tarefa que cabe - ao historiador - através de vestígios, rastros ou sinais¹⁶ tentar reconstituir experiências de homens e mulheres em algum lugar perdido ou negligenciado no tempo.

Durante muitos anos, historiadores embasados num conhecimento histórico conservador e singular, se limitaram a um tempo essencialmente político¹⁷, onde o interesse pelo fato passado se restringia às instituições políticas, estatais, grandes políticos, reis, generais, dinastias e todo poder emanado daqueles. Assim, acabaram disseminando perspectivas historiográficas que descartavam o estudo dos homens em toda sua plena experiência. Quer dizer, o trabalhador, o pobre, a mulher, o agente social da mobilidade não tinham relevância para uma história narrativa preocupada apenas com um poder paralelo.

O estudo da história da humanidade vai muito além de perspectivas restritivas e limitadas, uma vez que ultrapassa acontecimentos unilaterais dada sua pluralidade. As ações humanas refletem a forma como se relaciona e se organiza uma sociedade e esse processo não se dá sem conflitos. E são esses conflitos que passaram a atrair o olhar do historiador, preocupado agora em compreender o processo histórico das muitas relações humanas.

O que estou querendo dizer é que, em determinado período, o conhecimento histórico expandiu na sua forma e modo de compreender as relações e ações humanas. Tanto é que os conflitos e mudanças, cada vez mais visíveis e presentes no mundo moderno, não podiam mais ser encarados e analisados por métodos científicos obsoletos e dogmáticos presos a um único modo de entender o mundo. Nesse sentido, “a interdisciplinaridade constituiu-se num dos mais importantes instrumentos de escrita da história, possibilitando uma compreensão holística do social em seus diferentes níveis, eliminando, ou ao menos afastando, o fortuito e o irracional da narrativa histórica”¹⁸. E

¹⁶ GINSBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

¹⁷ BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 10.

¹⁸ AVELAR, Alexandre. **Pós-Modernismo e os Ataques à História**. Rio de Janeiro, 2002. In: <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2002/Comunicacoes>. Acesso em: 19 de março de 2009.

se hoje é possível contemplar outras dimensões da história humana foi graças a consenso de repensar o fazer historiográfico.

E essa história, muitas vezes denominada de Nova História, História Social e ou Cultural, traz consigo o germe de precursores que, engajados na luta pela aparição de personagens aquém da história narrativa, deixaram legados e contribuições inegáveis para o conhecimento sobre o passado. Daí que, hoje, contemplamos pesquisas históricas envolvendo múltiplos temas e objetos de estudo com perspectivas teóricas metodológicas distintas.

Isso não é diferente para temas envolvendo estudos sobre migração que atualmente vem ganhado maior destaque entre as pesquisas de historiadores brasileiros, seja do ponto de vista da migração rural, quanto a urbana. O debate vem crescendo a ponto de ser palco de discussões em encontros e congressos de profissionais da área de história, onde se destacam estudos interessados em compreender a relação social dos agentes sociais de mobilização, seja na cidade ou no ambiente rural.

Aqui, para entendermos, pelo menos em parte como alguns estudiosos trataram a problemática migratória, ou o agente social responsável pela mobilização, faz-se necessário compreender algumas análises que se propuseram explicar a mobilidade humana em diferentes pontos de vista. Num primeiro momento, podemos dizer que, por migração, se partirmos de uma explicação demográfica, é a ação ou movimento de um ou mais indivíduos que saem de seu local de origem para outro distinto, o migrante seria o agente social responsável pela mobilização.

O fenômeno migratório também pode ser compreendido como um movimento onde estão envolvidos milhões de trabalhadores e que tal movimento possui aspectos distintos, por isso não pode ser visto como simples deslocamento geográfico de indivíduos¹⁹.

No concernente aos diferentes discursos sobre a migração, nos deparamos com perspectivas teórico-metodológicas que evidenciam, apesar da aparente unidade sobre o conceito, uma divergência de posições. Algumas teorias sobre a migração apontam como causa de tal mobilidade a desigualdade econômica, social, regional²⁰. Mais ainda, que o fator econômico seria o principal responsável pela instabilidade espacial e o

¹⁹ CARVALHO, Izabel de. Introdução. In: Centro de Estudos Migratórios (Org). **Migrantes: êxodo forçado**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980. p. 11.

²⁰ SALIM, Celso Amorim. O fato e a controvérsia teórica. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, vol. 3, São Paulo, ABEP, 1992, p. 119-144.

aumento no fluxo migratório, uma vez que, caberia ao capital determinar espaços desenvolvidos ou não, sendo as áreas consideradas economicamente instáveis as principais responsáveis pela mobilização de fluxos humanos.

Mas, sabemos que a migração, como dito acima, não se limita apenas a deslocamentos humanos para determinados espaços, isso porque faz parte de um processo social heterogêneo, com situações distintas que não podem ser desconsideradas. E dada a dimensão e contexto social envolvendo os indivíduos que migram é necessário que percebamos outras características implícitas nos movimentos migratórios que vão além das variáveis de tempo, distância, locais de origem e destino.

É certo que, não pretendemos polemizar, uma vez que a temática em si já vem a muito sendo alvo de polêmicas e promovendo inúmeros debates entre diferentes intelectuais e autoridades governamentais que procuram desenvolver políticas, seja no sentido de reprimir, estimular e ou monitorar os movimentos migratórios. Na verdade, procuramos observar algumas sugestões ou propostas teóricas de diferentes autores que direta e indiretamente estão envolvidos no discurso sobre migrações, na tentativa de compreendermos melhor tais discursos e suas ponderações a respeito do fenômeno.

Nesse sentido, acompanhamos abordagens díspares, contribuindo cada uma, na sua forma de apreciação específica para um maior entendimento sobre as mobilidades humanas. Assim, se formos avaliar as análises do sociólogo Celso Amorim Salim, estaremos diante de uma reflexão sobre a diversidade conceitual concernente a problemática da migração, ou seja, a análise de diferentes correntes teóricas que se propuseram a explicar o fenômeno migratório. No que se refere a uma definição, o autor procura basear-se em uma aceção mais genérica sobre o fenômeno onde:

A migração é definida como sendo o deslocamento de uma área definidora do fenômeno para uma outra (ou um deslocamento a uma distância mínima especificada), que se realizou durante um intervalo de migração determinado e que implicou uma mudança de residência.²¹

Partindo desse entendimento, a preocupação de Salim é ainda tentar esclarecer os limites e possibilidades de três troncos teóricos responsáveis por grande parte da produção teórica que analisa a migração. O primeiro tronco, denominado modelo neoclássico contemporâneo, acredita na migração como fator positivo, onde a ênfase é dada para a economia do espaço e a gestão capitalista da mão-de-obra. Segundo o autor,

²¹ United Nations. In: SALIM, Celso Amorim. O fato e a controvérsia teórica. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, vol. 3, São Paulo, ABEP, 1992, p. 119-144.

este tronco vai procurar explicar que a mobilidade de trabalhadores se dá por uma instabilidade espacial de fatores de produção, ou seja, a terra, capital e recursos naturais.

O sujeito que migra carregaria consigo sua força de trabalho podendo levá-lo para qualquer espaço capaz de lhe proporcionar melhores condições. Este modelo, de certa maneira, procura enfatizar a liberdade de escolha do indivíduo, mas na verdade, o que se vê é uma concepção onde a única vontade racional é a vontade do mercado, mas ainda, desconsidera a dimensão histórica das migrações²².

No que diz respeito ao segundo tronco teórico, centrado numa perspectiva conhecida como histórico-estrutural ligada ao materialismo histórico, a migração é vista como um fenômeno social, e diferentemente do segundo enfoque, entende que esta não se restringe a escolhas individuais. O fluxo é, portanto, composto por classes sociais ou grupos sócio-econômicos procedentes de sociedades geograficamente delimitadas. Quer dizer, a migração vai ser entendida a partir de um processo social mais geral, junto a outros processos, ou seja, ela é parte integrante de um processo mais amplo, e só assim, poderá ter uma função.

Para o terceiro tronco, denominado mobilidade da força de trabalho²³, a migração é explicada a partir de uma ótica centrada na relação capital/trabalho. Assim, a migração passa a ser vista como um ato de transformação, quer dizer, a mobilidade humana está ligada à produtividade e expansão do capital, a mobilidade vai estar atrelada a expansão física do capital, as forças produtivas são responsáveis pela mobilidade. Nesse sentido, as mobilidades aparecem como fenômenos submissos, o sujeito que migra está submisso às atividades do capital e não tem escolha própria.

Apesar de apresentarem abordagens específicas no modo de compreender a migração, observamos que para estas concepções teóricas, há consenso em pelo menos uma afirmativa; a de que as migrações estão de uma forma ou de outra, vinculadas a uma desigualdade espacial de cunho econômico, onde o fator trabalho é posto no cerne das questões. Mas também podemos ver que o trabalhador migrante é analisado como um indivíduo sem decisão própria, sem valor social, é notado a não ser pelo fato de sua força de trabalho que segue para espaços dominados pelo capital.

²² PÓVOA, Neto Hélio. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual. Novos desafios para análise. In: HEIDEMANN, Heinz Dieter, SILVA, Sidney Antônio (Org.) **Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais**, São Paulo: Humanitas, 2007, p. 45.

²³ Para maior compreensão ver: GAUDEMAR. J. P. **Mobilidade do Trabalho e Acumulação do Capital**. Lisboa: Estampa, 1977.

O entendimento de que, um espaço economicamente instável ou não desenvolvido, é responsável pelo deslocamento populacional para áreas mais desenvolvidas, pode também ser entendido como sendo decorrência do acúmulo capitalista que conseqüentemente provoca desigualdades de desenvolvimento sócio-econômico em espaços distintos.

Ao nos defrontarmos com abordagens mais atuais, observaremos concepções que propõem não apenas as causas e conseqüências para o fenômeno migratório, mas ponderações que consideram, além do fator econômico, outras questões intrínsecas a migração, ou seja, as novas abordagens procuram tratar a mobilidade humana em toda sua abrangência. São questões de cunho político, social, econômico, cultural, religioso que podem influenciar no processo migratório.

Assim, a partir de interpretações e abordagens centradas sobre uma ótica mais abrangente do fenômeno migratório, o migrante passa a ser visto como um agente social partícipe do processo migratório e não apenas uma simples força de trabalho. Nesse sentido, podemos apontar as preocupações de Maria Aparecida Moraes Silva²⁴, ao analisar a migração não só como um fato em si, mas como um processo social que é histórico onde percebe os sujeitos envolvidos na ação de migrar. Cabe a ele ao agente social da migração, a decisão única de sair de seu lugar de origem e seguir para um destino que apresente o mínimo de estabilidade, seja ela financeira ou não.

A autora compartilha do entendimento de que os agentes sociais da migração não são passivos frente aos fatores de expulsão ou atração. Mas, fazem parte de um processo social e não bastam análises restritas a deslocamentos humanos, mas análises que compreendam a migração como acontecimento histórico onde os agentes estão inseridos. Daí a concordância da autora com uma afirmativa Marxista, quando este compreende que, os sujeitos fazem a história, mas em determinadas condições.

Os agentes sociais envolvidos, portanto, no processo migratório, estão inseridos numa realidade social, como aponta Maria Aparecida, definida por laços sociais (familiares, grupos de vizinhança, valores, ideologias) que o caracterizam como pertencente a um determinado espaço social e cultural. As observações da autora são, relevantes, uma vez que, leva em consideração além dos fatores econômicos, um conjunto de situações inclusas na ação de migrar e que estão relacionadas a decisão do

²⁴ SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Contribuições metodológicas para análise das migrações. In: HEIDEMANN, Heinz Dieter, SILVA, Sidney Antônio (Org.). **Migração**: nação, lugar e dinâmicas territoriais. São Paulo, Ed. Humanitas, 2007, p. 57-68.

indivíduo de partir de seu local de origem e chegar a um outro desconhecido. Enfim, suas propostas vão de encontro aos agentes sociais da migração, levando em conta uma multiplicidade de situações concretas e reais presentes nos deslocamentos que podem ser definidos como:

“...um conjunto de relações econômicas, sociais, políticas, ideológicas, produzidas nos espaços de origem e de destinos dos migrantes, relações estas que se transformam não apenas em função de uma lógica estrutural do movimento do capital, mas também em função de relações sociais, entendidas como processo, isto é, como devir, como contradição, onde sujeitos determinados agem historicamente”²⁵.

Mas, essa forma de encarar a migração, diz respeito também a historiadores que, engajados nos estudos relacionados aos agentes sociais das migrações, procuram atentar para as muitas situações envolvendo esses agentes. As preocupações são muitas abordando diversos temas que analisam o migrante em meio a uma dada realidade social. Uma das questões que vem sendo ponto de discussão para muitos historiadores preocupados com a temática migratória, é a condição do migrante no espaço urbano. Aqui procuramos especificamente focar trabalhos que, de alguma forma, atentam para os agentes nas cidades, dada a concentração desta pesquisa ser no espaço citadino de Manaus.

Sendo assim, destacamos alguns historiadores e outros estudiosos que se preocuparam com a temática migratória a partir de uma ótica centrada nas cidades. No que se refere a pesquisas mais gerais, num âmbito nacional, podemos dizer que as análises, pelo menos a grande maioria, se concentram nos estudos das grandes capitais do sul e sudeste. A maior parte dessas pesquisas aborda o agente estrangeiro, pelo menos aquelas pesquisas que analisam o fim do século XIX e início do XX, quando o país é palco de mudanças na esfera socioeconômica e recebe um contingente grande de trabalhadores estrangeiros.

As análises, portanto, estão voltadas principalmente para a virada do século, momento em que no Brasil o regime político vigente foi suplantado, sendo instituído um novo sistema político pautado no fortalecimento capitalista, na adoção do trabalho livre e junto a isso a modernização do País. Este período também é marcado pelo interesse do governo brasileiro em promover a migração estrangeira, principalmente para os principais centros do país como Rio de Janeiro e São Paulo.

²⁵ Idem, p.59

As migrações, para os primeiros tempos do século XX, interligado a outros fatores, influenciaram nas mudanças socioeconômicas e culturais por que passou a sociedade brasileira naquele início de século. Mas para muitos estudiosos a questão migratória passou a ser analisada como parte integrante de um processo mais amplo de fundo econômico. Em artigo publicado pela revista *Cadernos de História de São Paulo*, José Sebastião Witter²⁶, assim procurou trabalhar a inserção do imigrante europeu na sociedade brasileira, especificamente aqueles que se concentraram nas localidades de São Paulo entre o final do século XIX.

O autor divide o trabalho em três períodos onde são analisadas num primeiro momento as tentativas de inserção da mão-de-obra estrangeira; um outro levando em consideração a mudança no regime escravocrata, e por fim, o período correspondente a legalização do trabalho livre.

O imigrante é analisado dentro de uma realidade vinculada a inserção do país ao capitalismo internacional, onde o autor procura observar os dispositivos e as políticas para a introdução de estrangeiros no Brasil, bem como as conseqüências desta inserção para a sociedade brasileira e para os próprios imigrantes.

Um trabalho clássico que vai abordar as mudanças no País, referente ao período republicano a partir de um viés econômico é o de Caio Prado Júnior²⁷. As análises sobre a economia brasileira na conjuntura republicana vão dar margem para o autor situar a questão migratória. Assim, a migração vai estar inserida em uma análise mais ampla associada a economia agrária onde o autor, em item específico sobre a produção da borracha na Amazônia, vai acabar identificando a mão-de-obra nordestina para esta região.

Suas análises se restringem a uma visão parcial do migrante, dada a postura teórica do autor que nesse momento, parte de uma dimensão mais econômica. Daí que, o autor define o fato de milhares de nordestinos se dirigirem para o norte, como estando associado a fatores distintos inclusive pelas condições naturais envolvendo trabalhadores que, atormentados pelas extremas vazantes se deslocaram de suas terras para uma outra em condições mais favoráveis.

Caio Prado analisa o nordestino como um homem que, ao chegar a Amazônia se tornou seringueiro e viveu uma trajetória de vida complexa e de muitas dificuldades. É

²⁶ WITTER, José Sebastião. O Imigrante na Sociedade Brasileira. **Cadernos de História de São Paulo**. N. 3 e 4, 1995, p. 63-72.

²⁷ PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo Brasiliense, 35ª ed., 1987, p. 225.

um pobre homem que viveu oprimido por seus patrões sem outras possibilidades na vida. O que não deixa de ser verdade, mas não apenas isso, os trabalhadores não se resignaram frente as agruras sentidas nos espaços dos seringais, tentavam a seu modo reagir contra as dificuldades e não se limitaram ao espaços dos seringais como se não tivessem outros tipos de vivências. Esses viveram outras experiências refletidas nas relações de trabalho, no cotidiano, no meio familiar, experiências que muitas vezes passam despercebidas em trabalhos que abordam o imigrante.

O trabalho de Caio Prado por muito tempo representou um marco para a historiografia brasileira sobre a questão migratória no Norte do País. Assim, a partir de suas considerações ou ancorados nela, outros estudos, seguindo a mesma linha de pensamento analisaram o migrante a partir de uma dimensão centrada na questão econômica para o início do século XX. A emergência da borracha como principal produto econômico da região, bastante requisitado entre os países ricos, foi o ponto máximo para inserção da mão-de-obra nordestina, que segundo o autor, foi de extrema importância para amenizar a carência de trabalhadores numa região pouco povoada.

É o que podemos ver também no trabalho de Celso Furtado²⁸, que seguindo quase a mesma linha de pensamento, enquadrou o migrante num processo mais amplo ligado a expansão capitalista que se configura no Brasil para os primeiros anos da república. Sob o título de a *Formação econômica do Brasil* escrito em 1959, o estudo procura compreender o contexto de mudanças ocorrido no País para o final do século XIX, com a emergência do regime republicano, a ascensão do capitalismo e a supressão da mão-de-obra escrava.

Podemos ver que, como Caio Prado, Furtado destaca as mobilidades no Brasil, inclusive para o norte, a partir de uma compreensão envolvendo a economia brasileira, no caso da Amazônia, o progresso da atividade extrativista associado ao deslocamento de mão-de-obra necessária para região.

Ao analisar este período e os acontecimentos envolvendo a expansão da produção da borracha o autor observa que, esta região só poderia avançar materialmente se dispusesse de trabalhadores capazes de suprir a escassez de mão-de-obra sentida na região. Daí a necessidade de articular a mobilização de trabalhadores para áreas necessitadas como a Amazônia. Para o sul do País, com o término do trabalho da mão-de-obra africana, Furtado identifica o imigrante europeu e sua participação nas lavouras

²⁸ FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 22ª ed., São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957, p. 119.

de café onde construíram também seus espaços enquanto trabalhadores importantes para a produção agrária no Brasil.

Referindo-se ao Norte, em relação à produção da borracha na Amazônia, o autor aponta o nordeste como “reservatório de mão-de-obra” e solução para amenizar a ausência da mão-de-obra nesta região, isso devido os desequilíbrios de cunho econômico e natural sentidos naquela região deixando como consequência milhares de pessoas sem trabalho e em condições de vida precária. Assim, o nordestino, além de conseguir trabalho, contribuiria para a produção da borracha e expansão deste produto no mercado internacional.

O autor observa ainda as condições em que o imigrante era submetido quando adentrava aos seringais. O migrante tornava-se um seringueiro e sofria com o trabalho na floresta sem as mínimas condições de trabalho, o autor o identifica de “forma trágica” a submissão dos trabalhadores a seus patrões limitados ao “regime de servidão”. Segundo Franciane Lacerda, esta visão trágica, de exploração e submissão relacionada ao seringueiro está presente em outros trabalhos que buscaram compreender a Amazônia de finais do século XIX²⁹.

Ainda assim, outros historiadores, levando em consideração novas questões que põem em cena outras situações sociais vividas por migrantes, buscam registrar essas experiências a partir do espaço urbano. Na verdade, o interesse pela análise do migrante no espaço urbano está ligado a perspectivas de uma historiografia que, recentemente observa a partir dos campos do cultural e social, outras dimensões da realidade humana sem se prender a qualquer tipo de compartimentação determinante.

São abordagens inovadoras fortalecidas na década de 1990, e que cada vez mais vão tomando contornos expressivos. Podemos dizer que se trata de uma discussão envolvendo temas correlatos e importantes para serem pensados onde a presença de grupos sociais se revela como eixo fundamental para análise histórica. Por isso, as cidades, ou melhor, os centros urbanos, tornam-se o eixo para a observação de vivências e relações de diferentes grupos sociais concentrados neste espaço. É uma tentativa de compreender este ambiente como lugar de construção social que permite todo tipo de prática, relação e diversidade social.

O que estou querendo dizer é que, ao levarmos em consideração o urbano, composto por sujeitos sociais de diferentes partes do Brasil e do mundo, não

²⁹ LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2006, p. 28.

poderíamos deixar de analisar a cidade como espaço complexo, constituído pelas relações sociais de grupos distintos que são traduzidos nas formas como se organizam seja social, econômica, política e culturalmente. Quer dizer, perceber o espaço urbano enquanto *fenômeno estruturador de relações sociais, de comportamentos individuais de práticas coletivas específicas e heterogêneas*³⁰.

Em Manaus podemos encontrar muitas histórias envolvendo o migrante no meio urbano e muitas delas estão relegadas ao tempo, por isso, não podemos nos omitir a essas discussões. Foi neste espaço contrastante e em meio a acontecimentos díspares, que muitos homens e mulheres de origens distintas, viveram suas experiências refletidas principalmente nas tantas formas de lutas expressas no trabalho, no lar e em seu cotidiano e que praticamente estão dispersas na memória local.

A nossa historiografia a muito vem desenvolvendo trabalhos que fazem do espaço urbano uma espécie de observatório para detectar as ações, práticas e toda espécie de relações de diferentes grupos sociais que nele habitam.

Para tanto, levamos em conta alguns estudos que abordam o viver nos espaços urbanos e que procuram focalizar principalmente os agentes sociais de mobilidade, bem como seus encontros e desencontros na cidade. Aqui, é interessante citarmos as reflexões da historiadora Sandra Jathai Pesavento³¹, válidas no sentido de fortalecer os estudos históricos quando da utilização de conceitos reveladores das formas de relações sociais, sociabilidades e valores construídos em determinado tempo e que refletiram em um fenômeno que se consolidou com as transformações e ordenamentos do viver nos espaços urbanos, a exclusão.

Apesar de não trabalhar especificamente com migrantes, Pesavento nos mostra, em “*Uma outra cidade: o mundo dos excluídos*”, as práticas e representações produtoras da exclusão social na Porto Alegre da belle époque. As documentações, que vão desde processos criminais, atos administrativos da intendência e principalmente artigos de jornais, dão subsídios para a autora revelar a exclusão social dos pobres urbanos não considerados como cidadãos sendo a grande maioria trabalhadores informais. Uma exclusão que revela as práticas e ações discriminatórias desenvolvidas pelo aparelho

³⁰ NUNES, Brasilmar Ferreira. **Urbanização e Migrações**: Reflexões gerais para auxiliar a interpretação do fenômeno no Brasil. In: <http://www.unb.br/ics/sol/intinerancias/grupo/brasilmar/urbanizacao>.

³¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma Outra Cidade**: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2001, p. 25-125.

estatal ao por em prática as determinações de tantos códigos perversos indicadores da segregação e do preconceito.

Nesse sentido, a autora buscou entender a construção da diferença contrapondo conceitos já bastantes conhecidos, a cidadania e a exclusão social. Para isso, adentra primeiramente num debate teórico fazendo entender que tais conceitos se constituem em unidades de significados relacionais. Por tanto, para a construção do conceito de cidadão há um contraconceito do não cidadão, aquele que não possui a identidade do que é ser cidadão. É precisamente a constituição desta diferença na cidade que Pesavento procura investigar, um pensamento resultado de um discurso fortalecido histórico e socialmente e tão presente em nossa sociedade atual.

Essas representações construídas resultam em práticas discriminatórias e perversas capazes de segregar aqueles em desacordo com as normas e regras instituídas. As diferenças são reflexos das representações estabelecidas no social, elas são perversas na medida em que produzem a segregação e o distanciamento do outro que não possui uma identidade adequada a um determinado grupo. Ao levarmos em consideração as análises de Pesavento, observamos que as práticas de segregação e exclusão estiveram presentes na forma de tratamento a muitos migrantes que foram alvo de discriminações e exclusão percebidas principalmente nos jornais da época.

Igualmente para Manaus, as condições de pobreza de muitos imigrantes levaram muitas vezes a população local a reagir de forma indiferente às atitudes e presença daqueles. Basta observarmos em alguns jornais da época, principalmente nas páginas policiais, o modo como se referiam às pessoas não nortistas, em especial pessoas com poucos recursos. Em uma nota do *Jornal do Comércio*, por exemplo, um dos principais jornais da cidade para aquele período, ao se referir a condição de um italiano na cidade, o jornal assim noticiou o caso:

Seguiu para o Manicômio, por intermédio da polícia, para ser internado no hospício Eduardo Ribeiro, o louco Vicente Palagano, italiano de trinta annos de idade, residente à estrada Epaminondas número quarenta e oito. O louco foi encontrado hontem em estado de violência³².

Na verdade, o italiano Vicente, antes deste acontecido, tentava ganhar a vida como sapateiro na cidade, antes trabalhava como comerciante num interior do Amazonas, mas dada às condições de penúria em algumas localidades transferiu-se para Manaus na tentativa de conseguir uma vida melhor. Pelas descrições do jornal, Vicente

³² *Jornal do Comércio*. Manaus, 23 de agosto de 1930.

não era casado, morava só, não tinha parentes no Norte, vivia alcoolizado, talvez para tentar encontrar na bebida uma forma de esquecer sua condição. Mas para as autoridades o italiano era considerado louco, sem condições de se enquadrar como um dos dignos cidadãos da cidade.

Acontece que, essa, é apenas uma das tantas condições dos muitos migrantes pobres que viviam na cidade, representando para uma pequena parcela da sociedade um fardo cuja única solução, na maioria das vezes, era a internação em instituições como o Manicômio Eduardo Ribeiro. É bem verdade que o hospício Eduardo Ribeiro mais parecia uma instituição repressora para onde foram dirigidas muitas pessoas como Vicente que, por sua condição, foi atestado como louco.

Discutiremos essas e outras situações envolvendo os migrantes em Manaus, nos próximos capítulos, só exemplificamos o caso do italiano como forma de citar uma das circunstâncias envolvendo a discriminação e exclusão do migrante na cidade. Assim, as considerações de Pesavento, voltadas para a cidade de Porto Alegre, são pertinentes por pontuarem ações e práticas desenvolvidas por uma sociedade que, naquele início de século, como em tantas outras capitais do Brasil, escondia tantos espaços a margem do “fausto”.

É ainda relevante no trabalho da historiadora a identificação de muitos sujeitos anônimos que antes, se quer possuíam uma origem. Através de seu trabalho a autora, ao contrário de muitos estudos, que só mencionaram a existência dessas pessoas, procurou identificar a origem e ainda registrar a história de muitos personagens à margem da história de Porto Alegre. Essas pessoas possuem nomes e origens, mas durante muito tempo foram rejeitadas por uma história que preferiu ignorar a existência dos pobres e excluídos urbanos. As cidades abrigam em si muitos excluídos, mas quem são eles, o que fazem? Como sobrevivem? O que representam para a sociedade? São questões presentes no trabalho de Pesavento e para respondê-las a autora analisa o espaço urbano como ponto de partida para a identificação dos excluídos urbanos.

Não muito distante desta discussão, está o trabalho da historiadora Gislene Neder³³ que, em trabalho semelhante ao de Pesavento procura estudar, a partir da cidade, a problemática da identidade e exclusão social. O período estudado é a primeira década da república, onde junto ao reordenamento do sistema político do País é imposta

³³ NEDER, Gislene. Cidade, Identidade e Exclusão Social. **Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 2, n° 3, 1997, p. 106-134.

uma política de reconstrução e modernização na maioria das capitais, inclusive no aparato jurídico-policial responsável pela disciplina e controle social das cidades.

O foco de análise são as políticas de controle e ordenamento na cidade do Rio de Janeiro do início do século XX, principalmente as ações políticas que atingem a massa de trabalhadores e que levam a elaboração de ações e práticas discriminatórias. O desejo de levar adiante o projeto de modernização para as cidades, no intuito de equipará-las aos grandes núcleos europeus, levou a tomada de ações repressivas e excludentes contra a maioria da população pobre, indesejada por não condizerem às imagens de uma cidade moderna. Esse processo de modernização das cidades foi responsável pela segmentação de espaços, definindo, estabelecendo e segregando populares, ou seja, afastando o trabalhador pobre, inclusive migrante dos centros urbanos, iniciando um procedimento de segregação e exclusão social.

Para entender e trazer à tona essas práticas e atitudes contra os segmentos pobres frente ao processo modernizador, e de certa forma compreender alguns dos problemas urbanos atuais, é necessário indagar o passado, analisando retrospectivamente as condições em que se desenvolveu e se constituiu o espaço urbano. Foi dessa forma que Neder, amparada em um conjunto documental variado, procurou trazer à tona as práticas de controle social demandadas pelo poder público na cidade do Rio de Janeiro, numa tentativa de compreender a cultura disciplinadora aplicada entre os grupos menos favorecidos e que resultou numa fronteira social separando os indesejáveis, a população pobre, dos “cidadãos civilizados”.

Seguindo a mesma linha de pensamento, que vê a cidade como ponto de convergência de inúmeras e complexas situações envolvendo o pobre urbano, está o trabalho de Lená de Menezes, cujo cerne da questão está voltado para a situação de migrantes estrangeiros no espaço urbano em finais do dezenove até 1930 no Rio de Janeiro³⁴. O trabalho foi resultado da tese de doutorado defendida em 1995, e trata, como a própria autora pontua, de “uma reconstrução histórica que lança o olhar para além das elites, do progresso e do topo dos movimentos, para buscar os bastidores e o homem comum e sua luta pela sobrevivência”.

O espaço escolhido para o estudo de Menezes foi a cidade do Rio do Janeiro, onde a autora, ao analisar a conjuntura vivida pela capital do país para aquele período, procurou compreender como sobrevivia o imigrante pobre em um espaço marcado pela

³⁴MENEZES, Lená Medeiros de. **Os Indesejáveis** – desclassificados da modernidade: protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930). Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 19-87.

ânsia do progresso. É nesse contexto que a autora observou o processo de inserção do estrangeiro na cidade “civilizada”. Munida de um acervo documental diversificado, entre periódicos e registros oficiais, a autora vai apresentar a experiência dos indesejáveis da modernidade, personagens principais de seu trabalho que foram vistos e percebidos no contraponto da cidade maravilhosa.

A exemplo de outros estudos, a autora procura primeiramente analisar os aspectos e as alterações desencadeadas pelo processo de modernização na cidade, atentando para os discursos e ações forjados pelas elites para a consolidação do progresso e civilização. Junto a isso, também foi analisado o conjunto de leis e normas de controle para definir o espaço urbano e a situação dos imigrantes frente as imposições elitistas. Foi nos bastidores desta cidade moderna, apontada como civilizada, que Menezes identificou a população pobre, representados pelo trabalhador informal, o comerciante, o operário, bem como outros que não foram passivos frente a tantas injustiças.

A autora procura articular uma história onde estejam envolvidas esferas políticas, econômicas, mental, social e cultural. Uma análise relevante, uma vez que, para entender a história humana, não basta atentar para um único aspecto da realidade humana, mas, sobretudo levar em conta todas as dimensões, tanto no social, econômico, cultural e político sem qualquer compartimentação³⁵. Foi procurando entender esses vários aspectos que a autora identificou o embate de diferentes grupos sociais onde a não aceitação do outro se fez constante.

O desenrolar dessas ações e reações nos levam a refletir o espaço urbano, como palco de diferentes disputas, onde grupos sociais distintos se contrapõem na incansável luta pela sobrevivência. Constroem sonhos e ilusões, daí entendermos o conceito de espaço urbano, como prática e construção social que permite toda diversidade social. Assim, se formos considerar o espaço urbano ou cidadão, devemos atentar para o que Weber³⁶, classificou de “relação de vizinhança” existente nestes espaços, ou seja, aqui estamos diante da possibilidade de produção diversificada das relações sociais nos espaços urbanos e o surgimento de novos rearranjos sociais.

É neste ambiente, das cidades, que são construídas e reconstruídas relações diversas e complexas e essas relações são intrincadas porque envolvem diferentes

³⁵ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha Peixoto, YARA, Maria Aun Khoury. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 2002.

³⁶ WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. São Paulo: Brasiliense/ UNB, 1991.

sujeitos e também situações distintas. A cidade é entendida como a concretização do urbano tomada como objeto de estudo por diferentes disciplinas que procuraram entendê-la e explicá-la a partir de abordagens distintas. Algumas das concepções que pensaram a cidade enquanto objeto de estudo, partiram de pontos específicos, levando em conta o fator econômico como motor responsável pelas ações, práticas e toda organização social constituídas nas cidades. Foi assim que Henri Pirenne percebeu a constituição das cidades, como resultado da ascensão do capital, ou seja, o fator econômico foi determinante para a difusão dos centros urbanos.

Outros estudos procuram entender a cidade a partir de concepções voltadas para as relações sociais existentes nos espaços urbanos, são estudos que revelam as formas de interação dos grupos sociais, suas estratégias, inter-relações e toda organização social vigente no espaço urbano. Assim, como resultado dessa preocupação, vimos emergir pesquisas atreladas a temas que põem em cheque a experiência de grupos e ou indivíduos socialmente distintos dispersos nas cidades.

Dessa forma, analisar a cidade enquanto local que agrega indivíduos heterogêneos e em constante interação com o espaço urbano é pensar em migrantes que pensaram ou escolheram a cidade por decisões múltiplas, e fizeram dela seu espaço de sobrevivência.

Estudos recentes analisam a trajetória de migrantes recuperando suas vivências em determinado momento da história, migrantes que partiram para algum lugar e por algum motivo distinto. Nesse sentido, podemos citar o trabalho de Denise Aparecida Soares de Moura³⁷, ao analisar a trajetória de vida de migrantes cearenses nas fazendas de café paulista em 1878. A intenção da autora é compreender em que contexto decorreu a migração de sertanejos do Ceará para São Paulo, destacando as condições e os tramites favoráveis à mobilidade.

A autora vai observar o momento vivido pelas duas províncias naquele fim de século onde a crise conjuntural da economia nordestina aliada à problemática da seca representou os principais fatores responsáveis pelo êxodo de muitos migrantes. Esses trabalhadores seguiram para regiões que oferecesse oportunidade de trabalho e uma vida mais amena, São Paulo foi uma das regiões visadas pelos retirantes, uma vez que esta região se tornou, com a emergência do café, ponto de atração para muitos sertanejos.

³⁷ MOURA, Denise A. Soares de. Andantes de novos rumos: A vinda de migrantes cearenses para fazendas de café paulistas em 1878. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 1997, vol. 17, nº 34.

Para conseguir detectar as trajetórias e experiências dos trabalhadores, a autora buscou analisar as tantas falas observadas principalmente nos documentos oficiais demandados pelo poder público e cartas escritas por contratantes e pelos próprios migrantes no que diz respeito aos trâmites da viagem. A análise das fontes foi fundamental para detectar as tantas situações envolvendo a decisão e o desejo do sertanejo em migrar para outra região. Na verdade, essa decisão não foi um ato único do sertanejo, mas uma articulação que envolveu além do sertanejo as autoridades cearenses e os fazendeiros de café paulista.

Essas percepções mostram as condições e os interesses que pesaram para a mobilização do sertanejo, decisão articulada por diferentes sujeitos que muitas vezes não foram percebidos em trabalhos envolvendo a problemática da migração. Para tanto, podemos ver no estudo de Denise Moura a identificação de fatores importantes que apontam os principais envolvidos no processo migratório, ou seja, o agente da mobilidade.

Assim, suas observações indicam que o processo da mobilidade se concretizou também por uma relação de laços afetivos, onde muitas vezes, pesou para a decisão de migrar, o fator de pertencimento e ou parentesco. Na verdade, essas características, percebidas nas trajetórias dos migrantes, podem ser explicadas como sendo “redes migratórias”, ou seja, são conjuntos de vínculos, *“interpersonales que conectan a migrantes y no migrantes en su área de origen y de destino a través de los lazos de parentesco, amistad y comunidad de origen compartida”*³⁸.

Isso pode ter influenciado na decisão de partir de muitos retirantes identificados pela autora, pois esses, não relutaram em ir embora, partiram porque tinham contato com alguém, ou seja, tomaram a decisão de migrar principalmente por possuírem algum parente ou conhecido no local de destino, e isso de certa forma facilitou a partida. Mas não apenas isso, segundo a autora:

A relação dos retirantes e os fazendeiros paulistas não foi de mero recrutamento, pois em vários ofícios aqueles expressavam seu desejo de seguir para uma determinada propriedade, não somente para se juntarem aos familiares já estabelecidos, mas possivelmente pelo que ouviam dizer do proprietário, das condições de trabalho e de moradia.

³⁸ MASSEY, D., ARANGO, J., HUGO, G., KOUAOCHI, A., PELLERINO, A., TAYLOR, J. E. Una evaluación de la teoría de la migración internacional: el caso de América del Norte. En: MALGESINI, G. Cruzando Fronteras. **Migraciones en el Sistema Mundial**. Madrid: Içaria, Fundación Hogar del Empleado, 1998, p. 229.

Observando essas informações implícitas no fenômeno migratório, podemos dizer que a migração não é exclusivamente determinada pelas necessidades estruturais da sociedade e da economia e pelas imposições políticas do Estado³⁹. Acontece que, para além dos deslocamentos em si, está o fato dos sujeitos que migram possuírem um *rostro humano*⁴⁰, são pessoas que sob condições diversas, decidem sair de seu local de origem para outro e está decisão, por qualquer que sejam as circunstâncias, demonstra que esses migrantes são partícipes de um processo.

Esse questionamento também pode ser visto em outro estudo abordando a migração, trata-se do artigo de João Carlos de Souza, cuja preocupação é analisar as experiências de vida de migrantes na cidade de São Paulo. São ocupantes⁴¹ que, ao se depararem com um espaço adverso ao seu, procuraram forjar situações identificadas por Souza através de fragmentos de conversas, onde esses ocupantes relatam as relações sociais conflituosas formadas por eles e moradores mais antigos.

O autor abordou a análise da linguagem a partir das falas e atitudes de alguns migrantes, como forma de perceber até que ponto se deu o processo de ocupação e as relações com a vizinhança no novo espaço. Deste modo, através das falas, foi possível identificar que os migrantes, a partir do momento em que sentiram a indiferença de seus vizinhos - esses os viam como intrusos negando-lhes qualquer direito e os desqualificando - elaboraram um contra discurso contrapondo os discursos daqueles moradores antigos.

Assim, os ocupantes, ao perceberem a indiferença e a representação negativa que tinham para os outros, não se resignaram, ao contrário, refletiram sobre a representação de si para aqueles e também quanto a seus direitos e elaboraram suas próprias idéias e opiniões. Essas reflexões, ou tomada de consciência dos ocupantes, se concretizaram a partir do enfrentamento destes com o outro, ou seja, a partir das *“experiências, das vivências cotidianas num novo espaço, que oportunizaram o confronto dos discursos definidores de relações sociais, de reconhecimento ou de desqualificação”*.

³⁹ VALE, Ana Farias. Migração e mudança social: A influência do migrante do sertão nordestino no Norte do Brasil. In: **Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales**. Universidade de Barcelona, nº 94, 2001.

⁴⁰ PEGORARO, João. Migração, fato político. In: Centro de Estudos Migratórios. **Migrantes Êxodo Forçado**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980, p. 96-105.

⁴¹ Os migrantes analisados pelo autor se autodenominaram ou se reconheceram como ocupantes contrapondo as denominações impostas pelos moradores locais a estes de invasores.

As reflexões acerca dos relatos mostram, portanto, relações sociais conflituosas entre grupos sociais distintos, onde através do discurso dos migrantes é possível absorver seus desejos e opiniões. Essas reflexões se pautaram por meio de observações feitas a partir das experiências e do cotidiano vivido por migrantes em determinado espaço, reflexões que nos levam a pensar nas afirmativas de Thompson⁴², ao comentar que “*os homens experimentam situações e relações produtivas determinadas com necessidades e interesses e com antagonismos*”.

Portanto, é importante compreender que, os sujeitos vivem suas experiências em um determinado tempo e espaço, agindo e reagindo frente a situações diversas. E a partir deste entendimento podemos observar como aqueles migrantes – ou, como eles mesmos se autodefiniram, ocupantes - tentaram em seu tempo, lutar para sobreviver em um espaço fora de sua realidade, luta que pode ser traduzida nas diferentes situações a que se sujeitaram. Essas, e outras experiências só poderão ser entendidas se direcionarmos nossos olhares para as ações de homens e mulheres “excluídos” que ainda permanecem silenciados no tempo.

1.2 – PERSPECTIVAS PARA O AMAZONAS.

O que dizer então da história de migrantes que viveram em Manaus da “pós Belle Epoque”, qual sua origem? O que fizeram? Como viveram? Em um momento da história da cidade deflagrada pela grande depressão oriunda do enfraquecimento da economia extrativista. Na verdade, a historiografia local ainda é ínfima quando se trata do período referente a 1920 a 1940.

No que diz respeito a historiografia sobre migração no Amazonas, alguns trabalhos se propuseram estudar as condições de trabalho e vida dos trabalhadores nos seringais relacionados a produção da borracha. Outros estudos identificam os migrantes a partir de análises estatísticas como componentes populacionais, ou mesmo, como parte de estudos ligados ao contexto da borracha. Aqui, abordaremos estudos que procuraram discutir a situação do migrante no Amazonas e também estudos referentes a migração em outros estados da região norte.

⁴² THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. 1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 09.

Os poucos trabalhos historiográficos abordando o migrante na cidade, pode estar relacionado ao fato de possuímos uma produção historiográfica que, até pouco tempo, se importou em guardar um passado de glórias, onde muitos historiadores acabaram por se dedicar muito mais a estudos sobre a economia da borracha, ou algumas de suas conseqüências imediatas⁴³.

Na verdade, partes dos estudos acerca do passado regional trazem uma perspectiva ufanista e de valorização às camadas dirigentes, dando pouca importância para experiência de outros segmentos sociais. Isso se deve ao fato, como afirma o historiador Luis Balkar Sá Peixoto Pinheiro⁴⁴, da produção de uma “cultura historiográfica” conservadora baseada nos aportes da historiografia tradicional positivista, que, ainda hoje impera nas escolas e no imaginário popular.

Por outro lado, a preocupação em recuperar trajetórias e experiências de grupos sociais a margem do viés histórico tradicional, tem levado alguns historiadores, estudantes e profissionais locais a desenvolver programas e trabalhos científicos envolvendo temáticas sociais preocupados com a inclusão das classes populares, trabalhadores urbanos, mulheres, pobres e outras categorias marginalizadas e ausentes da escrita da história amazonense.

São estudos que procuram revelar as múltiplas experiências do trabalhador urbano, levando em conta suas ações que vão desde práticas de entretenimento até a labuta diária. Mas, ainda são poucos os trabalhos específicos sobre a condição social do migrante na cidade. Nesse sentido, analisaremos alguns trabalhos que, em seu tempo, registraram a presença de migrante na Amazônia. Nesses estudos, como dissemos anteriormente, os migrantes aparecem na maioria das vezes ligados ou associados a uma problemática maior, a economia da borracha na virada do século XIX e início do XX.

Já o período referente à história de Manaus, entre 1920 e 1940, parece haver uma lacuna, pois os estudos visando esse período procuram apenas enfatizar a condição de crise que se encontrava a região, dando pouca importância a outras dimensões da realidade local. A partir de 1940, quando há uma forte campanha de ressurgimento da produção da borracha, resultado da insurgência da Segunda Guerra, as atenções se voltam entre outras coisas, para uma forte campanha migratória recebendo a cidade grande contingente de trabalhadores. Foi, portanto, no contexto da guerra, que a

⁴³ LACERDA, Franciane Gama. Op. Cit., p.16.

⁴⁴ PINHEIRO, Luis Balkar Sá Peixoto. Na Contramão da História: Mundo do Trabalho na Cidade da Borracha. In: **Canoa do Tempo**, Manaus, nº 1, 2007, p. 11-32.

borracha passou a ser novamente requisitada sendo a região palco de um conjunto de medidas governamentais, onde a questão migratória passou a ser um dos pontos prioritários.

Ressaltamos acima que, alguns estudos, envolvendo a questão migratória na Amazônia, estão concentrados entre o final do século XIX, pela ocorrência de acontecimentos sentidos na região oriundos da expansão gumífera. E que esses estudos procuraram principalmente levar em consideração os grandes feitos - lembrar de um passado ufanista com a constituição das “cidades dos trópicos” e suas modernas construções - reflexo da economia extrativa.

Por isso, não é estranho o fato da historiografia local, ao abordar o migrante, compreendê-lo como um pobre seringueiro limitado ao seringal sem alternativa de vida, a não ser a do trabalho nos seringais onde foi explorado e passivo as humilhações de seus patrões. Na verdade, este migrante era um sertanejo que veio para o Norte fugindo das fortes secas, a maioria cearenses, em busca de trabalho e uma vida sem tantas tribulações, mas que não foi essencialmente passivo diante das dificuldades. Ao contrário, alguns lutaram e conseguiram conquistar espaços na sociedade seguindo carreira como políticos, jornalistas, comerciantes, escritores.

Um dos estudos clássicos mencionando o migrante na região foi o de Arthur Cezar Ferreira Reis, que entre seus vários trabalhos, a maioria ligados a Amazônia, destaca-se *O seringal e o seringueiro*⁴⁵. O estudo é na verdade, uma análise sobre a organização socioeconômica da sociedade da borracha, onde o autor investiga o processo e os agentes sociais envolvidos no complexo sistema da borracha. É nesse contexto que identifica os migrantes - onde a maioria era composta por retirantes nordestinos - e seus papéis sociais no contexto gumífero.

A investigação do autor é basicamente centrada na economia e na sociedade que emergiu do látex, apontando as relações e vivências dos seringueiros nas áreas de concentração da borracha, observando, entre outras coisas, o cotidiano dos agentes. Suas observações estão centradas às áreas dos seringais, seu trabalho aponta questões importantes para análises sobre as condições dos seringueiros no norte do País. Longe de ser um trabalho apenas descritivo, no sentido de apenas apontar as causas e conseqüências da procedência dos seringueiros, suas observações assinalam, mesmo

⁴⁵ REIS, Arthur Cesar Ferreira. **O Seringal e o Seringueiro**. 2ª ed. revista. Manaus: EDUA/ Governo do Estado do Amazonas, 1997.

que superficialmente, questionamentos sobre alteridade, representações e diferentes experiências vivida pelos seringueiros.

O trabalho do autor não deixa de ser referência para estudos - interessados em entender o cotidiano nos seringais - pela forma como consegue visualizar o seringueiro, não como um simples sujeito que migra, ou um seringueiro passivo, mas um homem portador de ambições e vontades partícipe de um processo histórico. O autor busca ainda compreender as peculiaridades, hábitos e comportamento do seringueiro frente ao ambiente amazônico. Em suas observações, é cauteloso ao analisar o comportamento de uma das figuras importantes no comando de um seringal, o “patrão”:

Ora, é preciso compreendê-lo no meio social de onde veio e em que vive. Lidando com homens, só com homens dominados pelas angústias do isolamento na floresta, não pode absolutamente, ser um tipo de salão, de gestos maneirados, revelando educação apurada.⁴⁶

A partir desta observação, Arthur Ferreira Reis fez referência a um, entre tantos homens, que deixou sua terra para tentar a vida na Amazônia e que, antes de conseguir o posto de patrão, passou por diversas situações difíceis. Isso não acontecia a todos os seringueiros, mas para aqueles que ascendiam a tal cargo, “*antes fora um antigo seringueiro que ascendeu entre os companheiros e conseguiu substituir o antigo patrão*”. São análises que conseguem detectar situações vividas pelos migrantes, na maioria seringueiros, e que são observadas através das relações e práticas sociais entre este e o meio Amazônico.

Da mesma forma, podemos apontar o trabalho de Bárbara Weinstein, ao estudar o período da borracha também para o final do século XIX intitulado, *A borracha na Amazônia: expansão e decadência*⁴⁷. A análise central de seu trabalho refere-se à economia da borracha, onde Weinstein observa o boom e o declínio da economia gumífera atentando para os protagonistas e seu papel social no processo, bem como as práticas e políticas desenvolvidas em torno do complexo sistema da borracha.

A produção e exportação da goma elástica proporcionaram para a região durante algumas décadas, como afirma a autora, um crescimento no setor comercial, da mesma forma também um crescimento demográfico. As pessoas que se dirigiram para a região

⁴⁶ Idem, p. 223

⁴⁷ WEINSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

neste período foram na sua grande maioria nordestinos que por condições distintas chegaram à Amazônia para o trabalho nos seringais. Esses nordestinos vão ser analisados enquanto seringueiros porque fizeram parte de um contexto maior envolvendo o processo de desenvolvimento da produção extrativa.

As relações envolvendo diferentes personagens em torno da sociedade da borracha constituíram um processo desencadeador de normas e comportamentos emanados por um grupo social dominante que esquematizou um complexo sistema de trabalho nos seringais onde os seringueiros representaram uma força essencial para o processo de produção da goma elástica. A autora procurou então entender como se deu ou como se desenvolveram as relações de trabalho nos seringais e é neste contexto que Weinstein vai fazer referência aos migrantes, na sua maioria seringueiros analisados como trabalhadores que tiveram participação ativa no processo de relações econômicas e sociais.

A participação dos seringueiros diz respeito à forma como esses se expressaram ou se destacaram nos espaços de trabalho. Na verdade, Weinstein procura mostrar, de forma não muito expressiva em seu texto, que esses trabalhadores não se limitaram a condição de trabalhadores passivos, sofredores sem ambição. Ao contrário disto, esses trabalhadores, segundo a autora, encontraram na economia da borracha uma forma de reverter sua condição de “vítimas das secas”, e desenvolveram diferentes formas de lutas pela sua própria sobrevivência.

A partir dessas observações, em torno da sociedade da borracha, a autora conseguiu identificar algumas ações que podem ser traduzidas como ações de resistência organizadas pelos seringueiros contra, por exemplo, as exigências e opressões de comerciantes e seringalistas. Uma reação comum, entre os seringueiros e citada pela autora, diz respeito a adulteração no processo de feitura da pele de borracha, onde eram inseridas pedras, areias ou mesmo farinha de mandioca nas peles⁴⁸. Além disso, a negociação da borracha muitas vezes era feita diretamente com o regatão ao invés de ser negociada com o próprio patrão.

São pontos identificados pela autora indicadores das astúcias do sertanejo que viveu na Amazônia como seringueiro e que distanciam a imagem do seringueiro enquanto homem pacato e sofredor passivo as dificuldades. Além disso, Weinstein, assim como Arthur Cezar, cita experiências de alguns poucos migrantes seringueiros,

⁴⁸ Idem, p. 36

quando de sua emergência a seringalistas, como foi o caso de um cearense, identificado pela autora: “*Anfrísio era natural do Ceará e viera trabalhar no rio Iriri, afluente do Xingu, primeiro como cozinheiro e depois como seringueiro*”⁴⁹.

As referências feitas por Weinstein, no que diz respeito aos seringueiros, não deixam de ser relevantes, uma vez que, na sua grande maioria, esses seringueiros faziam parte de um segmento social desejosos por melhores condições de vida em uma região que, para aqueles tempos, parecia ser a esperança e alternativa de sobrevivência para muitos migrantes que partiram em direção ao Norte.

Nos estudos do economista Roberto Santos, referente a economia da região, é possível identificarmos também, em item específico de seu trabalho, observações do autor sobre a imigração para o Norte. Na verdade, seu trabalho é um estudo envolvendo a economia da Amazônia e suas conseqüências, publicado na década de 1980 sob o título *História econômica da Amazônia*⁵⁰. Neste trabalho o autor vai observar os aspectos do desenvolvimento econômico na região, bem como as ações e práticas desenvolvidas para o incremento do capital, principalmente a relevância da produção gumífera para o desenvolvimento do norte e do País.

É a partir deste entendimento que o autor vai destacar alguns aspectos sobre a imigração, onde ressalta a relevância da mão-de-obra imigrante para o desenvolvimento da produção extrativa. O imigrante é apontado como essencial na atividade produtiva da região, principalmente os trabalhadores nordestinos, que, segundo ele, sem essa mão-de-obra talvez a região não fosse capaz de alcançar níveis de produção vistos entre finais do século XIX e início do XX com os bons lucros da borracha.

O imigrante, portanto, é analisado a partir de uma ótica de cunho econômico, onde aquele estaria inserido em um contexto mais amplo envolvendo a questão da mão-de-obra como fator decisivo para a atividade gumífera na região. Apesar de não se aprofundar no entendimento sobre em que condições sociais esses imigrantes vieram para a Amazônia, o autor não deixa de apontar alguns possíveis motivos que influenciaram na mobilização desses migrantes.

Podemos dizer que o trabalho de Santos, como tanto outros que destacaram a imigração no norte do país, tem como ponto de referência a imigração nordestina no período referente a expansão econômica sentida na região. Esses estudos são

⁴⁹ Idem, p. 39.

⁵⁰ SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História Econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

significativos porque destacam se assim podemos dizer, uma das maiores mobilizações vistas na região no final do século XIX. É claro que possuem suas limitações e deixam a desejar algumas questões sobre os agentes que migraram, mas em seu tempo e movidos por interpretações díspares, esses trabalhos apontaram a participação de imigrantes na história da Amazônia.

Por vezes destacaram os mecanismos de opressão organizados nas áreas de trabalho dos seringais, como nos escritos de Euclides da Cunha em, *à Margem da História*, onde este, ao fazer parte de uma expedição no Alto Purus⁵¹, descreveu as condições em que estavam sujeitos os seringueiros limitados aos seringais. As formas de repressão e dominação nos espaços dos seringais também são apontadas em um romance descrito por José Ferreira de Castro, *A Selva*, de 1930⁵², no qual descreve a vida dramática e violenta que levavam os trabalhadores dos seringais presos ao regime de aviamento.

Esses trabalhos indicam, de certa forma, que os lucros e riquezas adquiridos com a expansão da economia da borracha foram constituídos através da exploração e dominação de grupos dominantes que organizaram um sistema de trabalho opressor onde que valia era uma lei sem direitos para o trabalhador imposta pelo patrão. Não podemos negar as agruras a que estavam sujeitos os seringueiros, mas também não podemos esquecer que estes, como vimos anteriormente, tentaram de diversas formas reagir contra as imposições de seus opressores e que nesses espaços construíram suas vivências e que para além da imagem de seringueiros, eram homens que possuíam uma origem e uma história. A trajetória dos migrantes na Amazônia também foi observada por autores que elaboraram estudos identificando os migrantes em períodos posteriores ao da virada do século XIX e em outro momento. É o que vemos nos estudos de Alcino Teixeira Mello⁵³, autor de um trabalho intitulado, *Nordestinos na Amazônia* de 1956. Pelo título percebemos que suas análises estão especificamente voltadas para os migrantes nordestinos, principalmente os que vieram para o Norte na década de 1940.

Na verdade, este período diz respeito a um momento delicado para o mundo, uma vez que, todas as atenções estavam voltadas para os acontecimentos oriundos da II

⁵¹ Este trabalho foi resultado de uma expedição observada na área do Alto Purus em 1905 quando da participação de Euclides da Cunha em uma comissão mista brasileiro-peruana para o trabalho de demarcação dos limites entre os dois países.

⁵² CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. 34ª. Ed. Guimarães Editores, 1982.

⁵³ MELLO, Alcino Teixeira de. *Nordestinos na Amazônia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Imigração e Colonização/Departamento de Estudos e Planejamento, 1956.

Guerra Mundial. Daí que, o trabalho de Teixeira Melo, vai abarcar o último ano da guerra em 1945, período em que vieram para o norte do país uma leva considerada de migrantes de toda parte do Brasil. O autor vai analisar os chamados “soldados da borracha”, homens recrutados para trabalhar como seringueiros na Amazônia na extração da borracha em curto tempo como forma de auxiliar os Estados Unidos na guerra.

O texto do Alcino Teixeira é organizado a partir de relatos de seringueiros obtidos pelo autor através de entrevistas concedidas a este junto a Hospedaria de Migrantes em Manaus. Os relatos dos seringueiros, descritos por Teixeira Melo, entre outras coisas, revelam as condições de vida dos seringueiros na Amazônia. O autor enfatiza que os nordestinos se viram obrigados a sair de seu território por consequência das longas secas que em determinado período, tornavam a situação em algumas áreas do nordeste insustentável ocorrendo, dessa forma, grandes êxodos para regiões como a Amazônia.

Por outro lado, o que atraía os migrantes para essa região, naquele momento, eram as propagandas em torno da borracha e suas vantagens de fácil enriquecimento, fazendo com que homens e mulheres se deslocassem em busca de trabalho e uma vida melhor. Na Amazônia, o migrante nordestino se deparava com uma situação adversa e para sobreviver tinha de aprender a se adaptar a modos de vida completamente distintos de seu local de origem. Esta situação é destacada por Teixeira ao fazer comparações a respeito das condições de trabalho do nordestino em suas terras de origem, e o trabalho de extração que passaram a desenvolver na Amazônia, onde chega a considerar a atividade extrativa um tanto primitiva.

Mas não foi apenas este autor que se preocupou com a situação dos migrantes na Amazônia trabalhando como soldados da borracha. O estudo de Pedro Martinelo⁵⁴ possui como foco de análise, o período de recrudescimento da economia gumífera e todo desfecho que se configurou em torno do movimento entre o final da década de 1930 até meados de 1940. Atentando para a conjuntura da época, onde a Amazônia foi palco de uma nova investida na produção da borracha, o autor não deixou de verificar a imigração da mão-de-obra nordestina na participação do movimento que ficou conhecido como *a batalha da borracha*.

⁵⁴ MARTINELO, Pedro. **A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial**: e suas Consequências para o Vale Amazônico. São Paulo: Edufac, 1985.

É, sobretudo, avaliando esta conjuntura que Pedro Martinelo observa a mobilização dos imigrantes na Amazônia, a partir das políticas de migração organizadas em conjunto com o governo federal e estadual. Essas políticas e projetos voltados para a mobilização dos trabalhadores, vão ser investigadas pelo autor a partir das análises dos órgãos responsáveis pela mobilização, migração e assentamento daqueles que seriam os novos seringueiros.

Os projetos elaborados para a manutenção dos migrantes foram pensados e organizados em curto espaço de tempo por parte do governo brasileiro em conjunto com os norte-americanos. Estes necessitavam da matéria prima da borracha em grande escala e num prazo mínimo de tempo, dada a situação imposta pela guerra. Por isso, desencadearam um programa de incentivo a produção nos seringais da Amazônia e isto exigia um grande número de trabalhadores.

O autor observa que órgãos como o Departamento Nacional de Imigração, (DNI), o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia, (SEMTA) e logo depois a Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA), encarregados pela mobilização dos trabalhadores, enfrentaram sérios problemas para conclusão das obras de acomodação dos trabalhadores em locais específicos da Amazônia. Os principais problemas estavam centrados na área de transportes, alojamentos e despesas que seriam gastos com os migrantes. Tratava-se, portanto, de um projeto envolvendo grandes levas de trabalhadores, mas que não foi estruturado a altura das populações que se concentraram na Amazônia, ou seja, as metas exigidas não foram concluídas deixando parte dos trabalhadores migrantes em situações precárias.

Martinelo observa as características existentes entre a primeira migração, amparada pelo DNI, e a segunda, sob o patrocínio do SEMTA. Segundo o autor, o que motivou a primeira corrente migratória foi o flagelo da seca sendo que, a maioria dos migrantes vinha do meio rural e emigraram com suas famílias por questão de sobrevivência porque a seca não deixava alternativa se não, a de migrar. Para um segundo momento, referente à segunda leva migratória, dessa vez organizada pelo SEMTA, o autor observa a quantidade e composição das mobilizações, composta por homens solteiros vindos de outras áreas com intuito de se aventurar em uma terra tida como promissora capaz de oferecer vantagens de enriquecimento.

Analisando essa segunda mobilização o autor vai comentar ligeiramente, sobre a situação de homens e mulheres que se fixaram em cidades como Manaus e Belém. A

entrada dessas pessoas, oriundas de outras localidades, causou na população da cidade de Manaus, um sentimento de desconfiança e medo, pela forma como se comportavam, por isso, foram logo taxados de desordeiros e vagabundos. Muitos desses homens foram marcados e estigmatizados pela sociedade que os temiam e que somente o tempo e a convivência viria a atenuar o mito e facilitar a assimilação daqueles homens⁵⁵. São, portanto, situações envolvendo o imigrante e que mostram como os projetos voltados para o retorno da produção da borracha e o desenvolvimento da Amazônia, deixaram falhas que comprometeram milhares de migrantes que sem outra alternativa, permaneceram em Manaus.

Os imigrantes também foram observados em Manaus por um outro estudo intitulado *Amazônia: formação social e cultural do Amazonas*, obra escrita por Samuel Isaac Benchimol⁵⁶. Podemos dizer, que, o autor, é referência para estudos envolvendo o migrante na Amazônia dada a quantidade de trabalhos escritos sobre o assunto, principalmente estudos sobre a trajetória do nordestino. E particularmente em *Amazônia: formação social e cultural*, o autor vai apresentar as relações socioculturais, políticas, econômicas do nordestino e a Amazônia.

Sua obra esta amparada em registros e estatísticas que mostram a mobilização dos nordestinos para o Norte, onde observa os períodos de incidência das migrações, as principais causas dos movimentos e suas conseqüências para a Amazônia. A partir de uma documentação densa, como registros de entrada e saída de passageiros, o autor analisa, entre outras coisas, o imigrante nordestino em Manaus nos tempos da Batalha da Borracha, de 1941 a 1945, quando entraram na região cerca de 75. 000⁵⁷.

Segundo o autor, neste período a cidade de Manaus teve um aumento populacional considerável chegando a concentrar na cidade cerca de 34.070 nordestinos. As conseqüências para a cidade com a chegada desses homens e mulheres foram diversas, ocasionando mudanças que se concretizaram em novos modos de vida. Benchimol observa que as mudanças se deram tanto no âmbito sociocultural, com a influência de hábitos peculiares, logo assimilados pela população local, quanto no quadro físico da cidade através do crescimento de novos bairros periféricos.

⁵⁵ Idem, p.228.

⁵⁶ BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural do Amazonas**. Manaus: Valer 1999.

⁵⁷ Idem p. 136.

Como em outros trabalhos, que estudaram o nordestino na Amazônia, o autor compreende este como sujeito possuidor de uma cultura de valentia e cobiça que soube se adequar a situações inesperadas em uma região alheia, muitos até conseguiram ascender financeiramente. O autor procurou observar não só o flagelado ou retirante, mas a condição daqueles migrantes que conseguiram ascender seja como, seringalista, coronel, chefe político, jornalistas, advogados entre outras profissões de altos cargos.

É claro que nem todos conseguiram o feito de possuir cargos e profissões elevadas, isso não foi para todos, pois a maioria não conseguiu “ultrapassar a barreira da pobreza” e acabaram sobrevivendo na cidade desenvolvendo trabalhos informais. Assim foi que muitos ganharam a vida trabalhando como jornaleiros, estivadores, vendedores ambulantes, catraieiros, entre outros trabalhos informais.

Mas para além da identificação do migrante nacional na Amazônia, Benchimol ressalta a influência de migrantes estrangeiros. É bem verdade que durante a fase áurea da borracha, muitos estrangeiros atraídos pela propaganda de enriquecimento, vieram para o norte com pretensões de melhorar de vida. Os imigrantes, pelo menos uma boa parte deles, partiram dadas as circunstâncias pouco favoráveis em seus países de origem, onde problemas financeiros aliados a outros de cunho políticos e ou religioso pesavam na decisão de migrar. Por isso, quando surgia a oportunidade de sair em direção a outros países em condições propícias para começar uma nova vida, não perdiam tempo e partiam.

Benchimol analisa o início do século XX para destacar a presença do migrante estrangeiro em Manaus e em outras localidades da Amazônia. Suas análises apontam um número expressivo, para aquele período, de migrantes estrangeiros vivendo na região. Nesse sentido, vai mais longe na sua pesquisa, buscando identificar a origem desses migrantes, principalmente os portugueses, onde consegue observar que a maioria dos lusitanos vindos para Amazônia, pertenciam ao norte de Portugal e quase todos “eram jovens e pobres, filhos de agricultores e sitiantes”.

Alguns desses estrangeiros conseguiram construir uma vida financeiramente estável e se destacaram enquanto homens importantes, donos de firmas e comércios em cidades como Manaus e Belém. Benchimol explora a importância desses homens para a sociedade local. Ao contrário dos estrangeiros que conseguiram manter uma posição social na cidade, os mais humildes e menos abastados, a exemplo dos migrantes nacionais, também se ocupavam de trabalhos informais desenvolvendo principalmente

funções como; carregadores, padeiros, pescadores, catraieiros, carroceiros, estivadores entre outras profissões.

Mas assim como os portugueses, outros estrangeiros também fizeram histórias na Amazônia, entre eles estão os judeus, sírio-libaneses, italianos, franceses, ingleses, marroquinos, espanhóis entre outros migrantes. Esses migrantes estrangeiros, tal como os nacionais, tiveram uma participação ativa na constituição do espaço social de Manaus e construíram um legado de lutas e experiências diversas para a história da cidade. Ao procurar trazer um pouco da experiência e influência de vida desses agentes sociais, Benchimol pôde contribuir para a identificação do migrante na Amazônia, afinal, esses homens e mulheres, fizeram parte da história da região, bem como de Manaus; e esta cidade, como tantas outras, se constituiu a partir do contato de diferentes culturas e se quisermos entender a pluralidade que é o norte brasileiro não podemos omitir essa realidade.

Por isso, a relevância desses estudos consiste na identificação desses sujeitos sociais como partícipes da história nortista. E por mais que deixem a desejar ou omitir algo, não podem ser desconsiderados, pois representam uma ponte para novas pesquisas. Trabalhos como estes são referências para estudiosos que pretendem desenvolver estudos sobre migração na Amazônia. As pesquisas estão caminhando, mas o que temos já é o suficiente para termos noção do rigor e qualidade dos trabalhos, cada um com abordagens distintas, mas todos preocupados em desvendar o passado de pessoas praticamente ausentes da história local.

Entre esses historiadores interessados em estudar os migrantes na Amazônia, podemos considerar o trabalho de Franciane Gama, historiadora que a muito vem pesquisando a questão migratória e seus agentes na região, especificamente a migração nordestina. Um dos trabalhos recentes é sua tese de doutoramento intitulada, *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*⁵⁸. Neste estudo Franciane Gama leva em consideração o período referente à expansão econômica sentida na Amazônia através da atividade extrativa.

Poderíamos falar que essa seria mais uma pesquisa relacionando o período de expansão gumífera com a vinda dos migrantes. Na verdade, não podemos deixar de relacionar uma coisa à outra, uma vez que, a maioria dos migrantes que vieram para a Amazônia naquela época, foram atraídos pela atividade extrativa e o desejo de

⁵⁸ LACERDA, Franciane Gama. Op. cit.

enriquecer. Mas a autora, através de pesquisa densa utilizando fontes diversas e entrecruzando muitas delas a partir de uma abordagem mais social, procurou analisar as múltiplas vivências dos nordestinos cearenses em diferentes localidades do Pará. É um trabalho que analisa o migrante que saiu do nordeste em direção a Amazônia e vivenciou experiências sociais distintas.

A perspicácia da autora vai revelar o significado dessa migração e do sujeito que migrou, para o poder público e população local, mas também e, sobretudo, o significado e o sentimento para o próprio agente da migração. Uma tarefa não muito fácil já que são poucos os registros expondo os pensamentos e opiniões de personagens anônimos da história.

A pesquisa abrange além da capital Belém, outras localidades como os núcleos coloniais agrícolas e os seringais onde se fixaram os cearenses. Aqui, a autora se preocupou em dar voz aos agentes anônimos, levando em conta suas falas captadas principalmente de fontes como os jornais e ofícios de algumas companhias de navegação⁵⁹. Através dos jornais, os cearenses podiam denunciar e comunicar às condições que se encontravam em determinados espaços do Pará. Alguns jornais também faziam denúncias sobre as condições dramáticas em que o migrante estava submetido.

No que concerne ao espaço citadino, a autora procura avaliar a experiência de homens e mulheres na capital, dos seringueiros que periodicamente desciam dos seringais para Belém. Os espaços da cidade percorrido por Gama são aqueles freqüentados pelos seringueiros, a maioria cearenses que vinham para cidade “*em busca de divertimentos, de comida, de relações amorosas, da família e também de produtos que pudessem consumir, fugindo completamente à imagem de semi-escravo preso ao trabalho da floresta*”⁶⁰.

A autora identifica os modos de vida dos seringueiros na cidade procurando mostrar como se comportavam e de que maneira encaravam seu cotidiano naquele espaço, levando em conta as ações e práticas dos migrantes como agentes sociais que reagiram frente a situações diversas, envolvendo o trabalho, entretenimento, relacionamento, etc. Esses homens, não desfrutaram de uma vida fácil, mas também

⁵⁹ Para saber que caminho os migrantes percorriam quando chegavam a Belém, a autora utilizou minutas de ofício de algumas companhias de navegação do ano de 1889, assim, ela conseguiu rastrear alguns dos destinos percorridos pelos cearenses.

⁶⁰ Idem, p. 5.

sabemos que, para além das adversidades, viveram outras experiências refletidas em seus cotidianos.

Parte das experiências dos migrantes seringueiros ou não, que foram para Belém, foi recuperada pela autora, que procurou através de seu trabalho, registrar a história de pessoas que viveram em um espaço contrastante e tiveram de lutar de formas diversas para sobreviverem, pessoas que antes eram identificados apenas como flagelados ou cearenses.

Ao analisar o espaço urbano e os conflitos que existiram em uma cidade que se queria moderna, Gama apreende o outro lado da realidade urbana onde os cearenses estiveram expostos. Destaca o lado obscuro da modernidade, ao lado disso, observa através dos jornais, as denúncias da população local que não se calou frente aos tantos problemas públicos presentes naquele momento. Identifica o seringueiro e suas experiências sociais na cidade onde desenvolveram práticas e relações diversas, bem como as ações e práticas do poder público frente a presença do migrante que, na maioria das vezes, era temido e visto como desordeiro e desocupado.

A autora observa ainda as Instituições de caridades criadas aparentemente para auxiliar a população indigente, entre eles muitos migrantes empobrecidos. Na verdade, muitas dessas instituições foram constituídas visando o interesse de afastar a população pobre das ruas já que, o pobre, muitas vezes representou sinônimo de vadiagem.

De uma forma ou de outra, esses migrantes cearenses, seringueiros ou não, foram partícipes da constituição, seja material e social da cidade. Nesse sentido, a autora ressalta a valoração desses homens e mulheres na participação e constituição de Belém, uma vez que, *“construíram também essa cidade, sempre tão evidenciada na historiografia muito mais pelas ações dos poderes públicos e menos pela experiência social de outros sujeitos igualmente constituidores desse espaço”*⁶¹.

As mudanças sentidas em uma cidade que, para aqueles tempos, fora pensada e elaborada como moderna e que para assim parecer, escondia o modo de vida, os espaços indesejados e habitados por sujeitos pobres, podem ser percebidas em algumas capitais do Brasil na virada século dezanove para o vinte, quando a maioria dessas cidades passaram pelo processo de urbanização. Esse processo modificou tanto a vida no campo como também o viver em cidades, sendo que, estas, foram drasticamente modificadas

⁶¹ Idem, p. 203.

com a firmação do urbano e a instauração de novos valores e comportamentos capazes de qualificar o espaço público e o privado ⁶².

O migrante pobre seja nordestino, estrangeiro ou de qualquer região do Brasil que chegava às capitais, tinha de se habituar e seguir os vários códigos criados pelos poderes públicos como forma de nortear seus comportamentos e práticas. Muitas dessas pessoas, por serem pobres, eram entendidas como perigosas para uma sociedade moderna. Assim como em Belém, em Manaus não foi diferente, seja no momento de pujança econômica, quando a cidade passou a insistir por uma identidade moderna, seja na fase que enfrentou a crise econômica refletida pela queda na produção gumífera, a cidade abrigou homens e mulheres não locais, que viveram situações esquecidas no tempo, mas que hoje, esses migrantes são resgatados através de pesquisas atentas a seu passado.

Um passado que também pode ser observado em uma das obras de André Vidal de Araújo ⁶³, escritor de trajetória significativa para o Amazonas, pelo fato de ter exercido cargos políticos e jurídicos de representação na sociedade amazonense. Em *Sociologia de Manaus: aspecto de sua aculturação*, o autor procurou fazer uma análise sociológica da cidade em seu aspecto, físico, social, religioso, cultural e econômico. Nesse estudo, observa os aspectos referentes a traços e características envolvendo a população da cidade e sua formação, bem como suas práticas socioculturais.

Mas é, sobretudo no capítulo referente às características do homem da Amazônia que vamos nos deparar com o migrante, entre eles o segmento estrangeiro e sua influência e participação em Manaus. Os censos analisados pelo autor apontam um número expressivo de estrangeiros vivendo na cidade para determinado período, por exemplo, para 1936 o total de estrangeiros em Manaus era de 8.848, representando, um forte coeficiente cultural influenciando na transformação de hábitos e costumes. ⁶⁴.

As estatísticas do autor indicam um maior número da população portuguesa vivendo em Manaus, seguida por um expressivo contingente de sírio-libaneses em determinados pontos da cidade. Mas para além da presença estrangeira, o autor destaca como predominantes os migrantes nordestinos, onde também ressalta entre o principal

⁶² PECHMAN, Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. In: BRESCIANI, Stela. **Imagens da Cidade, séculos XIX e XX**. 1ª ed. São Paulo: Marco Zero, 1993, p. 29-34.

⁶³ ARAÚJO, André Vidal. **Sociologia de Manaus: aspectos de sua aculturação**. Manaus, Fundação Cultural do Amazonas, 1974, p. 69-125.

⁶⁴ Idem, p. 85

motivo para o êxodo destes, as propagandas envolvendo a borracha. Atentando para o momento crucial das mobilidades, o autor ressalta que as grandes migrações chegaram tangidas pelas necessidades locais e principalmente atraídas pelo “ouro negro”. Assim, vieram, portugueses, nordestinos, barbadianos, italianos, sírio-libaneses japoneses.⁶⁵

De modo sucinto, André Vidal descreve a difusão e a combinação dessas diferentes culturas presentes na cidade, que se impõem como um espaço heterogêneo mesclada tanto em seu meio físico, quanto sócio-cultural. Quer dizer, Manaus é uma cidade representada pela interação de culturas distintas, onde as marcas podem ser vistas nos poucos prédios e casas antigas, em alguns hábitos, costumes e alimentação assimilados pela população local.

São pequenos traços e vestígios da presença do “outro” que o autor consegue detectar e mostrar que a cidade não se configurou apenas como um espaço singular, e sim em sua pluralidade. Essa pluralidade esteve presente nos bairros, nas variadas profissões, nas ruas, alimentação, modos de vestir, e muitas outras características que revelaram o contrastante espaço de Manaus.

Em poucas páginas, esse trabalho conseguiu descrever a dimensão cultural existente em Manaus, onde muitos migrantes, estrangeiros e nacionais tiveram participação. Esses agentes aparecem como participes da constituição de Manaus porque deixaram suas marcas socioculturais inscritas em cada espaço da cidade cujo passado ainda não foi de todo recuperado.

Só poderemos entender e conhecer a história dessas pessoas e sua interação e influência para a cidade, ou mesmo parte dela, se voltarmos ao tempo, através de registros capazes de fornecer direta ou indiretamente pistas sobre seu passado. E não basta apenas identificarmos os migrantes, mas entendermos o espaço no qual estavam inseridos, bem como os conflitos políticos, econômicos, sociais e outras situações diversas que provavelmente atingiram a maioria desses sujeitos sociais que viveram em Manaus entre 1920 e 1945.

⁶⁵ Idem, p. 117.

1.3 – MANAUS NO PERÍODO DE 1920 A 1945.

Após algumas décadas de pujança no setor econômico, decorrente dos bons lucros com a produção da goma elástica, cidades como Manaus e Belém vivenciaram tempos difíceis, principalmente após 1912, com o enfraquecimento da economia extrativa. O curto tempo da *belle époque* deixou uma realidade desesperadora para muitos que sobreviveram das ações e práticas comerciais da goma elástica. Para as autoridades administrativas a situação foi descrita nas mensagens de governo com tom de desespero:

Ou o problema financeiro será resolvido pelo Governador ou este será por elle devorado. Fazer com que o equilíbrio orçamentário seja uma realidade, reduzindo as despesas e augmentando as fontes de receita, eis as medidas mais urgentes de que o Amazonas precisa actualmente ⁶⁶.

A queda do preço da borracha no mercado internacional foi decisiva para deixar a cidade em momento letárgico, já que para a região a borracha representava o principal produto econômico. É claro, havia outros produtos, mas não tão valorizados e requeridos quanto a borracha e essa dependência da região pelo produto, levou o norte a uma crise econômica que se arrastou por mais de trinta anos.

A borracha, de modo algum conseguiu alcançar os primórdios de sua produção, daí que, em relação ao consumo interno, não havia um parque industrial que absorvesse tamanha produção. No caso da borracha, diferentemente dos outros produtos nacionais, a sua produção e comercialização estava voltada especificamente ao interesse da indústria automobilística⁶⁷ para o exterior, tornando difícil para o País desenvolver alguma medida que erguesse a economia nortista, apesar de algumas tentativas.

É bem verdade que o governo brasileiro tentou contornar a tensão sentida através da criação da Superintendência de Defesa da Borracha, elaborado pelo então Governo de Hermes da Fonseca, em 17 de abril de 1912. Entre os interesses do plano, estava a de manter a posição do Brasil no mercado internacional da borracha e melhorar as condições econômicas e sociais da região entre outras coisas. Mas, alguns fatores,

⁶⁶ Mensagem apresentada à Assembléa Legislativa pelo Governador do Estado, Cesar do Rego Monteiro, a 10 de julho de 1921. p. 7.

⁶⁷ TEIXEIRA, Carlos Corrêa. **Servidão Humana na Selva**: O aviamento e o barracão nos seringais da Amazônia. Manaus: Valer/Edua, 2009, p. 40-46.

entre eles a precária condição financeira do País, impossibilitaram os investimentos propostos pelo plano⁶⁸.

O fato é que a crise se disseminou por diferentes localidades da Amazônia, acarretando para suas principais capitais, além de dívidas pesadas, o quase desaparecimento de espaços criados com verbas demandadas pela comercialização da borracha.

Na década de vinte, Manaus já não era a mesma, a situação era de desolação, sem os principais investidores, ingleses e norte-americanos - esses entusiasmados com a produção asiática - a cidade enfrentou seus piores momentos depois do “boom” gumífero. O quadro da cidade e sua população no tempo da crise não eram dos melhores e para piorar a situação, uma parcela dos trabalhadores dos seringais e de diferentes pontos dos interiores, migraram para Manaus. A maioria dessas pessoas era de baixa renda, “caboclos empobrecidos e cearenses que vieram para a cidade, à procura de melhores condições de vida.”⁶⁹

Ao chegar a Manaus, partes dos populares acabaram encontrando uma cidade sem estrutura para abrigá-los, com serviços públicos precários, além disso, o enfraquecimento no setor econômico aumentou o custo de vida na cidade atingindo principalmente a população pobre. Foi inevitável o crescimento das áreas periféricas com pouca estrutura sanitária e urbana, estabelecendo nos subúrbios um alto índice de populares que não tinham condições de pagar aluguel pelas habitações do centro⁷⁰ da cidade.

A pior das conseqüências era quando esses homens e mulheres adoeciam isso devido a miséria e mendicância a que foram acometidos, muitos foram a óbito. Alguns jornais registraram vários casos de morte e internação por miséria na cidade de Manaus entre o período da crise. Um dos jornais, ao registrar a situação de imigrantes, assim comentou:

Foram internados, hontem, no hospital da Santa Casa de Misericórdia, por intermédio da Inspectoria do Porto, os indigentes, Sebastião Ferreira da Silva, cearense de idade e filiação ignorados: Ignez Maria da Conceição, natural

⁶⁸ MAHAR, Dennis J. **Desenvolvimento Econômico da Amazônia**, uma análise das políticas governamentais. Relatório de Pesquisa nº 39, Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1978, p. 7-47.

⁶⁹ SANTOS, Eloína Monteiro dos. **A Rebelião de 1924 em Manaus**. 3ª Ed., Manaus: Valer, 2001, p. 25-36.

⁷⁰ BENCHIMOL, Samuel. Manaus: O crescimento de uma cidade no Vale Amazônico. In: **Raízes da Amazônia**, ano I, v. 1, Manaus: Editora INPA, 2005, p. 135-155.

do Ceará de dezenove anos de idade, filiação ignorada e Joaquim Pereira da Silva cearense.⁷¹

A difícil situação de Manaus, só aumentou a condição de miséria da população pobre que viveu aquele período, a imagem de uma cidade moderna e ostentosa já não existia a não ser na lembrança de seus construtores. O que se via era uma cidade endividada, com muitos problemas sociais somados a depressão econômica, onde a falta de verbas para sustentar alguns dos principais serviços públicos, como, saneamento, transporte, saúde, educação, habitação condenava a cidade a um espaço difícil de viver.

Os jornais mostravam uma cidade devastada pela depressão com impostos e taxas elevados, tudo encareceu por aqueles tempos. Com a renda urbana em baixa, os empregos ficaram restritos ao setor público e a um decadente comércio. Sem perspectiva para trabalho, ficou muito difícil à população pobre manter suas necessidades básicas e entre essa população, muitos eram migrantes, entre estrangeiros e nacionais que presenciaram os contrastes de uma cidade em crise.

A maioria dessas pessoas presenciou a miséria e como não tinham condições para se manter tornaram-se vítimas fáceis para as enfermidades oportunistas, o que facilitou a transmissão rápida de epidemias que se alastraram entre os populares. Samuel Uchoa⁷², chefe do serviço de profilaxia naqueles primeiros anos da crise da década de vinte, constatou a situação de muitos dos migrantes que chegaram em Manaus, vindos de todo canto. Segundo ele, Manaus era o centro de convergência de muitos doentes que chegavam à cidade já acometido por alguma enfermidade se alocando em áreas sem as mínimas condições de salubridade, aumentando com isso as doenças e o contágio das mesmas no espaço da cidade.

Ainda o mesmo autor, afirma que essas pessoas, tamanha era a miséria presente, que chegaram a utilizar os xaropes como alimento para aliviar a fome. Tanta adversidade levava essas pessoas a consumir o próprio xarope que, misturado a farinha servia de alimento. Como se não bastasse, os administradores, que, teoricamente deveriam estar criando estratégias para contornar os tantos problemas, se digladiavam com outros partidários políticos na luta pelo controle do poder como forma de servir seus próprios interesses.⁷³

⁷¹ *Jornal do Comércio*, Ano 1922, p. 01.

⁷² UCHÔA, Samuel. **Dois Anos de Saneamento**, 1923. Manaus: Livraria Clássica. 1924, p. 41.

⁷³ SANTOS, Eloína Monteiro dos. Op. cit. p. 37-55.

Os problemas pioraram quando estourou a rebelião de 1924 encabeçada pelos militares. Essa rebelião foi resultado do movimento tenentista que se constituiu em uma ação organizada pelos militares a partir de 1922 no País, como forma de contestar e criticar a política de grupos oligárquicos que dominavam o Brasil. O movimento tenentista chegou até Manaus estrategicamente a fim de ligar as cidades do norte e nordeste até a capital da república⁷⁴. A cidade que já vivia em constante turbulência política, viu a tomada do poder pelos militares durar um mês.

Foram tempos de grandes tensões, onde entre outras coisas, havia por parte daqueles revoltosos críticas em relação às oligarquias locais. Os revoltosos foram retirados do poder por tropas do governo central. Quanto à cidade, restaram as repressões, injustiças, corrupções e misérias, pelo menos para a maioria pobre.

Frente a tantos problemas os políticos amazonenses procuraram pedir reforços ao Governo central para estabilizar a crise econômica do Estado e sem sucesso reclamavam a falta de apoio:

O Amazonas que podia gozar de relativo conforto se houvesse distribuição equitativa das prerrogativas constitucionais, assim como acontece com os demais Estados junto aos poderes centrais, entretanto sempre viveu sobre o peso de um esmagador indiferentismo e abandono de qualquer assistência do governo central⁷⁵

Na verdade, os políticos amazonenses sempre esperaram uma solução do governo central para os problemas econômicos e políticos da região, mas no auge da crise essa ajuda se tornou inviável, pois, parafraseando Márcio Souza, “*outras áreas brasileira mais viáveis ao desenvolvimento imediato clamavam por soluções*”. O País passava por mudanças estruturais que colocavam o norte em segundo plano, o sudeste e sul do País sempre foram regiões mais visadas e a Amazônia, levando em consideração sua grandiosidade, se tornou um peso para o Brasil, uma vez que, as exigências da região ultrapassavam os recursos e limitações estruturais do Brasil.⁷⁶

Se a nível nacional o País avançou rumo a um novo horizonte político, pautado no fortalecimento de uma economia industrial, em Manaus, pelo menos até meados de 1930, a situação socioeconômica era de extrema instabilidade. E se em períodos

⁷⁴ A respeito do movimento tenentista no Amazonas, verificar a obra de: SANTOS, Eloína Monteiro dos. Op. Cit., onde a autora vai falar sobre o desfecho do movimento na capital do Estado e em outras localidades por onde o movimento abrangeu.

⁷⁵ *Gazeta da Tarde*. Manaus: maio, 1921.

⁷⁶ SOUZA, Márcio. **Expressão Amazonense**: Do Colonialismo ao Neocolonialismo. São Paulo: Marco Zero, 1987.

anteriores era igualada a Paris no meio da Amazônia, diante da crise, não passou de uma cidade esquecida, com seus palacetes e ruas abandonados. Da “Paris equatorial” das elites manauaras, só restaram lembranças de um momento curto de glórias e que não voltou mais.

Assim, as condições dos espaços de Manaus só pioraram frente às tensões políticas e econômicas sendo condenados à pobreza e doenças. A condição urbana ficou ameaçada, visto que, alguns setores de utilidade como abastecimento de água, energia e transporte a muito não atendiam a população. O resultado disso se refletiu nos protestos e indignação de populares que várias vezes procuraram meios para denunciar a ineficiência dos serviços.

Mais uma vez, o jornal se tornou um forte veículo para as denúncias da população local que o utilizaram como meio para reclamar o quanto estavam sendo prejudicados pela falta dos serviços. O que se viu foi à falta de estrutura em vários bairros e ruas do centro de Manaus que, em total abandono, vinha acompanhado de um alto índice de mendicância.

Segundo dados retirados da Santa Casa de Misericórdia para alguns anos da década de 1930, de 15.801 pessoas registradas naquele hospital, 64,3% eram indigentes que em números absolutos representam 10.172 indigentes para 5.629 pensionistas. Esses dados alarmantes foram denunciados pela população através dos jornais exigindo melhores condições de vida para a população, como a reivindicação feita por um comerciante no ano de 1922;

Um commerciante dirigiu-nos uma carta na qual nos solicita que façamos um appello ás autoridades competentes afim de que, a bem da hygiene e da caridade, sejam desalojados da frente dos barracões da Manaos Harbour, á rua Marques de Santa Cruz, várias creaturas desamparadas que alli habitam, no mais deplorável estado de miséria. Acrescentou-nos mais que não há muito tempo falleceram naqueles barracões dois destes infelizes.⁷⁷

O relato acima apresenta apenas uma das várias situações de miséria envolvendo a população pobre da cidade, um fato que também pôde ser visto no período do “fausto”, e que se agravou com emergência da crise. São ainda os jornais que denunciam as agruras da população pobre, entre eles, inúmeros migrantes que foram para cidade e não tiveram condições financeiras para retornar a seu local de origem. Dentre eles podemos citar barbadianos, portugueses, italianos, turcos, espanhóis entre

⁷⁷ *Jornal do Comércio*. Manaus, 18 de janeiro de 1930.

outros estrangeiros alvos de manchetes em jornais que os noticiaram sob condições adversas.

A maioria dessas pessoas saiu dos interiores, principalmente os nordestinos que trabalhavam nos seringais, mas com o enfraquecimento do produto naquelas áreas, acabaram migrando para Manaus a procura de trabalho. Estudos apontam para a década de vinte, uma estimativa de crescimento de 75.704 da população vivendo na cidade, um aumento relativamente considerável se comparado a primeira década deste século⁷⁸.

Para os primeiros anos da década de trinta, a situação da cidade no âmbito político-econômico, ainda era de um espaço instável, os problemas na cidade continuavam a atingir a população. A nível nacional, o país inicia a década de trinta tendo como marco a Revolução de 30⁷⁹, movimento que, entre outras coisas, “representou a culminação da importância política assumida pela burguesia nacional”⁸⁰.

Para a região, atingida pelos acontecimentos derivados da crise político-econômico, buscava-se, através de seus representantes, contornar a situação insistindo no extrativismo e em outros produtos a exemplo da castanha, como forma de alternativa econômica.

Na verdade, o governo estadual em finais da década de vinte, apresentou interesse na produção agrícola, para tanto, fez a concessão de áreas de terras para grupos japoneses justificando a colonização no Amazonas. O produto de interesse para agricultura era a juta, onde os japoneses chegaram a criar até uma Companhia Industrial Amazonense S/A, trazendo para o Estado imigrantes japoneses aptos e experientes em técnicas agrícolas adaptadas às regiões de climas tropicais⁸¹.

Até 1938, a cultura da juta trouxe bons resultados para o Amazonas, se não fosse o acontecimento da Segunda Guerra, quando a migração e os colonos japoneses foram interrompidos e as colônias desapropriadas⁸². Os investimentos nas áreas de colonização

⁷⁸ HEYER, Lígia Fonseca. A Evolução da Mancha Urbana de Manaus e as Diferenciações Microclimáticas. **Amazônia em Cadernos**. Manaus, nº 4, 1998. p. 267.

⁷⁹ Sobre o acontecimento de 1930 ver: FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**: historiografia e história, São Paulo, Brasiliense, 1972.

⁸⁰ SOUZA, Márcio. Op. cit., p. 140.

⁸¹ OLIVEIRA, José Aldemir de. Op. Cit.. p. 52.

⁸² OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. “Ocupação Humana”. In: Enéas Salatti, et al. **Amazônia, Desenvolvimento, Integração e Ecologia**. São Paulo: Brasiliense/CNPq, 1983.

não renderam frutos como os da borracha e até o final de 1930, Manaus viveu as agruras de uma cidade a espera de um milagre.

Nas mensagens e relatórios de Governo e Município deste período, as preocupações foram constantes em relação a questões da saúde pública e infraestrutura principalmente. Na esfera da saúde, o problema era o avanço de algumas enfermidades fáceis de serem controladas, mas que com a cidade padecendo de infraestrutura, as moléstias se alastraram com facilidade, principalmente entre a população pobre que não dispunha de recursos para combater as doenças. Sem trabalho e conseqüentemente sem dinheiro, essas pessoas foram presas fáceis de doenças oportunistas que se infiltraram em corpos desprovidos de uma boa alimentação, portanto carentes de elementos importantes para a imunização contra as enfermidades.

Em 1938, em relatório apresentado ao Presidente Getúlio Vargas, o então Interventor Álvaro Maia, expunha algumas medidas tomadas para contornar os problemas sentidos na saúde pública. Segundo o relatório, a cidade naqueles tempos, aglomerou pessoas vindas de outros lugares em busca de assistência na capital. Para tanto, foram gastos verbas extras em vários setores, principalmente nos serviços de profilaxia dos surtos epidêmicos⁸³.

Através do artigo 8 do Decreto-lei nº 186 de 24 de dezembro de 1938, ficou determinado a contribuição dos municípios com 5% de toda sua receita arrecadada, no sentido de dar assistência aos próprios municípios e também nos serviços de higiene e saúde no município de Manaus. Mesmo diante das medidas adotadas, a cidade não melhorou muito, pois faltavam verbas para sanar os problemas sentidos nos setores de saneamento e urbanização.

Algumas ruas e praças foram focos de doenças, uma vez que, com as chuvas, havia um acúmulo de água estagnada tornando-se verdadeiros viveiros de mosquitos, entre eles o anophelis, um dos principais responsáveis pelo crescimento do paludismo na cidade. O relatório apresentado ao interventor Álvaro Maia, pelo prefeito de Manaus, Jessé de Moura Pinto, em 1935, faz um apelo para o então interventor, em relação a reformas e terraplanagens das ruas e praças centrais deterioradas e entregues a lixos e parasitas⁸⁴.

⁸³ Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, por Álvaro Maia – Interventor Federal – referente à Outubro de 1939 a Maio de 1940.

⁸⁴ Relatório sobre a exposição dos trabalhos da Prefeitura de Municipal de Manaus, apresentada ao Interventor Álvaro Botelho Maia, pelo prefeito interno Jessé de Moura Pinto de Janeiro a Setembro de 1935, p. 27.

Neste relatório, são apresentadas também as qualidades dos alimentos distribuídos na cidade, praticamente sem nenhuma higiene, os reservatórios de leite, por exemplo, em condições precárias, a qualidade do leite distribuído preocupava as autoridades. Junto a isso, a presença de doenças como o paludismo, considerada a mais alarmante pela forma rápida como se alastrava entre a população, só no ano de 1935 foram registradas 3.712 pessoas acometidas pelo paludismo⁸⁵.

Além do paludismo, também havia os casos de tuberculose, lepra, verminoses entre outros, apontando uma cidade com pouca estrutura para deter o avanço das enfermidades. A pouca verba impediu os benefícios nos serviços de saúde, água e esgoto e outros serviços públicos necessitados de investimentos e reformas. Além disso, com pouco dinheiro não havia como contratar pessoal qualificado para atender as demandas da saúde pública, o que houve foi a contratação de pessoas pouco habilitadas no atendimento à saúde.

Tudo se tornou mais difícil ao tempo da depressão econômica, assim, o trabalhador com baixos salários ou desempregado, tornou-se a principal vítima da crise na cidade. O desemprego e as péssimas condições de vida levaram muitas pessoas ao desespero numa tentativa de dar fim a própria vida. Nas páginas de jornal havia relatos de alguém que tentou suicídio por não agüentar mais viver em condições adversas. Muitas dessas pessoas eram de outras localidades e permaneceram na cidade padecendo com os tantos problemas.

Uma cidade sem horizontes, desolada pelo furacão da crise, com serviços urbanos em colapso e uma população vítima de um sistema opressor, não era exagero relatar a situação da cidade e sua população dessa forma. Tão pouco a situação do segmento social empobrecido, principais atingidos, homens e mulheres que lutaram para sobreviver em um espaço contrastante. No alvorecer da década de quarenta, vieram às mudanças, a esperança retorna com as notícias de que havia uma alternativa, o restabelecimento da produção gumífera.

Não era uma nova alternativa, a borracha poderia trazer de volta os ânimos dos políticos amazonenses. Talvez pensassem assim, muitos desses homens que não acreditaram ou não queriam acreditar em outra saída para os problemas econômicos sentidos na região. Sem perder a esperança de trazer de volta o sonho extrativo, estava a sua frente novamente a chance que tanto almejavam.

⁸⁵ Idem, p. 27.

Isso só foi possível dada a nova conjuntura mundial. Em 1939, explode a Segunda Grande Guerra, os japoneses se instalaram nos países asiáticos impedindo a intervenção dos países aliados, principalmente os EUA de ter acesso ao oriente, responsável em parte pela produção de borracha. Tal fato levou os norte-americanos a se voltarem para a Amazônia e traçar um plano de investimentos de retorno à produção da goma, o que deu início a segunda saga pela borracha e conseqüentemente a esperança de reerguer a “Paris dos Trópicos”.

A necessidade pela goma elástica levou os norte-americanos a estabelecerem acordos com o Brasil de investimentos para uma operação de larga escala na Amazônia conhecida como a Batalha pela Borracha.⁸⁶ O movimento trouxe de volta a euforia econômica, o dinheiro finalmente circulou com maior intensidade em Manaus e enquanto o País enfrentava uma alta inflação, fruto do racionamento de bens de consumo, conseqüência da guerra, no Amazonas as coisas tenderam a melhorar com novos empregos e bons salários.⁸⁷

Em curto espaço de tempo foi montado um esquema de desenvolvimento e infraestrutura para a região onde o que valia era a máxima produção de borracha para o abastecimento norte americano sendo que, para isso, foi preciso a contratação de mão-de-obra, e a organização de uma infraestrutura viável para região receber tantos trabalhadores. A solução foi a contratação e convocação de homens para trabalhar na Amazônia que, mais uma vez, foi palco da entrada de inúmeros trabalhadores animados pelas propagandas de enriquecimento fácil na região.

Foi assim que, na década de 1940, o Amazonas passou a ser alvo de um novo surto migratório estimulado pela campanha em prol da borracha. Neste período, verificou-se a entrada, entre 1941 e 1945 de 152.138 pessoas, sendo que, dessas, saíram para o interior e outros Estados, 118.068 pessoas, permanecendo em Manaus provavelmente, 34.070 migrantes⁸⁸. Esses migrantes, que na sua maioria eram pessoas humildes com gana de vencer na vida em território desconhecido, abarrotaram a cidade. A conseqüência seria o aumento da população manauara que chegou a concentrar, na

⁸⁶ Sobre o movimento da Batalha da Borracha, ver o trabalho de MARTINELLO, Pedro. Op. Cit. Nele o autor faz uma análise sobre o movimento e os diferentes sujeitos envolvidos no processo.

⁸⁷ SOUZA, Márcio, Op. Cit., p. 144.

⁸⁸ A respeito destas estatísticas, consultar: BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Op. cit., 1992.

década de 1940, cerca de 106.399 habitantes, traduzindo seu espaço na concentração de segmentos carentes nas áreas menos salubres e menos valorizadas⁸⁹.

Segundo Benchimol, a maioria dos migrantes que se estabeleceram em Manaus na década de 40 e 50, estavam dispostos a conseguir qualquer espécie de emprego e inventaram estratégias de sobrevivências como trabalhadores avulsos, vendedores ambulantes, biscateiros entre outros⁹⁰. Muitos migrantes que foram para Manaus, recrutados para participar da ‘Batalha da Borracha’, fugiram das hospedarias e albergues e se estabeleceram em bairros distantes. Além da flagrante miséria encontrada nos bairros, os migrantes ainda sofriam com a rivalidade discriminatória dos moradores tradicionais.

Na verdade, tantos investimentos não foram o suficiente para sanar, pelo menos em partes, os problemas sentidos em Manaus que com a chegada de novas correntes humanas viu aumentar seus problemas. É claro que alguns serviços foram melhorados e houve abertura para novos empregos, mas a cidade não prosperou como imaginaram seus administradores e pessoas crentes na economia gumífera. Isso porque ao findar a guerra, a cidade volta a seu estado “mórbido”, pois seus principais investidores não dependeram mais da Amazônia.

Mais uma vez, Manaus sofreu com as conseqüências de um plano de valorização elaborado em curto prazo e que não foi o suficiente para dar conta de uma região ampla como a Amazônia. Isso porque seus principais investidores, os norte-americanos não estavam nem um pouco preocupados com o desenvolvimento da Amazônia e o bem-estar de sua população, mas sim com a rápida produção da borracha em tempo mínimo⁹¹.

O que parece é que tanto os norte americanos, quanto os brasileiros, desconhecia a verdadeira realidade da Amazônia, que sempre chamou atenção dos não nortistas seja como espaço “vazio despovoado”, ou como “eldorado”, esperança do mundo pela sua significância natural. E sem o entendimento, valoração e, sobretudo o respeito sobre esta região, foram implantados, ou melhor, impostos inúmeros projetos com o rótulo de desenvolvimento e progresso, numa real tentativa de fazer desta, um ponto de poder e enriquecimento de uma minoria.

⁸⁹ MELLO, Mário Lacerda de, MOURA. Hélio A. de. (Org). **Migrações para Manaus**. Op. cit., p. 37.

⁹⁰ BENCHIMOL, Samuel. Op. Cit., p. 137.

⁹¹ MARTINELLO, Pedro, Op. Cit., p. 104.

Na verdade, não se importaram realmente em favorecer os verdadeiros desprovidos, a população local, grande maioria que sempre esteve a margem das ações governamentais. Tanto que as políticas e projetos em “prol” da Amazônia acabaram sentenciando não só o homem amazônico, como também aqueles trabalhadores que para lá se dirigiram, muitos deles iludidos com as propagandas sobre o norte, de região farta e opulenta.

Sentenciados por que muito desses homens deram suas vidas em nome do progresso amazônico, Manaus é um exemplo de cidade que se ergueu, nos tempos da belle époque, à custa do esforço e trabalho de muitos trabalhadores anônimos que se quer participaram do luxo e ostentação vividos na cidade para aquele início de século. A verdade é que, enquanto poucos se deslumbravam e viviam na ilusão da Paris dos trópicos, os verdadeiros responsáveis pelo soerguimento desta cidade, viveram em péssimas condições de vida, com salários injustos, dominados por uma política de exclusão e opressão.

A Batalha da Borracha foi mais um desses planos que sentenciou inúmeros migrantes, deixando-os sem alternativa, ou vinham para a Amazônia lutar pela borracha ou seguiam para um confronto direto em campos de batalha na Europa. Era mais ou menos esse discurso que o governo central impôs a muitos homens, é claro que a grande maioria preferiu seguir para a Amazônia lutar como soldados da borracha.

Esses migrantes viveram uma realidade bastante diferente daquela apresentada pelo governo central, que revelava a imagem de uma região paradisíaca e promissora. Ao aportarem no porto de Manaus, esses agentes acabaram ficando na cidade porque já tinham ouvido falar das condições de trabalho nos seringais e preferiam fazer a vida na capital. Mas, muitos desses homens, enfrentaram uma vida de penúria na cidade, aumentando o número da população pobre de Manaus que em 1945, sofreu com o desemprego, a fome, falta de habitação, surtos epidêmicos e outras situações que os excluíram da sociedade.

CAPÍTULO 2

A CONDIÇÃO SOCIAL DE IMIGRANTES E A POLÍTICA VARGUISTA EM MANAUS.

2.1 – NACIONAIS E ESTRANGEIROS: FACES E PERFIS DOS IMIGRANTES.

No capítulo anterior refletimos sobre o desafiante trabalho do historiador ao tentar reconstituir ou recuperar a história de sujeitos sociais esquecidos no tempo, e lembramos o quanto é complexo tentar desvendar principalmente o passado de sujeitos relegados pela própria história⁹². O historiador, tomado pelo impulso de seus anseios e questionamentos do tempo presente, vai a busca de saber sobre as ações dos homens em determinado tempo e espaço - usando um termo pontuado por Bloch⁹³ “onde fareja carne humana sabe que ali está sua caça” - e segue os rastros farejando os mais diversos registros que encontra e que, de uma forma ou de outra, esteja nele indicando os resquícios das ações humana. Quando encontra os vestígios reveladores das experiências humanas, ele, o historiador, procura através de seus recursos científicos reconstituir e compreender a história dos homens no tempo.

Mesmo não sendo a reconstituição precisa da história de uma sociedade, vai pelo menos aproximar-se porque o historiador possui ferramentas essenciais materializadas em sua bagagem teórico-metodológica que vão lhe possibilitar adentrar no misterioso mundo de sujeitos sociais aprisionados em espaço e tempo determinado. A expressão aprisionados refere-se a uma abordagem historiográfica que até pouco tempo foi favorável apenas a uma parte da história humana, relativa aos homens ideais, políticos, reis e heróis negligenciando e deixando a margem outros homens essenciais para a história da humanidade.

Mas, os esforços e contribuições de historiadores preocupados em compreender a pluralidade humana, os homens e sua relação com o meio, possibilitou montar o

⁹² Aqui estamos nos referindo a história convencionalmente chamada de positivista que perdurou durante muito tempo, dando preferência para fatos estritamente políticos, exaltando figuras e personagens do poder.

⁹³ BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.53-5.

quebra-cabeça das experiências e relações sociais não só de políticos e reis, mas também do trabalhador, da mulher, do rico, do pobre, enfim, de outras categorias sociais antes negligenciadas. A partir desta pequena reflexão procuramos demonstrar o quanto é difícil reconstituir histórias de vidas - principalmente do homem comum - e para este trabalho não foi diferente. Pensar em uma história de imigrantes na cidade de Manaus, no período aqui proposto, é tentar recuperar parte da vida de homens e mulheres em toda sua dimensão, seja no cotidiano do trabalho ou em espaços que revelam seu modo de vida na cidade.

Os imigrantes que viveram em Manaus entre o período estudado, foram sujeitos sociais que, até algum tempo, não apareciam na historiografia referente. Não interessou a essa história as experiências de trabalhadores, imigrantes e outros segmentos sociais que não estivessem relacionados às ações e relações de grupos elitistas. Assim, os estudos referentes a meados da década de 20 a 45 do século passado, vão contemplar com maior relevância temas e questões relacionados a experiências político-econômicas onde grupos sociais minoritários não tinham vez e muito menos voz.

Os constantes conflitos de grupos políticos divergentes, bem como a situação da cidade frente a crise econômica que assolou a região, foram pontos de interesse para estudiosos daquele período. Estudos como os de Mário Ypiranga Monteiro, Arthur Cezar Ferreira Reis, são referências por representarem uma abordagem específica sobre a política e economia local. Em suas análises procuraram enfatizar a administração e política dos homens de governo apresentando apenas uma parte de um passado repleto de contradições sociais.

No entanto, outras dimensões sociais vêm ganhando espaço nos estudos historiográficos concernentes a Amazônia, isso graças aos recentes avanços da História Social nas últimas décadas. Assim, podemos observar o avanço e interesse por temas relacionados ao universo do homem comum, do trabalhador urbano que viveu em Manaus na virada do século XIX para o XX. Esses estudos procuraram perceber os segmentos a margem de uma cidade que se queria moderna, saber como eram suas vivências em um espaço que, por vezes, tentou segregá-los.

Nesse sentido, destacam-se os estudos de Maria Luiza Ugarte Pinheiro⁹⁴, com a análise de trabalhadores urbanos atentando para as condições de vida e as formas de resistências de sujeitos sociais que lutaram por maior participação política e contra as

⁹⁴ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A Cidade Sobre os Ombros**: trabalho e conflito no porto de Manaus, 1899-1925. Manaus: EDUA, 2001.

injustiças e descasos do poder local. Francisca Deusa⁹⁵, que trás para o centro das questões estudos sobre a situação de segmentos populares, apresentando uma realidade avessa aos requintes e luxos da Manaus moderna. E ainda o trabalho de Edneia Macarenhas⁹⁶, que se preocupou em trazer para o cenário histórico o outro lado do fausto, não muito citado pela historiografia sobre a época.

Na verdade, Manaus vivencia momentos distintos marcados, em um primeiro momento pelos excedentes econômicos derivados da borracha, pela modernização e riqueza, e outro subsequente, marcado pela crise que se alastrou em toda região no início do século XX. De fato a situação da capital do Amazonas tornou-se insustentável com a queda na produção da borracha. Entretanto, a população pobre foi quem mais saiu prejudicada, e se antes a vida já não era fácil, com a crise os problemas só pioraram. Entre os remanescentes da crise estavam trabalhadores, comerciantes e parte da população que dependiam da economia extrativa para sua sobrevivência e que passaram despercebidos das análises da elite intelectual da época.

A estimativa da população de Manaus entre as décadas de 1920 e 1930 representou um número de 75.704⁹⁷ mil pessoas vivendo na capital. Essa população constituía moradores locais e pessoas de outras regiões e países que por algum motivo imigraram para Manaus. Os imigrantes eram na grande maioria nacionais, com uma parcela significativa de estrangeiros, principalmente europeus.

Na tentativa de diminuir o número da população pobre que vivia na cidade o governo articulou a retirada dos imigrantes pagando passagens para que estes regressassem às suas terras⁹⁸, mas essa alternativa não surtiu muito efeito. Ao abordar o processo de povoamento e crescimento urbano de Manaus nos anos referentes a 1930-1940, Ligia Fonseca Heyer fala sobre a evasão de milhares de nordestinos. Essa saída brusca deveu-se principalmente pelas condições difíceis de vida na cidade por motivos derivados da falência no setor gumífero, uma vez que Manaus não possuía uma estrutura urbana adequada para atender tamanha população.

De fato, viver em Manaus por aqueles tempos, pelo menos para a população de imigrantes com menos recursos não foi fácil. Isso porque a cidade, sentindo o abalo da

⁹⁵ COSTA, Francisca Deusa Sena da. **Quando viver ameaça a ordem urbana**: trabalhadores urbanos em Manaus (1890-1915). Dissertação de Mestrado, São Paulo: PUC, 1997.

⁹⁶ DIAS, Ednéia Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto**: Manaus 1890-1920. Manaus, Editora Valer, 1999.

⁹⁷ HEYER, Ligia Fonseca. A evolução da mancha urbana de Manaus e as diferenciações microclimáticas. **Amazônia em Cadernos**, Manaus – nº 4, 1998. p.267.

⁹⁸ Idem, p.266.

crise, passou a sofrer com a carência de empregos, o custo e a falta dos alimentos de primeira necessidade, o encarecimento do setor imobiliário, a falta de recursos para manter alguns serviços públicos entre outros problemas, mostravam que a cidade não oferecia condições favoráveis para se viver. Francisca Deusa comentando sobre a crise e a consequência para alguns setores ressalta que:

Com a crise de 1912 muitas casas comerciais abriram falência e o desemprego aumentou, as notícias sobre os altos níveis de mendicância ocupavam os jornais. Esse quadro agravou ainda mais com o início da 1ª Guerra, resultando que em fins da primeira metade da década de 20 o mercado imobiliário sofreu uma baixa. A Associação dos Proprietários reclamava que, entre 1912 e 1913, cerca de 20 prédios foram vendidos pela terça parte de seu valor real⁹⁹.

Assim também Eloína Monteiro dos Santos destaca que no momento da crise “a vida urbana da capital se enfraquecia, porque os serviços urbanos nas mãos de companhias inglesas (transportes, abastecimento de água e luz elétrica) aumentaram suas taxas provocando denúncias e protesto da população através da imprensa”¹⁰⁰. Além disso, Manaus continuou enfrentando, aliado a instabilidade econômica, as inconstâncias entre grupos e facções políticas que desencadearam uma verdadeira guerra na disputa pelo poder.

Por um lado, a situação da cidade só ficou mais vulnerável porque os representantes políticos do governo municipal e estadual, não se preocuparam muito em promover ou investir em outros meios de produção capazes de suprir a deficiência no setor gumífero. O que se viu foi uma credibilidade insubstituível no setor extrativo. Acontece que os investimentos em torno da produção extrativa foi pensado como algo que dificilmente falharia, e sem um plano econômico de substituição da borracha no mercado consumidor, o Amazonas sentiu as durezas da crise e consigo parte da elite amazônica.

Frente a situação de derrocada, parte da elite local que dependia dos negócios da borracha foi empobrecendo sendo que as divergências entre os grupos e facções pela manipulação do poder se tornava frequente. Assim, podemos ver que no início da década de vinte, a disputa por cargos políticos em Manaus se intensificou, sendo que diferentes facções se constituíram e disputaram pela representação do governo. Como

⁹⁹ COSTA, Francisca Deusa da Sena. Op. Cit., p.146-147.

¹⁰⁰ SANTOS, Eloína Monteiro dos. Op. Cit., p. 34-35.

dissemos essas disputas muitas vezes foram realizadas em caráter de guerra pelos diferentes grupos políticos, assim:

A luta política configura-se como um debate entre o situacionismo e a facção política que estava fora do poder. A manifestação da oposição resumia-se a um grupo retrucar as afirmações do outro; denunciava-se a inoperância e a corrupção entre as facções. Tais reações eram mascaradas pela moralização política, sempre se atacando a situação e como esta exercia o poder, era por tudo responsabilizada¹⁰¹.

Os grupos que conseguiram ocupar o cargo de representante político em Manaus no período da crise, desenvolveram ações corruptas e intransigentes de total desinteresse pela questão do incremento da região amazônica, interessava a esses políticos apenas a sua perpetuação no poder e não o bem comum. Quando um determinado grupo político conseguia chegar ao governo se deparava com o caos nos cofres públicos, dívidas pesadas e na tentativa de amortecer a situação sempre recorriam ao governo central. Essa relação entre o Estado e o Governo Central foram, de certa forma mecanismos que:

(...) caracterizava a dimensão da complexidade das relações, fundadas em fatores tais como prestígio pessoal, influência junto às oligarquias dos Estados fortes, capacidades de ajustes e concessões partidárias. Tais fatores pesavam na forma como o Poder Central tentava equacionar os problemas políticos, a saber: a sucessão governamental, a valorização da borracha e a questão dos transportes¹⁰².

O governo federal chegou a elaborar alguns projetos e programas visando o soerguimento da região amazônica, mas diante da realidade nortista – por ser uma região fisicamente extensa e complexa - demonstrou descaso, pois seria muito oneroso aprovar recursos em benefício de tamanha região.

Diante das posições negativas junto ao centro, a elite política local não exitava em recorrer aos bancos estrangeiros pertencentes a Inglaterra e Estados Unidos. Foi o que aconteceu no governo de Rego Monteiro no início da década de vinte, quando este, não optando por outra solução, procurou ajuda junto aos Estados Unidos. A fim de sanar parte das dívidas contraídas em governos passados e ainda tentar pagar parte do funcionalismo em atraso, aquele governo requisitou empréstimos vultosos no valor de \$ 25.000.000¹⁰³ equivalente, na época, a duzentos e cinquenta mil contos de reis.

¹⁰¹ Idem, p.38.

¹⁰² Idem, p.39

¹⁰³ Mensagem do governador César do Rego Monteiro, de 14 de julho de 1923, dirigida à Assembléia Legislativa. p.42.

Os empréstimos custariam alto para a região, isso porque a empresa de representação norte americana, responsável pela negociação, impusera para cessão de créditos, algumas condições que poderia ser oneroso ao estado. Entre as condições ditas ao estado pelos norte americanos, estava a concessão de algumas terras para exploração de produtos como a borracha e a cana-de-açúcar. A negociação entre o Estado do Amazonas e os EUA, desagradou o poder central que interferiu num tom de desaprovação a ação de Rego Monteiro, pois o mesmo estaria pondo em jogo a questão da segurança nacional¹⁰⁴.

A preocupação da União pode ser observada através de um telegrama enviado ao governador do Amazonas em 11 de maio de 1922:

O Governo Federal acaba de saber por telegramma de Nova York que este Estado procura levantar alli um empréstimo fazendo extraordinárias concessões e garantias. O Sr. Presidente da República me ordena que peça a v.exa. a sua patriótica atenção para o perigo que resultara contra a nossa Pátria de taes concessões e da hypotheca de terras brasileiras embora pertencentes a um estado, tanto mais quanto uma parte dellas está situada em fronteiras e nestas a União tem domínio a uma faixa ainda não discriminada para a defeza nacional¹⁰⁵

Além das doações de terra, esse governo como tantos outros foi marcado pela corrupção e outras ações que desagradaram a população local tornando a administração impopular. Tantas insatisfações a administração de Rego Monteiro, desencadearão algumas reações contrárias identificadas pelo governo como, forças revolucionárias:

Vós não ignoreis que ao lado do governo legal desenvolvia-se uma força revolucionaria que se preparava para tomar de assalto o poder. Neste sentido ella esforçou-se por agitar as massas populares, infiltrando nellas as idéias subversivas e formando uma atmosfera de hostilidade contra o governo eleito. Contra estes foram assacados os mais pungentes insultos e inventados as lendas mais ridículas¹⁰⁶.

Podemos dizer que as reivindicações e insatisfações de populares contra seus governantes, tiveram efeito. Basta observarmos periódicos da época para termos uma vaga idéia sobre as condições de sobrevivência na cidade, não havia como emudecer diante de tantos problemas. Inúmeras famílias foram afetadas pela miséria e muitas chegaram ao estado de mendicância perecendo nas ruas e bairros pobres da cidade.

¹⁰⁴ LOUREIRO, Antonio José Souto. **Tempos de Esperança (1917-1945)**. Manaus: Ed. Sérgio Cardoso, 1944, p. 24.

¹⁰⁵ Idem, Mensagem de Governo de 1923, p.49.

¹⁰⁶ Mensagem do Governador do Estado do Amazonas, César do Rego Monteiro à Assembléia Legislativa, de 10 de julho de 1921, p. 17.

Um jornal da época noticiou o caso de uma família que, sem recursos, chegou ao estado limite de inanição:

É deverás angustiosa a situação de muitos infelizes que habitam nossa capital. Não há muitos dias plantamos, com côres viva, o estado de alguns flagellados que estavam morrendo a mingua, no galpão, salientando que outros já haviam succumbido no mais triste estado de abandono. E, hoje, temos a registrar outro facto não menos pangente e doloroso: é que, numa casa da avenida Olavo Bilac, onde residem com sua família o sr. Raymundo Abreu, falleceu de inanição uma filha desse infortunado velho, de nome Joanna, contando doze annos de idade.

O óbito occorreu no dia quatro e, somente no dia seis do corrente, foi que a policia, sabedora do facto, providenciou sobre o enterramento do cadáver, já em estado de decomposição. Esse acto de caridade não pude ser praticado pelo genitor da infeliz menina, porque, no dia em que se registrou o dia do seu fallecimento, o sr. Raymundo Abre e toda sua família se achavam atacados de febres e depauperados pela fome a ponto de não poder ergue-se do leito. Tão grave era a situação dessa família que, hontem, devido a generosidade de um cavalheiro, foram internados na Santa Casa o chefe e os filhos de nomes, Maria, Juvenal e João, ficando em casa os menores José e Pedro Abreu".¹⁰⁷

Pelas informações do jornal, essa família era de origem nordestina e como tantas outras, se encontravam em condições de extrema miséria, o responsável pela família, o Sr. Raimundo, estava desempregado e isso contribuiu para que a sobrevivência na cidade fosse mais difícil. Na verdade, emprego por aqueles tempos era escasso e mesmo os setores públicos estavam meses sem receber salários, o resultado, na maioria das vezes, era calamitoso como o que aconteceu no caso acima noticiado.

O próprio Rego Monteiro em mensagem supracitada expõe a situação do funcionalismo público e a dura realidade para tantos trabalhadores a beira da falência:

Funcionários que não recebem os seus vencimentos com pontualidade, não têm garantidos os seus meios de subsistência. Se o atraso nos pagamentos abrange um espaço de tempo superior a 12 mezes, esses funcionários passam a explorar a mendicância, pois que lhes falham por completo todos os recursos que lhes prometiam os empregos. É de seu interesse encaminharem-se para outros ramos de actividades onde seus esforços encontrem a necessária compensação¹⁰⁸.

As falas do governador apontam como solução, para sanar as dificuldades dos trabalhadores sem seus pagamentos, a procura e investida em outros ramos de atividades que possibilitassem uma renda digna. Acontece que, conseguir qualquer emprego nas condições em que se encontrava Manaus era difícil, principalmente para trabalhadores pouco habilitados em cargos públicos. Na verdade, a posição do governo

¹⁰⁷ *Jornal do Comércio*. Manaus, 8 de maio de 1920, nº 5.930

¹⁰⁸ Mensagem de Governo de 1921, p. 30-31.

ao tentar se justificar era de omissão frente a uma problemática que lhe cabia, pouco interessou a ele criar políticas públicas que favorecessem os trabalhadores e outras categorias afetadas pela crise. Ao contrário do que aconteceu em período anterior ao da crise, o universo do trabalho urbano retrocedeu, embora mesmo durante o “boom” houvesse reclamações com a falta de emprego, salários baixos e as péssimas condições de trabalho etc. Setores como o serviço burocrático e especializados diminuíram bastante deixando uma massa de trabalhadores desempregados.

Os serviços do comércio também não conseguiam atender um público alto de desempregados, muitos sem qualificação para determinados serviços, o que dificultava ainda mais o ingresso aos poucos serviços que restavam. Deste modo, para não cair no marasmo total do desemprego muitos imigrantes eram obrigados a buscar saída em trabalhos avulsos como forma de manter sua sobrevivência na cidade.

Assim, verificamos que alguns imigrantes exerciam atividades como, carroceiros, estivadores, ambulantes entre tantas noutras atividades que lhe possibilitasse uma renda. Os que não conseguiam algum emprego corriam o risco de viver a beira da mendicância sem perspectivas nem mesmo para viver. Essas e outras situações fizeram parte da vida de trabalhadores imigrantes que viveram na cidade de Manaus em períodos posteriores ao “boom” gumífero.

Então, como identificar esses homens e mulheres, como saber suas realidades em determinado espaço de tempo, que trabalho desenvolveram ou como forjaram sua sobrevivência na cidade? São questionamentos que, em parte, procuraremos responder a partir dos periódicos como o Jornal do Comércio e dos registros e relatórios do Hospital da Santa Casa de Misericórdia e da Beneficente Portuguesa.

Assim, a leitura dos registros de internações dos pacientes da Santa Casa e Beneficente Portuguesa, permitiu-nos verificar a procedência de pessoas que iam desde estrangeiros e nacionais não locais existentes na cidade. Os registros informam, além do diagnóstico de internação, pontos importantes referentes à moradia dos imigrantes em Manaus, bem como a profissão que exerciam e outras informações relatando o motivo da internação.

É sempre importante esclarecer sobre os hospitais pesquisados, principalmente a Santa Casa de Misericórdia que, enquanto instituição de atendimento médico-social foi influente junto à população desprovida de recursos que eram enviados a esta instituição. Para esta instituição foram mandados além dos doentes, pessoas com atestados de insanidade mental, indigentes, principalmente pessoas com pouco ou sem nenhum

recurso¹⁰⁹. Os registros do hospital apontam que, parte das pessoas internadas neste período era constituída por brasileiros, principalmente cearenses e paraenses, e entre os estrangeiros os portugueses eram a maioria.

Além dos livros de registros utilizamos também relatórios da Santa Casa e da Beneficente Portuguesa. Esses documentos foram importantes para visualizarmos os imigrantes, uma vez que, a Santa Casa não dispõe dos livros de registro para o período da década de XX. Os relatórios, de certa forma, supriram a ausência de informações referentes ao período em falta. As informações contidas nos relatórios foram importantes para visualizarmos a nacionalidade dos pacientes. Somente alguns relatórios não discriminam o país ou região a qual pertence o imigrante, apenas identificam os internos como nacionais e estrangeiros.

A partir das informações contidas nestes registros elaboramos algumas tabelas apresentadas a seguir, e que podem nos dar uma dimensão da diversidade de migrantes estrangeiros e nacionais que para cá vieram. As informações vão apontar que, além de cearenses¹¹⁰, Manaus comportou pessoas originadas de outras regiões e estas foram construindo seus espaços em uma cidade com pouca estrutura para acomodá-las. A generalização dessas pessoas como nordestinos ou simplesmente cearenses, de certa forma, encobre a identidade de grupos sociais distintos que viveram na cidade.

É bem verdade que muitos imigrantes já viviam na cidade desde os tempos áureos, quando Manaus desfrutou das benesses material da borracha. Os portugueses, entre outros, ficaram e resistiram¹¹¹, constituíram famílias e fizeram parte do quadro social de Manaus. Assim como os portugueses, muitos cearenses, pernambucanos, maranhenses permaneceram na cidade quando do declínio da produção elástica.

Abaixo elaboramos tabelas demonstrativas de alguns anos indicando os números dos imigrantes existentes em Manaus. Como uma das preocupações deste trabalho é a identificação dos imigrantes, ou seja, saber a procedência dessas pessoas, nos interessa ao constituirmos as tabelas demonstrar a presença dos imigrantes para além dos números. Assim, é válido ter o conhecimento da origem dos imigrantes, mas também compreender como viviam aqui.

¹⁰⁹ Sobre estas instituições, discutiremos sua função e relevância no terceiro capítulo desta Dissertação em item específico.

¹¹⁰ Apesar do número de cearenses ser maior na composição dos imigrantes nacionais existentes na cidade, há também a presença de pernambucanos, rio grandense do norte, maranhense, mineiros, cariocas entre outros.

¹¹¹ ARAÚJO, André Vidal de. **Sociologia de Manaus**. Op. cit., p. 123.

TABELA 1
IMIGRANTES NO HOSPITAL DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA

Dados de 1921								
Pensionistas				Indigentes				Total
Nacionais		Estrangeiros		Nacionais		Estrangeiros		
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
96	52	148	39	1128	505	227	55	2250
Dados de 1922								
Pensionistas				Indigentes				Total
Nacionais		Estrangeiros		Nacionais		Estrangeiros		
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
185	42	180	46	949	428	164	48	2042
Dados de 1926								
Pensionistas				Indigentes				Total
Nacionais		Estrangeiros		Nacionais		Estrangeiros		
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
401	131	65	43	896	385	70	22	2113
TOTAL GERAL								6405

Fonte: Relatórios da Santa Casa

A tabela acima apresenta a totalidade dos períodos de 1921, 1922 e 1926, somatizando o número de pessoas que existiram no hospital naqueles períodos. Os pacientes divididos entre pensionistas e indigentes estão discriminados como nacionais e estrangeiros entre homens e mulheres¹¹². No que concerne ao quesito indigência, era considerado indigente todo indivíduo pobre, trabalhador ou não. Segundo João Bosco Botelho, *as Santas Casas mantiveram diferenciadas a atenção médica prestada aos ricos e pobres*, os indigentes eram pessoas com pouco recursos e assalariados que ficavam internados nas enfermarias designadas aos indigentes¹¹³.

Os indigentes internados na Santa Casa, ao contrário do que se imagina, não eram pessoas sem empregos, miseráveis criaturas a vagar sem rumo nas ruas da cidade. Na verdade, as informações retiradas dos livros mostram que essas pessoas eram a maioria trabalhadores e exerciam profissões distintas. Portanto, aqui não cabe a idéia única de indigentes enquanto pessoas desprovidas de qualquer meio, mas homens e

¹¹² É bom esclarecer que, dos relatórios pesquisados por nós, apenas os da Santa Casa de Misericórdia possuem o item destacando os itens indigentes e pensionistas, referente a 1921, 1922 e 1926.

¹¹³ BOTELHO, João Bosco. Op. cit.

mulheres possuidores de uma história de trabalho e luta, muitas vezes estigmatizados como indigentes e/ou mendigos.

Os pensionistas eram todas as pessoas que dispusessem dos seguintes requisitos: *ser maior, ter meios de descende e segura subsistência, ter bôa conducta moral e civil, notoriamente conhecida*.¹¹⁴

Os associados ou pensionistas contribuía com determinado valor estipulado no estatuto¹¹⁵ do hospital e por isso recebiam um atendimento diferenciado, dispo de das melhores instalações e um serviço completo para o conforto do interno. Alguns trabalhadores eram internados como pensionistas e custeados pela empresa onde trabalhavam. Na maioria das vezes, o internamento dos trabalhadores se dava devido a algum acidente no trabalho, ficando por conta da empresa os custos e a estada do trabalhador no recinto da Santa Casa. Segundo o estatuto do hospital, apenas os homens podiam ser sócios, as senhoras casadas tornar-se-iam sócias se recebessem a autorização ou consentimento do marido. Quanto aos indigentes, eram acomodados em espaços coletivos sem maiores regalias.

Podemos notar que a tabela não especifica a origem desses homens e mulheres, mas diferencia os imigrantes entre nacionais e estrangeiros. Os indigentes estrangeiros são em número maior que os pensionistas e o número de homens internados é superior às mulheres. Pesquisando o *Jornal do Comércio* conferimos informações que demonstram a nacionalidade de estrangeiros indigentes, uma vez que este jornal possuía uma coluna de notícias sobre ocorrências policiais e ainda informava alguns casos de internação de indigentes no hospital da Santa Casa. Assim, o jornal expôs em suas páginas a internação de dois imigrantes que deram “ *Deu entrada ontem na Santa Casa, o marítimo Mário Fidel, barbadiano de 22 annos de idade, com ferimentos na cabeça. A policia informou que o homem foi ferido pelo seu parceiro Luis Costa em frente ao Café Suíço*”¹¹⁶.

¹¹⁴ Estatuto da Santa Casa de Misericórdia referente ao ano de 1926.

¹¹⁵ O estatuto estabelecia quatro categorias ou classe de sócios: os honorários, pessoas que durante cinco anos fossem prestadores de serviços relevantes a Associação, os beneméritos, sócios que colaborassem com o donativo de cinco contos de réis, os sócios benfeitores, eram aqueles que colaboravam com a quantia de dez contos de réis e o sócio correspondente, aqueles que mesmo em outro estado ou país se interessassem pelo engrandecimento da instituição.

¹¹⁶ *Jornal do Comércio*. Manaus nº 5628, de 2 de janeiro de 1920.

Outra nota dizia que “foi enviado para o hospital da Santa Casa o embarcaçõ Delair Clemente, barbadiano, morador da Villa Operária, à Rua Vinte Quatro de Maio”¹¹⁷.

A Tabela 2, adiante, apresenta o número de imigrantes identificados nos relatórios da Sociedade Beneficente Portuguesa referente aos anos de 1921, 1927 e 1928 e diferentemente da primeira, aponta apenas a nacionalidade de imigrantes estrangeiros. E nesta tabela não estão discriminados os números de indigentes. Podemos presumir, tomando como referência as informações contidas nesta tabela que a nacionalidade dos estrangeiros da primeira tabela não diverge muito desta em relação a procedência. Portanto, deduzimos que na primeira tabela, oriunda das informações dos relatórios da Santa Casa, os estrangeiros no geral, possuem praticamente a mesma nacionalidade que os imigrantes informados nesta referente a Beneficente Portuguesa.

Já as Tabelas 3 e 4, adiante, apresentam os imigrantes nacionais em Manaus de 1935 a 1945. As leituras delas nos indicam a origem desses imigrantes. Numa visão geral sobre as informações contidas nas tabelas podemos ver que, entre os imigrantes nacionais, os cearenses são superiores aos de outros estados e que, entre os estrangeiros, os portugueses se sobressaem. São pessoas de diferentes lugares que fincaram suas raízes na cidade e experimentaram diferentes modos de vida contribuindo direta e indiretamente para diversidade sócio-cultural de Manaus.

O motivo ou a razão que trouxeram essas pessoas para a Amazônia são distintos. Dois períodos se destacam como momento da entrada de contingentes populacionais na Amazônia. No final do século XIX, por exemplo, chegaram a Amazônia milhares de pessoas vindas de várias partes do nordeste principalmente e vieram não só pelo interesse em desfrutar o trabalho extrativo, mas, sobretudo fugidos da grande seca que assolava aquela parte do Brasil. Além dos nordestinos, vieram também estrangeiros principalmente europeus que, sonhando com enriquecimento fácil aportaram na Amazônia. O outro momento é na década de 1940, com o advento da Segunda Guerra e a campanha pela borracha.

¹¹⁷ *Jornal do Comércio*. Manaus, novembro de 1922 nº 6.635.

TABELA 2: IMIGRANTES NO HOSPITAL BENEFICENTE PORTUGUESA

Dados de 1921	
Portugal	318
Brasileiros	114
Outras Nac.	69
TOTAL	501
Dados de 1927	
Brasileiros	294
Portugueses	392
Sírios	20
Peruanos	14
Italianos	12
Espanhóis	11
Alemães	5
Colombianos	5
Venezuelanos	5
Bolivianos	4
Russos	1
Inglese	1
USA	1
Franceses	1
Chineses	1
TOTAL	767
Dados de 1928	
Brasileiros	299
Portugueses	380
Sírios	20
Peruanos	3
Italianos	19
Espanhóis	22
Alemães	5
Colombianos	6
Venezuelanos	10
Bolivianos	2
Russos	2
Inglese	1
Turcos	1
TOTAL	770
TOTAL GERAL	2038

Fonte: Relatórios da Beneficente Portuguesa.

TABELA 3 IMIGRANTES NACIONAIS

Regiões	1935-9	1941-5
Alagoas	57	40
Pará	290	314
Acre	100	169
Ceará	568	689
R. G. do Norte	123	193
Pernambuco	89	95
Piauí	67	21
Maranhão	76	70
Rio de Janeiro	33	35
Sergipe	55	13
Paráiba	100	209
Bahia	24	20
Goiás	11	2
Mato Grosso	9	13
Minas Gerais	9	8
Espírito Santo	5	4
Rio Grande do Sul	4	2
São Paulo	9	7
Santa Catarina	1	
Distrito Federal		2
TOTAL	1630	1906

Fonte: Livro de Registro da Santa Casa

TABELA 4 IMIGRANTES ESTRANGEIROS

Países	1935-9	1941-5
Alemães	5	2
Barbadianos	1	2
Belgas	1	1
Bolivianos	8	3
Colombianos	19	3
Espanhóis	47	26
Franceses	3	4
Inglese	1	4
Italianos	28	14
Portugueses	509	86
Polonês		1
Peruanos	42	14
Sírios	15	11
Venezuelanos		2
TOTAL	679	173

Fonte: Livro de Registro da Santa Casa

Para o período equivalente a década de 1940, Sebastião Antônio Ferrarini destaca três pontos fundamentais para entrada de imigrantes no Norte. O primeiro foi a Segunda Guerra, pois o governo de Vargas estimulou a vinda de nordestinos para atender a demanda bélica e abastecer o mercado interno. O segundo foi a obrigação, muitos foram obrigados a partir para Amazônia Ocidental, caso contrário teriam de ir para os campos da Europa. O terceiro ponto seria a simples aventura, dinheiro e vida fácil na região¹¹⁸.

Na página seguinte veremos um exemplo de ficha onde estão dispostos aleatoriamente alguns dos imigrantes que conseguimos identificar na Santa Casa.

Na análise dos dados contidos nas tabelas elaboradas a partir das informações da Santa Casa constam que, a maioria dos imigrantes identificados são trabalhadores pobres e foram internados como indigentes¹¹⁹. Além destes dados, podemos observar nas fichas que elaboramos algumas informações relevantes destacando principalmente as seguintes profissões: agricultor, jornaleiro, estivador, seringueiro, vendedor ambulante, carvoeiro, catraieiro, pedreiro, sapateiro, operário, engraxador, foguista, carpinteiro, carregador, alfaiate, balateiro, barbeiro, capataz, chofer, cozinheiro, servente, mecânico, serralheiro, leiteiro, maquinista, padeiro, embarcadiço, caixeiro, fruteiro, ferreiro, pescador, padeiro, vigia, entre outros.

A título de exemplo podemos destacar trabalhadores como: Pedro Barbosa da Silva que foi internado na Santa Casa de Misericórdia. Pedro era pernambucano de 43 anos de idade, morou no Girau, era casado e trabalhava como estivador na cidade. Sua internação foi motivada por uma contusão no tórax, as informações não acusam se foi um acidente no trabalho, mas pelas características de sua profissão tudo indica que sim.

¹¹⁸ FERRARINI, Sebastião Antônio. **Transertanismo**: Sofrimento e miséria do nordestino na Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 44.

¹¹⁹ Dos 1.630 imigrantes computados entre o período de 1935-9, 1.086 foram internados como indigentes, e dos 1.906, 1.141 para o período de 1941-5.

Ficha 01 – Imigrantes na Santa Casa – Ano de 1935

Nacionalidade	Sexo	Idade	E. civil	Profissão	Diagnóstico	Quadro	Moradia
Portugal	M	73	viúvo	jornaleiro	Impetijo	indigente	São José do Amatary
Bolívia	F	45	casada	doméstica	Grippe	indigente	E. do Educandos
Espanha	M	24	solteiro	marítimo	Blenorragia	2º classe	Vapor Mil
Inglaterra	M	32	solteiro	marítimo	Blenorragia	2º classe	Vapor Mil
Pará	M	24	solteiro	jornaleiro	Syphiles	indigente	Av. J. Coelho
Pará	F	26	casada	doméstica	Adenite	indigente	R. Monsenhor Coutinho
Ceará	M	29	-----	-----	Archite	3º classe	Quartel dos Bombeiros
Ceará	M	55	solteiro	agricultor	Hemorroidea	indigente	Paredão
Ceará	M	36	casado	seringueiro	Seclusão pupilar	indigente	Rio Juruá
Pará	F	22	solteira	doméstica	Parto natural	indigente	Av. J. Coelho
Pará	M	26	solteiro	marinheiro	Ferimento na perna	2º classe	Vapor Victória
Acre	F	23	solteira	doméstica	Grippe	indigente	Acre
Acre	F	24	casada	doméstica	Phymatose	indigente	Alto Purus
Acre	M	23	-----	-----	Bronquite	indigente	-----
Rio de Janeiro	M	48	-----	pedreiro	Paludismo	indigente	R. Lauro Cavalcante
Pará	M	51	casado	lavrador	Verminose	indigente	Paraná da Eva
Bahia	M	45	casado	-----	Disenteria	indigente	Matinha
Mato Grosso	M	58	solteiro	carpinteiro	Catarata	indigente	Educandos
R.G. do Norte	M	39	solteiro	-----	Contusão no tórax	2º classe	R. Emílio Moreira
Acre	M	85	solteiro	Leiteiro	Contusão	indigente	R. Rocha dos Santos
Portugal	F	26	casada	doméstica	Parto natural	indigente	Av. Ayrão
Portugal	M	49	solteiro	padeiro	Dyspepcia	indigente	Padaria Modela
Portugal	M	46	solteiro	operário	Tuberculose	2º classe	Villa Municipal
Espanha	F	52	solteira	doméstica	Grippe	indigente	Rua Bitencourt
Espanha	F	46	casada	doméstica	Varizes	2º classe	Beco do Comércio
Espanha	M	61	viúvo	cozinheiro	Endene renal	2º classe	R. dos Andradas
Pernambuco	M	55	solteiro	seringueiro	Impaludismo	indigente	Rio Javary
Pará	M	26	solteiro	taifeiro	Hepatite	2º classe	R. Miranda Leão
Pará	F	20	solteira	doméstica	Grippe	indigente	Av. Epaminondas
Paraíba	M	40	solteiro	seringueiro	Syphiles	indigente	Coary
Piauí	M	36	solteiro	agricultor	Blenorragia	indigente	Estrada do Aleixo
Ceará	M	60	viúvo	agricultor	Paludismo	indigente	Cachoeirinha
Ceará	M	40	Viúvo	agricultor	Cyrose	indigente	Porto Velho
Ceará	F	90	solteira	doméstica	Contusão na perna	indigente	Galpão
Portugal	M	67	viúvo	pedreiro	Ulcera	2º classe	Eduardo Ribeiro
Itália	M	49	casado	maquinista	Ferimento na mão	indigente	Ponta do Ismael
Pernambuco	M	34	casado	-----	Paludismo	3º classe	Educandos
Ceará	F	57	casada	doméstica	Disenteria	indigente	Sete de Setembro
Ceará	M	50	casado	comércio	Paludismo agudo	1º classe	São Raimundo
Bahia	M	34	casado	estivador	Contusão no pé	indigente	São Raimundo
Ceará	M	45	casado	jornaleiro	Verminose	2º classe	Av. Maués
Ceará	M	32	solteiro	-----	Grippe	indigente	E. de Constantinópolis
Paraíba	M	35	casado	-----	Abscesso no tórax	3º classe	Av. Codajás
Romênia	F	29	casada	doméstica	Paludismo	indigente	Aleixo
Romênia	M	11	-----	-----	Paludismo	indigente	Aleixo
Romênia	M	7	-----	-----	Paludismo	indigente	Aleixo
Romênia	M	10	-----	-----	Paludismo	indigente	Aleixo
Ceará	M	59	solteiro	jornaleiro	Erysipela	indigente	Rua Maceió
R.G. do Norte	F	40	casada	doméstica	Paludismo	2º classe	Lauro Cavalcante
Paraíba	M	46	casado	agricultor	Artrite	2º classe	Estrada do Aleixo

Minas Gerais	M	33	solteiro	em. público	Inf. ganocócica	2º classe	Praça Pedro Segundo
Pará	M	48	casado	lavrador	Paludismo	indigente	Educandos
Ceará	M	39	casado	estivador	Antráx	indigente	Tapajós
Pará	M	28	casado	lavrador	Polineurite	2º classe	R. V. de Porto Alegre
Ceará	M	27	solteiro	-----	Infecção nasal	1º classe	R. Saldanha Marinho
Ceará	M	31	solteiro	catraieiro	Ulcera	indigente	R. Demétrio Ribeiro
Ceará	F	20	solteira	doméstica	Ulcera	indigente	R. dos Andradas
Sergipe	F	64	solteira	doméstica	Reumatismo	indigente	Joaquim Nabuco
Ceará	M	48	casado	jornaleiro	Impaludismo	indigente	Estrada do Aleixo
Ceará	M	29	solteiro	motorista	Impaludismo	2º classe	Estrada do Aleixo
Ceará	F	52	Viúva	doméstica	Paludismo	indigente	Ferreira Pena
Espanha	F	52	solteira	doméstica	Infec. no esôfago	2º classe	Bitencourt
Pará	M	31	solteiro	-----	Paludismo	3º classe	Constantinópolis
Acre	F	-----	casada	doméstica	Parto natural	indigente	Xavier de Mendonça
Alagoas	M	42	solteiro	marceneiro	Nephrite	3º classe	Constantinópolis
Piauí	M	35	casado	-----	Hepatite palustre	indigente	Cachoeirinha
Ceará	F	35	Casada	doméstica	Parto natural	2º classe	Joaquim Nabuco
Ceará	M	31	casado	-----	Hepatite palustre	2º classe	R. Dr. Machado
Ceará	F	99	viúva	doméstica	Arteiosclerose	2º classe	R. Barroso
R.G. do Norte	F	36	solteira	doméstica	Catarata	indigente	Luiz Antony
Pará	M	35	solteiro	lavrador	Paludismo	indigente	Asylo de Mendicidade
Pernambuco	M	39	solteiro	-----	Tuberculose	indigente	-----
Maranhão	M	57	casado	-----	Antrax	indigente	Asylo de Mendicidade
Síria	M	21	-----	-----	Adenite	indigente	Asylo de Medicidade
Síria	M	52	solteiro	comércio	Fístula	indigente	Esquadrão
Ceará	F	52	viúva	doméstica	Erisiphela	2º classe	R. São Vicente
Ceará	M	40	solteiro	lavrador	Cyrose	indigente	R. Porto Velho
Paraíba	M	39	solteiro	estivador	Grippe	3º classe	R. C. Mariano
Acre	F	21	casada	doméstica	Parto natural	indigente	R. Leonardo Malcher

Fonte: Elaborado pela Autora

Outro com suspeitas de acidente no trabalho foi o barbadiano Jorge Hilton Stuart que também exercia a profissão de estivador, tinha 45 anos era casado e residia no Pico das Águas. Jorge foi internado por ter a mão direita esmagada, ambos os casos de internação podem estar ligados, como dissemos, a acidentes ocorrido no trabalho o que era muito comum em atividades portuárias¹²⁰. Maria Luiza Ugarte Pinheiro falando sobre as condições de trabalho dessa categoria comenta:

As agruras dos estivadores estavam também ligadas aos constantes acidentes que ocorriam no espaço do trabalho. Esses acidentes decorriam, em grande medida, da precariedade das instalações, da falta de qualificação para o manuseio de equipamentos mecânicos, da utilização do trabalho do menor, da pressão exercida pelos capatazes para o cumprimento das atividades num curto espaço de tempo, do excesso de carga a ser transportada por número pequeno de

¹²⁰ Notas dos Livros de Registro do ano de 1937 e 1945.

trabalhadores e do resgate causado pela longa jornada de trabalho (10 a 12 horas), acrescida dos serões noturnos e do prolongamento do trabalho nos domingos e feriados¹²¹.

Como podemos ver inúmeros fatores estavam arrolados aos acidentes que ocorriam nas áreas de trabalhos de categorias como a dos estivadores. A situação tornava-se mais dramática pela ausência de auxílios por parte das companhias em que estes trabalhadores estavam empregados. Ainda Pinheiro afirma que essa situação causava indignação entre os trabalhadores e a imprensa, que via nessa atitude descaso e desumanidade para com o empregado que “morre no cumprimento do seu dever”¹²².

Havia ainda, nas informações dos registros de internação, imigrantes que trabalhavam em outros setores de serviços como: funcionário público ou municipal, comerciante, guarda-civil, militar, eletricitista, advogado, alfaiate, artista, bombeiro, professor, tipógrafo, gráfico, enfermeiro. A partir dessas informações dos registros, analisamos a situação de dois trabalhadores. Um deles o Maranhense Francisco Ferreira Nunes, de 26 anos que morou na Rua Miranda Leão, trabalhava como funcionário público e foi internado por contrair o paludismo¹²³.

Identificamos ainda o alemão Werner Sheir de 32 anos que vivia na Vila Municipal, em Manaus trabalhava no setor do comércio. As informações indicam que Werner não possuía parentes na cidade era solteiro e procurou a Santa Casa por ter contraído tuberculose¹²⁴. Aqui convém tecer algumas explicações em torno do trabalho no comércio. Nos registros de internação constam trabalhadores internados como comerciários, comerciantes ou simplesmente, como no caso de Werner, indicando trabalhar no setor do comércio. Na verdade, todas essas designações estão relacionadas ao comércio, a diferença é que o comerciante era a pessoa responsável pelo comércio e o comerciário desempenhava a função de empregado do comércio que trabalhava em uma instância comercial.

No caso de Werner, segundo informações observadas no livro, trabalhava como balconista de um comércio na cidade e teve de se ausentar porque ficou doente, permaneceu apenas três dias na Santa Casa depois foi transferido para o hospital São Sebastião. Os trabalhadores imigrantes geralmente davam entrada no hospital por algum

¹²¹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Op. Cit., p 78.

¹²² Idem, p.80.

¹²³ O paludismo é uma infecção parasitária transmitidas por mosquitos e potencialmente mortal, é mais incidente em regiões tropicais e subtropicais.

¹²⁴ Notas do Livro de registro da Santa Casa de Misericórdia de 1935.

acidente ou quando estavam acometidos por enfermidades como: o paludismo, tuberculose, arteriosclerose, reumatismo, gripe, hepatite, doenças sexualmente transmissíveis entre outras moléstias.

As pessoas com poucos recursos estavam mais propensas a contrair doenças, pois sem dinheiro para se tratar tornavam-se alvos fáceis de infecções como o paludismo, embora a infecção atingisse todos os grupos sociais quando dos surtos epidêmicos. O paludismo ou impaludismo, maleita, malária, na época preocupava pelas fortes incidências, muitos foram a óbito por causa da enfermidade. De 1922 a 1943, foram observados 7.871 casos de óbitos por paludismo, sendo que em 1942 houve um surto palúdico intenso¹²⁵ na cidade.

A doença se proliferou na Amazônia devido às condições favoráveis ao desenvolvimento do parasita. Djalma Batista em seu livro “O Paludismo na Amazônia” conferiu o problema do paludismo na região devido os seguintes fatores: geográficos, sociais, sanitários, protozoológicos, entomológico, clínico e, sobretudo humano. O autor afirmou ainda que *“a vazante e a enchente dos rios, condicionados ao regime da estiagem e da pluviosidade, marcando as duas estações conhecidas – inverno e verão – regulam a maior ou menor proliferação do anophelis”*¹²⁶. Portanto, no fim do inverno e início do verão a região ficava mais propícia a incidência do paludismo.

As medidas de prevenção contra a epidemia palúdica amenizavam os surtos, mas não eram suficiente para deter a doença que em períodos determinados se alastrava na cidade, sobre algumas medidas Djalma afirma: *“há sete ou oito anos que o serviço de malária iniciou em Manaus a retificação dos igarapés a leste da cidade, com desmatamento, estanqueamento, etc. E os números demonstram que não diminuiu a mortalidade”*¹²⁷.

Apesar de enfermidades como a tuberculose, lepra e outras doenças presentes na cidade, o paludismo se apresentou como a enfermidade de maior incidência e causa de mortes. Essas moléstias se alastravam entre os moradores pobres, principais vítimas que viviam em uma cidade com serviços sanitários defasados, alimentação escassa e cara, sendo que a população desassistida ficava mais vulnerável a moléstias oportunistas. Os

¹²⁵ BATISTA, Djalma. **O Paludismo na Amazônia**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946, p. 21.

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ Idem, p.190.

moradores muitas vezes se dirigiram ao Jornal do Comércio para prestar queixas sobre alguns problemas nos serviços urbanos da cidade.

Em uma nota do jornal, na coluna “*Queixas do Povo*”, podemos observar a apreensão dos moradores com a deficiência na distribuição de água na cidade, o que mostra as condições de precariedade na condução de determinados serviços urbanos:

Solicitam-nos alguns moradores da rua Major Gabriel que chamemos a atenção da repartição competente para a quase absoluta falta d’água que se verifica actualmente allí obrigando-os a soffrerem os vexames que a falta do líquido determina para as mais extremas necessidades¹²⁸.

Não só a falta de água atormentava a vida da população, mas o saneamento precário, a carência e o encarecimento dos alimentos de primeira necessidade tornava a população mais vulnerável. Diante de tal situação não havia como manter uma saúde estável, pois sem condições propicias as moléstias tendiam a se proliferar. As DST’s (doenças sexualmente transmissíveis) também foram fatores de internação de alguns imigrantes principalmente os homens. Os trabalhadores eram os que mais apresentavam infecções como a sífilis e gonorréia, por vezes foram registrados no hospital acometidos por essas doenças.

A maioria desses homens desempenhavam suas funções nas áreas do centro, local onde o contato com pontos de prostituição era uma realidade entre os trabalhadores. Entre a categoria de trabalhadores que apresentavam maior número de infecção venérea estavam principalmente os portuários, marítimos, estivadores, foguistas, mas também jornaleiros, militares, entre outros. Assim, observamos o caso de dois homens, um deles o português José Chaves de 35 anos, era casado trabalhava como foguista e residia a rua Wapes em Manaus. No registro de internação de José consta a infecção por sífilis. Outro homem foi o sergipano João Pereira de 31 anos, jornaleiro, morou na rua Miranda Leão e foi internado por estar acometido pela gonorréia.

Provavelmente esses homens, como dito acima, tenham contraído as doenças por suas andanças em recintos de prostituição onde o sexo fácil era uma das diversões entre os trabalhadores e o risco de contágio de doenças era maior. Sobre a prostituição presente na vida dos trabalhadores, Pinheiro destaca que:

Não por acaso ela generalizou-se e enraizou-se no entorno da zona portuária, numa proximidade nada casual que evidencia, mais do que um envolvimento contínuo, uma cumplicidade entre essas atividades, sendo,

¹²⁸ *Jornal do Comércio*. Manaus, 18 de outubro de 1935, nº 10.692.

inclusive, essa associação bastante corrente não só no imaginário popular como também no de segmentos sociais mais favorecidos e cultos(...) a prostituição na zona portuária preocupava os médicos sanitaristas que viam crescer na cidade, e em especial naquela área, o aumento de doenças sexualmente transmissíveis¹²⁹.

Mas, observamos ainda que, para além de sua própria infecção, esses homens acabavam transmitindo as doenças para suas esposas. Nesse caso, o que nos leva a tal dedução é o registro de internamento de mulheres casadas infectadas por sífilis.

Entre alguns casos, observamos dois, o da acreana Maria de Nazareth de 22 anos, casada morava no bairro de São Raimundo, sendo o motivo de sua internação a infecção por sífilis. E Maria Augusta Alves, natural do Ceará, 29 anos morou na Rua Silva Ramos também era casada e em sua internação consta o diagnóstico da sífilis. Provavelmente essas mulheres foram contaminadas pelos próprios maridos o que não era de se estranhar em uma sociedade machista a promiscuidade entre homens casados era freqüente. De certa forma, o envolvimento daqueles com prostitutas não deixava de passar por um entendimento que Margareth Rago, citando o diagnóstico de um médico em 1929, referente ao envolvimento de homens casados com prostitutas, comenta: *Como declarava o Dr, Olavarrieta, os maridos acreditavam erroneamente que as práticas de prazer sexual só poderiam ser realizadas com suas amigas, amantes ou prostitutas, já que respeitavam religiosamente suas esposas*¹³⁰.

As esposas passavam então a conviver não só com as traições, mas das possíveis moléstias que provavelmente seus maridos adquiriam quando do contato com as prostitutas. Mas, para além das doenças, as mulheres imigrantes, como tantas outras, aparecem registradas como domésticas, mulheres que cuidam da casa, donas do lar. Porém, observamos o registro de algumas que exerciam outras atividades, e entre as mais freqüentes estão: cozinheira, copeira, costureira e lavadeira. É bom saber que, a condição social da maioria das mulheres ainda estava restrita ao espaço do lar, embora as mais necessitadas ocupassem outros espaços para além do lar – nas ruas da cidade – exercendo pequenos trabalhos, muitas vezes para contribuir na renda familiar.

Na Tese *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*, em capítulo específico sobre a mulher no periodismo, a historiadora Maria Luiza Ugarte Pinheiro observou que, para às senhoras de segmentos endinheirados as restrições à mobilidade era tratada com maior rigor. E que as mulheres com menos recursos

¹²⁹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Op. Cit., p. 62-64.

¹³⁰ RAGO, Margareth. Amores Lícitos e Ilícitos na Modernidade Paulistana ou no Bordel de Madame Pomméry. In: **Teoria & Pesquisa** 47, jul/dez de 2005, p. 111.

mostravam ter maior mobilidade nos espaços citadinos, embora não estivessem isentas de outras formas de controle¹³¹. Em uma cidade com poucas oportunidades, o improvável de certas atividades requeria muitas vezes a exposição em locais que, para elas era considerado inconveniente, expondo-as a todo tipo de preconceito, nesses espaços às senhoras das classes dominantes quase não apareciam. Assim, havia uma certa “liberdade” entre as mulheres do segmento empobrecido no que diz respeito a presença em espaços públicos onde desenvolviam suas atividades como, vendedoras ambulantes, doceiras, cozinheiras entre outras funções.

As informações dos registros da Santa Casa nos possibilitaram observar mulheres trabalhadoras como a imigrante Luisa Ribeiro, acreana de 28 anos. Em Manaus morou no bairro São Raimundo era solteira e trabalhava vendendo doces, no livro está registrada como doceira. Luisa foi internada como indigente e o diagnóstico de sua internação informa complicações reumáticas. Outra mulher era Maria de Lima Beserra de 37 anos, solteira natural do Rio Grande do Norte. Maria também foi internada como indigente, no registro consta que morava no bairro dos Bilhares e trabalhava como cozinheira, consta o motivo de sua internação por infecções palúdicas. E assim também identificamos a italiana Maria Madalena Pagani de 77 anos, viúva exercia função de cozinheira, mas parou por complicações da idade, contraiu hepatite palustre proveniente do paludismo a principal causa de sua internação no hospital¹³².

Podemos observar que às mulheres acima relacionadas, não possuíam maridos, as duas primeiras eram solteiras e a última viúva e todas, de certa forma, eram responsáveis pelo seu próprio sustento. Longe de ter sido apenas uma realidade local, esses fatos foram percebidos em outras cidades e em tempos remotos. Maria Odila Leite da Silva Dias, por exemplo, em *Cotidiano e Poder em São Paulo do século XIX*, analisou as mulheres pobres que trabalhavam nos espaços públicos, as lavadeiras, ambulantes, roceiras e observou que algumas delas eram mulheres sós, de maridos ausentes. Essas mulheres eram o sustentáculo de suas famílias, desempenhavam um papel social que na sociedade era restrito ao homem, o de chefe de família.

Assim, a autora, através de uma amostragem, consegue visualizar o fenômeno de fogos chefiados por mulheres sós destacando que, *o fenômeno era comum à cidade como um todo; caracterizando-se pelo predomínio de mulheres mais velhas, chefes de*

¹³¹ PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. **Folhas do Norte**: letramento e periodismo no Amazonas. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC, 2001, p. 218-219.

¹³² Notas do Livro de registro da Santa Casa de Misericórdia de 1943.

*famílias viúvas e sobretudo solteiras*¹³³. Entre as justificativas para a ausência dos homens estava principalmente o fato de seu deslocamento ou recrutamento para servir no exército, ou ainda a presença intermitente que os condenava o trato mercantil¹³⁴. Diante de tal situação, essas mulheres acabavam tomando a frente o papel de sustentáculo da família e ainda corriam o risco de serem discriminadas e repreendidas pelas autoridades.

Podemos ver ainda em Sidney Chalhoub, *Trabalho, Lar e Botequim*, a situação de algumas mulheres trabalhadoras no Rio de Janeiro no final do século XIX, onde o autor, falando sobre a situação dessas mulheres, afirma:

O trabalho remunerado da mulher pobre, portanto, era, em geral, uma extensão das suas funções domésticas, sendo realizado dentro de sua própria casa ou na casa da família que a empregava. Sendo assim, era muito fácil para essas mulheres arrumarem uma colocação como lavadeiras, cozinheiras, engomadeiras etc. Muitas ainda se dedicavam a fazer salgadinhos em casa, indo depois para as ruas vende-los junto com os filhos mais crescidos¹³⁵.

De certo, essas mulheres possuíam uma relativa “liberdade” para desempenharem suas funções, mas faziam isso não por opção e sim pelas condições em que se encontravam, muitas com filhos pequenos para cuidar às vezes sem o marido, tinham que tomar a frente no trabalho. No caso das mulheres imigrantes, solteiras e viúvas identificadas nos registros da Santa Casa, a maioria eram pobres conseguiam trabalhos como, copeiras, lavadeiras, cozinheira e doceiras como as que citamos anteriormente.

Além das informações referentes às mulheres imigrantes, os livros de registro nos possibilitaram ainda saber a faixa etária das pessoas internadas. Os imigrantes nacionais possuíam a idade entre 20 a 40 anos e 40 a 60 anos. Entre os estrangeiros a faixa etária era de aproximadamente 30 a 70 e 80 anos. A leitura dos livros aponta que entre os internos estrangeiros e brasileiros havia um número superior de homens em relação as mulheres. As internações geralmente tinham como causa o paludismo, infecções sexualmente transmissível, infecções intestinais, gripes, partos, abortos e ainda ferimentos por algum acidente.

¹³³ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 32.

¹³⁴ Idem, p. 33.

¹³⁵ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 2ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 204.

As fontes nos permitem ainda identificar os ambientes de moradia dos imigrantes que variavam bastante. Entre os bairros periféricos distantes do centro da cidade estavam: a Colônia Oliveira Machado, Vila Municipal, Flores, Educandos (Constantinópolis), Cachoeirinha, Raiz, São Raimundo. Os estudos da historiadora Francisca Deusa para o fim do dezenove e início do vinte, mostram que esses bairros mais afastados do centro foram povoados em função das constantes levas de imigrantes que: ou não tinham recursos para se manter em cortiços e estâncias centrais, ou não conseguiam mais vagas nesses espaços e eram obrigados a ir para os subúrbios viver em casebres com paredes de papelão ou nos chamados hotéis de 3ª ordem, que se pode qualificar como cortiços¹³⁶.

Outros viviam em áreas do centro consideradas zonas ameaçadoras por acomodar, pobres urbanos, prostitutas, trabalhadores, ambulantes. Ruas como: Saldanha Marinho, Joaquim Sarmiento, Rua Oriental, Vinte Quatro de Maio, Independência, Frei José dos Inocentes etc., foram redutos de imigrantes empobrecidos e como dissemos, esses espaços eram considerados perigosos pelo fato de comportar homens e mulheres pobres morando em cortiços e casebres também classificados como ameaçadores. Muitos trabalhadores habitavam nos cortiços de condições precárias, para eles morar no centro era mais viável que morar, como inquilino, em condições ainda piores nas periferias distantes dos locais de trabalho e sem infra-estrutura urbana¹³⁷.

Podemos observar, a partir das informações contidas em uma coluna do Jornal do Comércio, a forma como se referiam às ruas da cidade, de “zonas estragadas”. Essas áreas eram recintos de prostitutas que muitas vezes se metiam em confusões, brigas, assim aconteceu com duas mulheres que moravam na Rua Independência:

Raça de Mundanas

No domingo as mundanas Izolina Paulina dos Santos, cearense, e Helena Freitas Jonas, habitantes da zona estragada da rua da Independência, andaram a medir forças, havendo a primeira produzido um pequeno ferimento a canivete no peito da segunda. Foi para cafua e ainda teve que arranjar quem se responsabilizasse pelos curativos da offendida¹³⁸.

Essas ruas, freqüentadas por prostitutas e outros segmentos empobrecidos eram temidas pela população e alvo de denúncias como as citadas na nota acima. É bom lembrarmos que em fins do XIX e início do XX, na maioria das capitais brasileiras, foi

¹³⁶ DEUSA, Francisca. Op. Cit, p. 93.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 113.

¹³⁸ *Jornal do Comércio*. Manaus, 4 de outubro de 1935, nº 10.677.

constituída concomitante a elaboração de um espaço urbano, valores e comportamentos, analisados por Sandra Pesavento, como formas e representações do imaginário urbano. E o que seria esse imaginário urbano? Quando as cidades, no auge de sua modernização, começaram a mudar em seus aspectos urbanísticos, foi exigido junto a isso, a criação de novos hábitos e modos de vida, novos valores, entendidos como imaginário urbano.

As representações do que seria ou não adequado para se viver no ambiente urbano fazem parte desse imaginário, estabelecido e determinado por grupos dominantes preocupados em manter o controle social nesses espaços. Aqueles que não se enquadrassem as normas e valores estabelecidos nesse novo espaço seriam punidos, pois:

Os chamados indesejáveis, perigosos, turbulentos, marginais podem ser rechaçados e combatidos como o inimigo interno, ou, pelo contrário podem se tornar invisíveis socialmente, uma vez que sobre ele se silencia e nega a presença. Esses excluídos, não-cidadãos, formam os selvagens, ou bárbaros de dentro. Eles se opõem a cidade que se quer e que deve se aproximar, em maior ou menor grau, da matriz civilizatória desejada¹³⁹.

Portanto, as representações criadas em torno do espaço urbano são responsáveis pela caracterização de que todo pobre era perigoso, ou que o espaço habitado por ele era ameaçador. Na verdade, essas representações são classificações estéticas, morais ou científicas que pressupõem mecanismos de aceitação e rejeição presentes no imaginário urbano. A pobreza sempre foi associada ao banditismo, vadiagem, vagabundagem e para aquele início de século, o preconceito era grande. Como assinala June E Hahner, o pobre urbano no final do século XIX, era tratado primordialmente como fonte de desordens, doenças perigosas, força muscular e bucha de canhão¹⁴⁰.

Os pobres representavam tudo de ruim, um incômodo a sociedade. Sobre essa situação, Margareth Rago comenta que: a população pobre era representada com animalidade pura, dotada de instintos incontrolláveis, assimilada a cheiros fortes, a uma sexualidade instintiva, incapaz de elaborar idéias sofisticadas e de exprimir sentimentos delicados¹⁴¹. Em Manaus, no período que analisamos as pessoas sem recursos, os pobres eram discriminados, pois não se enquadravam aos modos de vida de uma sociedade que

¹³⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma Outra cidade**. Op. cit., p. 13.

¹⁴⁰ HAHNER, June E. **Pobreza e Política**: os pobres urbanos no Brasil 1870-1920. Brasília: EDUNB, 1993, p. 283.

¹⁴¹ RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**: a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p.175.

se queria moderna. As medidas policiais de ordem e moralização deixavam claro o incomodo dos pobres e mendigos na cidade e assim declaravam:

Iniciado ontem o serviço de repressão à mendicância, a policia conseguiu deter trinta e quatro mendigos os quais receberam uma espórtula e foram advertidos para não continuarem a esmolar, sendo grande parte recolhida ao Asilo de Mendicidade¹⁴².

Como podemos ver os pobres muitas vezes foram enviados para instituições como o Asilo de Mendicidade, Santa Casa, isso para que permanecessem distantes das ruas, era uma ação preventiva organizada pela instancia policial responsável pela “moralização e ordem” na cidade.

Os jornais foram essenciais para identificarmos a presença de imigrantes que, comumente, foram alvos de notícias, muitas delas ligadas a alguns acontecimentos referentes às suas atitudes e hábitos na cidade. O Jornal do Comércio de 1920-1945, noticiava na coluna, *Coisas Policiais*, situações ou acontecimentos quase sempre relacionados a algum conflito ou acidente envolvendo na maioria das vezes a população pobre.

Os casos relatados dizem respeito a várias situações, desde um simples desentendimento entre vizinhos a crimes e acidentes de trabalho. E nesses relatos o jornal sempre informava sobre a origem das pessoas envolvidas no acontecimento, sendo que, entre os imigrantes nacionais e estrangeiros observados nos jornais, aparecem com maior frequência pessoas procedentes do: Ceará, Marrocos, Pará, Portugal, França, Itália, Rússia, Holanda, Acre, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alemanha, Israel, Pernambuco, Barbados, Maranhão e Sírio.

Pelas noticias do jornal foi possível identificarmos esses imigrantes como também observar a forma como eram tratados pelo periódico. Essas pessoas foram noticiadas muitas vezes com indiferença, como foi o caso de um barbadiano que observamos:

Um barbadiano da mofa

O botequim Lamy, situado a rua Saldanha Marinho, como sempre esteve hontem a tarde em polvorosa. Cerca de quinze e meia horas alli aparece, mettido em uma formidável carraspana, mais um estrangeiro o barbadiano Adolpho Cores. Acercando-se de uma mesa o pé dagua ingeriu mais umas doses da meladinha, ficando então com a cabeça em grande effervescencia. Neste estado quis bancar valentia, procurando virar tudo de perna para o ar.

¹⁴² *Jornal do Comércio*. Manaus, março de 1936. nº 10.821

Mas a polícia chegou a tempo de evitar o estrangeiro salseiro, prendendo o Cores que seguiu de bubuia até a delegacia auxiliar onde ficou preso o pifão¹⁴³.

O fato é que este caso poderia ter sido cometido por qualquer morador local que exagerou no consumo de álcool e acabou se excedendo. Mas, para o jornal não era qualquer pessoa e sim um estrangeiro barbadiano que cometeu uma infração contra os bons costumes da cidade. Na ênfase dada a, “*mais um estrangeiro*”, observasse o descontentamento na informação que nos faz entender o “mais” como uma palavra de peso discriminatório, pois era mais um dos pobres estrangeiros que enchiam as ruas da cidade agredindo a ordem. Mas, ainda na mesma nota sobre o barbadiano há resquícios de preconceito contra sua cor quando o chamam de “o cores” o que provavelmente era freqüente no tratamento dessas pessoas. São descrições que revelam a indignação ou desprezo a presença de certos segmentos sociais, pessoas condenadas por serem pobres.

As ruas estavam cheias de pessoas como Adolpho, homens pobres desempregados que perambulavam pelas ruas com seus hábitos e vícios considerados ofensivos e perigosos a ordem pública. Observamos outros casos noticiados no jornal, casos como o de um grupo de espanhóis que habitavam a rua Costa Azevedo. Segundo o periódico, “*pessoas como aqueles estrangeiros só disseminavam desordem e tormento para a população local*” e assim o jornal seguia descrevendo o caso:

Numa estância à rua Costa Azevedo, além de alguns dignos moradores, existem alguns desordeiros, Justo Perez, Maria Augusta Seixas, Olympia Morales e Opheu Morales de nacionalidade hespanhola. Por futilidades qualquer tiveram hontem acalorado bate-boca que deixou os demais moradores de pernas para o ar¹⁴⁴.

Avaliando a postura do periódico podemos inferir que os imigrantes sem recursos eram temidos ao contrário de outros em condições financeiras favoráveis. Geralmente o extrato social a que pertencia um imigrante contava e muito para o tipo de tratamento que recebiam, muitas vezes um acontecimento incomum poderia ser consequência de sua presença.

É exemplar nesse sentido, um caso de ameaça epidêmica que deixou a cidade no ano de 1920, em estado de pânico frente à presença de imigrantes com suspeitas de estarem infectados por uma enfermidade, assim o jornal destacou a preocupação:

¹⁴³ *Jornal do Comércio*. Manaus, maio de 1922.

¹⁴⁴ *Jornal do Comércio*. Manaus, 6 de janeiro de 1920.

A nossa capital esta ameaçada de nova invasão grippal.

O paquete Bahia chegado, ontem ao nosso porto, sob o commando do Capitão Severino dos Santos, trouxe do Ceará cento e cicoenta infelizes victimas das inclemências da secca, inclusive setenta e tantos atacados de influenza, porém de character benigno. Tendo sciencia disso, por occasião da visita sanitária, o dr. Madureira de Pinho examinou os doentes e determinou que o navio não atracasse no fluctuante. Resolveu ainda aquella autoridade sanitária, de acordo com o médico do Bahia, dr. Senna Ayres, que os flagelados sejam hoje transportados de bordo para um dos alojamentos de Paricatuba, onde ficarão de quarentena, por não haver, no momento actual, nenhum lazarento ou navio-hospital.

Após a retirada dos emigrantes o Bahia será expurgado por um aparelho Clayton de bordo, atracando, em seguida, no roadway da Manãos Harbour. Em palestra com o médico d'aquelle paquete, fomos informados de que os flagelados embarcaram em Fortaleza, debaixo de uma chuva torrencial, manifestando-se o mal epidêmico logo no dia seguinte.¹⁴⁵

O receio de um alastramento da gripe na cidade, com pouca estrutura para enfrentar um surto epidêmico, fez com que as autoridades transferissem as pessoas que estavam no navio para um alojamento em Paricatuba, afim de que todos fossem examinados. Os passageiros eram na maioria cearenses que foram obrigados a seguir para o local destinado e caso estivessem com suspeitas de infecção iriam ser conduzidos para suas terras.

De certa forma havia em torno do cearense uma imagem associada as secas, doenças, fragilidade física, por isso, não era de se estranhar o temor sentido pelas autoridades por não concordarem em abrigar mais uma leva de pessoas desprovidas e doentes que só aumentaria o número da mendicância.

Os imigrantes pobres não eram temidos apenas pelas suspeitas de certas doenças, incomodava também determinadas condutas - os costumes, as crenças em práticas não cristãs - ofendiam os valores estabelecidos. Para a sociedade mais conservadora e adepta a valores considerados absolutos, nada justificava a crença ou hábitos exteriores aos valores convencionais impostos por grupos dominantes arraigados em uma forte concepção cristã. Dessa forma, as pessoas adeptas a outros modos e formas de vida contrária ao da sociedade convencional eram passivas de retaliações.

De certa forma, os jornais contribuíram para a criação de uma imagem negativa do imigrante pobre, influenciando em certo sentido a população local. E isto, por um lado contribuiu para um tratamento diferenciado em relação ao imigrante. Qualquer ato

¹⁴⁵ *Jornal do Comércio*, Manaus, 22 de março de 1920.

ou comportamento considerado indevido tornava-se um delito, como exemplo tomamos o caso de duas imigrantes que foram presas por praticarem seus cultos:

Um antro de bruxaria

Attonito Gonçalo Menezes participou para a autoridade de permanência, a existência de um quilombo próximo de sua residência à avenida Ajuricaba número três, na Cachoeirinha, dizendo que allí se praticava às escancaras, a bruxaria. Gonçalo não exagerou, lá estava o quilombo e ao redor delle, as mulheres Simplicia de tal e uma sua sobrinha, por sinal barbadianas. A autoridade passou uma prolongada reprimenda ameaçando-as de cadeia e expulsão dali se continuassem na prática da bruxaria¹⁴⁶.

Na verdade, as duas mulheres praticavam seus cultos e provavelmente incomodavam por tal prática. A sua crença foi ameaçada porque as manifestações em torno de outras religiões ou ceitas não eram benquistas. Na verdade, essas religiões, hoje vistas como afro-brasileiras, eram temidas e associadas a práticas de bruxaria, feitiçaria, magia negra. Não é de se estranhar, pois na época, essas religiões ainda não tinham aceitação e havia discriminação por parte de pessoas contrárias a tal prática. As raízes destas crenças estão arraigadas na cultura africana e religiões como o candomblé e umbanda *se constituíram como uma espécie de resistência cultural contra a escravidão e aos mecanismos de dominação da sociedade branca e cristã que marginalizou os negros e mestiços mesmo após a abolição da escravatura*¹⁴⁷.

O caso das barbadianas só foi resolvido quando as vítimas se propuseram a não mais praticar seus costumes, decisão provavelmente bastante difícil, uma vez que, esses hábitos e valores culturais talvez estivessem entranhados na vida daquelas mulheres desde seus nascimentos. Mas, foi a condição imposta a elas para não serem expulsas da cidade. Essas investidas contra práticas indesejadas na cidade foram duramente cumpridas. Assim, todos os atos considerados contraventores foram tratados com as devidas ações punitivas da policia civil e autoridades locais.

Outras atitudes autoritárias foram noticiadas nas páginas do jornal. Em 1942, por exemplo, foi estabelecido pela portaria policial os limites de transito de imigrantes japoneses, italianos e alemães no Amazonas. A portaria estabelecia a seguinte resolução para aqueles que se encontravam em Manaus:

Os súditos alemães, japoneses e italianos residentes nesta capital, que desejarem viajar para o interior ou para fora do estado deverão encaminhar requerimento à chefia de polícia mencionando nome, nacionalidade, idade,

¹⁴⁶ *Jornal do Comércio*. Manaus, 14 agosto de 1930.

¹⁴⁷ PRANDI, Reginaldo. O Brasil com Axé: Candomblé e Umbanda no mercado religioso. Dossiê Religiões no Brasil. **Estudos Avançados**, vol. 18, São Paulo, 2004.

estado civil, profissão, embarcação em que pretendem tomar passagem, destino e seu endereço neste, bem como o número da carteira de registro de estrangeiros e a repartição que o expediu¹⁴⁸.

As restrições e determinações impostas aos imigrantes das nacionalidades citadas acima, foram reflexos da participação daqueles países nos acontecimentos da Segunda Guerra (1939-1945). Assim, todas as pessoas originadas desses países passaram a ser fiscalizadas e tendo seus direitos de circulação limitado em todos os lugares do mundo favoráveis aos países aliados. Incomodava ainda a presença de imigrantes que viviam na cidade vagueando nas ruas vivendo uma vida fácil e transgressora. A partir das informações do *Jornal do Comércio* observamos a condição de imigrantes de moral duvidosa e como atuavam na cidade. Assim, notamos a situação de um paraense que foi apontado pelo jornal como um “typo que causa asco”, isso pelo modo de vida que levava na cidade. A nota destacava a seguinte informação:

Vagueiam pelas ruas da cidade, tomam assento nas mesas de café de ruas excusas e suspeitas uns tantos indivíduos que ninguém sabe explicar como podem viver sem trabalhar, não lhes sendo conhecidos rendimentos que os habilitem a não fazer calos nas mãos para angariar o pão nosso de cada dia.

Bebem, jogam o dominó e o quino, fazem farras com raparigas da vida alegre, andam em serenatas até horas altas. Jorge Afonso de Souza, paraense é um desses tipos que passam a vida, a viver dos objetos das suas amantes perdidos de brio e de dignidade, capazes de todas as baixezas. Morador a rua Doutor Moreira, em uma casa de commodos, certamente cansado das companhias fáceis das biraias da ralé, que habitam o becco do Commercio, viciado e corrupto, quiz hontem, com promessas tentadoras, atrair ao seu quarto um menor¹⁴⁹.

Jorge Afonso foi detido por ter atentado contra um menor causando insatisfação a população vizinha que o denunciou a policia. A nota acima também fala sobre algumas práticas freqüente na vida dos imigrantes como, jogos, bebidas, o envolvimento com prostituta. Esses modos de vida foram pensados como práticas pertencentes a pessoas de baixa conduta, baderneiros e vadios, mas na verdade, fazia parte da vivência de muitos trabalhadores que viam nessas ações um meio de descontração. Mais adiante voltaremos a falar sobre as práticas de lazer dos imigrantes onde estão inclusos estas e outras práticas que muitas vezes não agradaram a determinados grupos sociais.

O fato é que, entre a população pobre que viveu em Manaus, para o período que pesquisamos, parte eram imigrantes que sobreviviam de pequenos serviços. Frente a

¹⁴⁸ *Jornal do Comércio*. Manaus, 28 de maio de 1942, nº 12.938.

¹⁴⁹ *Jornal do Comércio*. Manaus, janeiro de 1930, nº 8.891.

crise que se instaurou na cidade, as condições de vida de muitos trabalhadores ficou insustentável. A Mendicância tornou-se uma realidade na vida de uma parcela da população pobre que sofria com a falta de políticas públicas que pudessem atender suas necessidades mais prementes. Tudo parecia complicar a vida do trabalhador que ainda sofria com salários baixos e atrasados. Mas, quem e de onde eram os imigrantes trabalhadores que sobreviveram em Manaus no período da crise, que ocupações exerciam na cidade? Responderemos estas questões embasados nas informações dos registros que pesquisamos (registros da Santa Casa e jornais) e que veremos a seguir no próximo item desta Dissertação.

2.2 – ENTRE JORNALEIROS E CATRAIEIROS: IDENTIFICANDO O TRABALHADOR IMIGRANTE EM MANAUS.

Às vésperas do Estado Novo de Vargas, Manaus se apresentava como uma cidade constituída por trabalhadores de diferentes regiões do País e de outras nacionalidades que desempenharam funções das mais variadas, pelo menos foi o que observamos nos registros da Santa Casa e nas páginas do Jornal do Comércio. Apesar da demanda de emprego superar a oferta, alguns imigrantes tentavam sobreviver na cidade desempenhando funções como: jornaleiro, cozinheiro, sapateiro, carroceiro, comerciário, mecânico, ambulante, carregador e ainda estivador, catraieiro, marítimo entre outros serviços.

Os tempos não eram fáceis em Manaus entre as décadas de vinte e trinta, os trabalhadores ganhavam uma remuneração ínfima e os desempregados viviam a mercê das autoridades na esperança de receber caridade de alguma entidade ou instituição de ajuda. De certa forma, estas foram as marcas deixadas pela crise político-econômica que começou a se alastrar na região a partir de 1910 e que perdurou durante quase trinta anos. Os jornais também nos permitem perceber alguns dos problemas existentes na cidade relacionados aos serviços urbanos indispensáveis a população como: abastecimento de água, luz, saneamento entre outros que afetaram principalmente a população com poucos recursos.

Assim, em 1945, uma nota na primeira página do Jornal do Comércio relata o acúmulo de lixo na cidade que preocupava os moradores com a possível proliferação de doenças: *em pleno coração da cidade na Rua Luiz Antony a alguns passos da*

*Prefeitura Municipal uma quantidade de lixo é denunciado pela população ao jornal*¹⁵⁰. Nos próprios relatórios e mensagens de governo nota-se a apreensão dos administradores com o aumento da população em uma cidade que já não dava conta de acolher tantas pessoas pobres. No relatório de 1938¹⁵¹, por exemplo, entre tantos problemas é registrada a preocupação do agrônomo Antônio Botelho Maia com o alto índice de crianças pobres e abandonadas vivendo em Manaus.

Em período anterior, 1936, o Interventor Álvaro Botelho Maia também registrou em mensagem de governo, alguns dos problemas que rondavam a cidade. Assim, dizia que, *“a assistência a infância, aos tuberculosos, o combate a lepra exigiam medidas de acautelamento e de defesa a nossa gente ameaçados de males crescentes com os anos que passam”*¹⁵².

Além dos surtos epidêmicos, os trabalhadores imigrantes ainda enfrentavam um alto custo de vida, o desemprego ou labutando em condições precárias. Mas, que ocupações os imigrantes desenvolviam em Manaus? Qual a situação daqueles sem nenhuma ocupação? Como viviam em uma cidade onde o custo de vida era alto e o emprego estava escasso?

Segundo Maria Luiza Ugarte Pinheiro, o universo do trabalho urbano em Manaus começa a expandir quando a cidade ganha uma nova configuração como ponto comercial resultado da expansão da economia gumífera, incorporando migrantes nacionais e contratando trabalhadores especializados, em geral estrangeiros. Uma das características do trabalho urbano em Manaus naquele período, segundo a autora, foi a concentração de trabalhadores no setor terciário com destaque para serviços como: catraieiros, carroceiros e estivadores¹⁵³. No período subsequente a expansão da borracha, a vida urbana tornou-se mais difícil, a saída de investidores estrangeiros que financiavam o capital na cidade foi um dos motivos para o enfraquecimento do trabalho urbano e conseqüentemente o desemprego de muitos trabalhadores.

Os trabalhadores imigrantes que pesquisamos no período proposto, a partir do mapeamento dos livros de registros da Santa Casa e dos jornais da cidade desenvolviam

¹⁵⁰ *Jornal do Comércio*, Manaus, 27 de outubro de 1945.

¹⁵¹ Relatório Municipal dirigido ao Interventor Álvaro Botelho Maia pelo prefeito Antônio Botelho Maia em 1938.

¹⁵² Mensagem de Governo do governador Álvaro Botelho Maia à Assembléia Legislativa de 1936.

¹⁵³ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Nos meandros da cidade: cotidiano e trabalho da Manaus da borracha, 1880-1920. In: **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**. São Leopoldo, RS: ANPUH, 2007, p. 5.

serviços ligados ao trabalho autônomo, ambulantes, serviço portuário, comércio e outras ocupações concentradas principalmente na parte central da cidade onde se localizavam o comércio e a área portuária. Ao analisarmos esses trabalhadores, verificamos uma vida de labuta sofrida, com remunerações baixas, freqüência de acidentes e uma jornada de trabalho estafante vivendo em uma cidade que não oferecia condições para uma vida digna, com alimentação e moradia elevados.

Diante desses problemas, ficar sem trabalho complicava ainda mais a vida do trabalhador aumentando as chances de uma vida atribulada correndo o risco de acabar na mendicância. Por isso, a luta por uma ocupação que lhe possibilitasse algum recurso financeiro tornava-se uma constante na vida do imigrante pobre. Abaixo organizamos tabelas demonstrativas onde podemos visualizar melhor algumas das ocupações exercidas pelos imigrantes na cidade. As tabelas estão divididas entre imigrantes estrangeiros e nacionais.

Ficha 02 – Dados Cadastrais da Santa Casa – 1941

ORIGEM	SEXO	IDADE	PROFISSÃO	MORADIA
Alemanha	M	59	marítimo	L. Cavalcante
Alemanha	M	63	chofer	S. Ramos
Colômbia	F	19	doméstica	Av. Tarumã
Espanha	M	51	comércio	Mundurucus
Espanha	M	65	Pedreiro	Sta. Casa
Espanha	M	34	religioso	24 de Maio
Espanha	M	30	operário	Educandos
Espanha	M	42	padeiro	Constantinópolis
Espanha	M	61	carregador	24 de Maio
Espanha	M	38	cozinheiro	E. Moreira
Espanha	M	66	comerciante	J. Sarmento
Espanha	M	54	padeiro	R. dos Andradas
Espanha	M	53	estivador	R. 24 de Maio
Espanha	M	69	comerciante	L. Cavalcante
Espanha	M	47	cozinheiro	E. Moreira
Espanha	M	70	marítimo	J. dos Inocentes
Espanha	M	68	padeiro	A. Amorim
França	M	46	marítimo	L. Antony
França	M	52	mecânico	A. Amorim
Inglaterra	M	68	estivador	Cachoeirinha
Inglaterra	F	71	doméstica	L. Cavalcante
Inglaterra	F	59	doméstica	R. Tamandaré
Itália	M	61	comerciante	R. Belém
Itália	M	62	motorista	Tapajós
Itália	M	42	mecânico	E. Ribeiro
Itália	M	37	engraxate	7 de Setembro
Itália	M	54	estivador	-----
Itália	M	40	marítimo	E. Moreira
Itália	M	44	chofer	L. Antony
Itália	M	47	motorista	E. Ribeiro
Itália	M	58	cozinheiro	7 de Setembro
Peru	M	44	carroceiro	R. dos Andradas
Peru	F	55	doméstica	-----

Peru	M	36	jornaleiro	Japurá
Peru	F	40	doméstica	Educandos
Peru	M	50	estivador	Educandos
Peru	M	18	jornaleiro	Em transito
Peru	M	23	carregador	J. Nabuco
Peru	M	39	estivador	Educandos
Portugal	M	49	comerciante	J. Nabuco
Portugal	M	60	sapateiro	-----
Portugal	M	45	leiteiro	7 de Setembro
Portugal	M	70	lavrador	Urucurituba
Portugal	F	35	doméstica	J. Nabuco
Portugal	F	38	doméstica	D. de Caxias
Portugal	F	63	doméstica	G. Vargas
Portugal	M	56	ambulante	T. Aranha
Portugal	M	32	comerciante	B. Amazonas
Portugal	M	47	mecânico	L. Bacury
Portugal	M	56	carregador	-----
Portugal	M	58	horteleiro	L. Antony
Portugal	M	27	pedreiro	L. Antony
Portugal	F	30	doméstica	D. de Caxias
Portugal	M	54	marítimo	Itamaraca
Portugal	M	63	padeiro	S. Raimundo
Portugal	M	65	carpinteiro	L. Antony
Portugal	M	55	agricultor	Careiro
Portugal	M	45	alfaiate	S. Marinho
Portugal	M	56	comerciante	7 de Setembro
Portugal	M	61	comerciante	R. dos Remédios
Portugal	M	35	comerciário	C. O. Machado
Portugal	M	55	padeiro	J. Nabuco
Portugal	M	58	comerciante	Av. Epaminondas
Portugal	M	54	marítimo	L. Malcher
Portugal	M	52	carroceiro	Bilhães
Portugal	M	48	chofer	J. Coelho
Portugal	M	58	sapateiro	Luiz Antony
Portugal	M	43	comandante	Santa Isabel
Sírio	M	65	comerciante	Bosque
Sírio	M	60	comerciante	-----

Fonte: Santa Casa de Misericórdia 1941.

Ficha 03 – Dados Cadastrais da Santa Casa - 1937

NOME	IDADE	NACIONALIDADE	MORADIA	PROFISSÃO
Adalgisia da Silva	20	Acre	São Raimundo	Cozinheira
Adelaide de Castro e Costa	30	Pernambuco	Major Gabriel	Doméstica
Adélia Francisca Ramos	48	Pernambuco	Não especificou	Doméstica
Albania Bahia do Nascimento	21	R.G. do Norte	Rua Belém	Doméstica
Albino José de Oliveira	45	Paraíba	E. dos Mindús	Agricultor
Alfredo Costa	29	Pará	Joaquim Nabuco	Carregador
Alrides Rodrigues	17	Acre	Educandos	Jornaleiro
Amalia Joaquina do E. Santo	40	Pernambuco	Seringal Mirim	doméstica
Amélia Gomes da Silva	38	Piauí	Asilo de Mendicidade	Cozinheira
Anacleto de Souza	35	R.G. do Norte	R. Javari	Agricultor
Ananias Celestino de Almeida	66	Pernambuco	Epaminondas	fun. Público
Antonio Barbosa Silva	30	Pará	Manaquiry	Agricultor

Antonio Batista Vieira	25	Pará	São Raimundo	Agricultor
Antonio Dias Feitosa	33	Pará	Moura	Lavrador
Antonio Paiva	49	Paraíba	Não especificou	Jornaleiro
Antonio Portilho Menezes	66	Ceará	Urucará	Agricultor
Antonio Simplicio	37	pernambuco	F. J. dos Inocetes	Jornaleiro
Antonio Uruburetama	45	Ceará	Manaquiri	Cozinheiro
Augusto Gomes da Silva	45	Maranhão	7 de Setembro	Agricultor
Benedito Pires do Nascimento	21	Ceará	Costa Azevedo	Carregador
Bilisária Marques	58	M. Gerais	Matinha	Lavadeira
Candida Farias	30	Pará	Rua Fortaleza	doméstica
Carlos Mello	48	Paraíba	Rio Branco	Comércio
Camila Rosa de Jesus	60	Ceará	Coari	doméstica
Celina Ferreira Alves	23	Ceará	Silva Ramos	doméstica
Clotilde da Silva Pinto	37	Ceará	São Raimundo	doméstica
Cristina Maria da Conceição	39	Ceará	Cachoeirinha	doméstica
Demétrio Inácio	57	Ceará	Não especificou	Jornaleiro
Desidério Ribeiro	20	Pará	Rua dos Barés	Engraxate
Duarte Nunes da Costa	40	Maranhão	Careiro	Foguista
Etelvina Ferreira Guimarães	16	Pará	Rua Ferreira Pena	doméstica
Eugenio Constantino	54	Maranhão	Marcílio Dias	Carvoeiro
Eugenio da Costa Ramos	26	Pará	Não especificou	Lavrador
Evangelista Pereira Francisca	26	Ceará	10 de Julho	Domestica
Feliz Garcia de Araujo	18	Ceará	Ramos Ferreira	Padeiro
Fracisco Oliveira	58	Ceará	Beco Amazonas	fun. Público
Francisca Donato de Souza	35	Ceará	Ramos Ferreira	doméstica
Francisca Marques da Silva	16	Pará	Constantinópolis	doméstica
Francisca Paula de Oliveira	12	Acre	E. de Constantinópolis	doméstica
Francisca Rodrigues	38	Ceará	Ferreira Pena	Domestica
Francisca Souza Queiroz	40	Paraíba	Boulevard	Domestica
Francisco da Silva	40	Paraíba	Estrada do Aleixo	Carvoeiro
Francisco de Freitas	43	R.G. do Norte	João Coelho	Coveiro
Francisco Ferreira	53	Ceará	Constantinópolis	Domestica
Francisco Ferreira Neiva	26	Maranhão	Miranda Leão	Func. Publico
Francisco Florencio de Carvalho	33	Ceará	Rua Paraíba	Comércio
Francisco Guedes da Silva	38	R.G. do Norte	São Raimundo	Operário
Francisco Holanda	23	Ceará	Rua dos Barés	Padeiro
Francisco Marques da Costa	42	Ceará	João Coelho	Doméstica
Francisco Xavier Soares	35	Ceará	Curral Grande	Lavrador

Fonte: Santa Casa de Misericórdia, 1937.

Nas fichas acima constam a origem dos imigrantes, suas respectivas funções, a idade e moradia. Além da origem e do trabalho que exerciam a tabela nos possibilita saber o local onde habitavam e a faixa etária. Como é bem sabido, a presença masculina no trabalho urbano era superior a feminina na época, mas as informações contidas nos registros apontam algumas mulheres trabalhando como cozinheiras e lavadeiras. Cabe salientar que o termo doméstica era designado a todas as mulheres donas de casa dedicadas ao lar.

Como salientamos anteriormente, as informações que mapeamos a partir dos registros hospitalares indicam a existência de uma diversidade de serviços relacionados ao comércio, autônomos, serviços avulsos (carroceiros, jornaleiros, engraxate, carvoeiro, foguista etc.). Alguns desses trabalhadores chegaram a Manaus no período de intensa produção da borracha no final do XIX. Com a crise no setor extrativo, quem permaneceu na cidade procurou de qualquer forma se estabelecer em algum serviço. Alguns estrangeiros, por exemplo, portugueses e sírios, procuraram atividades no ramo do comércio, mas a maioria dos estrangeiros pobres, os portugueses na maioria, desenvolviam trabalhos como, jornaleiros, carregadores, carroceiros, estivadores e comerciários.

Mas, parte dos imigrantes nacionais também labutava como jornaleiros, estivadores, ambulantes etc. A maioria dessas pessoas imigraram dos seringais onde trabalhavam e seguiram para cidade com intuito de melhorar de vida. Aqueles que não conseguiam retornar ao seu local de origem permaneciam em Manaus e procuravam de qualquer forma algo para garantir sua sobrevivência na cidade. Na maioria das vezes, o trabalho não compensava o esforço e a sobrevivência na cidade ficava difícil. Muitos foram os casos de tentativa de suicídio de trabalhadores que, sem emprego ou com um emprego que mal dava para suprir suas necessidades com o pouco que ganhavam, tentaram por fim em suas vidas.

Assim aconteceu com o francês Eduardo Camarcho, este trabalhou como guarda-civil e um dia tentou suicídio por não conseguir receber sua remuneração que há muito estava atrasada. Passando por situações adversas e sem esperança de conseguir seu salário não viu outra opção que não a morte para por fim em seu desespero. Foi assim que o francês, na época, deu um tiro sobre a própria cabeça, mas não conseguiu acabar consigo mesmo e o jornal revelou o porquê do desespero: “*Ao dar entrada no Hospital de Caridade, o ex-guarda declarou ter sido levado a praticar o ato mencionado por não poder mais suportar o regimen da fome que o torturava*¹⁵⁴”.

O paraibano Adolpho José de Souza foi outra vítima da miséria, trabalhava como estivador e o pouco que recebia¹⁵⁵ era insuficiente para sanar suas dificuldades. Doente já não podia trabalhar e sem trabalho não havia como se sustentar. A situação

¹⁵⁴ *Jornal do Comércio*. Manaus, 25 de maio de 1937, nº 11.186.

¹⁵⁵ Segundo o Historiador Luis Balkar Sá Peixoto Pinheiro, não há estatísticas que afirmem seguramente sobre o valor dos salários, mas as crônicas jornalísticas deixaram registros de que os vencimentos pagos aos trabalhadores urbanos mal davam para cobrir os gastos básicos desses trabalhadores. PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Op. Cit, p. 4

levou o homem a tomar uma atitude extrema, pois não agüentava mais as duras investidas da vida, a decisão era acabar de vez com ela:

Do roadway da Manaós Harbour o estivador Adolpho José de Souza atirou-se hontem, por volta das doze horas, á Bahia do Rio Negro, tentando assim por termo a própria existência. O estivador declarou então que procurava a morte, daquele modo, pois estava doente e sem recursos para tratar-se. Além disso, não encontrava trabalho, não tendo nem mesmo o que comer. Adolpho é paraibano, viúvo de quarenta e seis annos de idade¹⁵⁶.

Adolpho tentou de forma dramática por um ponto final em seu sofrimento, mas não conseguiu, a vida para ele já não fazia sentido, como viver em uma cidade que não era sua, sem trabalho, nem família e ainda doente? Para chegar a um veredicto de final de vida, esse homem só poderia estar em profunda depressão. Foi enviado para Santa Casa e de lá não conseguimos mais mapear seu paradeiro.

Mas, a tentativa frustrada de Adolpho não teve o mesmo resultado para outro conterrâneo seu. Francisco Franco também trabalhava como estivador, aos 46 anos foi encontrado morto em sua residência. Ao contrário de Adolpho, Francisco não tentou suicídio acabou morrendo sozinho e doente. No jornal as informações a respeito da morte do estivador indicam que ele morreu por estar muito doente, uma forte infecção, não apontando a real causa.

Da mesma forma que Adolpho, Francisco vivia só e ao que parece, não tinha parentes em Manaus. O caso é que trabalhadores como ele estavam propensos a adquirir doenças devido às péssimas condições de trabalho a que estavam submetidos, e o trabalho na maioria das vezes, era cansativo e custoso como podemos ver:

Mal alimentados, os trabalhadores urbanos estavam invariavelmente submetidos a jornadas de trabalho estafantes, que variavam, em média de dez a quatorze horas. O trabalho não era regulamentado, o que significava dizer que ao trabalhador não era dada nenhuma garantia, nem assegurado qualquer direito ou proteção contra exploração patronal¹⁵⁷.

Esta situação foi uma realidade presente na vida de muitos trabalhadores que, com pouco recursos para obter uma alimentação adequada, ficavam mais vulneráveis a doenças. Assim, com o corpo debilitado não resistiam e acabavam morrendo. Provavelmente foi o que aconteceu com o maranhense Genésio Barbosa. Esse trabalhador que, talvez por excessos no trabalho ou indo trabalhar doente foi a óbito. O jornal não destaca o motivo da morte apenas anuncia o acontecimento como repentino.

¹⁵⁶ *Jornal do Comércio*. Manaus, janeiro de 1930, nº 8898.

¹⁵⁷ PINHEIRO, Luis Balkar Sá Peixoto. Op. cit., p. 4.

Abaixo a nota no jornal destaca o falecimento do trabalhador que como a maioria dos que migravam para cá não possuía familiares na cidade: “*O operário e pedreiro Genesio Barbosa, maranhense, com trinta e quatro anos de idade, solteiro, faleceu repentinamente ante-hontem, no prédio em construção da secretaria do estado, a praça D. Pedro Segundo*¹⁵⁸”.

O trabalhador além de ser mal remunerado, não possuía garantias ou segurança no trabalho, no caso de algumas categorias como a dos estivadores, *eram na maioria das vezes diaristas, sem remuneração fixa e sem contrato que os vinculasse as firmas agenciadoras de estiva*¹⁵⁹. Diferentemente de centros urbanos como São Paulo que agregavam uma malha heterogênea de trabalhadores com forte ligação ao trabalho industrial e fabril, Manaus não desenvolveu um centro industrial sólido.

Na verdade, o trabalho fabril teve uma representação incipiente e tomou impulso no período de expansão da economia gumifera, mas *pouco se desenvolveu, alocando um número mais restrito de trabalhadores em empresas de beneficiamento de produtos regionais como a castanha, nas fábricas de gelo e cerveja ou ainda nas oficinas gráficas locais*¹⁶⁰. A cidade, portanto, teve uma cultura de trabalho urbano voltada para o setor de comércio e serviços. Podemos ver no Jornal do Comércio que os acidentes de trabalhos envolviam mais os trabalhadores ligados a firmas servidoras de serviços urbanos como Manáos Tramwys e pequenas firmas

Os acidentes aconteciam com assiduidade, as notas divulgadas dão uma dimensão da frequência com que ocorriam os acidentes. Assim aconteceu em 1920 com o operário Francisco Fernandes, natural do Ceará que por conta de um acidente acabou morrendo:

Na avenida Canaçary, o operário Francisco Fernandes Dias, trabalhava, por conta da Manáos Tramways, trepado a um poste da iluminação publica existente em frente ao grupo Guerreiro Antony. Quando, já lá em cima, procurava apoiar-se a uma das cruzetas... o poste virou para baixo, atirando Francisco violentamente ao solo levando a morte. Francisco era cearense, e contava com trinta annos de idade¹⁶¹.

Ainda em outras notas do jornal na década de quarenta, identificamos o caso ocorrido com outros trabalhadores no local onde trabalhavam:

¹⁵⁸ *Jornal do Comércio*, 5 de junho de 1937. nº 11.192

¹⁵⁹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Op. Cit., p. 59

¹⁶⁰ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Nos Meandros da Cidade. Op. cit., p. 5.

¹⁶¹ *Jornal do Comércio*. Manaus, 7 de janeiro de 1920, nº 5.634.

Quando empregavam ontem suas atividades nos estabelecimentos em que são assalariados, sofreram acidentes no trabalho os operários, Alfeu Ferreira de Souza, cearense, da Firma Viuva Monteiro e Filho; Raimundo Alves da Silva da firma J. Soares e companhia limitada e João Paiva Cruz da firma Péres Sabá e companhia tendo sido os mesmos socorridos e entregues aos cuidados dos médicos das companhias em que estavam segurados¹⁶².

Notícias sobre acidentes de trabalho eram comuns como podemos perceber, e na maioria das vezes os trabalhadores não eram assegurados pelas firmas ou empresas onde trabalhavam. Cláudio Batalha em, *o Movimento Operário na Primeira República*, comenta sobre as condições de vida e trabalho do operariado submetidos a longas horas de trabalho, com salários desiguais e baixos, um controle rígido de seus patrões, com habitações precárias, sem possibilidades de descanso e lazer devido as extensas horas de trabalho¹⁶³.

Essa situação levou a classe operária a manifestar sua indignação diante das injustiças e explorações as quais estavam submetidos e fomentar idéias entre outras categorias trabalhadoras para uma maior participação política. Fundamentados em correntes ideológicas como o socialismo e o anarquismo os trabalhadores começaram a se organizar em associações e organizações sindicais que favorecesse e zelasse pelos seus direitos. Na segunda metade do século XIX, os trabalhadores se organizaram em sociedades de socorros mútuos, com característica de ações beneficentes, depois nos primeiros anos do século XX, a associação aparece como sindicato operário, mas logo foram surgindo outras organizações com nomes específicos; associação, centro, grêmio, liga, sociedade, união e até mesmo, sindicato¹⁶⁴.

Em Manaus, não diferente das outras capitais do país, os trabalhadores urbanos se empenharam na organização de seus núcleos base de resistência as explorações e injustiças cometida por seus patrões. A expansão no setor gumífero foi responsável pela atração de inúmeros trabalhadores para a região entre nacionais e estrangeiros, mas também foi responsável pela marginalização do trabalhador urbano que sofreu com as péssimas condições de trabalho, baixos salários, acidentes, saúde e habitação irregulares. Nesse contexto de injustiças e explorações, os trabalhadores insatisfeitos, se mobilizaram através de ações refletidas nas greves, protestos e organização de sindicatos que os representasse frente ao setor patronal.

¹⁶² *Jornal do Comércio*. Manaus, 10 de maio de 1942, nº 12.923.

¹⁶³ BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p.11.

¹⁶⁴ *Idem*, p.15.

O fenômeno político de manifestação dos trabalhadores urbanos em Manaus teve suas primeiras incidências na década de oitenta do século XIX, como afirma Maria Luíza Ugarte Pinheiro:

De fato, as primeiras greves haviam ocorrido ainda na década de 80 do século XIX, afetando principalmente categorias ligadas aos serviços urbanos que começavam a ganhar relevância numa cidade que se projetava como centro exportador de matéria-prima para o mercado mundial. Marítimos e portuários, catraieiros, carroceiros e estivadores, foram responsáveis para materialização inicial das manifestações grevistas no Amazonas¹⁶⁵.

Ainda as análises da historiadora, mostram que as associações sindicais tiveram a presença constante de trabalhadores de origem européia que, *articulados com o processo cruento de luta e conscientização dos trabalhadores e cujo movimento, cada vez mais denso em toda a Europa, mantinha-se o contato direto com propostas políticas as mais diversas*. Entre as propostas políticas estavam presentes o socialismo e o anarquismo que para aquele momento significavam ideais de modelos teóricos principalmente voltados para a causa trabalhista. A organização das categorias dos trabalhadores de Manaus foi fundamental para a inserção na luta política e a constituição de associações que legitimassem seus direitos.

Entretanto, as etapas de sua organização se deram num processo diferenciado onde em um primeiro momento, especificamente em 1899, ao primeiro enfrentamento político com o patronato, materializado pelas greves, se diziam não ligados a nenhuma entidade associativa se autodenominando apenas como “estivadores”. A partir de 1909 e 1914 os trabalhadores já aparecem subordinados a associações mutualistas legalmente constituídas, com o tempo foi se configurando a existência de agremiações sindicais que buscavam um afastamento das associações mutualistas¹⁶⁶

Assim, podemos afirmar que, em Manaus as manifestações dos trabalhadores frente os setores empresariais mostram que o movimento e organização de associações e sindicatos trabalhistas não foi uma realidade restrita as cidades sulistas. As greves, os embates políticos, passeatas demonstram a mobilização organizada que marcam a história da atuação da classe trabalhadora em Manaus.

¹⁶⁵ PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. **Folhas do Norte**. Op. cit., p.128.

¹⁶⁶ Idem, p. 140-143.

E essas reivindicações foram registradas nos tantos periódicos elaborados ou favoráveis a causa trabalhista¹⁶⁷. As denúncias nos jornais mostram o descaso dos patrões com os trabalhadores que não se calavam diante das injustiças e explorações que sofriam. A título de exemplo, observamos a nota de um jornal que denunciava o ocorrido com dois trabalhadores, ao serem despedidos injustamente pela empresa onde trabalhavam, a nota dizia o seguinte:

Um pae de família sem pão.

O gerente ou cousa que o valha, senhor de baração e cutellos da Manãos Tramways, (por infelicidade nossa), num acesso de prepotência inqualificável, despediu segunda-feira última 9 do corrente o foguista Flaviano Borges de Lima, honrado chefe de família que vinha prestando seus serviços proficionaes áquella Companhia, há cerca de 6 mezes, sem a menor nota desabonadora. E sabem os leitores, qual o motivo desse acto? Nós o dizemos. Este foi para collocar um tal Perminio Rodrigues, chegado a pouco da Europa...Deixamos de explanar-nos a respeito, por nos causar revolta semelhante acto; e registramos para o operariado ficar sciente quanto vale seus esforços para ganhar o pão, e sendo o ponto de concentração, como é tratado pela burguesia nefasta...Foi Inopinadamente despedido do cargo de chauffeur do automóvel de transporte da Manãos Engenering, o companheiro Menezes, sem ter para isso motivo algum.

A sua conducta é exemplar, podemos attestal-a. Basta dizer como sorteado e praça do nosso Exército, que chegou a ser cabo, e a sua caderneta, não tem a menor nota, e, como operário se tem conduzidona mesma norma de vida. O snr. Menezes procurando saber do director da Companhia qual o motivo de sua demissão teve o silencio por resposta. Mais outro absurdo! Mais outra monstruosidade praticada por um patrão inconsciente e sem coração. Não contente ainda o snr. Makense, e faminto de vinganças, demitiu também o snr. Herculano, empregado da lancha da mesma Companhia. O albião nesses últimos tempos tem-se tornado um senhor absoluto, querendo transformar o Plano Inclinado, com as ilhas Britannicas em os tempos idos de Cezar; cujo gesto tão autoritário quanto arrogante, caso esse dito Gerente quizesse ostensivamente ao menos tentar entre os operários do seu próprio paíz, immediatamente receberia o troco para o caminho eterno dos que lá ficam.

O Amazonas será por ventura alguma posseção Ingleza?!

A indignação acima representa as manifestações dos trabalhadores frente aos descasos e exploração de uma companhia inglesa que ao que parece demitiu dois trabalhadores injustamente. Ao mesmo tempo ficam indignados com a contratação de estrangeiros o que mostra o ressentimento frente aos trabalhadores de outras nacionalidades. Isso demonstra como algumas categorias de trabalhadores urbanos em Manaus organizados politicamente usavam os meios necessários para reivindicar seus direitos e relatar as injustiças cometidas por seus patrões.

¹⁶⁷ Sobre o surgimento de jornais operários, cf: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte**. Op. cit.

Longe de um passado de glórias e sem conflitos, Manaus apresenta uma realidade marcada pela participação política de trabalhadores que, quer seja no período de expansão da borracha ou no momento da crise, manifestaram suas insatisfações através de discursos e das crônicas jornalísticas, bem como reivindicações diretas na tentativa de serem atendidos. Como vimos as categorias de trabalhadores que apareceram a frente nas lutas políticas e das organizações de seus sindicatos foram as relacionadas ao comércio e aos serviços portuários.

Os jornais mostram a todo instante o desespero de pessoas, famílias sem emprego vivendo em total miséria, o que não era muito diferente também para aqueles que possuíam um trabalho. Mesmo para esses a situação nunca foi de tranqüilidade, principalmente porque possuíam gastos que iam além de sua renda mensal. Alguns não suportavam mais a situação de miséria e entravam em desespero, perdendo o gosto pela vida chegando assim a cometer atos desesperados, a morte se mostrava como solução para seus problemas.

Os tempos de crise deixaram marcas, com tanta gente sem trabalho o número de pessoas a mendigar pelas ruas da cidade tendia a crescer. Entre as alternativas pensadas pelo governo estava a viabilização de passagens para imigrantes pobres no intuito de que estes retornassem a seus locais de origem. Em relatório da Sociedade Beneficente Portuguesa de 1921 é possível observarmos informações que mostram a viabilização de passagens para alguns imigrante portugueses retornarem ao seu país:

Pelos Transportes Marítimos do Estado, com sede em Lisboa, foi essa sociedade encarregada de fazer a distribuição de seis passagens de terceira classe de todos os seus vapores, a indigentes portugueses. Esta Directoria distribuiu essas passagens a Portuguezes que reconheceu na maior indigência, os quaes seguiram pelos vapores, Lima, em 29 de julho, S. Jorge em 4 de outubro, e Lima, em primeira de Dezembro, julgando assim esta Directoria cumprida a missão que lhe foi confiada.¹⁶⁸

Podemos ver também em um periódico direcionado a colônia espanhola residente em Manaus, as informações sobre deliberação de passagens para espanhóis que se encontravam em estado de pobreza na cidade:

Los españoles que quieran repatriarse y sean indigentes, prevea justificacion, en forma como tales, y a satisfacion completa de este Viceconsulado: tendran la bonificacion de 50 por 100 em sus pasajens, con arreglo a la ley vigente. Hasta el 31 del mês actual, dispone este Viceconsulado, de 360 pasajes com la rebaja indicada. Asi mismo los documentos que precisare de esta Oficina Consular, el que haja acreditado su estado de pobreza seran

¹⁶⁸ Relatório do Hospital Beneficente Portuguesa referente ao exercício de 1921, p. 5.

gratuitos. Lo que me complace en harcelo público em bien de los necesitados¹⁶⁹.

As estratégias do governo para as primeiras décadas do século XX, se formularam de diferentes maneiras, além da reclusão em instituições de asilo e remoção de alguns imigrantes para suas áreas de origem, outra alternativa foi o afastamento dos pobres para bairros distantes do centro da cidade. Segundo a historiadora Edinea Mascarenhas, para dar conta dos pobres e desocupados da cidade as estratégias estabelecidas foram amplas:

(...) compreendendo uma política de separação e isolamento desses segmentos em bairros distantes da área central, em se tratando dos trabalhadores, e, para os marginalizados do processo produtivo, o poder público desenvolveu uma política de reclusão em ambientes afastados e fechados tais como penitenciária, hospitais, asilos de mendicidade, hospícios e colônias agrícolas¹⁷⁰.

Essa situação visível ainda na década de vinte, quando Manaus recebeu uma leva de trabalhadores vindos dos seringais a procura de melhores condições de vida, pareceu repetir na década de quarenta com a entrada de um contingente populacional na região resultado da campanha de mobilização de trabalhadores para participarem da batalha da borracha. Nesse sentido, muitas pessoas permaneceram em Manaus ao invés de se deslocarem para as áreas de concentração nos seringais. Muitos imigrantes sem alternativas viviam como mendigos e foram noticiados nos jornais da cidade que informavam a presença maciça desses indivíduos perambulando pelas ruas de Manaus:

A nossa reportagem constatou nas ruas que avulta ainda o número de pedintes. A mendicância, mal antigo, continua sem solução. Ontem, nossa reportagem teve ensejo de ver, de um momento pra o outro, cerca de cinco desses pedintes em plena avenida. Eram nordestinos que fracassaram na front da borracha, já por falta de assistência por parte das autoridades superiores, e aqui ficaram, sujeitos as mais prementes necessidades.

As portas das igrejas, é verdadeiramente lastimável o grande número de mendigos que envoltos de andrajos, palúdicos, ou portadores de moléstias outras, rogam-nos que passam uma esmola pelo amor de Deus, como se a natureza fosse para essa gente, uma madраста execrável sem piedade e carinho¹⁷¹.

Sem trabalho na cidade esses imigrantes tentavam de qualquer forma buscar uma solução para ordenar suas vidas. Quando não conseguiam nenhum trabalho ficavam

¹⁶⁹ Jornal *El Hispano-Amazonense*. Manaus, 2 de março de 1920.

¹⁷⁰ DIAS, Edinea Mascarenhas. Op. cit., p. 133.

¹⁷¹ *Jornal do Comércio*. Manaus, novembro de 1945.

sujeitos a sair nas ruas mendigando, ou então, partiam para práticas ilícitas na tentativa de obter o sustento. Abaixo, uma informação na coluna policial do *Jornal do Comércio* denuncia a presença de imigrantes que se concentravam em determinados pontos da cidade. A nota denuncia a situação vexatória em que viviam alguns nordestinos acampados na praia do mercado que pejorativamente foi chamado de “Arigolandia”:

Atendendo a um convite do seu administrador Sr. Júlio Lima, A nossa reportagem esteve ontem pela manhã no Mercado Público afim de verificar as irregularidades que ali são promovidas por grande número de desocupados em sua maioria nordestinos egressos dos seringais e que usam de todos os métodos para fraudar a boa fé pública e especialmente dos agricultores ribeirinhos que aportam na rampa do mercado para venderem seus produtos.

O Sr. Júlio Lima teve a ocasião de mostrar-nos o que ele chamou de “Arigolândia”. Trata-se de um punha do de tapiris erigidos no centro da praia do mercado e onde residem famílias inteiras, muitas das quais, por um motivo de prementes necessidades lutando para sobreviver são levados a prática do furto. Essas famílias de nordestinos, ao que declarou aquele funcionário municipal, realizam na rampa do Mercado, as mais extravagantes negociações¹⁷².

Essa foi a realidade de muitos imigrantes empobrecidos que na década de quarenta vieram para Manaus e que foram, de certa forma, vítimas de propagandas ilusórias sobre a região que naquele período passou a ser alvo das atenções do governo central. No período convencionalmente chamado de Estado Novo (1937-1945), com Getúlio Vargas a frente do País, a Amazônia passou a fazer parte das políticas desenvolvimentistas daquele governo. Ainda nesse mesmo período, dada a insurgência da Segunda Guerra Mundial, o governo central acordou com os EUA algumas deliberações refletidas nos conhecidos “Acordos de Washington”. Foi nesse contexto que inúmeros trabalhadores desejosos por melhorar de vida vieram em direção à Amazônia, região rotulada na época, pelas propagandas do governo Vargas como “terra da esperança e da fartura”.

2.3 – MANAUS NO QUADRO DA POLÍTICA VARGUISTA.

O período que marcou a administração de Getúlio Vargas como Presidente do País caracterizado Estado Novo, revela para o norte um momento de mudanças repentinas, onde o Amazonas passa novamente a figurar nos planos do governo central.

¹⁷² *Jornal do Comércio*. Manaus, 31 de outubro de 1945.

Os acontecimentos da Segunda Guerra (1939-1945) favoreceram a articulação dos EUA junto ao governo central na elaboração de medidas favoráveis ao soerguimento da produção gumífera, tornando a região em curto espaço de tempo o centro das atenções do governo brasileiro e norte americano. Os maiores interessados em vencer a guerra, os EUA, visavam a região para conseguir uma quantidade máxima de borracha com intuito de atender a demanda da Guerra.

Para tal fim, organizaram, junto ao governo brasileiro, um conjunto de medidas a fim de viabilizar a rápida produção da borracha. As medidas acordadas entre o Brasil e os norte americanos foram os conhecidos “acordos de Washington”, que entre outras coisas, marcou a interferência americana no norte do país. Entre as medidas consideradas no pacto acordado entre os dois países, foi levado em consideração a propaganda de imigração para a Amazônia.

Antes dos acontecimentos da Guerra o interesse em povoar a região já vinha sendo pauta de discussões entre os governadores nortistas que discutiam a relevância de trabalhadores para uma área de imensas proporções. Em 1926, por exemplo, o governador Efigênio Sales já reclamava em mensagem de governo, a necessidade de povoar o Amazonas fazendo as seguintes colocações:

Estado de enorme extensão territorial, medindo quase dous milhões de kilometros quadrados, com uma população insignificante de quatrocentos e poucos mil habitantes, o que vem a ser, em média, um habitante para quatro kilometro quadrados, constitue para o Amazonas o interesse da maior relevância o povoamento do solo, de modo a poderem ser convenientemente exploradas as suas incauculaveis riquezas naturaes¹⁷³.

Em 1928, o discurso é o mesmo com a ênfase dada a necessidade de trabalhadores de outras regiões que, segundo os administradores, seriam importantes peças para o desenvolvimento econômico e povoamento da Amazônia:

Entre os grandes problemas do Amazonas que continuam a ocupar a atenção do governo, esta o do povoamento do solo, por meio de immigrantes ordeiros e trabalhadores, que possam trazer ao desbravamento de nosso hinterland o concurso de seu braço útil, cultivando a terra e desenvolvendo o aproveitamento de nossas incauculáveis riquezas naturaes. Iniciadas que seja as entradas de immigrantes, poderemos dar-lhes assim as installações convenientes, e os meios indispensáveis a entrarem logo em actividade, de

¹⁷³ Mensagem de Governo apresentada à Assembléia Legislativa pelo Presidente Ephigenio Ferreira Salles julho de 1926, p. 110.

modo a principiarmos a auferir promptamente as vantagens que elles nos podem trazer¹⁷⁴.

Por esses períodos cogitava-se principalmente a entrada de imigrantes japoneses para trabalhar em algumas áreas do estado, mas não apenas eles, também na mensagem acima o governador fala de sua negociação junto a representantes da Índia na possibilidade de ajustar a vinda de imigrantes indianos. Havia ainda a expectativa da entrada de imigrantes italianos e poloneses, o governo garantia as condições especiais para o recebimento desses imigrantes que provavelmente ficariam incumbidos de trabalhar em áreas agrícolas e na extração da borracha.

O programa de concessão de grandes áreas no Amazonas se cogitou até 1930 para imigrantes e tinha como principal justificativa a colonização¹⁷⁵. No governo Vargas a Amazônia foi vista como região subdesenvolvida, precária, vazia, afastada do restante do País e que precisava de incentivos para seu desenvolvimento econômico. As metas de Getúlio, durante o Estado Novo para a região, foram pensadas de acordo com os principais problemas observados na Amazônia, sendo o despovoamento um dos principais itens.

Deste modo, os políticos nortistas, apoiados no discurso progressista e nacionalista de Vargas, discutiam em conferências a relevância e os tramites das políticas voltadas para o Norte. Assim, foi discutido no inicio da década de 1940, em pleno acontecimento da guerra, na cidade de Belém, uma conferência que visava discutir as ações para a mobilização dos trabalhadores que seriam enviados para pontos estratégicos nos seringais da Amazônia. O relatório abaixo expõe as premissas do plano de mobilização:

Na forma da convocação feita pelo Sr. Ministro João Alberto, Coordenador da Mobilização Econômica, reuniram-se em Conferência na cidade de Belém, de 12 a 15 de abril último, sob a presidência dessa alta autoridade, os interventores do Pará e do Amazonas, bem como outras autoridades. A conferencia tinha como principal discussão o êxito integral do formidável plano de ressurreição do vale. Segundo o Ministro João Alberto, a mobilização discutida na conferencia, a qual visava integrar o homem amazônico ao trabalho no vale, visa um grande auxilio para o desenvolvimento da economia da Amazônia, ainda diz:

Uma medida dessa natureza, por nós tomada, quando lutamos em prol a liberdade e da Democracia, a mobilização em questão não é um ato de força, visando contrariar e quebrar o ritmo de vida daqueles que preferem um repouso

¹⁷⁴ Mensagem de Governo apresentada a Assembléia Legislativa pelo presidente Ephigenio Ferreira Salles em 14 de julho de 1928, p. 23.

¹⁷⁵ OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. Op. cit.

tranquilo a uma civilização movimentada. Essa medida visa antes garantir o direito de igualdade, o dever de todos os trabalhadores lutarem pela mesma causa, de modo que uns não se sacrifiquem pelo mal a dentro, em busca daquilo que hoje representa a matéria número um que a Amazônia pode oferecer para a guerra, enquanto que outros se alentam pacatamente em suas redes¹⁷⁶.

Na verdade, essa preocupação e todo o discurso referente ao desenvolvimento da Amazônia e seus habitantes são discursos já conhecidos. Como em situações passadas, o que se esperava realmente e que estava mascarado sobre a pseudo propaganda de povoamento e desenvolvimento amazônico era a execução de contratos para garantir a outros, interesses que estariam longe de assegurar a estabilidade e o bem estar da Amazônia e de quem nela habita.

Para aquele período o único e verdadeiro objeto de preocupação era a borracha e sua produção em grande escala, e não fosse as circunstâncias da guerra a Amazônia de nada interessaria para os grupos dominantes, representados na figura dos Estados Unidos, Getúlio Vargas e os políticos situacionistas a época. Aliás, a importância da Amazônia para os grupos dominantes sempre esteve relacionado a riquezas minerais e naturais existente nesta. E o que se observa muitas vezes, são discursos disfarçados em frentes desenvolvimentistas, ecológicas ou de sustentabilidade, onde o próprio homem amazônico é afastado de seu ambiente e encarado como principal responsável pela sua depredação. Quando na verdade, aquele sabe o valor e os limites existentes na natureza onde ele mesmo é parte incondicional.

O que sempre esteve por traz de tudo isso foi a imposição de grupos políticos, a exemplo de Vargas e outros governos que, apoiados em paradigmas cientificista-tecnológico usaram ou se apropriaram ideologicamente de termos já comentados (progresso, desenvolvimento, sustentabilidade) para encobrirem seu verdadeiro interesse pautados na lógica de produção e consumo.

Isso não foi diferente no governo Vargas que, para justificar, controlar e desenvolver um modelo de Estado cria os DIP, a fim de assegurar uma campanha repressiva e autoritária de favorecimento a este governo. Especificamente em 1939, foi criado o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), órgão de propaganda responsável pela divulgação da propaganda Varguista. O DIP foi responsável por manter o controle dos meios de comunicação, reprimindo e censurando forças que se

¹⁷⁶ Relatório de Governo referente ao ano de 1940 a 1941, exposto ao Presidente Getúlio Vargas pelo interventor Álvaro Botelho Maia, p. 59-60.

mobilizassem contrárias ao governo e para isso criou em cada estado do País, um Departamento Estadual de Propaganda e Imprensa (DEIP)¹⁷⁷.

Através da imprensa, Vargas pode disseminar suas ações e doutrinas tomando como ponto fundamental de seu governo a questão do nacionalismo. Assim, foram organizadas propagandas de exaltação ao “ser brasileiro”, pois o país precisava ter uma identidade, um “Estado Novo”. Esse projeto nacionalista aos poucos foi sendo construído através da organização e valorização de símbolos e conceitos que visavam a constituição de uma sociedade unificada se não militarizada, pois se apoiava num pensamento de ordem e disciplina para assim formar o sentimento de nacionalidade entre o povo brasileiro.

E que planos foram traçados para Amazônia? Na verdade, as circunstâncias de Guerra favoreceram o projeto de nação do governo Vargas que, entre outras coisas, previa a constituição da soberania pela ocupação dos vazios territoriais¹⁷⁸. A Amazônia, nesse sentido, passou a fazer parte dos planos de Vargas que fomentou uma política de desenvolvimento e integração do norte.

Assim, a campanha de Vargas para a região se consolidou principalmente a partir da década de 1940, quando a borracha passa a ser requerida pelos aliados que necessitavam desse produto para as necessidades da indústria bélica. É nesse contexto de Guerra que a região passa novamente a ser palco dos interesses internacionais, como no final do XIX e início do XX. Os EUA firmaram acordos com o governo brasileiro com intuito de viabilizar ações para atender os esforços da guerra. O governo em função da produção da borracha, necessitava de braços para obter um retorno rápido dessa produção, sendo que, para isso, foi elaborado um plano de mobilização de trabalhadores para servirem nos seringais e outras áreas do norte do País.

Usando a justificativa nacionalista de defesa, patriotismo e ainda o discurso de vazio demográfico, o governo Vargas articulou uma propaganda para o recrutamento dos trabalhadores que foram organizados enquanto soldados da borracha. O DIP utilizou diferentes veículos de comunicação para disseminar a ideologia patriótica, impondo o discurso de que seria necessário a participação de todo e qualquer brasileiro apto para lutar contra as forças do eixo. Esses soldados eram homens que,

¹⁷⁷ SECRETO, Maria Verônica. **Soldados da Borracha**: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007, p. 71.

¹⁷⁸ MORALES, Lúcia Arrais. **Vai e Vem, Vira e Volta**: as rotas dos soldados da borracha. São Paulo: annablume, 2002, p. 364.

diferentemente dos soldados que foram para a frente de combate na Europa, tinham por obrigação servir a pátria seguindo para os seringais incumbidos de extrair uma quantidade expressiva de látex num esforço quase sem precedentes.

A maioria dos trabalhadores enviados para a Amazônia eram oriundos do nordeste uma região que sempre sofreu com as estiagens e em 1942, foi assolada por uma forte seca deixando um enorme contingente de sertanejos isolados sem opção, a não ser fugir de sua própria terra. Diante de tal fenômeno, o governo brasileiro, numa tentativa de contornar os problemas ocasionados pela seca, aproveitou para encaminhar os flagelados que se amontoavam em Fortaleza, para o trabalho nos seringais através do DNI (Departamento Nacional de Imigração).

O artigo de Frederico de Castro Neves¹⁷⁹ é relevante, pois aponta as políticas emergenciais do Estado Novo relacionado as secas de 1932 e 1942, mostra ainda as ações e relações entre o Estado e os retirantes das secas durante o período varguista. A preocupação do autor é justamente verificar os mecanismos de poder utilizados por Vargas para estabelecer o controle sobre a população de flagelados. Segundo ao autor, a presença de um grande contingente de sertanejos empobrecidos que invadiam as capitais, levou o governo a elaborar estratégias de apresamento na tentativa de evitar a entrada e o abarrotamento de tantas pessoas nas cidades.

Assim, Castro Neves afirma que foram criados campos de concentração para *“impedir a mobilidade física e política dos retirantes, representando um gigantesco esforço de organização, que tinha seu contraponto nas ações violentas das multidões de retirantes que ameaçavam tomar em suas mãos a resolução de suas aflições”*.

Mas, essas pessoas já tinha um destino, pois entre as alternativas do governo para conter os problemas trazidos pela seca de 1942, estava a Amazônia, mais uma vez vista como solução para o sofrimento de muitos imigrantes empobrecidos. Não estamos aqui querendo levar adiante uma discussão específica sobre a população nordestina, o que não é o centro de atenção deste trabalho, mas pelo menos esclarecer as condições em que esses imigrantes foram sujeitados a deixar seu local de origem, uma vez que é expressivo o número de nordestinos na Amazônia e especificamente em Manaus.

Essas pessoas foram tratadas como se fossem soldados que teriam de servir o seu país na em uma região desconhecidas para muitos, assim:

¹⁷⁹ NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a Seca: políticas emergenciais na era Vargas. In: **Revista Brasileira de História**, v. 21, nº 40, São Paulo, 2001.

(...) aglomerados em velhos caminhões, vestindo andrajos e expostos ao olhar de curiosos passantes, eles eram embarcados em navios com destino ao “inferno verde”. Jornada amiúde sem retorno: estima-se entre 15 a 20 mil o número de trabalhadores mortos no interior da floresta (...) os soldados da borracha, frequentemente anônimos, desprovidos de patentes e condecoração, trouxeram em seus corpos as marcas das penosas lides, testemunhas do estreito convívio entre látex e sangue¹⁸⁰.

Sem dúvida a esperança em povoar a região contava principalmente com a mobilização dos nordestinos devido as ocorrências da seca. A intenção seria resolver dois problemas, um causado pelo fenômeno natural da seca, onde milhares de pessoas se encontravam em absoluta miséria e outro acabar com o vazio demográfico da Amazônia. A solução seria enviar aquelas pessoas para o norte e assim, resolver os dois problemas em questão.

Certamente a seca foi um dos fatores de expulsão de imigrantes, mas há de se ater para outras situações envolvendo os imigrantes que deixaram seu local de origem em outras regiões do país. Em um de seus estudos sobre imigração, Samuel Benchimol procurou descrever alguns dos motivos - além da seca - que trouxeram para o Amazonas, no início da década de quarenta, um grande número de pessoas. Segundo o estudioso, uma corrente de imigrantes, *“a partir de 1943, viajando mais ao sabor da aventura, constituída de brasileiros, inclusive de nordestinos cosmopolitas e urbanizados, já sem vínculos regionais, desenraizados, sem afeição à sua querência, vinha criar sérios problemas de adaptação e integração ao novo meio ambiente, a partir de sua chegada”*.

Na verdade, o desejo de enriquecer pairou no pensamento de inúmeras pessoas que viram a Amazônia como um porto seguro, isso porque a propaganda em torno da região foi bastante apelativa. E se no início do século suas capitais foram comparadas a Paris dos trópicos, na década de 1940, as propagandas noticiavam a região como “terra de esperança e da fartura”. Sugerindo imagens idílicas, criavam ilusões de que quem viesse para o Norte encontraria fartura e boas condições de vida¹⁸¹.

Os jornais de Manaus na época da campanha pela borracha, na década de quarenta, postavam em suas páginas propagandas relatando a importância dos

¹⁸⁰ FILHO, Antonio Luiz Macedo e Silva. Estilhaços de uma Guerra. In: GONÇALVES, Adelaide e COSTA, Pedro Eymar Barbosa (org). **Mais Borracha para a Vitória**. Fortaleza: MAUC/NUDOC; Brasília: Ideal Gráfica, 2008, p. 26.

¹⁸¹ SECRETO, Maria Verônica. Op. cit., p. 79.

trabalhadores nos seringais, pois assim estariam honrando e servindo a pátria. E ainda noticiavam os esforços dos norte americanos para o soerguimento econômico da região:

A cooperação americana trará o soerguimento econômico da Amazônia”

(...) Com a cooperação americana num esforço pela vitória da causa aliada, os nossos problemas terão uma solução adequada ao soerguimento econômico do Amazonas¹⁸².

FIGURA 01 – Propaganda da Campanha Pela Borracha

BRASILEIROS!
PRODUZIR
BORRACHA
é obra
patriótica

E FORTALECE A ECONOMIA PARTICULAR

Na guerra total, em que estamos defendendo a nossa honra e liberdade ultrajadas, as decisões não dependem apenas, da luta nas frentes. Hoje, tudo e todos são mobilizados e tarefas importantíssimas cabem aos que ficam à retaguarda.

Trabalhador: os nossos Aliados, que já se encontram em combate, os nossos irmãos, que lutam nos ares ou nos mares, precisam, seriamente, do seu esforço de produção! E para que essas armas rodem até a Vitória, será necessário conseguir mais borracha, a Borracha que o Brasil possui, em reservas astronômicas, mas que, agora, devemos extrair! Devemos colher o "látex" que corre nos troncos, não só das Seringueiras, mas das Manicobas e Mangabeiras, espalhadas por várias regiões do território nacional. É simples e altamente rendoso! Procure informações amplas e completas na Prefeitura local.

OUÇA diariamente, às 18,30, o programa da borracha nas seguintes emissoras:

RÁDIO NACIONAL (Ondas curtas) Rio de Janeiro • RÁDIO DIFUSORA (Ondas curtas) São Paulo • RÁDIO INCONFIDÊNCIA (Ondas longas) e Histórias • RÁDIO SOCIEDADE DA BAIÁ (Ondas longas) Salvador • RÁDIO CLUBE DE FERNAMBUCO (Ondas curtas e longas) Recife • RÁDIO EDUCADORA DE NATAL (Ondas longas) Natal • CEARÁ RÁDIO CLUBE (Ondas curtas e longas) Fortaleza • RÁDIO CLUBE DO PARÁ (Ondas longas) Belém.

MÊS NACIONAL DA BORRACHA

PEÇA INFORMAÇÕES COMPLETAS NA PREFEITURA LOCAL

COUPONS ESPIRITISM

Fonte: Jornal do Comércio de 1943.

A figura acima representativa desse apelo direto ao trabalhador dessa tentativa de convencê-lo sobre a importância de sua participação na coleta do látex. Num verdadeiro esforço junto ao governo central, as propagandas em torno da vinda de trabalhadores para a região deixavam claro ainda que, era dever cívico do brasileiro servir na Amazônia, e estes seriam bem recebidos e recompensados quando chegassem aqui.

Um artigo dirigido ao Jornal do Comércio de 1943, por Ozéas Martins, retrata a forte campanha sobre o peso da responsabilidade de ser um soldado da borracha:

¹⁸² *Jornal do Comércio*. Manaus, 6 de junho de 1943.

Um seringueiro soldado?

Paroxismo? Não! A distancia – diametralmente oposta que era – entre tu e o soldado, hoje desaparece, pela empreitada que confunde armas, cérebros, braços e corações na mais dignificante, luta nessa hora de sangue! Todos soldados da mesma linha de batalha. Pensamentos iguais, uniformes iguais, as mesmas aspirações, corações um só!

O pingo do teu suor e o pingo do sangue do teu irmão soldado, confundidos sobre a mesma terra, adubarão a semente da liberdade e da paz, que, breve repontará em árvore viçosa e robusta, erguendo ao primeiro borbulho, as mãos postas aos céus para receber os eflúvios divinos, das bênçãos de Deus!

Seringueiro, Sentido!

As notas apelativas sugerem aos seringueiros, apontados como soldados, dar seu suor em prol de um acontecimento - no caso a batalha da borracha - que nem eles mesmos sabiam o porquê estavam envolvidos, ou quais as causas de seu envolvimento, a não ser que poderiam enriquecer vindo para Amazônia trabalhar como seringueiros. Alguns acabavam imigrando por receio da guerra e avaliavam da seguinte forma: *“Naquele tempo você escolhia: ou ia para guerra, ou ia pro Amazonas. Fui porque chegou o tempo da mobilização. Tinha uma guerra grande. Tinha a coisa da mobilização aí eu fui”¹⁸³*.

Mas, a realidade para tantos imigrantes que seguiram em direção a Amazônia, revelou-se dramática, pois a inconsistência de uma infraestrutura capaz de acomodá-los não se desenvolveu adequadamente como proposto em tantas propagandas. O trecho da propaganda que dizia que era “perfeitamente aparelhado, o SEMTA alista, transporta, hospeda, veste alimenta, ampara, trata e defende, por todos os meios, o homem que se entrega aos seus cuidados, a fim de prepará-lo para o trabalho, sadio, forte, produtivo”¹⁸⁴ nos mostra uma mensagem favorável as medidas e ações propostas pelos serviços do SEMTA, como se este organismo estivesse realmente preparado para dar conta de milhares de seres humanos afoitos por uma vida melhor.

A propaganda acima é referente as promessas que esse Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para Amazônia propunha. Promessas que estavam longe de ser uma realidade positiva, pois; *“as condições de transporte eram péssimas; os serviços médicos supostamente destinados aos seringueiros, centralizavam-se em*

¹⁸³ MORALES, Idem, p. 107.

¹⁸⁴ SECRETO, Idem, p. 78.

Manaus, Belém e cidades menores; a entrega de suprimentos deixava muito a desejar; e os salários-família se atrasavam ou nunca chegavam¹⁸⁵”.

FIGURA 2 – Soldados da Borracha



Partida para a Amazônia. Fortaleza 1943.

Na verdade, o grande objetivo do SEMTA, com suas propagandas junto aos trabalhadores era a de:

(...) ressaltar uma campanha de guerra e tentar persuadir os cearenses por meio de conteúdos simbólicos de uma propaganda produzida para o convencimento e a justificativa do processo migratório, desde o recrutamento até a transferência de um numeroso contingente de trabalhadores para a batalha da borracha na região amazônica¹⁸⁶.

Ao entrevistar alguns imigrantes nordestinos que serviram durante a batalha da borracha, Ferrarini¹⁸⁷ expõe a fala de seringueiros que relatam realidades vividas na Amazônia. São situações difíceis que mostram fatos contrários as mensagens positivas

¹⁸⁵ DEAN, Warren. **A Luta pela Borracha no Brasil**: um estudo de história ecológica. São Paulo, Nobel, 1989, p. 131-154.

¹⁸⁶ Sobre o SEMTA, ver GONÇALVES, Adelaide e EYMAR, Pedro (Orgs). *Mais Borracha para a Vitória!* Op. cit.

¹⁸⁷ FERRARINE, Antônio Sebastião. Op. cit., p. 43.

sempre destacadas nas propagandas de Vargas. A verdadeira realidade para a maioria dos imigrantes que vieram trabalhar como soldados da borracha, certamente foi a de uma vida miserável e a morte para aqueles que se destinavam adentrar nas áreas dos seringais. Iludidos com as promessas e propaganda do governo Vargas, esses homens partiam em busca de trabalho e uma vida menos atribulada, ao chegar se deparavam com uma realidade áspera e sofrida:

(...) Eu vim para o Amazonas em 1942, no tempo de guerra...eu vim para cá porque era seca grande. O governo prometeu que no Amazonas era muito bom. Muitos resolvemos vir. Mas os patrões que trazia nois, enganou nois. Enganou todos os arigós e que naquele tempo se chamavam arigante. O governo prometeu pra uns e pra outros não. Eles davam bóia na hospedaria de Belém e Manaus. Depois deu rede, roupas, e só isso.

Eu pensava que trabalhar na borracha era como ajuntar dinheiro. Era um homem novo, forte; tinha coragem de trabalhar. Hoje já me acho um homem decadente, morto dentro de uma rede”.

Um outro exemplo citado pelo mesmo autor diz:

Nasci no Estado do Rio Grande do Norte, município de Jurucutu.

Foi por causa das secas que resolvi vir para o Amazonas. Lá no nordeste os homens eram obrigados a viajar dias e dias para procurar recursos. Eu pensava em ganhar muito dinheiro. Muitos e muitos diziam que o Amazonas era muito bom etc. e tal

Do que esperava, não ganhei nada, nada; foi tudo ao contrário. Trabalhei dentro das matas. Esta foi a maior dificuldade. Lá tinha de tudo: feras carapanãs...nada ganhei.

O autor não identificou os entrevistados, mas os relatos são de imigrantes cearenses que vieram para o norte especificamente trabalhar nos seringais do Amazonas. Como podemos ver, os comentários nos revelam as dificuldades de vida na Amazônia, o que na época lhes foi apresentado como lugar de oportunidades e vida fácil, tornou-se pesadelo a partir do momento que entraram nos navios em direção ao norte.

As propagandas feitas por órgãos responsáveis pela mobilização dos trabalhadores não foram consumadas de fato. Como assiná-la Ferrarini, “*a Amazônia Ocidental acolheu essa massa humana, sem nenhuma infra-estrutura*”, e muitas dessas pessoas, se não permaneceram na miséria, morreram isoladas nos seringais sem nenhuma assistência.

Ao chegarem a região os imigrantes concentravam-se primeiramente em cidades como Manaus e Belém para depois serem enviados as áreas dos seringais. Em Manaus, essas pessoas, que chegavam de vários cantos do país, eram enviadas para locais de

hospedagem mal estruturados sem condições de moradia. O abrigo de Paricatuba, por exemplo, que no início do século XX, serviu para hospedar imigrantes italianos e mais tarde alojar os hansenianos, foi reformado na década de quarenta com intuito de abrigar os imigrantes que chegavam em Manaus.¹⁸⁸

Outro local viabilizado para acomodação dos imigrantes, quando de sua chegada, era o lago do Aleixo, uma área especialmente estruturada para recebê-los tendo ao todo setenta edificações. Os imigrantes eram acomodados nestes locais e preparados para serem enviados para os seringais onde iriam exercer o trabalho de coleta das seringueiras. Eram homens, mulheres, velhos e crianças que se aventuravam em um local totalmente diverso de seu local de origem.

Em relato feito sobre o repovoamento do Amazonas em 1943, Carlos Mendonça descreveu a chegada de imigrantes que procediam de várias regiões do nordeste, principalmente do Ceará:

Os velhos chegam taciturnos e sombrios, lembrados da terra sertaneja que não verão jamais. Os jovens espalham-se pela praça, admirados de encontrar no sei escuro da selva tantas casas novas, amplas e confortáveis. Mulheres gritam e gesticulam à procura de bagagens, com os filhós agarrados ao colo. As fisionomias são profundamente abatidas, todas. Os carros regressão á cidade¹⁸⁹.

Segundo o autor, os migrantes dispunham de um acompanhamento do governo, sendo que as áreas destinadas a acomodá-los possuíam edifícios, água potável canalizada, esgotos, fossas biológicas, luz elétrica, ao todo eram 70 edificações de alvenaria para atender a todos até o momento de serem enviados para os seringais e serviços de lavoura. O autor comenta que, olhar para aquelas pessoas, homens, mulheres e crianças de aspectos fraco e doentio era como se estivesse vendo prisioneiros de um campo de concentração, no caso deles prisioneiros da fome. Ainda o mesmo autor, afirma que muitos desses imigrantes eram operários especializados e artífices que, preferindo ficar na cidade, foram aproveitados para trabalhar em serviços da prefeitura e ainda nas fileiras da Força Policial do Estado¹⁹⁰.

¹⁸⁸ O edifício nos seus primórdios serviu de abrigo para imigrantes italianos e mais tarde foi destinado aos enfermos acometidos pela lepra, com o passar dos anos o lugar ficou relegado ao abandono, provavelmente pela falta de verbas para mantê-lo.

¹⁸⁹ MENDONÇA, Carlos. **Gente do Nordeste no Amazonas** (Reportagem em torno do repovoamento do Amazonas em 1942). Manaus, divulgação da Imprensa Pública, 1943, p. 6.

¹⁹⁰ Idem, p. 5.

Em Manaus os imigrantes eram recebidos com entusiasmo pelo governo que organizava festas e palestras no intuito de reforçar ainda mais a importância do trabalho do imigrante nos campos da batalha da borracha. Assim, noticiando as festividades organizadas pelo governo para receber os imigrantes instalados em Manaus, o jornal do Comércio fala de um espetáculo que seria realizado nas áreas do Ponta Pelada, outro local de concentração dos trabalhadores:

Espectáculo para os soldados da produção”

Hoje o Teatro de Guerra se deslocara para Ponta Pelada, onde ocorrerá um espetáculo aos nordestinos que se encontram abrigados naquela hospedaria, a espera de que os encaminhem para o front da borracha. Essa representação, especialmente dedicada aos soldados da produção, se iniciará às 16:30, devendo contar com a participação de todo elenco do Teatro de Guerra¹⁹¹.

Como falamos anteriormente, a tentativa de entusiasmar e enaltecer a importância do imigrante na produção da borracha, ou seu dever enquanto patriota, esteve presente no discurso de praticamente todos os meios de comunicação. Nos jornais e revistas da década de quarenta em Manaus é visível reportagens exaltando as ações do governo Vargas e de como seu programa de governo estava auxiliando os trabalhadores, pontuando uma imagem sobre a Amazônia de pátria acolhedora dos necessitados.

A revista Sintonia um periódico que circulou em Manaus entre os anos de 1939 e 1943, tinha uma posição favorável a política varguista sempre estampando notas de exaltação a este governo¹⁹². Essa revista abraçou a causa de defesa e divulgação do regime de Vargas no Amazonas e nela podemos ver a consagração ao seringueiro que, como falamos no parágrafo anterior, precisava ser enaltificado comparado a um verdadeiro servidor da pátria, um soldado lutando na Amazônia. Assim, em um de seus números, a revista comenta sobre os aspectos da política de Vargas para a Amazônia: “*As diretrizes do Estado, perfeitamente integrada nos princípios Patriótico e Sádio do Chefe da NAÇÃO*”¹⁹³.

O número 36 da revista Sintonia destaca a contribuição de Vargas nas ações voltadas para Amazônia:

¹⁹¹ *Jornal do Comércio*. Manaus, 27 de junho de 1943.

¹⁹² Sobre as propagandas de Vargas na imprensa amazonense ver a Dissertação de Mestrado de ALVES, Hosenildo Gato. **Imprensa e Poder: A Propaganda Varguista na Imprensa Amazonense (1937-1945)**. Manaus: UFAM, 2009.

¹⁹³ *Revista Sintonia*. Ano IV, nº 30. Manaus, 30 de novembro de 1942, p. 6.

Afim de incrementar a produção de borracha na Amazônia, o Governo Federal realiza no momento, uma obra gigantesca, cujo os resultados constituem, sem dúvida, notável contribuição ao povo brasileiro, a causa defendida pelas nações unidas.

E ainda as falas do próprio Getúlio quando de sua estada em Manaus:

Apenas é necessário dizê-lo corajosamente: tudo quanto se tem feito, seja agrícola ou indústria extrativa, constitui realização empírica e precisa transformasse em exploração racional. O que a natureza oferece é uma dádiva magnífica a exigir o trato e o cultivo da mão do homem. Da colonização esparsa, ao sabor de interesses eventuais, consumidora de energias com escasso aproveitamento, devemos passar à concentração e fixação do potencial humano¹⁹⁴.

O problema é que em curto tempo não seria possível consolidar os planos traçados para a região. As dificuldades eram muitas, a começar por um planejamento complicado no que diz respeito a mobilização de inúmeras pessoas para o norte. Os problemas estavam associados, como afirma Pedro Martinelo, a fatores ligados: ao transporte dada a complexidade e dificuldade em navegar na própria região; o alojamento, já que, segundo o autor, o número de pessoas era bem maior em relação a imigração anterior e agora necessitaria de instalações adequadas para comportar pelo menos 50.000 imigrantes; e as despesas, tantas pessoas sem absolutamente nada, apenas com seus pertences íntimos e nada mais e o que o governo oferecia para o gastos com as despesas dessas pessoas era insuficiente¹⁹⁵.

Em capítulo anterior comentamos que a imigração da década de 1940 teve características distintas. Como afirma Martinelo, enquanto a primeira mobilização capitaneada pelo Departamento Nacional de Imigração DNI, teve como principal motivação a seca, sendo os imigrantes na sua maioria cearenses; o segundo momento, que seria a partir de 1943, e de responsabilidade inteira do SEMTA, apresentou não só nordestinos mas, pessoas provindas de *“diversos pontos do país, inclusive dos centros urbanos, eram homens solteiros ou desgarrados de sua parentela, muitos deles desempregados ou sem profissão definida”*¹⁹⁶.

Alguns imigrantes temendo uma realidade sofrida nos seringais preferiram ficar na cidade, fugiam das hospedarias para as periferias ou então enchiam as ruas do centro como mendigos quando não conseguiam trabalho. Por esse período, Manaus frente aos

¹⁹⁴ *Revista Sintonia*. Ano IV, nº 36. Manaus, maio de 1943, p. 10-12.

¹⁹⁵ MARTINELO, Pedro. Op. cit., p. 220.

¹⁹⁶ *Idem*, p.226.

investimentos americanos, procurou reestruturar os espaços centrais que se encontravam deteriorados, ampliou os serviços públicos e construiu obras significativas como, a instalação em 1944 de uma Base Aérea da Aeronáutica no Ponta Pelada.

A preocupação dos políticos locais era apresentar aos americanos uma nova cidade parecida com aquela vendida no início do século que se mostrava bela e sem problemas. A aparência de cidade estagnada deveria desaparecer e por isso foi novamente articulada ações em prol do soerguimento da cidade. Os investimentos e reformas foram feitos nos espaços de Manaus, mas ainda alguns problemas rondavam a cidade como podemos observar, a partir das notas nos jornais:

A respeito da momentosa questão da falta de açúcar, com que atualmente se debate a praça de Manaus, falta que interessa muito ao público consumidor, o qual se ressentido de uns dos artigos de primeira necessidade, procuramos ouvir o Sr. Antovila Vieira, prefeito municipal, afim de podermos esclarecer o que, de real, ocorre sobre o assunto¹⁹⁷.

A respeito desse problema na ausência de açúcar na cidade, o prefeito se manifestou acrescentando que, não se tratava de um racionamento e sim de uma divisão equitativa por todos os habitantes da capital. Na verdade, esse era apenas um entre outros problemas encarados pela população e noticiados no jornal. Apesar de todos os esforços para melhorar a aparência da cidade, continuavam intensas as dificuldades enfrentadas pela população de baixa renda que observavam as mudanças, mas não estavam inclusas nelas. As reclamações foram referentes a alguns serviços públicos como: abastecimento de água, solução para a concentração de lixo nos bairros periféricos, o alto preço dos alimentos de primeira necessidade, a falta de alguns como o açúcar e a carne, o aumento da mendicância.

Os imigrantes que permaneceram em Manaus foram obrigados a se habituar ao novo espaço, alguns com famílias inteiras perambulavam pela cidade sem ter um local de moradia digno e então procuravam se estabelecer em qualquer canto da cidade. Pontuamos em outro momento deste trabalho o sofrimento de muitos imigrantes que padeciam doentes e sem moradia eram enviados para a Santa Casa. Da mesma forma, na década de quarenta a situação de miséria mostrava a ineficiência de governos autoritários e o descaso que tratavam a questão social.

O anuncio abaixo indica a situação de algumas pessoas que foram internadas no hospital por falta de assistência:

¹⁹⁷ *Jornal do Comércio*. Manaus, 13 de julho de 1943.

Foram internadas ontem, na Santa Casa de Misericórdia, com guia fornecida pela polícia, as indigentes Maria Raimunda de Souza e Maria Amaral, ambas do Estado de Pernambuco e ainda Maria Pereira Miranda, Maria Tereza de Andrade, Antonio Martins dos Santos e André de Moura, procedentes do Acre.¹⁹⁸

Outra ainda dizia que “*A polícia internou ontem na Santa Casa de Misericórdia a indigente Chistina Maria da Conceição de 22 annos de idade e natural do Mato Grosso do Sul*”¹⁹⁹. A partir das informações extraídas do Jornal do Comércio percebe-se que as pessoas sem parentes nem locais para residirem eram enviadas para a Santa Casa de Misericórdia. Outros imigrantes procuravam sobreviver desenvolvendo pequenos trabalhos, uma vez que, alguns trouxeram consigo experiências de trabalho do local de origem e para estes tornava-se mais fácil conseguir alguma ocupação. É bom lembrar que com os investimentos dos americanos na região, Manaus de certa forma, teve um aumento na oferta de emprego o que facilitou a inclusão de algumas pessoas em serviços públicos.

E isso não se limitou apenas a população masculina, as mulheres também conseguiram expressiva inserção no trabalho, desenvolvendo atividades em fábricas como a usina de hévea localizada em Manaus que, segundo o jornal tinha a participação ativa de mulheres trabalhando com as máquinas:

Em plena guerra, mudou completamente o aspecto da Usina Hevea. Mulheres, guarnecem as máquinas de lavagem da borracha. (...) Ali como no salão anterior, encontramos dezenas de mulheres que, metidas nos seus macacões de mescla azul manobravam com aquelas movediças e escorregadiças placas de borracha... Talvez mesmo sem saber elas ali estavam contribuindo com uma parcela bem notável para a vitória final das nações²⁰⁰.

Havia ainda as notas de emprego convocando as mulheres para o trabalho como operárias que dizia “*OPERÁRIAS, Admitisse algumas para o serviço de dobra e embalagem na Usina Estrela, salário inicial de Crs 2,00*”²⁰¹.

Percebe-se, portanto, que para alguns serviços havia urgência em contratar pessoas mesmo que fossem mulheres. Os investimentos deram impulso para a oferta de emprego, mas para os imigrantes que chegavam sem nenhuma experiência a situação

¹⁹⁸ *Jornal do Comércio*. Manaus, 7 de maio de 1942, nº 12.920.

¹⁹⁹ *Jornal do Comércio*. Manaus, 19 de maio de 1942, nº 12.932.

²⁰⁰ *Jornal do Comércio*. Manaus, 7 de setembro de 1943.

²⁰¹ *Jornal do Comércio*. Manaus, 7 de março de 1943.

era bem mais complicada. No Boletim da Associação Comercial do Amazonas há uma breve descrição sobre a situação dos imigrantes que chegavam à região:

O que a Amazônia, naquela oportunidade viu, constituindo a maioria das levas de soldados da borracha que aqui chegavam, não foi a fina flor dos sertões, nada disso, e sim a lama do asfalto, o rebulho das grandes cidades, egressos de grandes presídios, inclusive, e que, aqui chegados, roubando e matando, saqueando e ferindo, usando de todos os processos de violência, iniciaram uma etapa de terror e crime gravando seriamente os hábitos pacatos da população. O que a Amazônia viu, salvo pequenas e honrosas exceções, foi o malandro dos morros cariocas, foi o sangrador das caatingas, foi o assassino que cumprira pena em Fernando de Noronha ou na linha das flores, enfim, o lado das ruas, a escória social brasileira²⁰²”

A imagem do imigrante que veio para a Amazônia descrita acima pelo boletim da Associação Comercial do Amazonas, mostra o pensamento preconceituoso que se construiu sobre as pessoas pobres que chegavam de outros lugares para trabalhar na região. Na nota do boletim, o imigrante é tratado como um sujeito rude, com poucas qualidades, nocivo ao convívio social. Esse pensamento acaba generalizando todos os imigrantes, comparando-os com uma minoria de sujeitos de atitudes pouco confiáveis que vieram entre os trabalhadores imigrantes para região. Na verdade, a maioria dos imigrantes eram pessoas pobres, pais de família que para cá vieram sonhando em enriquecer com a borracha. As falas acima não levaram em consideração o motivo que realmente impulsionou o imigrante a deixar sua terra e seguir para uma outra desconhecida, sendo associados a “saqueadores e vagabundos”.

É bem verdade que entre as levas de imigrantes que aqui chegaram, havia pessoas sem compromisso certo, ou seja, vinham entre os trabalhadores, mas seguiam outros rumos, vindo apenas pelo simples sabor da aventura e do enriquecimento fácil. Segundo Martinelo, “*o movente principal deste novo continente que demandava a Amazônia não era mais a fuga do flagelo que forçosamente obrigava os nordestinos a deixar os sertões, mas sim o simples sabor da aventura, estimulada pela passagem de graça dos navios do Lloyd*²⁰³”.

Ainda segundo o autor, esses imigrantes, ao invés de seguir direto para os seringais permaneciam em Manaus perambulando soltos pelas ruas da cidade. A nota abaixo é ilustrativa para observamos indivíduos de moral duvidosa que chegavam junto a outros imigrantes e se misturavam na cidade, muitas vezes praticando ações ilícitas:

²⁰² Boletim da Associação Comercial do Amazonas, nº 91, de 1949, p.42.

²⁰³ MARTINELO, Pedro. Op. cit., p. 227.

Foi preso pelo subdelegado de Flores, e apresentado a delegacia de polícia o forasteiro Pedro Amaral Pinto, chegado a pouco do Pará e já fez uma rapinancia naquele bairro, apoderando-se de uma carteira de couro, com a quantia de sessenta e tanto mil reais, e um cinto de couro, pertencente a um lavrador²⁰⁴.

Em outras situações alguns estrangeiros também foram temidos:

Chegado no vapor Clarito, procedente de Iquitos, sem passaporte, foi preso e recolhido ao xadrez da chefatura o inesejável peruano Jorge Torres. Diz-se mecânico e diz-se estar no nosso país mais de um ano, mas a polícia verificou que ele não tem vintém para manter-se, constando ainda que ele é desertor da armada de seu país. Foi recambiado para o lugar de onde se evadiu, indo no vapor Victória²⁰⁵.

Assim os imigrantes se misturaram entre a população da cidade, temidos, foram muitas vezes associados a uma pequena parcela de pessoas sem escrúpulos como vimos acima. Se estabeleceram nos espaços da cidade e forjaram as mais variadas formas de sobrevivência, vivendo um cotidiano marcado por regras e ordenamentos que condenavam seus modos de vida.

²⁰⁴ *Jornal do Comércio*. Manaus, 17 de maio de 1942, nº 12.930.

²⁰⁵ *Jornal do Comércio*. Manaus, 12 de abril de 1942, nº 12.900.

CAPÍTULO 3

MODOS DE VIDA DE IMIGRANTES: EXPERIÊNCIA NA CIDADE DO OUTRO.

3.1 – CENAS DE VIDA NAS PÁGINAS DE UM JORNAL.

Quando falamos em espaços de sociabilidades de imigrantes em Manaus, estamos querendo com isso, tentar através dos registros que temos mostrar o outro lado da vida de homens e mulheres esquecidos na história da cidade. Enveredar por esses caminhos é procurar *agulhas em um palheiro*, dada as dificuldades em obter fontes que revelem os modos de vida de sujeitos a margem da história; e nas fontes advindas das ações do poder público, as evidências em torno de vivências da população sem recursos é quase nula.

Por conta disso nos deteremos nas entrelinhas de jornais e de registros que revelam alguns vestígios das experiências desses sujeitos sociais em Manaus. Tais fontes nos mostram de forma indireta e por vezes de forma preconceituosa o comportamento dessas pessoas, seus interesses, decepções, sonhos e diversões. São traços de experiências deixadas por indivíduos que construíram modos de vida distintos e que até pouco tempo estavam esquecidas num passado distante.

Comentamos em capítulos anteriores que a historiografia para o período correspondente a esta pesquisa se revela um tanto ínfima em se tratando da vivência de imigrantes no espaço urbano de Manaus. Entre essa população viviam pessoas procedentes de lugares diferentes, com culturas distintas e experiências peculiares. Vários foram os fatores e situações que os trouxeram para esta cidade. Uns já viviam aqui desde os tempos áureos, dada as vantagens da economia gumífera; outros simplesmente não tiveram oportunidade de regressar ao seu lugar de origem e aqui permaneceram. Edineia Mascarenhas observa a presença de imigrantes em Manaus no início do século XX:

No decorrer do processo de transformação de Manaus em capital da economia da borracha, a cidade é tomada por uma onda migratória muito grande. Não são somente brasileiros de outras regiões que vêm engrossar a população da capital e do interior em busca de trabalho, mas estrangeiros de

diversas regiões do mundo que, atraídos pelas notícias que ocorrem de nossas riquezas sonham com novas oportunidades de aumentar suas fortunas²⁰⁶.

Com o passar do tempo essas pessoas foram assentando suas raízes se misturando a população local tornando-se parte dela, fazendo de Manaus, como tantas outras capitais do país, uma cidade cosmopolita disposta de diferentes tipos sociais. Observamos esses sujeitos sociais nas ruas, bares, delegacias, em seus trabalhos, lugares onde se relacionavam com outros sujeitos sociais, configurando um cotidiano de múltiplas vivências. Assim, é de interesse desse capítulo reconstituir um pouco do cotidiano dos imigrantes. E entendemos que falar sobre o cotidiano é colocar em discussão a questão do que poderia ser considerado como cotidiano.

Essa temática há muito vem sendo debatida entre estudiosos que revelam visões diferentes sobre tal conceito. No concernente aos estudos históricos, podemos dizer que; “por razões internas, os estudos do cotidiano emergiram da crise dos paradigmas tradicionais da escrita da história que requeria uma completa revisão dos instrumentos de pesquisa²⁰⁷”.

É importante levarmos em consideração as premissas de alguns teóricos relevantes como Michel de Certeau e Henri Lefevre. Esses estudiosos fizeram a diferença ao analisar o cotidiano não como um espaço atrelado às questões do privado, mas um espaço de constante criação.

De Certeau procurou entender o cotidiano como sendo a realização das práticas comuns vivenciadas pelos homens e que no cotidiano podemos ver a capacidade de reação dos indivíduos frente às leis e disciplinas organizadas pelo poder. Seria uma “tática de resistência” onde o sujeito vai alterando, por meio de suas ações cotidianas, os códigos disciplinadores estabelecidos por uma sociedade, por isso o autor viu o cotidiano como um espaço de criação e não especificamente de reprodução.

O cotidiano por assim dizer, faz parte das múltiplas ações e criações de indivíduos amplamente diversos que protagonizam em determinado tempo e lugar suas várias formas de viver em sociedade agindo e reagindo nesta. Quando falamos em viver em sociedade, estamos nos referindo a diferentes espaços ocupados pelo homem e que fazem dele um ser social. Mas, o entendimento sobre o cotidiano nos leva a pensar que, por ele pertencer a uma sociedade, mesmo esta possuindo em si divisões sociais

²⁰⁶ DIAS, Edinéa Mascarenhas. Op. Cit., p. 129

²⁰⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e História**: história, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p. 21.

representadas por “classes”, ele está sujeito a diferentes modos de vida e são esses modos de viver em sociedade que consideramos enquanto cotidianos refletidos em diversos aspectos da vida humana.

E esses modos de vida não estão limitados ou simplesmente circunscritos aos domínios de espaços mais específicos como a casa, família, mas em amplos lugares vividos e vivenciados pelo homem no decorrer do tempo. Ao debater sobre o cotidiano, José de Souza Martins fala da relevância em se ater aos aspectos da vida cotidiana do homem simples. Segundo esse autor, “*a história é vivida e, em primeira instância, decifrada no cotidiano*”, *um cotidiano que, de modo algum pode ser confundido com rotinas e banalidades, isto porque é nas “tensões do vivido que tem lugar o encontro e desencontro da vida cotidiana com a História*²⁰⁸”.

Aqui é importante observarmos as vivências dos imigrantes em Manaus, para que possamos compreender também, a partir de suas experiências cotidianas, como se posicionaram e reagiram frente às condições adversas na cidade, suas formas de resistência, mas também compreender seus espaços de lazeres. São situações que mostram cenas dos imigrantes nas ruas, no trabalho, a relação com o morador local, ou seja, diferentes circunstâncias que revelam as experiências desses homens e mulheres em Manaus.

Essas experiências foram resultados de processos envolvendo ações e relações sociais de sujeitos distintos partícipes de uma história. A respeito da noção de experiências, Thompson parece-nos indispensável para compreendermos que, é a partir das experiências cotidianas e das lutas entre diferentes grupos sociais que podemos entender seu fazer-se. Assim, um grupo ou uma classe social se define pela sua história que só passa a existir ao longo de um processo histórico onde estão presentes as experiências dos diferentes grupos sociais. Thompson define a classe afirmando o seguinte:

Não vejo a classe como estrutura, nem mesmo como uma categoria, mas como algo que ocorre efetivamente e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas (...) a noção de classe traz consigo a noção de relação histórica (...) a classe acontece quando alguns homens como resultados de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses diferem (e geralmente se opõem dos seus)²⁰⁹.

²⁰⁸ MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 2ª ed. São Paulo, Contexto, 2008, p. 51-95.

²⁰⁹ THOMPSON, Edward. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 9-10.

Foi seguindo o pensamento thompsonianiano que procuramos compreender as experiências sociais dos imigrantes em Manaus. Sendo que, por diversas maneiras essas pessoas reagiram frente a determinadas situações que muitas vezes perturbou os padrões e condutas apontados e ordenados como ideais de vida pela classe dominante. Então, tudo aquilo que de certa forma denegrisse as regras e padrões de comportamento estabelecido podia ser visto como um sinal de desordem ou insulto aos modelos de conduta vigente. Por vezes observamos que as formas de entretenimento de segmentos sociais desprovidos de recursos, seus modos de vida, foram vistos como uma afronta a moral e aos bons costumes da cidade. O preconceito era maior principalmente quando essas ações e modos de vida provinham de pessoas não locais como veremos mais adiante.

Os jornais descrevem cenas da vida desses imigrantes e suas aventuras diárias na cidade onde estavam expostos a situações das mais diversas. Esses sujeitos reagiram frente a ordem estabelecida que impunha uma vivência moldada em padrões de vida segmentados e distantes da verdadeira realidade desses homens e mulheres empobrecidos e pertencentes a outras realidades. Assim, forjaram suas experiências, reagiram frente a situações que lhes pareciam ameaçadoras e não se resignaram em aceitar o que lhes foi imposto como modo de vida adequado, ou seja, valores distantes dos seus.

As resistências dos imigrantes frente a valores e modos de vida contrários aos seus se constituíram a partir das ações forjadas por eles em diversas situações. Assim, podemos observar que essas resistências²¹⁰ se forjaram também em torno de suas práticas de lazer que podem ser observadas nas informações esparsas dos jornais da cidade. Seus espaços de sociabilidade estavam imbricados ao mundo do trabalho, espaços de prostituição, bebidas e ainda as práticas de jogatina. As práticas de entretenimento e descontração dos imigrantes pobres incomodaram alguns segmentos da sociedade que por meio de setores responsáveis pelo cumprimento das leis condenava todas as ações consideradas transgressoras através de seus códigos de posturas.

Alguns trabalhadores foram por vezes repreendidos por envolvimento com bebidas, prostituição e jogos. Categorias de trabalhadores como a dos estivadores, por

²¹⁰ Resistências aqui entendidas não como um enfrentamento ou embate propriamente dito, mas formas e atitudes contrárias as normas estabelecidas, atitudes específicas de grupos que constroem seus próprios espaços.

exemplo, tinham seus momentos de descontração ligados a essas práticas, pois para eles muitas vezes essas eram as únicas formas de esquecerem as árduas investidas da vida atribulada que levavam. Assim, esses trabalhadores, muito deles imigrantes, acabavam tendo uma rotina onde essas formas de descontração eram frequentes:

No fim do dia, o retorno para casa era adiado por conta da parada obrigatória no botequim ou nos quiosques das praças do Comércio, 15 de Novembro e do Mercado Público. Ali, com poucos recursos que não lhes permitia se quer um lugar à mesa, recostado no balcão, entregavam-se as “bebidas espirituosas”²¹¹.

A nota acima é ilustrativa para o que falamos anteriormente, envolvendo o cotidiano de trabalhadores e suas experiências de descontração. Na bebida podiam talvez encontrar um acalanto para seus problemas que não eram de certo poucos, ou mesmo apenas uma forma de diversão.

Mas, o lazer para uns não era necessariamente o mesmo para outros, o mais adequado seria um passeio nas praças, igarapes, ir ao cinema, a igreja todos os domingos, frequentar as cafeterias, participar das festas tradicionais dos clubes da cidade. Para o segmento endinheirado o lazer ainda estava ligado aos padrões ocidentais, por isso, procuravam se entreter com práticas que se igualasse ao tipo de divertimento europeu.

Ao procurar analisar a “expressão cultural amazonense através das representações veiculadas pelo cinema visto e produzido no Amazonas”, Selda Vale não deixa de percorrer algumas práticas de entretenimento da sociedade manauara para fins do século dezenove e início do vinte. Assim, a autora identifica alguns locais de entretenimento freqüentados pelos diferentes grupos sociais:

A elite divertia-se: tempos líricos no teatro Amazonas sarais artísticos-musicais e etílicos, no clube Internacional e no Ideal Clube, jogos e bebidas no Hotel Casina, alta prostituição da Pensão da Mulata e em outros cabarés...Para o divertimento da plebe havia touradas, carrosséis, cabarés de ultima categoria, arraiais, passeios de bonde, circos e espetáculos teatrais em hotéis-pardieiros²¹².

Esses foram alguns dos tipos de entretenimentos considerados “normais” para um digno cidadão, mas para um sujeito sem recursos ou com pouco, as coisas não aconteciam dessa forma, a diversão muitas vezes estava num copo de cachaça ou nas práticas de jogatinas.

²¹¹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Op. Cit., p. 61.

²¹² COSTA, Selda Vale da. **Eldorado das Ilusões**. Cinema e sociedade: Manaus (1897-1935). Manaus: Edua, 1996, p. 24.

Acontece que para os trabalhadores depois do término de suas atividades e um dia cansativo, o encontro com amigos para tomar suas doses de bebidas etílicas em tavernas e botequins, como vimos na nota em parágrafo anterior, poderia ser a forma mais tranquila para se entreter e esquecer um pouco as penúrias diárias. Mas, às vezes essas práticas acabavam se transformando em conflitos, pois alguns se excediam e logo eram repreendidos por desordem. Nos jornais encontramos notas informando acontecidos envolvendo trabalhadores e pessoas pobres que, por praticar atos considerados indevidos e ameaçadores, como estar embreagado, eram logo enviados para o recinto policial.

Assim aconteceu com o paraibano Francisco Bispo, marítimo solteiro que ao término de seu trabalho foi procurar um pouco de diversão, mas acabou sendo preso. O fato é que Francisco se encontrava em companhia de duas mulheres identificadas como prostitutas e, segundo as denúncias, estavam promovendo a desordem na rua Saldanha Marinho, pois pareciam estar embriagados²¹³.

Mas, o álcool serviu também em alguns casos para amenizar a solidão e as recordações de outro espaço e tempo recordado pelo imigrante. As recordações de seu meio ou local de origem, bem como todo um modo de vida que deixou para traz, dependendo da intensidade nostálgica, muitas vezes levou o imigrante a sentimentos distintos de alegria e tristeza.

Assim aconteceu com o cearense Júlio de Barros Montes de 26 anos que segundo as informações do jornal: *Júlio de Barros Montes vive aos redores da praça Visconde de Porto Alegre no mais deplorável pileque, cambaleando hontem na rua do mercado público o pão dagua saiu a lembrar de sua terra natal*²¹⁴.

O consumo de álcool talvez tenha sido uma das soluções encontradas por outro imigrante para driblar as lembranças de seu país. *Francisco Manuel Garrido hespanhol, ao lembrar-se da encantadora Catalunha, das suas guitarras e boleros, fica com saudade forte e eil-o então a bebericar por ali e acolá, procurando esquecer no copo essa saudade intensa*²¹⁵.

As recordações resultaram em marcas dolorosas a ponto de Guarrido sucumbir aos prazeres do álcool e acabar detido na cela de uma cadeia pública, pois quando bebia

²¹³ *Jornal do Comércio*. Manaus, 16 de maio de 1937 nº 11.172.

²¹⁴ *Jornal do Comércio*. Manaus, 23 de maio de 1937, nº 11.179.

²¹⁵ *Jornal do Comércio*. Manaus, 6 de novembro de 1922.

costumava fazer escândalos. Enquadrado pela alegação de atentado a ordem pública foi trancafiado na prisão.

O uso ilimitado do álcool levou muitos migrantes a cometerem alguns excessos que lhes valeram consequências drásticas e o que de início parecia uma diversão acabava quase sempre em detenção, como foi o caso de um turco que identificamos no jornal. O turco João Salete, um dos tantos migrantes que vivia na cidade, em momento de descontração acabou se excedendo na bebida quando vinha caminhando pela rua Marcílio Dias, área central, cantarolando as cantigas de seu país chamou a atenção dos moradores que, não apreciando os atos daquele homem resolveram denunciar a polícia²¹⁶.

E como tantos outros adeptos do álcool que excediam na bebida, acabou recolhido a penitenciária da cidade, um ato quase inofensivo, pois João parecia apenas estar externando sua alegria diante das festividades carnavalescas. O controle em relação a prática da bebedeira e outras consideradas viciosas sempre foram constantes na cidade e desde o período de configuração do seu espaço urbano em fins do século XIX, essas práticas já eram duramente reprimidas. As repreensões desde então continuaram e foram colocadas em prática quando se tratava de indivíduos que aparentassem transgredir o espaço público. Então o que para muitos era visto como ameaça, para outros não passava de passatempo, sendo que parte de seu cotidiano foi contrariado pela ordem dominante.

Mas, essa situação de temor frente as camadas populares e seus modos de vida não se limitou apenas ao espaço de Manaus, em São Paulo do início do século XX, Maria Auxiliadora Guzzo Decca, analisando o cotidiano operário em São Paulo em 1920 a 1930, revela que: os meios operários eram vistos por instituições e grupos dirigentes como extremamente pernicioso para a “moral e disciplina do trabalho” focos de agitação e revolta social. Hábitos operários no escasso tempo de lazer eram considerados vícios, e a recreação do operariado era considerada “improdutiva”²¹⁷.

Em Manaus os sujeitos sem recursos, trabalhadores pobres de modo geral sempre foram motivo de preocupação para as camadas endinheiradas e as medidas preventivas contra as ações ameaçadoras daqueles sujeitos estiveram sempre regulamentadas por leis e códigos de posturas. Muitas vezes, para a realização de

²¹⁶ *Jornal do Comércio*. Manaus, 7 de janeiro de 1930.

²¹⁷ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A Vida Fora das Fábricas**: cotidiano operário em São Paulo 1920-1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pp. 89.

alguma festa popular eram organizadas normas preventivas para a sua realização. As festividades carnavalescas, por exemplo, para a realização de bailes públicos, blocos e outros agrupamentos carnavalescos, muitas vezes fazia-se necessário a emissão de um documento de autorização da chefia de polícia, uma especie de alvará para que fosse liberada as festividades, tudo isso em prol da “fiscalização e manutenção da ordem”. Abaixo a nota pode nos dar clareza do que era exigido pelas autoridades:

Fiscalização das festas

Para perfeita fiscalização da ordem durante os folguedos carnavalescos resolve-se: A Chefia de polícia deverá ser previamente informada da realização de qualquer festa familiar para tomar as providencias necessárias para o policiamento preventivo. Só será permitida a realização de bailes públicos, passeatas, blocos e outros grupamentos carnavalescos mediante licença prévia²¹⁸.

Na verdade, essas investidas eram mais duras em relação aos segmentos empobrecidos considerados ameaçadores pela forma como viviam e se comportavam. As práticas jogatinas, por exemplo, assim como o álcool, eram condenadas pelas autoridades locais e proibidas por ser “um desagregador da moral e do caráter do individuo já que representa um ganho sem trabalho, expõe o individuo a uma vida de ócio, à mercê da sorte e do azar²¹⁹”. Mas, as proibições não impediam que as pessoas praticassem os jogos.

Assim, alguns imigrantes foram detidos por desobedecerem as ordens impostas e levados a penitenciária como observamos na nota a seguir: “*Ofendeu a moral o espanhol Luiz Franco, embarcação e Geminiano Soares, atravessador que andavam hontem a perturbar a ordem pública praticando jogo do bicho*²²⁰”.

Além desse tipo de jogo outros menos ameaçadores faziam parte dos momentos de descontração dessas pessoas como é o caso dos jogos de xadrez e dominó que nos finais de tarde eram apreciados por alguns imigrantes. Como o caso dos espanhóis Modesto Cortez e João Paz, embarcações, que costumavam jogar dominó na rua dos Remédios, imigrantes que em seu cotidiano incluíam os jogos de dominó e xadrez como uma das práticas de lazer²²¹.

²¹⁸ *Jornal do Comércio*. Manaus, 8 de fevereiro de 1942.

²¹⁹ MASCARENHAS. Edinea Dias. Op. Cit., p.151.

²²⁰ *Jornal do Comércio*, nº 11.185. Manaus, 29 de maio de 1937.

²²¹ *Jornal do Comércio*, nº 10.622. Manaus, 27 de julho de 1935.

Mas, outras situações fizeram parte do cotidiano dos imigrantes em Manaus, situações que conseguimos perceber através das informações dos jornais, isso diz respeito a cenas da vida diária. Cenas de vida como a do acreano Hermano Castello de 25 anos que trabalhava como ajudante de comércio, morava no interior do Acre antes de vir para Manaus. Na cidade Hermano se apaixonou por uma mulher de classe abastada chamada Amélia e para ela escrevia cartas apaixonadas, porém o mesmo foi várias vezes ignorado pela “moça de sociedade”.

Entretanto, as investidas de Hermano se tornaram tão insistentes que motivaram Amélia a denunciá-lo afirmando que o mesmo não passava de um “*homem de pouca classe que não se punha no seu verdadeiro lugar e que procurasse alguém da sua laia*”. O rapaz, talvez pela reação de Amélia, enveredou pelo caminho da bebedeira até que numa noite acabou preso. O motivo alegado ao jornal, foi a queixa de Amélia contra ele na delegacia. O jornal, taxando os sentimentos de Hermano como ridículos, relatou sua prisão:

Hermano Castello, acreano que costumava escrever cartas apaixonadas a senhora da sociedade, indo levá-las pessoalmente a casa della. Hoje, porém, foi pegado e conduzido a polícia, sendo recolhido ao xadrez. Não quis entrar em pormenores sobre a paixão que o levou ao papel ridículo de carteiro de si próprio²²².

Na verdade, o que incomodou a moça foi o fato de Hermano levar uma vida sem tantas regalias, pois era de origem humilde e desprovido de recursos. Não obstante, apaixonar-se por alguém de nível social diferente do seu, ou seja, que não fosse do mesmo segmento social não era bem visto. Podemos observar tais discussões nas análises de Chalhoub²²³, ao estudar o cotidiano de trabalhadores, as práticas e relacionamentos amorosos de homens e mulheres da classe trabalhadora do Rio de Janeiro no início do século XX.

Neste estudo, o autor envereda no cotidiano das práticas e comportamentos das camadas populares, observando, entre outras coisas os relacionamentos amorosos de homens comuns, que foram muitas vezes discriminados na sua forma de amar justamente por tais formas não se enquadrarem nos “padrões morais da ordem burguesa”. O que pretende é saber como realmente essas pessoas se relacionaram amorosamente. Assim, procurou se distanciar de opiniões e abordagens genéricas que

²²² *Jornal do Comércio* nº 11.196. Manaus, 9 de junho de 1937,

²²³ CHALHOUB, Sidney. Op. cit., p. 171.

tendiam a analisar de forma generalizada a vida cotidiana, os modos de pensar, agir, falar, amar, de grupos sociais distintos. Pelo contrário, o autor busca observar o significado do comportamento ou modo de vida das diferentes classes procurando entender as especificidades de cada grupo.

Neste trabalho o autor visualiza os personagens através dos nomes identificando-os e não apenas pontuando de forma generalizada como “excluídos”, “pobres”, “povo”, ou qualquer que seja a classificação que normalmente observamos em estudos que tratam da categoria popular. Isto porque não se trata de pessoas sem nome e imagem, esses sujeitos tiveram uma história e não podem ser condenadas ao esquecimento sem que saibamos quem realmente foram.

De fato enveredarmos pelas brechas do mundo popular nos faz compreender melhor como a sociedade, e as classes dominantes estabeleceram relações com as classes desfavorecidas e também como elas se relacionavam entre si. Por vezes, os personagens deste trabalho, os imigrantes, foram tratados e julgados como pessoas perigosas e desprezados pela população local, onde sua presença nas ruas incomodava os “cidadãos”. Nesse sentido, cabe aqui dialogar com Sandra Pesavento, quando analisa os conceitos de cidadania e exclusão, o que conseqüentemente levará ao fator de pertencimento, ou seja, ter uma identidade de ser ou pertencer a algo, ou grupo social. É em Pesavento que a questão da identidade é entendida enquanto “produto de uma intenção, em que os objetos ou sujeitos, se constituem enquanto se comunicam²²⁴”.

Assim, cidadania e exclusão são questões que estão expostas no social e possuem uma trajetória que segundo Pesavento, se “desenvolve a partir da diferença”. Como dito anteriormente, são considerações que nos fazem entender, as formas e relações de diferentes grupos sociais, ou seja, a forma como foram tratados e se relacionaram os indivíduos pertencentes a grupos minoritários.

Os imigrantes com poucos recursos que identificamos em Manaus, geralmente habitavam espaços condenados pela população local. Algumas áreas periféricas já relacionadas em capítulo anterior como: Flores, São Raimundo, Educandos, Colônia Oliveira Machado, Mocó, Girau, Estrada do Telégrafo que segundo Hermenegildo Campos, eram quase exclusivamente composta por cearenses²²⁵. Nas ruas como Saldanha Marinho, Joaquim Sarmiento se aglomeravam a população pobre entre

²²⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma Outra Cidade**. Op. cit., p.10.

²²⁵ CAMPOS, Hermenegildo. **Climatologia Médica do Estado do Amazonas**. Manaus, ACA/Fundo Editorial, 1988, p. 101.

trabalhadores, prostitutas e também famílias que vivam as mais variadas situações. A convivência com prostitutas principalmente, muitas vezes gerou incomodo para as donas de casa que não se conformavam em dividir os espaços com “mulheres públicas”. Essas ruas muitas vezes foram pejorativamente denominadas pelo discurso jornalista de “zona estragada”.

Segundo Maria Luiza Ugarte Pinheiro, o termo “zona estragada”, “era utilizado tanto nos grandes jornais diários quanto na pequena imprensa, para designar o local da cidade onde a prática do meretrício era mais freqüente e misturava-se com outros espaços de lazer popular, como os bares, botequins e quiosques”²²⁶. Foi nas entrelinhas do jornal que observamos a situação de duas mulheres que, segundo as informações, *eram causadoras de desordens e agrediam a moral*.

Zilda Santos pernambucana e Maria Oliveira Silva maranhense que exercem sua profissão na zona estragada da Saldanha Marinho e da Joaquim Sarmiento, entraram a valer no copo e deram para fazer bulha, provocando os transeuntes nas rua. A senhora Sebastiana Barbosa, vizinha das carraspanas comunicou a policia sobre o bate bocca com as duas meretrizes alegando que offenderam à moral. Mundanas como essas vindas de longe, ameaçam à moral e a ordem da cidade... Pela desordem e agreção a moral entraram para o xilindró da rua Marechal Deodoro onde passaram a noite a cosinhar a mona²²⁷.

As notas do jornal, além de mostrar o preconceito contra as ruas freqüentadas pelas duas mulheres, ainda são discriminatórias quando comentam que as mesmas vieram de longe causar transtorno para a cidade. Quando saíram para fazer seus passeios pelas ruas da cidade foram alvo de reclamações e até mesmo violência física. A presença das duas mulheres incomodava os moradores que, muitas vezes, ao se sentirem ameaçados acabavam agindo por conta própria, partindo mesmo para agressão. Sebastiana Barbosa foi a responsável pela denuncia e agressão das mulheres.

Na verdade, dona Sebastiana foi ao jornal reclamar sobre a presença daquelas mulheres e o porquê de sua agressividade contra elas. Pelas informações do jornal, Sebastiana agiu com repressão porque se sentiu ofendida pelas mesmas, foi quando chamou a policia e relatou o caso. Os policiais não tiveram dúvidas em prender as duas mulheres e sem se quer ouvi-las, levaram-nas para a prisão.

O fato das mulheres agirem de forma não tão convencional perante a sociedade, não seguindo os padrões vigentes, incomodava alguns moradores que em alguns casos agiam agressivamente e geralmente não eram recriminados por isso. Mas, nem sempre

²²⁶ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Op. Cit., p. 53.

²²⁷ *Jornal do Comércio*. Manaus, 7 de julho de 1935, nº 10.612.

as agressões tomavam o desfecho do relatado acima. Em outro caso envolvendo agressão a uma mulher portuguesa, dessa vez cometida por um homem, a situação enveredou por outros caminhos.

Os personagens foram, Maria do Carmo e o agressor Augusto Basílio. Maria do Carmo era natural de Portugal, trabalhava como cozinheira tinha 29 anos e habitava a rua Joaquim Nabuco. As informações do jornal não revelam se Maria era casada ou morava com seus familiares na cidade. O fato é que durante sua caminhada para o trabalho foi agredida por Augusto Basílio, que a *esbofeteou em plena face*, tal reação surpreendeu Maria que denunciou o homem.

Reside a avenida Joaquim Nabuco, cento e oitenta e sete, a portuguesa Maria do Carmo, cozinheira que ao sair para trabalhar foi vítima indefeiza hontem da agressão estúpida de Augusto Basilio, que pensando ser a pobre mulher uma meretriz, lhe desfecho, em plena face, uma vigorosa bofetada²²⁸.

Ao tentar defender-se, Augusto alegou ser Maria uma *portuguesa meretriz*, mas a tentativa frustrada não adiantou e ele acabou sendo levado pela polícia. O fato é que Maria conseguiu defender-se do agressor e provar que apenas vivia de seu trabalho como cozinheira. Mas, não há como negar a discriminação em relação às mulheres imigrantes pobres que trabalhavam nas ruas, pois muitas vezes foram confundidas com prostitutas e isso incomodava a população que parecia suspeitar de qualquer mulher que não dependesse de um marido.

O jornal denunciou algumas mulheres de cometer a prática do meretrício, mas sequer sabia sobre a real condição de vida dessas pessoas. As mulheres com poucos recursos que precisavam trabalhar para sobreviver eram discriminadas, pois à mulher cabia os serviços do lar. E se fossem vistas perambulando pelas ruas sem motivo necessário, corriam risco de ser apontadas como prostitutas.

A acreana Francisca Rosa de Lima, casada de 20 anos de idade, foi uma dessas mulheres imigrantes que ficou conhecida no jornal como “a meretriz que morreu por causa de desgosto amoroso”. Francisca acabou nas páginas do jornal por um infeliz incidente em sua vida, pois a mesma caiu nas águas da cachoeira grande e acabou falecendo. Os fatos relatados pela população ao jornal levam a crer que a mulher havia ingerido boa quantidade de álcool por causa de desgosto amoroso e embriagada caiu nas cachoeiras.

²²⁸ *Jornal do Comércio*. Manaus, novembro de 1922, nº 6.637.

A's quinze horas de hontem, no bairro do Bilhares, a mulher Francisca Rosa de Lima, acreana, com vinte annos de idade, casada, meretriz, residente a rua Cláudio Mesquita, por desgosto amoroso pegera afogada no igarapé da Cachoeirinha Grande...Testemunhas afirmaram que Francisca tinha um amante conhecido pela alcunha de Juca, magarefe do mercado, o qual a dias, lhe dera forte surra, vindo daí o desgosto della, que, para esquecel-o, diariamente se embriagava²²⁹.

Os comentários sobre Francisca afirmavam ainda que a mesma teria um amante conhecido por Juca, um sujeito que constantemente a agredia e por isso ela vivia embriagada. Mas seria mesmo Francisca uma prostituta? Os populares só falaram isso porque ouviram dizer que ela teria esse suposto romance e também pelo fato de apresentar apreços por bebidas alcoólicas. Não se soube ao certo se aquela mulher desenvolvia de fato práticas do meretrício, o certo é que pode ter sido mais uma imigrante vítima do descaso e do preconceito local.

O jornal também expos o caso de Francisca, de 25 anos de idade natural do Ceará por tentar suicídio. Francisca morava com sua amiga Philomena na Vila Rezende. Segundo denúncias de vizinhos a tentativa do suicídio foi motivada por “paixões amorosas”, levando Francisca a ingerir cachaça e vidro moído. Francisca foi socorrida por sua amiga Philomena que chegou a tempo de salvá-la²³⁰.

Prostitutas ou não, o fato é que essas mulheres, como tantas outras que não levavam uma vida convencional e que precisavam trabalhar para o sustento, sempre foram vistas com desconfianças pela sociedade. No que se refere a prostituição, esta sempre foi temida no meio social, pois aos olhos da sociedade, essa prática milenar transgredia a ordem pública e por isso era considerado um delito, embora muitas vezes tratada com tolerância, a prostituição de luxo, por exemplo, era bastante tolerada.

Podemos compreender esses sentimentos e as formas de tratamento das pessoas em relação às prostitutas se nos voltarmos ao século XIX, quando por aquela época a sociedade passou a viver um novo momento marcado pelas premissas da modernidade e a aquisição de novos costumes. Junto a esses novos modos de vida estava presente um pensamento conservador que moldava a mulher condenando-a ao espaço do lar. E apesar das investidas do feminismo que se fortalecia no início do século XX, pela obtenção de alguns direitos ao segmento feminino, o conservadorismo ainda era a tônica.

²²⁹ *Jornal do Comércio*. Manaus, 18 de outubro de 1935, nº 10.692.

²³⁰ *Jornal do Comércio*. Manaus, 19 de maio de 1937, nº 11.175.

Essas mudanças de costumes foram analisadas por Margareth Rago, ao trabalhar a questão da prostituição em *Prazeres da Noite*. A autora revela, através de seus estudos, as faces de um mundo complexo, onde as práticas do prazer se revelam enquanto formas de sociabilidade, além disso, expõe as características de uma prática tão antiga:

Juntamente com a venda do prazer, o mundo da prostituição destilava práticas eróticas, sexuais e sociais mais refinadas, já que ai se praticavam formas de sociabilidade referenciadas pelos padrões da cultura européia. Homens de idade, classes profissões, nacionalidades diversas participavam desse microcosmo, discutindo política, jogando cartas, bebendo, dançando, acompanhados pelas cocotes²³¹.

Dessa forma, a prostituição em Manaus, assim como em outras capitais, influenciadas pelo discurso ocidental, tornou-se uma prática constante a partir do XIX, mas também alvo de condenação, pois transgredia os valores morais. O fato é que a prostituição foi uma das opções de lazer para muitos trabalhadores imigrantes, principalmente aqueles que freqüentavam a área portuária, locais já comentadas aqui e que possuíam estabelecimentos apreciados como espaços de diversão pelos trabalhadores. Assim, ruas como a Itamaracá e Frei José dos Inocentes possuíam além dos cortiços, hotéis e pensões de terceira categoria, os cabarés, cassinos e as casas de tolerância, como a “Pensão da Mulata” (situada à praça da República), onde, segundo as autoridades “reuniam-se indivíduos de toda casta” e a casa de diversões “El Dourado”, reputada como um “ninho de vida das mulheres de vida fácil”²³².

Além da prostituição outras práticas passaram a ser coibidas na cidade e que estavam diretamente ligadas as camadas populares. Assim, o decreto de 1892, por exemplo, já estabelecia ordens para o serviço de segurança pública impondo a disciplina e a ordem frente a práticas criminosas orientando que: “*ao agente de segurança compete, vigiar sobre prevenção dos crimes, admoestando vadios, mendigos, ébrios por hábito, as prostitutas que perturbem o sossego e ofendam a moral pública, os turbulentos, que, por palavras ou ações ofendam os bons costumes e tranqüilidade pública, a paz das famílias, para que se corrijam*”²³³.

²³¹ RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite**. Prostituição e código da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 25.

²³² PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Op. Cit., p. 63.

²³³ DIAS, Edinea Mascarenhas. Op. cit., p.144.

Essas proibições eram bem mais repressivas em relação às práticas concernentes a prostituição, aos vícios do álcool e jogos de azar. Práticas que como observamos em parágrafos anteriores, estavam associadas aos momentos de lazer de muitos trabalhadores imigrantes.

Enveredando por outras opções de entretenimento, podemos observar, por exemplo, os banhos nos igarapés nos finais de semana eram comuns para algumas pessoas. No período de urbanização da cidade final do XIX, principalmente no governo de Eduardo Ribeiro (1892-1896) foram implementadas ações de aterramento aos igarapés da cidade, uma forma de imprimir novas feições à cidade mestiça que segundo Francisca Deusa; teimava em sobreviver nos arrabaldes através dos hábitos populares como o banho de igarapé, o consumo de peixes, o uso da rede e da casa de palha, já que aí o rigor fiscalizatório era menos intenso²³⁴.

Apesar das investidas em torno da imposição de novos hábitos, especificamente europeus no início do século passado, alguns hábitos perduraram e faziam parte do entretenimento popular como os banhos nos igarapés ou então “os piqueniques na cachoeira do Tarumã”²³⁵. Observando as colunas do Jornal do Comércio, identificamos uma nota que faz referencia sobre alguns freqüentadores do igarapé da Raiz: *Francisco Almeida Costa, natural do Rio Grande do Norte e as meretrizes Felicidade e Sebastiana Pereira Barbosa, foram domingo tomar banho no igarapé da raiz, quando foram insultados por um homem desconhecido*²³⁶.

Outros locais ou espaços de diversão e sociabilidade foram os clubes e associações recreativas, quando da organização de festejos atraíam a atenção de seus freqüentadores. Os clubes atendiam a públicos distintos, havendo dessa forma, distinção de nível social. Assim, os clubes distinguiam-se entre os clubes da nata, os populares e os de subúrbios. O primeiro reunia a camada endinheirada da cidade, eram clubes como o Ideal e o Rio Negro Clube; o segundo agregava pessoas de nível menos abastado o setor mais popular, seria a classe média baixa; já o terceiro o de subúrbio, eram os clubes freqüentados pelas camadas mais empobrecida²³⁷.

²³⁴ COSTA, Francisca Deusa Sena. Op. Cit., p. 91.

²³⁵ COSTA, Selda Vale da. Op. Cit., p.11.

²³⁶ *Jornal do Comércio* nº 5.635. Manaus, 9 de janeiro de 1920.

²³⁷ BARAÚNA, Sílvia Maria Quintino. **Representações da Sociedade Manauara na Revista Rionegrino (1922-1940)**. Monografia de Final de Curso de Graduação. Manaus: UFAM, 2007, p. 24.

A maioria desses clubes teve origem na prática esportiva, formação de times de futebol, que acabavam por agregar os jogadores e suas famílias em sedes que logo desenvolviam outras atividades sociais. O Rio Negro Clube, por exemplo, vinculou-se inicialmente com o esporte, mas proporcionava a seus associados, que eram pessoas providas de recursos financeiros, festas e bailes carnavalescos. Já o Ideal Clube era tradicional entre as elites da cidade, promovia festividades, bailes, cantos com músicos trazidos do sul do país, saraus e ao contrário do Rio Negro, não mantinha atividades esportivas²³⁸.

O esporte foi um indicativo de modelos de sociabilidade e de conduta. Hobsbawm, se referindo ao esporte afirma que este pode ser um indicador das relações humanas e das ações que o legitimam, podendo, em alguns casos, se colocar como cimento da coesão grupal²³⁹. No período conhecido como “belle époque”, em alguns países europeus, as práticas esportivas, ganharam maior importância não só pela promoção das qualidades físicas, mas também por uma questão de legitimação social. A exemplo de alguns esportes, o remo, o tênis, o ciclismo, o golfe, a esgrima, o hipismo, entre outros, despontaram entre os setores elitizados. Estas e outras modalidades, além do futebol, foram ganhando espaço e relevância em países como o Brasil. A idéia da prática esportiva, como fator de inserção do homem aos valores ditos “civilizados”, permeou na sociedade brasileira em fins do XIX e começo do XX. Dessa forma, os principais centros brasileiros começaram a importar algumas modalidades a fim de levar adiante o projeto de estar enquadrado no modelo de uma sociedade moderna.

O futebol foi um dos esportes de maior incidência nas principais cidades brasileiras em processo de expansão econômica. Jogar futebol, significava um meio de estar em conexão a um novo modelo de homem, praticando esporte, este homem estaria enquadrado ao mundo ocidental, que procurou fazer das otimizações físicas medidas de inserção para um padrão civilizado²⁴⁰. Foi assim em São Paulo, Rio de Janeiro, cidades que também procuraram desenvolver e cultivar práticas esportivas no início do século, buscando através das diferentes modalidades estar incluídas no projeto de uma nova cultura, a do corpo.

²³⁸ MELLO, Thiago de. **Manaus, Amor e Memória**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984, p. 130.

²³⁹ HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (org). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 21.

²⁴⁰ Sobre a discussão do esporte em Manaus ver a Dissertação de Mestrado de NORMANDO, Tarcísio Serpa. **Jogos de Bola, Projetos de Sociedade**: por uma história social do futebol na *belle époque*. Manaus: Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus: UFAM, 2003.

Em Manaus, o esporte, bem como outras formas de lazer consideradas modernas, não diferente das outras capitais, foi introduzido por influência de imigrantes estrangeiros que chegavam na cidade. Nos primeiros anos do século XX, a sociedade manauara viu nascer a prática futebolística, que até então, era praticada pela maioria dos imigrantes estrangeiros. Os homens de outros países eram admirados pela população local por serem de cultura diferente, portadora de um estilo de vida exemplar. A França, era o país de exemplar condição, os franceses representavam uma sociedade de alto valor cultural, a admiração por esse país, podia ser observada nas vestimentas, em nomes de ruas, que até hoje perduram, lojas, música, enfim, para a aristocracia local, quanto mais a cidade aproximasse ou lembrasse as cidades francesas, mais ganharia status de cidade moderna.

O moderno, significava uma condição contrária ou, o desapego ao tradicional modo de vida existente, e ainda a absorção ou, a aproximação ao estilo de vida europeu, onde se arquitetou todo um projeto de modificação dos hábitos locais. Um imaginário criado pelas elites que sonhavam em alcançar a moderna civilização ocidental. A preocupação em estabelecer novos critérios de pertencimento a uma realidade condizente ao modo de vida europeu, possibilitou uma nova forma de sociabilidade entre as elites²⁴¹. Com o tempo o futebol foi ganhando espaço entre as camadas populares e passou a ser praticado entre trabalhadores que chegaram a criar clubes para fins esportivos e outras atividades sociais.

O Serra Osso, por exemplo, foi um clube em que seus freqüentadores eram principalmente comerciários, operários entre eles imigrantes²⁴² e localizava-se no bairro do São Raimundo, periferia da cidade. O clube Luso e a União Esportiva reunia a comunidade portuguesa presente em Manaus, nele se realizavam “grandes festivais de danças típicas de várias regiões portuguesas, com seus trajes e canções característicos”. Este clube estava aberto a toda colônia portuguesa e para o público em geral.

Assim, a constituição dos clubes foi uma forma dos grupos sociais adeptos às práticas esportivas, organizarem um espaço para seus entretenimentos. Manaus possuía dois locais de práticas futebolísticas, o Parque Amazonense, e o Bosque Municipal. No Parque Amazonense eram realizados, além de torneios de futebol, as práticas do

²⁴¹ BARAÚNA. Sílvia Maria Quintino. Op. cit., p.22.

²⁴² MELLO. Thiago de. Op. Cit., p. 132.

hipismo. O Parque era de propriedade do Dispensário Maçônico, onde seus membros eram na maioria fazendeiros vindos da zona do Rio Branco²⁴³.

Alguns imigrantes faziam suas festividades para comemorar algum evento específico de sua terra de origem, em nota do jornal observamos um informativo sobre as festividades no parque Cinco e Outubro organizado pela colônia portuguesa:

No parque, por iniciativa do Centro Republicano Portuguez, foram realizados horem a tarde diversos festejos no parque Cinco de Outubro. Além de palestras sobre assuntos republicanos commemorativa da data do primeiro movimento revolucionário da democracia do Porto, haverá um mach de fute-ball, às quinze horas entre as turmas do travadinha e da Calábria. Durante os festejos tocará uma banda de música²⁴⁴.

Alguns jornais da cidade estampavam em suas páginas de diversões notas sobre os acontecimentos festivos e os locais de entretenimento, como os teatros e cinemas da cidade entre eles estavam: o Polytheama, o Cine-Manaos, o Odeon, o Alcazar e o Popular que levavam ao público as novidades cinematográficas. Os cinemas até 1910, passaram por hotéis e confeitarias, feiras e arraiais, circos e cafés-concertos, teatro de variedades e, por vezes, em pleno espaço aberto, nas praças públicas²⁴⁵.

O Polytheama era de propriedade da empresa Fontenelle & Cia e segundo Selda Vale, foi inaugurado no dia 14 de julho de 1912 oferecendo aos operários que o construíram o convite para sua estréia. O Alcazar surge também em 1912 e era recomendado as famílias requintadas da cidade²⁴⁶. Esses espaços ganharam o gosto das diferentes classes sociais e passaram a fazer parte do lazer manauara.

Os parques de diversões que chegavam a cidade também serviram de opções de entretenimento para a população que se reunia as tardes afim de apreciar as atrações oferecidas pelos parques. Os jornais anunciavam o horário e os locais de funcionamento dos parques para inteirar a população sobre o divertimento: *Parque de Diversões, este logradouro funciona a praça General Osório, à tarde e à noite, abrindo às dezeseis e às dezenove. Quarenta atrações esperam os freqüentadores, inclusive a roda gigante*²⁴⁷.

Essas opções de lazer fizeram parte da vida da população local e de muitos imigrantes que aqui viveram. Mas, procuramos observar outras situações apresentadas

²⁴³ BARAÚNA. Sílvia Maria Quintino. Op. cit., p. 23.

²⁴⁴ *Jornal do Comércio*. Manaus, 6 de janeiro de 1936.

²⁴⁵ COSTA, Selda Vale da. Op. Cit., pp. 53.

²⁴⁶ *Idem*, p.77.

²⁴⁷ *Jornal do Comércio* nº 11. 184. Manaus, 28 de maio de 1937.

no jornal sobre as experiências desses imigrantes na cidade, experiências presentes em seus cotidianos, comum na vida de pessoas que vivem distantes de seu local de origem como: as recordações, as lembranças, a nostalgia de um tempo e espaço determinado que não se pode alcançar a não ser através de recordações. Sentimento de estar longe daquilo que realmente lhe pertence ou é pertencente. As lembranças podem fazer surgir sentimentos variados, no caso do imigrante sobre seu sentimento de pertencer a algo ou lugar, Sayad, aborda a questão do pertencimento nacional, este se faz:

... ao tempo, ao espaço, ao grupo, os principais quadros que estruturam a vida social e mesmo toda vida social e mesmo toda existência individual – existir no tempo, no espaço, no interior de um grupo social (é a condição da existência política) – sempre está em causa um pertencimento nacional definido: o pertencimento a cada um a seu tempo é um pertencimento à história nacional; o pertencimento ao espaço é um pertencimento ao território nacional; o pertencimento ao grupo dos nacionais é um pertencimento à nação e à nacionalidade que lhes são comuns²⁴⁸.

E por mais que o imigrante consiga criar laços de amizades e novas experiências de vida em outro espaço, ele nunca ficará distante de suas raízes porque ideologicamente e culturalmente pertence a outro espaço e guarda consigo as ações e sentimentos nacionais que são constituído historicamente num tempo e espaço determinado. Por isso, quando sai de seu local de origem para viver em outro desconhecido, seja por qualquer motivo, leva consigo suas raízes, pois possui uma identidade própria que ultrapassa o tempo e o espaço em que está envolvido e acabam tentando reconstruir esses espaços nos locais em que se encontram, uma forma de manter suas origens.

Tomamos como exemplo os espaços de recreação das colônias portuguesa e espanhola, grupos de imigrantes estrangeiros expressivo na cidade a época. Esses espaços, de certa forma, serviam como mantenedores das raízes portuguesa e espanhola que viviam em Manaus. Espaços em que recordavam, através dos cantos, comidas, danças, poemas, um pouco da cultura de suas terras. Geralmente as reuniões realizadas nas associações eram divulgadas nos jornais como forma de comunicar seus compatriotas sobre as ações que seriam promovidas nas respectivas entidades.

Mas, não apenas essas entidades, alguns periódicos foram representativos, pois serviam como instrumentos de ligação entre os imigrantes e seus locais de origem.

²⁴⁸ SAYAD, Abdelmalek. O Retorno. **Revista Travessia** – Edição especial – jan-2000, p.13.

Assim, noticiavam os acontecimentos ocorridos nos países aos quais pertenciam, informavam as festividades e comemorações sobre datas representativas.

A título de exemplo observamos um periódico de origem espanhola que no início do século XX, especificamente em 1901, veiculava entre a comunidade espanhola informações sobre os acontecimentos de sua pátria. Trata-se do *La voz de España*, periódico semanário e que se dizia *defensor de los intereses de su colônia en el norte Del Brazil*. O periódico em sua apresentação fez as seguintes considerações:

Somos humildes operários que unicamente vivimos de nuestro honrado trabajo. Somos verdaderos españoles y patriotas sinceros. Venimos con nel corazon lleno de esperanzas procurar todos los medios para que esta honrada colônia, de La cual hacen es parte, desperten del letargo de que parece se halla acometida y fijandose en nel progreso de la colônia de los demás Estados de está Republica siga el exemplo que ellas adoptah.

Unámono, siendo la colônia española de Manaus una de las que hacen frente a cualquier outra del los Estados del Norte, no vemos motivo para que se conserve inerte y muda y cual ovejas esparcidas andemos errantes sin un abrigo fuerte donde socorrer nuestros males y consolar nuestras penas²⁴⁹.

O periódico acima é de certa forma, um símbolo da presença de imigrantes que procuravam de qualquer forma manter firmes seus ideais e suas origens. Igualmente outros existiram, porém tiveram vida curta e se manifestaram principalmente no final do XIX início do século XX, pontuamos o exemplo de alguns: A Pátria Portuguesa de 1920, órgão da colônia portuguesa, o Rei da Inglaterra de 1910, dedicada a colônia inglesa do Amazonas, La Stella D'Italia de 1901, representante da colônia italiana, entre outros.

O jornal a Pátria foi um periódico representante da colônia nordestina em Manaus no final do XIX. Este jornal era ligado a *grupos de imigrantes letrados e que de algum modo possuíam algum prestígio na sociedade local, inclusive os que residiam no interior*²⁵⁰. De certa forma, esses periódicos, mesmo apresentando características que externavam idéias e tendências específicas, representaram também a expressão de imigrantes que, fora de seu local de origem, fizeram dos periódicos um símbolo da representação do local ao qual pertenciam.

As experiências cotidianas dos imigrantes podem ser observadas ainda em locais reservados aos trabalhos destes. Pelas notas dos jornais observamos como se

²⁴⁹ *La Voz de España*, nº 01. Manaus, 6 de janeiro de 1901.

²⁵⁰ OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. **A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara**. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2009, p. 114.

relacionavam essas pessoas em seus espaços de trabalho. Mas, antes atentemos para algumas considerações sobre o trabalho.

Entendemos que o meio social exige do homem comportamentos e funções que o identificam enquanto sujeito social, a sociedade capitalista estabelece que o trabalho é a condição fundamental para o homem se sentir digno e integrado ao meio, o trabalho eleva a auto-estima e vai muito além das necessidades do capital. Por isso, sem essa ferramenta o homem não tem como sobreviver de forma digna, pois logo é afastado e deixado a margem de uma sociedade.

As reflexões de Marx sobre o trabalho humano mostram que, “o primeiro pressuposto de toda história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro ato histórico destes indivíduos, pelo qual se distinguem dos animais, não é o fato de pensar, mas o de produzir seus meios de vida²⁵¹. Então para produzir seus meios de vida, precisa trabalhar, pois sem trabalho é privado dos bens fundamentais para viver em sociedade e isso repercute em seu estado de espírito, sem trabalho suas reações diante das exigências do mundo capitalista são as mais desesperadoras muitas vezes acabam seguindo caminhos tortuosos que os levam ao suicídio como vimos em capítulos anteriores.

Quando do estabelecimento e constituição das cidades modernas, principalmente em fins do XIX e início do XX, vimos a construção e elaboração de conceitos que, de certa forma, demarcaram a posição do sujeito no meio social. Isto deve ser entendido como um processo que ao longo do tempo veio se consolidando e que faz parte da conduta humana, pois “toda essa reorganização dos relacionamentos humanos se fez acompanhar de correspondentes mudanças nas maneiras, na estrutura da personalidade do homem, cujo resultado provisório é nossa forma de conduta e de sentimentos ‘civilizados’²⁵².

Assim, quanto mais complexa uma sociedade vai se tornando maior são suas exigências e necessidades na elaboração de formas de organização entre os sujeitos sociais. Essa organização leva a uma segmentação entre os diferentes grupos sociais, pois vão se constituindo regras, práticas e normas que impõe limites ao comportamento e relações entre os homens. São essas formas de organização, especificamente da sociedade capitalista que conduzem também, pelas regras e normas estabelecidas, a

²⁵¹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 27.

²⁵² ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 195.

situações de desigualdades e exclusão social. A exclusão é um conceito abrangente, vago onde podem estar envolvidas pessoas e situações das mais diversas, por isso, faz-se necessário saber sobre que condições ela se reproduziu.

Segundo Martins, os excluídos nada mais são do que vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes²⁵³, Castel diria que ao invés de falarmos em exclusão pensemos no “processo de marginalização”, como forma de entendermos em que situação ou condição se validaria o uso de tal termo, ou seja, um determinado processo de marginalização resultaria em exclusão²⁵⁴.

Na verdade, os excluídos ou marginalizados, não se encontram fora do sistema econômico, o que realmente está em cena é a forma como esses indivíduos se encontram ou sobrevivem neste sistema e dependendo da situação envolvendo o agente ou grupo social, ele estará fadado a uma vida a margem da sociedade. Isso nos leva a pensar em uma sociedade sectária, no sentido de apenas uma minoria dispor de condições favoráveis em relação a outra maioria deixada a margem de um sistema desigual que para favorecer essa minoria impõe suas normas e regras excludentes.

Ainda Martins sugere que a sociedade capitalista é composta por uma sociedade dupla, isso porque constitui-se de uma humanidade de integrados, pobres e ricos inseridos nas atividades econômicas e com lugar garantido no sistema de relações sociais e políticas; e uma sub-humanidade, incorporada por meio do trabalho precário no trambique, no pequeno comércio, no setor de serviços mal pagos ou, até mesmo excusos e que se baseia em insuficiências e privações que se desdobram para fora do econômico.

O fato é que, os imigrantes que identificamos nos jornais, apesar de muitos exercerem pequenos trabalhos, não detinham, ou melhor, não desfrutavam de um conjunto de direitos e deveres delegados a um cidadão. Esses sobreviviam de pequenas atividades e o que recebiam mal dava para suprir suas necessidades, alguns sequer trabalhavam, vivam perambulando pelas ruas da cidade, ou então eram enviados a locais específicos constituídos para abrigar pobres indigentes, loucos, tuberculosos e leprosos, pois eram considerados ameaças ao convívio social.

Diante de situações ou condições desfavoráveis na cidade, sem oportunidades, desempregados, doentes, sem moradia, sobrevivendo de doações, esses imigrantes não

²⁵³ MARTINS, José de Souza. **Exclusão Social e Nova Desigualdade**. São Paulo: Paulos, 1997, p. 16.

²⁵⁴ CASTEL, Robert. As armadilhas da exclusão. In: **Desigualdade e a Questão Social**. São Paulo: EDUC, 1997, p. 41.

vendo alternativa, partiram para ações extremas como as pontuadas anteriormente e expostas no jornal do comércio. E por não conseguirem um trabalho digno, alguns se entregavam a vícios, prostituíam-se, roubavam, os mais desesperados atentavam contra a própria vida. São situações que evidenciam uma vivência difícil de pessoas necessitadas sobrevivendo em Manaus no período da crise econômica.

Mas, para além das situações extremas, nos deparamos com outras circunstâncias reveladoras de um cotidiano muitas vezes conflituoso. E são nas páginas do jornal que essas cenas de vida vão ser reveladas, mesmo que conduzidas de forma parcial, as notas mostram uma pequena parte da vivência do imigrante com o morador local. No jornal eles foram identificados como os de fora, nordestinos, portugueses, espanhóis, barbadianos, turcos entre tantas outras designações que os diferenciavam dos moradores locais. Mas, não foram todos os imigrantes alvos de um tratamento muitas vezes pejorativos por parte dos jornais, apenas aqueles menos afortunados que atentavam ou agrediam a “moral e os bons costumes” da cidade.

Assim, vamos encontrar situações como a do marroquino Fortunato Farache, um “*typo estranho e desabusado*”, assim denominado pelo jornal que noticiou a briga deste com uma moradora local. O jornal destaca ironizando o marroquino que, por este não ter tomado seu chá em pequena quantidade, agiu de forma desrespeitosa a senhora Alzira Queiroz Gomes. Não se conformando com a reação de Fortunato dona Alzira prestou queixas a polícia que foi até a casa de Fortunato e não tardou em levá-lo preso²⁵⁵.

Referindo-se ao chá, o jornal parece destilar certa ironia quando destaca a bebida consumida tradicionalmente pelos marroquinos. Nesse caso o chá foi pensado enquanto símbolo para identificar aquele homem, pois é costume da cultura marroquina, assim como muitas outras do oriente o consumo do chá. A nota diz que, talvez se ele tivesse tomado o chá em maior quantidade não teria reagido daquela maneira; ou seja, o chá, segundo superstições, possui associações que podem tranquilizar ou acalmar tensões nervosas. Neste caso, o jornal, além de identificar Fortunato enquanto marroquino, também ligou a um hábito, pois é verdade que também conhecesse um indivíduo por seus hábitos e especificidades culturais.

E esses comentários na maioria das vezes possuíam um teor negativo em relação ao indivíduo não local que carregava o peso de ser apontado como o “estrangeiro”,

²⁵⁵ *Jornal do Comércio* nº 11.182. Manaus, 26 de maio de 1937.

referindo-se aos não nacionais e “cearense” para os nacionais. Os imigrantes pobres identificados no jornal, muitas vezes despertaram comentários poucos cordiais principalmente quando se encontravam envolvidos em alguma briga ou fato qualquer capaz de minorisá-los ainda mais. Muitas vezes pequenos conflitos davam margem a um noticiário na primeira página do jornal que, dependendo da situação, tratava o fato com sarcasmo.

No mercado Público da cidade, por exemplo, trabalhavam como vendedoras ambulantes duas turcas conhecidas pelos populares porque todas as manhãs encontravam-se naquele local para vender seus produtos. Era também conhecida a fama dos turcos, como pessoas de temperamento alterado, quando ofendidos, muitas vezes partiam para a força bruta. Assim o jornal destacou, entre tantas outras situações envolvendo os turcos, o fato ocorrido com duas as mulheres, Philomena e Mantura José²⁵⁶. Ambas viviam do trabalho ambulante e disputavam os locais de venda e os fregueses.

O fato é que essas mulheres na disputa diária por espaços e clientes para vender seus produtos, acabaram um dia se desentendendo o que levou os mordadores ao redor do local onde trabalhavam, levar o caso a polícia. Noticiadas como “*raposas enfesadas*”, as mulheres foram detidas e presas por atentarem contra a ordem. Fato parecido ocorreu com Abdom Almeida e Essada, trabalhavam esses turcos também como vendedores ambulantes no centro da cidade e por motivos idênticos ao das mulheres travaram uma briga que acabou em prisão para os dois²⁵⁷.

Comentamos em parágrafos anteriores que os espaços do centro de Manaus abrigavam um constante transitar de imigrantes empobrecidos, trabalhadores, vendedores ambulantes e outras categorias desfavorecidas trabalhando nas mais variadas funções; vendendo miudezas, doces, comidas, ervas medicinais e tantos outros artigos, trabalhos que não eram considerados dignos aos olhos dos “cidadãos” abastados da cidade. Nesta árdua luta diária tentavam vender suas mercadorias na esperança de conseguir algum sustento transformando algumas ruas do centro em verdadeiros espaços de sobrevivência.

E assim como aqueles turcos o cotidiano de outros imigrantes estava ligado ao transitar pelas ruas do centro desenvolvendo pequenos serviços na tentativa de

²⁵⁶ *Jornal do Comércio*. Manaus, 18 de janeiro de 1930.

²⁵⁷ *Jornal do Comércio* nº 10.624. Manaus, 29 de julho de 1935.

acompanhar e se enquadrar ao ritmo de vida da cidade. As ruas também se apresentavam como lugares possuidores de um cotidiano conflituoso, assim tudo podia acontecer quando se desrespeitasse ou ultrapassasse o espaço do outro, e quando isso acontecia era destaque nas páginas dos jornais da cidade. As brigas e discussões muitas vezes foram por motivos mínimos, como a que aconteceu com o pernambucano Francisco Marques da Silva que agrediu seu vizinho por se sentir insultado, pois este resolveu dizer para Francisco regressar a seu lugar de origem e isso irritou o homem que partiu para a agressão física²⁵⁸.

A ação de Francisco deixou a rua Luis Antoni em alvoroço, favoráveis ao vizinho, outros moradores denunciaram a violência cometida pelo pernambucano que seguiu para a penitenciária. O jornal não declara realmente como foi o acontecido, mas pelas descrições podemos ver que Francisco só agiu daquela forma porque se sentiu ofendido quando o outro homem praticamente o expulsou daquele lugar. Uma maneira um tanto discriminatória por parte de seu vizinho e que despertou a ira de um imigrante que não queria se sentir humilhado por ser de outro lugar.

Ofensas nesse sentido aconteciam entre a população local e não local, da mesma forma ocorreu com o espanhol Phirmino Santiago quando morava a rua Lobo D'Almada que, por não aguentar os abusos e desaforos de seu vizinho Virgilio de Souza acabou agredindo este. Assim, Francisco Phirmino não teve oportunidades para esclarecer sua reação e acabou sendo levado a penitenciária. Essas situações pareciam freqüentes no dia-dia dos imigrantes empobrecidos que, além de viverem dificuldades em uma cidade alheia, ainda tinham que escutar os insultos de moradores locais, uns reagiam pela violência, outros simplesmente ignoravam, pois não tinham alternativa, talvez se tivessem não estariam mais ali.

Em geral os pobres sempre foram tratados com desdém pelas elites manauaras que se impôs como superior e também por parte da população local, porém quando acrescentava ser imigrante parecia que a situação se agravava. E se essas pessoas estivessem embriagadas pelas ruas, ou praticando qualquer ato que não condissesse com as normas adequadas ao lazer, pagaria um preço alto. No caso de alguma suspeita de desordem pública, a pessoa era detida e levada até a delegacia para prestar contas da ação cometida. Até mesmo as pessoas que trabalhavam vendendo produtos em cestos ou tabuleiros eram suspeitas e proibidas de rondar até certa hora da noite.

²⁵⁸ *Jornal do Comércio* nº 11.189. Manaus, 3 de junho de 1937.

Foi assim que muitos imigrantes viveram seus cotidianos em Manaus e como observamos parágrafo anteriores, suas formas de lazer às vezes foram vistas como atos de desordem pela classe dominante que tentava, por vezes construir uma outra concepção de entretenimento. Para o tempo que estudamos os imigrantes, e não só eles, mas também moradores locais pobres e desempregados eram suspeitos e discriminado até mesmo no modo como vivia ou se divertiam. Os casos apresentados ao longo deste item da Dissertação foram apenas parte de um passado do cotidiano de imigrantes estabelecidos em Manaus identificados pelas informações dos jornais que mesmo de forma preconceituosa revelam as experiências e cenas da vida dos imigrantes em Manaus.

3.2 – O IMIGRANTE E AS INSTITUIÇÕES E ASSOCIAÇÕES DE AJUDA.

Neste item da dissertação abordamos o papel das instituições e associações de ajuda existentes na cidade e sua influência junto aos imigrantes. Aqui identificamos não só instituições que congregavam o imigrante pobre, como é o caso dos hospitais de caridade, os asilos, mas também as associações específicas representantes das colônias de imigrantes residentes em Manaus. Já abordamos aqui em capítulos anteriores a situação da cidade frente a crise econômica que se abateu sobre a região deixando-a quase trinta anos em estado crítico. Nesse período a cidade, que desde o período áureo da borracha já sofria com o problema da mendicância, viu crescer o número de pessoas pobres e andarilhos que vagavam pelas ruas sem expectativas de vida.

Em 18 de outubro de 1945 o Jornal do Comércio estampou em primeira página a situação do abastecimento de água: “*A cidade sofre com a absoluta falta d’água sem a esperança de uma solução*”. Esta era uma das realidades sentidas na cidade que, em pleno investimento governamental na região, com o aquecimento da economia gumífera, deixou a desejar no abastecimento dos serviços urbanos e outros serviços necessários as necessidades da população da cidade. Ao contrário do que era exposto nos relatórios e mensagens de governo e município, de tranquilidade no fornecimento e atendimento dos serviços públicos, a cidade aparecia nos noticiários dos jornais apresentando sérios problemas no fornecimento dos serviços urbanos.

Entre tantas pessoas sobrevivendo em condições não favoráveis na cidade, uma parte era representada por migrantes empobrecidos nacionais e estrangeiros que, muitas

vezes, foram enviados para abrigos e locais específicos que pudessem escondê-los das ruas da cidade. Nesta parte do trabalho procuramos abordar um pouco sobre os tipos de ajuda e caridade destinados aos imigrantes. Os auxílios provinham de ações de particulares, pessoas compadecidas com a situação dos pobres e entidades e associações organizadas com fins filantrópicos.

A preocupação por parte dos administradores com o alto índice de mendicância na cidade, desde o início do século XX, esteve estampada nos relatórios de governo os quais apelavam para a contribuição de setores privados na construção de casas de caridades e asilos para resguardar os desabrigados. Na verdade, desde o final do século XIX, com as modificações no espaço urbano o problema da mendicância foi sendo alvo de preocupações e logo considerado uma afronta a ordem pública, uma “contravenção e por isso passível de punição pelo Código Penal. O poder público, para dar conta deste flagelo com mais eficácia, recorre ao auxílio de particulares para a criação de casas de beneficência, asilos onde possa abrigar os desprotegidos”²⁵⁹.

Por isso, a constituição de casas de caridades para atender os inúmeros mendigos que se concentravam espalhados pela cidade seria fundamental. Eram considerados mendigos os moradores de rua, pedintes, desempregados, que não exerciam nenhuma atividade ou trabalho. Diferentemente dos mendigos que não trabalhavam, eram classificados como indigentes aquelas pessoas que desenvolviam algumas atividades, a maioria delas informal como vendedores ambulantes, trabalhadores do porto, eram trabalhadores pobres com poucos recursos, mas que, de uma forma ou de outra exerciam uma função na cidade.

Muitos desses indigentes e mendigos não eram naturais da cidade. Eram migrantes empobrecidos, seringueiros, ex-comerciantes que viram suas vidas se desmancharem com a crise econômica, que sofreram mudanças drásticas no seu padrão de vida. Com pouco ou sem nenhum recurso essas pessoas muitas vezes foram encaminhadas para instituições como o hospital da Santa Casa de Misericórdia, hospital de caridade que possuía em seus ideais a função de “exercer a caridade entre seus membros e prestar seus serviços a humanidade sofredora, especialmente os enfermos pobres”²⁶⁰.

²⁵⁹ MASCARENHAS, Edinéa. Op. Cit., p. 152.

²⁶⁰ Estatuto da Santa Casa de Santa Casa de Misericórdia, de 10 de janeiro de 1891.

A preocupação com a caridade e doação de esmolas até meados do século vinte ainda trazia uma forte conotação dos valores cristãos do dever em ajudar o próximo, pois essa era uma forma de aliviar o peso dos pecados de uma sociedade. A existência da pobreza, desigualdade praticamente não era questionada, o que valia era a consciência tranqüila depois de ter cumprido um dever frente aos desígnios de Deus.

O hospital foi inaugurado em 16 de maio de 1880²⁶¹, com intuito de atender aos “indigentes” que naquele século, já eram motivo de preocupação para a então província. Na verdade, a capital da província não dispunha de uma rede de saúde pública ou um hospital público para atender a população que, até então, era atendida na Enfermaria Militar localizada em Manaus. Esta unidade militar de saúde, na verdade, atendia especificamente as necessidades dos servidores do exército e pessoas do sexo masculino.

O responsável pela instalação de uma Santa Casa em Manaus foi, na época, o então Presidente de Província do Amazonas, o Tenente Coronel José Clarindo de Queiros²⁶². Segundo o relatório de Província de 1880, apresentado a Assembléia Legislativa, o hospital atenderia principalmente os indigentes do sexo feminino que não podiam ser admitidos na enfermaria militar, uma vez que, essa enfermaria atendia em número maior o público masculino. A Santa Casa de Misericórdia seguia os princípios da caridade cristã proposta desde o século XIV pela igreja católica, onde os princípios se norteavam a caridade e atendimento a todos despossuídos e doentes.

Tradicionalmente as Santas Casas mantiveram diferenças no atendimento e atenção médica entre seus pacientes. Assim, pessoas com maiores recursos possuíam leitos individuais e regalias, enquanto que, pessoas com pouco ou nenhum recurso eram alojados em salas coletivas e enfermarias específicas para indigentes. O termo indigente era designado a todas as pessoas pobres, inclusive trabalhadores, operários, entre outras categorias informais que não possuíam uma profissão qualificada. Até final do século XIX, a pobreza era considerada estável e o número de indigentes relativamente menor que no período subsequente ao do “boom econômico”.

A Santa Casa mantinha-se da arrecadação de doações e do recebimento de verbas públicas. Durante algum tempo a instituição enfrentou crises administrativas devido as constantes irregularidades e infrações cometidas por alguns de seus dirigentes.

²⁶¹ Relatório de Província, do Tenente Coronel José Clarindo de Queiroz de 1880. p. 6.

²⁶² BOTELHO, João Bosco. A Santa Casa de Misericórdia de Manaus entre 1939 e 1941. **Amazônia em Cadernos**. Manaus, v.4, n. 4, 1998, p. 203-230.

As Santas Casas cumpriam vários papéis, pois além de oferecer abrigo aos pobres enfermos, era sustentada pelas doações dos fieis que, assim, cumpriam com seus deveres da caridade e garantiam seu lugar no reino do céu e nas hierarquias terrenas. O hospital atendia seus sócios e os indigentes geralmente custeados pelo Estado, entre eles estavam os loucos, tuberculosos, leprosos, mendigos que se aglomeravam até o início do século no hospital.

Somente mais tarde foram criados outros centros específicos. O hospício Eduardo Ribeiro responsável pela acomodação dos loucos foi inaugurado no ano de 1894, não era um lugar propriamente adequado para atender as pessoas que para lá eram enviadas. Isso porque, além de sua estrutura não possuir acomodações confortáveis, não possuía um corpo clínico especializado. A administração do hospício teve nos seus primórdios a responsabilidade administrativa das irmãs Santa'ana, mais de 90% de seus internos eram indigentes²⁶³

Os leprosos foram concentrados no leprosário do Umirisal, os tuberculosos que ocupavam os espaços da Santa Casa em primeiro momento foram observados pela Liga Amazonense contra a Tuberculose. Esta liga era liderada por Djalma Batista e pela própria Santa Casa através do hospital São Sebastião, somente mais tarde, em 1942, foi criado um estabelecimento exclusivo para os tuberculosos o preventório Gustavo Capanema²⁶⁴. Mas, estes centros pareciam mais depósitos de isolamento para onde seguiam as pessoas indesejáveis que precisavam estar afastadas do convívio social.

Outra instituição importante no acolhimento dos desfavorecidos foi a Beneficente Portuguesa, também foi uma entidade hospitalar que favoreceu muitos imigrantes pobres. O Hospital Beneficente Portuguesa foi instalado na cidade em 1873 como Sociedade Beneficente Portuguesa e que, segundo seu estatuto, era uma instituição de caridade, com o objetivo de beneficiar seus associados portugueses e qualquer indivíduo de outra nacionalidade que necessite de socorros médicos²⁶⁵. Pessoas de outras nacionalidades também eram atendidas neste hospital.

Mas, a Santa Casa de Misericórdia foi referência ao acolhimento de inúmeros indigentes. Como dissemos anteriormente, para este hospital foram enviadas muitas

²⁶³ GALVÃO, Manuel Dias. Viana do Nascimento, Ivan e Cunha, Guilherme da Silva. História do internamento psiquiátrico na cidade Manaus (1890-1930). In: **Revista da Universidade do Amazonas**: série Ciências da Saúde Manaus, nº 12, jan/dez.

²⁶⁴ Sobre a tuberculose no Amazonas ver o trabalho de: BATISTA, Djalma. **Tuberculose no Amazonas**. Rio de Janeiro: Grauf Sauer, 1944.

²⁶⁵ Estatuto da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas de 22 de outubro de 1916, p. 3.

peças que sofriam de alguma enfermidade, muitas vezes ocasionadas pelas circunstâncias de uma vida miserável.

O hospital sofria com algumas dificuldades em suas acomodações, pois não possuía estrutura adequada para o atendimento a muitos doentes, havia poucos leitos coletivos para acomodar os doentes que constantemente chegavam. Acontecia às vezes de o doente não possuir moradia e ficar ocupando um leito do hospital para além do necessário o que não podia ocorrer dada a constante presença de indivíduos doentes precisando dos leitos. Quando o doente estava em condições de sair voltava para a casa de parentes ou conhecidos. O relatório de governo de 1942 a 1943 informa a situação do hospital a época:

A Santa Casa precisa de melhor estrutura para receber seus doentes que chegam aos milhares, suas instalações são insuficientes para as necessidades de Manaus, exigindo melhoramento de caráter urgente. A maior clientela da Santa Casa é constituída de pessoas pobres ali internados por ordem e carta do governador, sendo que talvez, 80% dos 3770 indigentes lá recolhidos em 1942, o foram por solicitação da policia civil²⁶⁶.

De 1944 a 1945 o relatório de governo novamente expõe a situação do hospital e reclama a necessidade de melhorias e ampliação de suas instalações:

A Santa Casa necessita de ampliação: é pequena para o movimento crescente das populações o seu esforçado provedor, Dr. Gualter Marques Batista, pretende introduzir um melhoramento que é ampliação das salas para doentes e as salas de cirurgia iniciado em administrações anteriores, mas não acabadas²⁶⁷.

No Jornal do Comércio observamos informações que revelam a situação de alguns migrantes que, doentes e sobrevivendo de forma precária na cidade faziam a solicitação junto a polícia para serem internados no hospital: *Com a respectiva guia da policia deram entrada na Santa Casa os indigentes, Candida Rodrigues de Amorin, natural do Rio Grande do Norte e Francisco Vieira cearense que se encontram na cidade em condições de extrema miséria.*²⁶⁸

Na verdade, competia a policia recolher os mendigos e doentes que pereciam nas ruas ou em seus próprios lugares de moradia, pois a presença dessas pessoas não era agradável a sociedade manauara.

²⁶⁶ Relatório de Governo exposto ao Interventor Álvaro Botelho Maia referente ao período de 1942 a 1943, p. 74.

²⁶⁷ Relatório de Governo exposto ao Interventor Álvaro Botelho Maia referente ao período de 1944 a 1945.

²⁶⁸ *Jornal do Comércio*. Manaus, 11 de maio de 1942, nº 12.924.

Mas, havia ainda outras instituições como o Asylo de Mendicidade implantado em 1910. A instituição foi idealizada por iniciativa de particulares em especial da maçonaria e teve apóio do Estado para sua instalação. A época a situação da mendicância incomodava a ordem pública e para amenizar tal situação foi pensado na construção de instituições que pudessem atender essas pessoas, pois a maioria delas seguiam para a Santa Casa que já não dava conta de atendê-los, assim:

Organizada a “Sociedade Protetora do Asilo de Mendicidade”, esta recebe do governo o prédio para sua instalação. Com a fundação do asilo, o governo imediatamente proíbe a mendicância em Manaus através do Decreto nº 1, de 29 de janeiro de 1910. Por este decreto todo individuo que fosse encontrado mendigando nas ruas e praças de Manaus seriam recolhidos ao asilo²⁶⁹.

Além da ajuda de seus associados, que colaboravam pagando uma determinada quantia, o asilo recebia ainda doações em roupas, dinheiro, alimentos, medicamentos entre outros, para atender aos pobres desvalidos e os associados em estado de incapacidade. No início do século XX, especificamente no ano de 1910, o governador Silvério Nery em mensagem de governo já falava sobre a questão da mendicância e da importância em estabelecer uma casa de asilo para abrigar os tantos mendigos espalhados na cidade:

As constantes secas que ultimamente tem assolado os Estados do Norte acarretam para o Amazonas uma corrente imigratória sempre crescendo e ao mesmo tempo que braços válidos se dirigem para o interior em busca de emprego na extração da goma elástica, indivíduos impossibilitados de prover sua subsistência pelo trabalho próprio deixam se ficar na capital, onde se entregam ao mister pouco edificante da mendicidade.

Em todos os países cultos a proteção aos mendigos é dispensada por particulares que se entregam em sociedade beneficente para delles cuidarem com amor e carinho, asylando-os e minorando-lhes os sofrimentos. Não dispõe o Estado do Amazonas de estabelecimento desta natureza e, attendendo a que o governo não deve ser indiferente a sorte dos mendigos, lembro o alvitre de votardes um auxílio pecuniário á primeira sociedade de que leve a efeito a fundação de um Asylo de Mendicidade²⁷⁰.

Junto com a Santa Casa tornava-se o local de maior concentração de indigentes e mendigos da cidade. Muitos migrantes pobres foram enviados para estas casas porque não tinham como sobreviver em Manaus.

²⁶⁹ DIAS, Edinea Mascarenhas. Op. Cit., p. 153.

²⁷⁰ MATA, Raul Augusto da. Relatório da Chefatura de Segurança Publica. In: Mensagem do Governador Silvério Nery de 1904, p. 14.

Através das páginas do Jornal do comércio podemos acompanhar a internação de indigentes na Santa Casa e nos asilos. Identificamos dentre eles muitos migrantes que foram internados nessas instituições como indigentes e entre tantos casos observamos os de algumas dessas pessoas:

- O cearense João Raimundo Soares estivador de 29 anos que, sem condições de tratar suas enfermidades foi encaminhado como indigente para Santa Casa²⁷¹.
- O rio grandense do norte Manoel Joaquim indigente de 36 anos solteiro, por se encontrar nas ruas foi internado como louco no Hospício Eduardo Ribeiro²⁷².
- O maranhense Alves de Carvalho indigente de 38 anos, morador do bairro da Cachoeirinha trabalhou como carroceiro era alcoólatra, foi enviado para o hospício Eduardo Ribeiro²⁷³.
- O italiano Vicente Palagano indigente de 38 anos, exercia a função de sapateiro, mas vivia em condições desfavoráveis na cidade e foi internado no hospício por ser suspeito de estar louco²⁷⁴.
- O rio grandense do norte Manuel Medeiros de Farias indigente de 28 anos, era seringueiro e vivia na cidade sem trabalho foi enviado para o hospício com o atestado de loucura²⁷⁵.
- O caso do japonês Adacio Igitassu de 30 anos que foi internado com suspeitas de estar acometido pela loucura. Adacio foi enviado primeiramente para o Asilo de Mendicidade sendo em seguida transferido para o Asilo de Alienados. O estado de Adacio talvez estivesse relacionado as circunstâncias em que vivia na cidade como indigente, pois antes trabalhava com agricultura em uma colônia agrícola do Pará, mas pela ocasião da II Guerra a colônia foi desapropriada²⁷⁶.

Adacio seguiu então para Manaus, mas acabou encontrando dificuldades financeiras e isto talvez possa ter ocasionado um surto depressivo. Como Adacio, outros imigrantes foram condenados a viver nos quarteirões dos asilos e sanatórios.

Esses foram apenas alguns dos tantos imigrantes que seguiram como indigentes para as instituições onde por lá permaneciam internados. A experiência de viver em uma cidade que não correspondeu às expectativas desejadas pode ter frustrado muitos imigrantes pobres que sem solução viram-se incapazes de direcionar a própria vida. Os mais sensíveis, se assim podemos dizer, acabaram como Adacio depressivos chegando a um estado de ser apontado como louco.

²⁷¹ *Jornal do Comércio*. Manaus, 25 de maio de 1937, nº 11.181.

²⁷² *Jornal do Comércio*. Manaus, 8 de setembro de 1930.

²⁷³ *Jornal do Comércio*. Manaus, 18 de janeiro de 1942.

²⁷⁴ *Jornal do Comércio*. Manaus, 23 de agosto de 1930.

²⁷⁵ *Jornal do Comércio* nº 10.622. Manaus, 27 de julho de 1935.

²⁷⁶ *Jornal do Comércio*. Manaus, 6 de setembro de 1943.

Essas instituições de asilamento e assistência tentaram, de certa forma, mascarar ou segregar grupos sociais a margem de um sistema capitalista opressor e desigual. Um sistema que constrói dispositivos disciplinares como forma de normatizar as condutas de indivíduos de uma sociedade ao invés de tentar buscar ações ou soluções capazes de amenizar a problemática de desigualdade existente, ao contrário constrói uma verdadeira política segregação. Cabe aqui as análises de Foucault²⁷⁷ quando procura ponderar as relações de poder fora da concepção do Estado, ao contrário esta concentrado em várias instâncias. Esse autor entendeu as instituições de assistência como os asilos, presídios, escolas, indústrias, famílias nada mais que aparelhos organizados e criados por determinados sistemas para disciplinar, controlar e dominar os comportamentos de sujeitos sociais estabelecidos em uma sociedade.

Se no início do século, com os bons lucros da borracha a cidade concentrava uma quantidade precisa de indigentes e mendigos, no período equivalente a crise, com a alta taxa de desemprego, esse número cresceu ainda mais. Os jornais denunciavam a concentração de indivíduos nas ruas da cidade e somente a Santa Casa e o Asilo de Mendicidade não davam conta em atender os desvalidos. E de todas as formas eram providenciadas ações de ajuda que pudessem amenizar a situação dos desfavorecidos na cidade.

Cabe falar também das associações beneficentes existentes em Manaus, onde algumas foram criadas para congregar imigrantes sem recursos. Assim, podemos verificar a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, entidade criada para atender a colônia espanhola residente em Manaus no início do século XX. Antes de receber essa denominação, passou por outros nomes, Centro Espanhol e Sociedade Recreativa e de Beneficência. Mas, somente em 1916, no governo de Jonathas Pedrosa, esta entidade passa a ser chamada Sociedade de Socorros Mútuos e funcionou até meados da década de 1960.

Localizada no centro da cidade, especificamente na rua Luis Antony, esta sociedade tinha ainda como propósito prestar ajuda principalmente aos espanhóis mais necessitados procurando desenvolver ações recreativas para arrecadar fundos de ajuda aos compatriotas pobres. A colônia espanhola era a segunda maior registrada em Manaus, sendo superada somente pela portuguesa, constando na cidade um número expressivo de portugueses.

²⁷⁷ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 79-128.

Os portugueses possuíam instituições como o hospital Beneficente Portuguesa criado em 1873, mas também associações como a Sociedade Lusitana Repatriadora que tinha entre seus objetivos auxiliar alguns portugueses desprovidos em Manaus de regressar a Portugal. A colônia portuguesa, como dissemos, era a maior colônia estrangeira existente em Manaus e dela faziam parte portugueses oriundos de vários cantos daquele país.

Segundo Benchimol, “depois da transumância nordestina, calculada em mais de 500.000 cearenses, no período de 1850 a 1920, os portugueses constituíram o maior grupo cultural que voltará à região, depois do passado colonial²⁷⁸”. A influência dos portugueses na Amazônia vem desde o período colonial e no final do século XIX mais um surto migratório, motivado pela exploração da borracha, é observado na região. Essas pessoas foram plantando suas raízes na cidade e criaram no decorrer do tempo instituições sociais e comunitárias comandadas por portugueses mais abastados para atender a administração de obras de filantropia, caridade, esporte e vida social. .

As estatísticas em torno da presença portuguesa no Amazonas para a década de 1920, apontam um número de aproximadamente 7.615 portugueses e para a década de 1940 cerca de 3.090 portugueses existentes no Amazonas para aqueles períodos. Na cidade alguns portugueses com poucos recursos, eram atendidos como vimos, pelas entidades de caridades constituídas por portugueses com maiores recursos que se engajavam nas práticas sociais de proteção aos compatriotas necessitados. Assim como os portugueses, outros estrangeiros indigentes também foram alvo da atenção de pessoas e entidades caritativas que participavam de campanhas de ajuda aos pobres, a ajuda vinha através de doações de roupas, alimentos recolhidos por órgãos responsáveis.

Entre esses imigrantes estrangeiros, como vimos em capítulos anteriores, os portugueses e espanhóis tinham maior representação na cidade por isso o maior número de associações existente. Alguns periódicos também tinham o papel fundamental de veicular entre as comunidades de imigrantes a situação de seus concidadãos em Manaus.

Aqui não é nossa intenção aprofundar a pesquisa sobre esses periódicos apenas apontar a existência desses veículos que tinham, de certa forma, o papel de representar algumas comunidades estrangeiras existente na cidade. Esses jornais além de trazer notícias de seus países, algumas vezes denunciavam as condições de miséria em que

²⁷⁸ BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. Op. cit., p. 77.

viviam seus compatriotas em Manaus. Um exemplo foi o periódico do Peru *El Dia de Iquitos* que expôs uma nota criticando a situação de trabalhadores peruanos em 24 de julho de 1928, o *Jornal do Comércio* comentou sobre a nota do jornal.

Segundo a nota os trabalhadores peruanos que viviam em Manaus encontravam-se em situação delicada sem trabalho e muitos que seguiam para a cidade eram vítimas de pessoas inescrupulosas que faziam falsas promessas aos migrantes peruanos. Os agenciadores contratavam os peruanos por determinado tempo e quando os serviços terminavam largavam essas pessoas a própria sorte e se quer pagavam seus salários. Abaixo podemos ver as declarações do jornal:

La mala situacione de los trabajadores peruanos em Manaus

Por comunicaciones diversas dirigida a la Prefectura Poe el Consulado General del Peru em Manáos, se tiene conocimiento que los trabajadores peruanos que se encuentran por esas regiones atraviezan una situacion bastante delicada a consecuencia de causas diversas, especialmente la falta absoluta del trabajo y el engano de que son victimas nuestros compatriotas que son llevados a esos lugares, atraídos por la falsas promesas que los hacen ciertos individuos inescrupulosos: pues una vez Allá, los abandona completamente y no les quieren pagar sus salários dejandolos a su própria suerte en esos solitários parajes.

El cõsul tiene que estar gestionando con empresas diversas el que traigan a nuestros desdichados compatriotas gratuitamente hasta reamate del males, para que alli puedan regresar nuevamente al Peru. En uno de los parrafos el Consul dice que la policia brasilera esta persiguiendo a infinidad de peruanos que no tiene trabajo los consideran como VAGOS: y entre otras cosa dices: “Como es enorme el numero del peruano que se encuetram en estas condiciones He creido necesario llamar su atencion afin de ver se le es possible evitar em alguna forma la emigracion de la nuestra gente del campo tan poço capacitado para obtener trabajo y creo que seria conveniente poner algun aviso en lo diários indicando que aqui no hay trabajo y que se alguno viene a buscarlo deve pensar en que no puede contar con la Idea de ser regresado al Peru por cuenta del Gobierno.

Con todo agrado damos a la publicidad este hecho para que los obreros peruanos no se dejen sorprender y vajan al extranjero a sufrir padecimientos y miséria incalculables encuentran en estas condiciones e creido necesario”²⁷⁹.

Os peruanos sem trabalho, segundo a nota, eram discriminados pela policia local que os tratavam de forma injusta taxando-os de vagabundos, assim consta num dos parágrafos da nota acima. Esta era a real situação que rondava a vida de muitos imigrantes pobres que viveram na cidade, a informação descrita no jornal peruano era uma forma de denunciar a situação daquelas pessoas aqui.

O *Jornal do Comércio*, periódico de grande divulgação na cidade apoiava campanhas em prol dos necessitados convocando a população a ajudar os pobres da

²⁷⁹ *Jornal do Comércio*. Manaus, 2 de setembro de 1930.

cidade. Nas suas páginas era comum encontrar a menção de agradecimentos às pessoas que faziam doações, seus nomes apareciam expostos no jornal indicando a quantia ou o objeto doado. Geralmente as doações eram enviadas na forma de cupons com determinada quantia para o jornal que se responsabilizaria em encaminhar aos necessitados. As notas enfatizavam em forma de agradecimento a caridade de populares que enviavam as doações: “Ofereceu-nos a senhorinha Cecília Cavalcante Moraes, mil cupons de bonde para serem resgatados em favor dos nossos pobres²⁸⁰”.

Reconhecendo o número preocupante de pessoas empobrecidas vivendo em Manaus no início da década de 1940 o então interventor Álvaro Maia relatou em Mensagem de Governo a seguinte situação:

Temos uma população pobre, notadamente a que se aglomera nas zonas suburbanas de Manaus, em consequência da enorme crise de mais de vinte anos: sem trabalhos recompensados nos seringais, milhares de pessoas desceram os rios e fixaram residência na cidade em que também rareiam as atividades²⁸¹.

Entre o maior número de imigrantes pobres concentrados na cidade para o período pesquisado estão a dos nordestinos, os cearenses principalmente. Essas pessoas, juntamente com outros indivíduos depauperados se aglomeravam ainda em áreas periféricas da cidade que, até 1940 já compunham 38% da população²⁸². Tendo em vista a grande quantidade de cearenses em Manaus, em julho de 1943 os representantes da colônia fizeram uma convocação pelo jornal aos seus principais membros e representantes para decidirem sobre a criação de uma agremiação. Esta agremiação agiria na representação de todos os setores da vida dos cearenses residentes em Manaus²⁸³.

Como vimos, por esse período houve uma intensa campanha de mobilização de trabalhadores para trabalhar na *front* dos seringais. Milhares de pessoas iludidas com as intensas propagandas e campanhas articuladas por órgãos comandados pelo governo Vargas embarcaram em direção a Amazônia. Muitos ficaram na cidade ao invés de seguir para as áreas de trabalho o que aumentou consideravelmente a população e junto com ela os problemas sociais.

²⁸⁰ *Jornal do Comércio* nº 12.924. Manaus, 11 de maio de 1942.

²⁸¹ Mensagem de Governo do Interventor Álvaro Botelho Maia dirigida ao presidente Getúlio Vargas de 1942 a 1942. p. 73-43.

²⁸² BENCHIMOL, Samuel. Manaus... Op. cit., p. 137-155.

²⁸³ *Jornal do Comércio*. Manaus, 20 de julho de 1943.

As denúncias de indivíduos famintos, famílias inteiras de migrantes nordestinos pelos jornais demonstram o aumento da população pobre na cidade por esse período. O modo como essas pessoas viviam ou mesmo sua presença, muitas vezes incomodou o morador local que fazia questão de diferenciá-los apontado como pessoas de fora. Mas esses homens e mulheres contribuíram de forma direta e indireta não só para o crescimento material da cidade, como também para seu crescimento sociocultural e deixaram as marcas de suas histórias que aqui, tentamos em partes resgatar.

3.3 – REFLEXÕES SOBRE ALGUNS ASPECTOS PARTICIPATIVOS DOS MIGRANTES EM MANAUS.

O último tópico deste trabalho procura discutir um pouco sobre as contribuições e influências de migrantes na cidade de Manaus. Procuramos principalmente falar da contribuição do imigrante que permaneceu na cidade e foi se misturando aos outros moradores, influenciando com seu conhecimento, sua fala, seus valores e principalmente sua participação na esfera do trabalho em áreas da agricultura e comércio, compondo um verdadeiro “pluralismo cultural”. Um arsenal de manifestações que somente podem ser percebidos se observarmos sucintamente o passado da cidade, são identidades culturais que se mesclam constituindo assim uma sociedade marcada por traços de diferentes grupos sociais.

Ao que nos parece, falar sobre a questão de identidade cultural se torna um tanto complexo quando sabemos que em nosso meio, ou em qualquer sociedade, a combinação, se assim podemos dizer, de diferentes grupos sociais é visível e que os termos identidade e cultura por si só já demandam significados múltiplos. Sobre isso, as migrações, por seu lado, tiveram e tem:

... importante papel no processo de (re)construção, (re)significação pelo qual passam as identidades culturais no mundo contemporâneo, com ela acelerou-se/acentou-se o transporte de culturas de um lugar para outro, e a tradução dessas culturas e dessas pessoas - de suas identidades – no novo local/lugar para o qual se deu a migração, possibilitando a transformação e, conseqüentemente, a produção de identidades híbridas, este tipo identitário característicos da modernidade tardia²⁸⁴.

²⁸⁴ PACHECO, Joice Oliveira. Identidade, Cultura e Alteridade: Problematizações necessárias. In: **Revista Eletrônica de História Spartacus**, Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), p. 6.

Assim, a migração é um dos fatores para a constituição de sociedades e de certa forma, quebra com fronteiras de regionalismos e nacionalismos. Não se trata de estarmos estabelecendo um discurso de negação a existência de fronteiras regionais ou mesmo nacionais, pois elas existem e são:

...criações políticas que delimitam espaços de identidades, sistemas econômicos, manifestações culturais, forma de governo e gerencia dos interesses internos, tudo sob orientação de constituições e de um acerto de participação no conjunto dos chamados Estados Modernos²⁸⁵.

A questão é que o fato de ser brasileiro esconde em si uma realidade, a da existência de tipos culturais distintos. O Brasil é um país plural culturalmente e as migrações são um dos fatores responsáveis por essa realidade, pois um país que apresenta altos índices de migrações também possui diversidades e contrastes culturais. E sendo um país de constantes migrações, não há como estabelecer fronteiras sociais no sentido de uma cultura ser estável a outra. Por mais que existam as peculiaridades entre elas, sempre vai haver um ponto de assimilação a outra, isso porque a cultura vive em constante movimento, ela não é estática e sim oscilante. Podemos entender isso se observarmos um fato - muitas vezes sequer atentamos para isso - há sempre alguém na família que descende de, ou é originário de determinado país ou região. Por exemplo, um pai que é filho de nordestinos e neto de portugueses e assim sucessivamente.

E em Manaus, especificamente, a presença de outros grupos sociais é expressiva. Como vimos, entre determinados períodos do final do XIX e meados do século XX, a cidade presenciou a chegada de migrantes vindos de várias partes do país e de países distintos, principalmente europeus e nordestinos. Essas pessoas desembarcaram aqui com a esperança de uma vida melhor e junto com elas trouxeram também um pouco dos valores de sua terra que se espalharam na cidade e sua população, marcas refletidas tanto na cultura material quanto social.

Algumas dessas marcas podem ser vistas em certas práticas e modos de vida local que hoje se quer imaginamos possuírem uma história. Isso porque pouco é sabido sobre a contribuição dessas pessoas, uma vez que a historiografia da época não se importou muito em destacar assuntos que não fosse as atitudes e práticas de grupos elitizados. As ações de segmentos desfavorecidos pouco importava para a historiografia da época, e menos ainda a história de migrantes empobrecidos. Mas, Manaus como

²⁸⁵ MEIHY, José Carlos Sebe B. Mas Há Fronteiras? In: Odair da Cruz Paiva (Org). **Migrações Internacionais**: desafios para o século XXI/ São Paulo: Memorial do Imigrante, 2000 – (Série reflexões; v. 1), p. 33.

tantas outras capitais, é também resultado do suor de migrantes que aqui trabalharam sem mesmo possuir uma remuneração adequada, esses homens e mulheres foram parte essencial para o crescimento da cidade desempenharam diversas atividades responsáveis pela intensificação do progresso local.

No entanto, essa participação foi praticamente isenta da memória local ficando esses personagens a margem dos bastidores da história da cidade que preferiu apenas guardar o passado vivido por grandes políticos, comerciantes e empresários. De certo, esses empresários, comerciantes e políticos oriundas de outras áreas, foram importantes figuras para a história de Manaus, mas não apenas eles, a cidade se fez com a participação do imigrante que trabalhou como: pedreiro, estivador, carregador, catraieiro, carroceiro, cozinheiro, comerciante, jornaleiro, leiteiro, agricultor; enfim, inúmeras atividades somatizando grupos que contribuíram não só na cultura, mas também da economia local.

E essa história foi marcada pela participação e influência de homens importantes, porém sem recursos financeiros entre eles destacam-se imigrantes como o italiano Joseph Donadio²⁸⁶ de 28 anos, não foi um político relevante, nem um grande empresário ou comerciante estrangeiro, mas um carregador que fez de Manaus sua morada. Não tinha parentes morava só em uma vila no centro da cidade. Todos os dias saía para trabalhar como carregador e nas horas vagas ainda desenvolvia outras atividades, como cozinheiro. Assim driblava as dificuldades da vida, até que um dia sofreu um acidente em seu trabalho e acabou indo para Santa Casa, perdeu a perna esquerda e lá ficou até ser transferido para seu país de origem. Por mais humilde ou pequena que fosse sua participação na construção ou crescimento da cidade, sua presença não pode ser ignorada, pois ele foi apenas um entre tantos outros trabalhadores migrantes que imprimiram suas marcas de várias formas em Manaus.

Assim também podemos citar os pedreiros, Joaquim Soares e Francisco, dois portugueses que viviam uma vida simples na cidade, figuras conhecidas entre os moradores da Vila Municipal, foram trabalhadores participes do momento de crise que invadia a Manaus na época. Entre tantos falidos e desempregados, esses homens lutaram em um espaço que não lhes proporcionava tantas oportunidades naquele momento. Deixaram sua contribuição num ambiente distante de suas verdadeiras origens, sobrevivendo de pequenos serviços. De forma alguma esses homens foram inativos para

²⁸⁶ Informações retiradas do livro de registro da Santa Casa de Misericórdia de 1942.

a memória local, construtores de seu tempo, souberam resistir às dificuldades de uma vida atribulada, aqui chegaram e não desistiram frente aos problemas, mas reconstruíram suas vidas na labuta diária como pedreiros e ainda achavam tempo para se reunir com os amigos nos finais de tarde na rua dos remédios onde bebiam e jogavam xadrez:

A uma certa altura da tarde em pleno horário de trabalho os portugueses, João Soares e Francisco, pedreiros de profissão, hontem estando ambos empenhados na cobertura de um edifício em construção, foram bebericar na rua dos remédios. Beberam tanto que foram para o xadrez, explicaram os carraspanas que já haviam finalizado seus trabalhos. A policia não acreditando engaiolou os filhos de além mar que foram lembrar daquelles lados no xadrez²⁸⁷.

E o que dizer então do pernambucano Joaquim dos Santos, embarcadiço de 28 anos, que morou no bairro conhecido como São Raimundo, na época uma área periférica da cidade. Este pernambucano, não se conformou com as explorações e um tratamento desigual por parte de seus superiores e se manifestou através da desobediência negando trabalhar se não fosse tratado com mais respeito:

Reclamou ontem a este jornal o operário Joaquim dos Santos, natural de Pernambuco com 28 anos, sobre a firma onde trabalha J. Soares e Companhia, alegando a demora de seu pagamento e as excessivas horas de trabalho que ultrapassam o horário normal. O jornal irá averiguar a situação procurando os responsáveis pela firma.²⁸⁸

Suas idéias e atitudes, de certa forma, mostram que pessoas como ele, não foram coniventes e passivos frente aos abusos e explorações que sofriam, ao contrário buscaram de formas distintas lutar por seus direitos e vida digna.

Ao falar em sua tese de doutorado sobre a trajetória de migrantes cearenses no final do XIX e início do XX no Pará, Franciane Gama perpassa pelas experiências sociais, lutas e resistências em pontos específicos da região e com isso acaba relatando alguns fatos que nos dão luz das vivências e contribuições dessas pessoas em localidades como Belém, nas áreas dos seringais e das colônias agrícolas.

A autora revela as marcas deixadas por migrantes que em determinado tempo e lugar, vivenciaram experiências variadas, mostrando os conflitos, as redes de solidariedade, o envolvimento com a população local e ainda as formas como se divertiam, situações que revelam a luta pela sobrevivência em lugares distantes de suas

²⁸⁷ *Jornal do Comércio*. Manaus, 10 de julho de 1935, nº 10.615.

²⁸⁸ *Jornal do Comércio*. Manaus, 17 de maio de 1942, nº 12.930.

realidades. E foi nas entrelinhas das fontes pesquisadas que a autora conseguiu observar o cotidiano dos migrantes, suas práticas e relações sociais, um cotidiano marcado por acontecimentos díspares.

Entre as experiências vividas pelos migrantes, Gama destaca especificamente no último capítulo, as práticas de entretenimentos daquelas pessoas que, frente as lutas diárias pela sobrevivência, não deixaram de viver momentos de descontração refletidos em festas e outras formas de diversão. Essas festividades eram marcadas por danças e ritmos peculiares do migrante que, *nessas ocasiões especiais extravasam sentimentos como gentileza, amizade e até saudades da terra natal, na medida em que, nesse dia de festa, através da música e da dança, se evocava uma memória do passado e fortaleciam-se, sem dúvida, os laços identitários com os lugares de origem*²⁸⁹.

Essas evidências apontam uma realidade quase imperceptível na historiografia da época, ou seja, que de forma alguma essas pessoas viveram uma vida confinada ao trabalho e as durezas da vida, apesar das situações de asperezas não deixaram de viver seus momentos de lazer, refletidos em diversões múltiplas. Essas histórias de vida, muitas vezes passaram longe da análise de trabalhos que visualizaram a migração para o norte numa perspectiva marcadamente quantitativa. Longe de desmerecer a importância da estatística migratória para a região, é importante também estabelecermos um conhecimento aprofundado sobre a sociabilidade, o cotidiano e outras dimensões sociais essenciais para a compreensão das relações sociais dos migrantes no local que escolheram como destino.

Sabemos hoje, graças a estudos embasados na História Social, que esses sujeitos foram relevantes para a cultura e economia local. Por isso, observar a contribuição e influência deixada por esses migrantes é, de certa forma, uma maneira de compreendermos que estes foram elementos imprescindíveis para a constituição da sociedade de Manaus na época. Compreender ainda como os diferentes grupos sociais, entre eles os migrantes, se articularam e viveram na cidade.

Os imigrantes presentes em Manaus no período analisado, foram protagonistas de uma história que envolveu um conjunto de experiências e relações sociais presentes no universo da sociedade. Daí a importância em resgatarmos a história dessas relações, como se forjaram, pois assim, podemos entender e conhecer não apenas parte de uma

²⁸⁹ GAMA, Franciane. Op. Cit., p. 317-318.

história, limitada a personagens consagrados, mas dos homens e mulheres simples que foram colaboradores e partícipes da história da cidade.

Assim, as marcas da participação de migrantes estão em algumas das poucas construções históricas que restaram na cidade, principalmente a influência estrangeira. Uma visão mais atenta sobre a contribuição de migrantes na composição da cidade, pode ser observada na dissertação de Otoni Mesquita que, ao abordar a temática dos tempos da belle époque, pontua esse período como uma era de grandes transformações em Manaus. Assim, observa as características de Manaus como uma cidade que se apresentava cosmopolita resultado da procedência de elementos de diferentes localidades, influenciando estes, nos costumes e modos de vida da população local.

O repentino crescimento populacional ocorrido em Manaus, nas três últimas décadas do século XIX, em virtude do fluxo migratório, é mais um dado relevante para a construção da hipótese de que, na última década daquele século vários fatores participaram para o processo de refundação dessa cidade. Além de provocar a ampliação dos limites urbanos, foi promovido um processo de branqueamento étnico e cultural da população local. A diversidade de manifestação criava uma predisposição para as inovações e para a formação de uma sociedade menos tradicional e mais cosmopolita²⁹⁰.

Para a constituição dos espaços e aspectos urbanos, construções como o Teatro Amazonas e outras significativas existentes na cidade, foi de fundamental importância a mão-de-obra de trabalhadores migrantes estrangeiros e nacionais. Sujeitos pouco referenciados, mas peças importantes para o soergimento dos prédios históricos que hoje constituem parte da memória de Manaus.

André Vidal de Araújo²⁹¹, mostra em Sociologia do Amazonas, alguns dos aspectos da influência de migrantes, pontua também sobre a arquitetura de influência portuguesa, algumas igrejas da cidade. O autor destaca que, “*os aspectos etnográficos do meio cultural, demonstram bastante a influência estrangeira em certas zonas da cidade, o sangue português, o sírio-libanês, são palpantes*”²⁹².

A presença de portugueses e sírios na área central se mostrou intensa, a maioria trabalhava em atividades relacionadas ao comércio, outros como vendedores ambulantes e nessa circulação e vivência acabavam difundindo seus modos e costumes a população

²⁹⁰ MESQUITA, Otoni Moreira de. Op. cit., p. 207.

²⁹¹ ARAÚJO, André Vidal de. Op. cit., p. 119.

²⁹² Idem, p.116.

local. Tanto é que, na preferência por certos serviços, cogitava-se sempre o trabalho de migrantes. Vidal destaca que entre as trabalhadoras domésticas, cozinheiras, passadeiras, por exemplo, havia a preferência pelas mulheres de origem portuguesa, barbadiana e as maranhenses²⁹³.

E essas exigências eram visíveis nas páginas de anúncios de jornais, o próprio *Jornal do Comércio* estampava em suas páginas a necessidade da contratação dos serviços de pessoas de outras localidades. Podemos confirmar isso observando as notas abaixo:

Precisa-se de uma cozinheira portuguesa que realize outros pequenos serviços e possa dormir no emprego.

Cozinheira, precisa-se de uma que seja portuguesa e que seja assejada, em casa de pouca família para todo serviço. Trata-se no armazém de ferragens de L. Almeida, rua Marquez de Santa Cruz número 39²⁹⁴.

A contribuição dessas mulheres especificamente foi importante para algumas famílias da cidade que, vez ou outra, requisitavam seus serviços. A presença de migrantes estrangeiros ou não, perpassa por todos os cantos e espaços da história de Manaus, ainda Vidal recorda:

O negro, o caboclo, português, turco; seus cavalos e burros de carroça, seus carrinhos, seus taboleiros, seus cestos de vendedores ambulantes, suas bandejas de rabuçados, de puxa-puxa; seus veículos, seus bondes, seus vendedores de perús, seus leiteiros; seus vendedores de balões; de caracujá trançado, de miúdo de peixe em pau aos ombros; o vassoureiro e espanadoreiro, o funileiro com a sua panelinha batendo com um prego; o vendedor de guarda-chuvas e bengalas; o carregador, o aguadeiro etc²⁹⁵.

Os serviços acima fizeram parte da realidade dos diferentes grupos sociais existentes na cidade a época, esses se misturavam pelas ruas desempenhando inúmeras funções, vivenciando situações das mais diversas. Vidal recorda algumas das atividades realizadas por migrantes e que faziam parte do cotidiano da população local, entre elas destaca: “o italiano do realejo e dos periquitos, era o que tinha o realejo de manivela e dois periquitos, João e Maria que tiravam a sorte do povo, sorte que estava escrita em papelito. Tocava também valsas como “Sobre as ondas” ou uma vienense qualquer”²⁹⁶.

²⁹³ Idem, p.199.

²⁹⁴ *Jornal do Comércio*. Manaus, 28 de maio de 1930.

²⁹⁵ ARAÚJO, op. cit., p.313.

²⁹⁶ Idem, p.315

Destaca ainda o *português vendedor de ovos, o jornaleiro, o turco do gergelim*, entre tantos outros personagens que compunham o conjunto da sociedade manauara.

Assim, também é válido destacar personagens como José Perez, espanhol que sobrevivia na cidade desempenhando a função de cozinheiro, e com isto trazia para cena local um pouco dos valores de sua culinária, elaborando pratos que agradaram o paladar dos moradores da cidade. Sua atuação enquanto cozinheiro valeu o respeito e a admiração da população local que reconheceu em Perez a validade de seu trabalho. O jornal do Comércio de 1922, ao relatar as façanhas de José Perez, não deixou de elogiar os préstimos do espanhol e suas especialidades:

Um tal Perez, espanhol de nascença e baptizado com o nome de José, é segundo dizem as mais apuradas gourmets, das bandas do mercado um cozinheiro de forno e fogão que tudo faz, desde o saboroso garbanço até o frango a madrilena, o arroz a valenciana, no gênero gordurança, e as famosas maçãs andaluzas com calda de vinho virgem, além dos caramelos de chocolate Mathias Lopez. É como se vê a última palavra na arte de Vatel, capaz de empanzinar em regra, o mais exigente estômago²⁹⁷.

Assim como Perez, outros migrantes ocuparam espaços distintos na sociedade, seja como cozinheiro, jornaleiro, agricultor, carregador, estivador, estas pessoas acabaram se habituando ao convívio local, mesmo diante de alguns conflitos. Muitas vezes conflitos de identidade, uma vez que, a convivência com o “outro” nem sempre foi amistosa e isso desencadeou sentimentos e opiniões de rivalidades. Foi o que aconteceu em um dos bairros antigo da cidade chamado Educandos, reduto de muitos migrantes nordestinos. Segundo Benchimol²⁹⁸, boa parte dos migrantes que vieram para o Amazonas e resolveram ficar em Manaus na década de quarenta durante a guerra, se fixaram naquele bairro.

A chegada destas pessoas ocasionou certa rivalidade entre os moradores tradicionais que já estavam há mais de 20 ou 30 anos residindo no bairro. Benchimol afirma que os moradores antigos se sentiam ameaçados pela invasão daquela “gente de fora”. Segundo o autor, a presença de outras pessoas incomodou tanto os moradores ao ponto de armarem por diversas vezes confrontos físicos com os novos moradores. Os constantes desentendimentos levou a intervenção da policia que várias vezes teve de intervir no bairro enviando reforços por conta dos desentendimentos. A não aceitação acabou empurrado parte dos migrantes para um local pouco afastado do bairro, a

²⁹⁷ *Jornal do Comércio*. Manaus, 23 de maio de 1930.

²⁹⁸ BENCHIMOL, Samuel. Op. Cit., p. 142-143.

Estrada de Educandos ou Constantinópolis, na época, *pejorativamente chamada de estrada dos arigós*²⁹⁹ pela população local.

Com o tempo a situação foi se abrandando e os migrantes se inserindo naquele espaço onde antes eram rejeitados e começava então uma nova etapa em suas vidas. A presença dos migrantes já não incomodava tanto e estes constituíram famílias, fixaram suas casas, construíram nessas áreas também pequenos comércios com nomes que identificavam suas origens, a exemplo: Bar Fortaleza, Barbearia Paraíba, Café Ceará³⁰⁰, pois faziam questão de enfatizar suas raízes.

O imigrante sempre vai levar consigo parte de sua cultura e por mais que assimile novos hábitos no lugar de destino, a sua identidade, o seu fator de pertencimento sempre falará mais alto. Tomemos aqui um exemplo que vem da literatura, o romance de Milton Hatoum, “Dois Irmãos”. A obra, que retrata a saga vivida por dois irmãos gêmeos descendentes de sírios na cidade de Manaus, Yaqub e Omar, no período de 1910 a 1960, possui em sua essência aspectos que retratam vivências e conflitos dos jovens e suas raízes culturais. Enquanto um tem uma proximidade maior com o Brasil o outro parece se sentir um estrangeiro dentro de sua própria casa.

Esses conflitos presentes no romance são, na realidade, visíveis na vida de muitos migrantes que rumaram e rumam para outros espaços. A complexidade de pertencer ou não a determinado lugar pode trazer inúmeras conseqüências para o sujeito que migra e seu local de destino, isto porque ele levará consigo uma bagagem cultural que cultivou no seu local de origem, ou seja, valores que o formaram enquanto sujeito pertencente a um determinado espaço. Conseqüentemente se defrontará com outros valores distintos dos seus e sofrerá um impacto cultural que poderá, dependendo das circunstâncias, lhe causar alguns conflitos de identidade. Isso acaba perpassando pela questão da identidade que é formada a partir de um conjunto de valores e normas que aprendemos desde que nascemos, Castells considera que:

As identidades são construídas culturalmente, isto é, organizadas em torno de um conjunto específico de valores cujo significado e uso

²⁹⁹ Referindo-se ao termo *arigó*, Benchimol aponta o seu significado enquanto termo depreciativo de gíria para marcar o imigrante cearense.

³⁰⁰ Idem, p.143.

compartilhados são marcados por códigos específicos de auto-identificação: a comunidade de fiéis, os ícones do nacionalismo, a geografia do local”³⁰¹.

Assim, quando o sujeito que migra se depara com valores e espaços distintos dos seus acaba sofrendo um abalo identitário, ou seja, a “desestabilização da ligação essencial do ser com o lugar causa um abalo na segurança existencial e identidade territorial do migrante, que tem de enfrentar um desencaixe espacial. Isso o torna suscetível à angústia e a ansiedade, impondo a necessidade de enraizar-se no lugar de destino”³⁰².

De certa forma, Hatoum, ao retratar a cidade em seu romance, mostra um pouco da diversidade cultural que se aglomerou naquele espaço, um lugar que no período de retração econômica se mostrava um centro misto de culturas. Um centro que acabou sendo palco para Hatoum referenciar a diversidade cultural representada através dos vocábulos de origem, libanês, português, inglês, entre tantos outros tipos que se misturam ao linguajar local e que foram levadas em conta pelo autor para mostrar o quanto da interferência e presença do migrante na cidade.

O romance de Hatoum, de certa forma, nos proporciona um pouco da contribuição cultural da população sírio-libanesa na região norte, refletidas em diferentes aspectos que vão desde, comércio, culinária, música e outros hábitos que se misturaram aos da população local. Mas, assim como eles, tantos outros migrantes, como os das comunidades portuguesa e espanhola, por exemplo, que também contribuíram com atividades fundamentais para o desenvolvimento da cidade, principalmente na área do comércio nas muitas lojas e armazéns que abasteciam a cidade. Os anúncios em alguns jornais mostram a inferência dessa população:

La dulceria particular de nuestro querido amigo y compatriota Sr. José Adión Lavadeira, há sido translada para la calle Henrique Martins, nº 80, por cujo motivo Le deseamos muchas prosperidades em su nuevo local. La Pensão Operária, propiedad de nuestro compatriota Sr. Francisco Amoedo, pasó a funcionar em la calle Dr. Moreira, junto al Hotel del Porto, donde como siempre continua a bien servira su numerosa clientela”³⁰³.

³⁰¹ CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: economia, sociedade, cultura. In: **A Sociedade em Rede**. 7ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 79.

³⁰² JUNIOR, Mandarola Eduardo e GALLO, Priscila Machiori Dal. Ser imigrante: Implicações Territoriais e existenciais da Migração. **Anais do VII Encontro Nacional sobre Migrações**. Belo Horizonte – Agosto de 2009, p. 3.

³⁰³ Jornal *El Hispano Amazones*. Manaus 2 de maio de 1920.

No final do século XIX, entraram na região portugueses e espanhóis empobrecidos, muitos fizeram carreira e acabaram se tornando grandes empreendedores se destacando no comércio, imprensa, entre tantas outras atividades. Os menos favorecidos atendiam a cidade desenvolvendo pequenas atividades. Segundo Benchimol, a classe média portuguesa foi bastante numerosa e dominavam os ramos de estivas e bebidas: secos e molhados, ferragens e materiais de construção, construtores empreiteiros de obras entre outros. O extrato de portugueses mais pobres ocupavam as esquinas e cantos da cidade, onde montaram os seus pequenos negócios de padarias, mercearias, quitandas, bares, botecos e botequins. Os portugueses de extrato social mais baixo ocupavam-se como carregadores do porto, catraieiros, pescadores com suas poveiras, e lavradores com suas hortas, granjas de verduras e vacarias de leite, cujos produtos eram comercializados em bancas de pedras no Mercado público Municipal Adolpho Lisboa em Manaus³⁰⁴.

O hospital Beneficente Portuguesa e a Santa Casa de Misericórdia (hoje desativada) são exemplo de instituições que destacam a participação dos portugueses. Essas instituições recebiam auxílio de portugueses residentes em Manaus, com intuito de auxiliar a população necessitada entre elas os próprios portugueses que viviam na cidade com dificuldades financeiras.

O peso da cultura nordestina também é relevante em toda a região norte, e não poderia deixar de ser, pois foi a maior corrente verificada, por isso a existência de alguns hábitos e valores perdurarem e estarem refletidos na cultura local. Podemos ver ao longo do trabalho que estes migrantes participaram ativamente para o desenvolvimento material da cidade, enquanto trabalhadores avulsos, operários, comerciantes, destacando-se ainda na atividade dos seringais, podemos dizer que principalmente nesse tipo de atividade, foram peças chave para a expansão da economia extrativa.

É válido ressaltar que muitos dos festejos e folclores presentes na cultura amazônica foram deixados pelos nordestinos e assimilados pela população local. Na obra “Síntese histórica e sentimental da evolução de Manaus”, Mavignier de Castro, comenta sobre as características do folclore regional e a contribuição nordestina: “As novas gerações amazonenses que, durante as festas juninas ou por ocasião de natal, assistem os tradicionais folguedos dos bois bumbas e das pastorinhas, podem supor que

³⁰⁴ BENCHIMOL, Samuel. Amazônia... Op. cit., p. 78-79.

foram os nordestinos vindos para a Amazônia os introdutores daquelas diversões no folclore regional”³⁰⁵.

Foi na luta por um espaço que lhe proporcionasse melhores condições de vida e fartura, que estes migrantes vieram para Amazônia e trouxeram consigo suas vivências e saberes introduzidos, portanto, a cultura local. Junto a outros, essas pessoas foram ainda responsáveis, como dissemos anteriormente, pela participação ativa no desenvolvimento da produção da borracha e a riqueza proporcionada por este produto.

Nas palavras de Benchimol, “a Amazônia começou assim a abrigar-se mais, com a chegada desse novo tipo de imigrante que trouxe consigo uma outra cultura de valentia, cobiça”³⁰⁶. E ainda o autor sobre a contribuição dos nordestinos afirma que, esses seriam atraídos para os grandes centros urbanos como Manaus, sendo que, boa parte deles seriam absorvidos no seio da massa popular das classes de baixa renda, morando nas periferias das baixadas e favelas e trabalhando como feirantes e camelôs no centro da cidade. Apenas uma minoria iria participar na liderança regional, como, comerciantes, industriais, políticos, profissionais e intelectuais³⁰⁷.

Na verdade, cada imigrante identificado nesta pesquisa foi responsável pela constituição do que é hoje a cidade de Manaus. Esta guarda em si, histórias de vida de homens e mulheres que aqui chegaram e contribuíram com sua cultura e seu trabalho. Foram trabalhadores como: o cearense Antônio Portilho Menezes, agricultor, o maranhense Manoel Cardoso, catraieiro, o paraense Manoel pires da Rocha, jornalista, o paraibano José Pereira da Silva, estivador, o barbadiano Sefort Danie, carroceiro, o português Antonio João, carroceiro e a espanhola Consuelo Morros, cozinheira³⁰⁸, entre tantos outros que deixaram suas marcas porque, de certa forma, foram construtores e colaboradores na história da cidade.

E essas pessoas, longe de serem grandes personalidades ou figuras ilustres, foram personagens principais de uma história de luta pela sobrevivência em um momento distinto da história local, marcado pelos entraves da crise. E o principal, não

³⁰⁵ CASTRO, Mavignier de. **Síntese Histórica e Sentimental da Evolução de Manaus**. Manaus: 1948, p. 185.

³⁰⁶ BENCHIMOL, Samuel Isaac. Grupos culturais na formação da Amazônia brasileira e tropical. In: **Anais do Encontro Regional de Tropicologia**, 2, 1985. Recife, p. 115-144.

³⁰⁷ Idem, p. 115-144.

³⁰⁸ Os dados sobre estes imigrantes foram retirados dos livros de registros da Santa Casa de Misericórdia dos períodos de 1936, 1937 e 1943.

eram anônimos, desconhecidos, possuíam um rosto, um nome, possíveis de serem resgatados.

O fato de serem imigrantes nos faz deduzir que, ao saírem de suas terras, estavam em busca de melhores oportunidades de trabalho, uma condição de vida viável em relação ao seu local de origem. Aqui fincaram suas raízes e fizeram desta cidade seu espaço de sobrevivência, se misturando aos grupos locais e junto a estes moldaram o que Manaus é hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante algum tempo a historiografia procurou apresentar uma memória local pautada principalmente nas lembranças de um tempo de opulências, resultado da expansão da economia gumífera. O que interessou para essa história foram às ações e feitos de políticos e pessoas influentes, bem como as lembranças de uma cidade isenta de problemas, igualada aos grandes centros europeus, uma “Paris dos Trópicos” com seus ícones emblemáticos.

Se por um lado essa memória ainda perdura na mentalidade de muitos, por outro, há um esforço por parte de historiadores locais em trazer para o cenário histórico, agentes sociais antes deixados a margem da história da cidade. A necessidade em incluir esses sujeitos, passa pelo entendimento de que, a história, enquanto processo, se faz pela experiência de homens e mulheres independente de cor, etnia, ideologia, gênero. Daí que, se há a história dos grandes homens, há evidentemente a história de outros homens, que historiadores como Thompson, em contrapartida àquela “história de cima”, assim denominou de “História Vista de Baixo”³⁰⁹.

A história vista de baixo, dos excluídos, dos marginalizados se preocupa em recuperar as experiências de sujeitos sociais que, de alguma forma, foram esquecidos e colocados a margem da história da humanidade. Foi nessa perspectiva que procuramos resgatar parte da história de imigrantes que viveram em Manaus no período da crise econômica que se instalou na cidade, analisar suas condições e histórias de vida através de registros que nos possibilitaram percebê-los em suas múltiplas experiências.

Podemos dizer ainda que este trabalho é uma forma de contestar aquela história comentada acima, bem como outros tipos de estudos que somente mencionam ou mesmo se limitam na quantificação dos migrantes, sem atentar para outras dimensões vividas por eles no espaço urbano. De forma alguma ignoramos estudos que contemplam dados e estatísticas populacionais e as dinâmicas migratória, apenas procuramos abordar um lado mais social onde se fizesse presente a pessoa que é o imigrante, suas experiências e relações com o meio em que viveu.

³⁰⁹ THOMPSON, Edward. *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

E foi principalmente embasada na perspectiva de uma História Social que nos remetemos a Manaus de 1920 a 1945, na tentativa de observarmos as condições, quem e qual a origem dos sujeitos sociais, estigmatizados de imigrante, que residiam na cidade naquele período. Longe de conseguirmos realizar um trabalho na mais perfeita das condições, afinal, o historiador corre riscos ao mergulhar no passado de pessoas comuns, uma vez que as documentações sobre segmentos menos favorecidos são raras, podemos dizer que alcançamos nossos objetivos mais prementes.

Ao enveredarmos em uma cidade esfacelada pela crise econômica, encontramos pessoas de outras localidades do país e outros países que viveram as mais diversas situações, muitas delas estampadas nas páginas do Jornal do Comércio e nos livros de registro da Santa Casa de Misericórdia. Foi principalmente por meio dessas fontes que conseguimos saber a origem, o nome e um pouco sobre a vivência dessas pessoas na cidade em determinado tempo.

Ao longo da dissertação vimos um pouco da história de vida desses homens e mulheres que fizeram de Manaus seu espaço de sobrevivência e como outros estudos recentes, reveladores do “submundo” humano existente em Manaus para aquele período, conseguimos em parte mostrar que, em Manaus, existiam trabalhadores imigrantes exercendo as mais variadas funções e que, junto aos moradores locais, foram relevantes para a constituição e história da cidade. Conseguimos ainda, mostrar que, se havia uma lacuna em relação aos estudos abordando a questão da experiência de imigrantes no espaço urbano para aquele período, esta começa a ser lacrada com mais esta pequena contribuição que realizamos.

Na verdade, essas pessoas são partícipes de uma história e não podem ficar a margem dela, afinal, Manaus não se constituiu apenas das ações e práticas de grandes políticos e por uma pequena parcela elitizada. Ela é o resultado das relações de grupos sociais distintos, entre os mais e menos favorecidos, por isso, a condição de dilacerada socialmente, que até então a história da cidade se apresentava - no sentido de apenas apresentar parte da história de um seguimento social - começa a sair de cena para apresentar suas mais diversas faces. As faces de uma outra cidade, aquela do trabalhador urbano, da mulher e do imigrante, registrar suas experiências, lutas que ficaram marcadas e esquecidas no tempo.

Ao longo desta dissertação, especificamente no segundo e terceiro capítulo, apresentamos um pouco da história de vida de imigrantes entre nacionais e estrangeiros residentes em Manaus e que viveram situações distintas. Observamos os tipos de

trabalhos que exerciam sua condição enquanto indigente e mendigo, seu desespero frente as circunstâncias de uma vida atribulada, seus relacionamentos, enfim, algumas de suas ações cotidianas recuperadas através das fontes por nós utilizadas.

Além disso, se fez necessário analisar o espaço em que estavam inseridos os imigrantes, ou seja, analisar Manaus em seu âmbito conjuntural, uma vez que a cidade sentiu as penúrias da crise, mas também, na década de quarenta recebeu maiores estímulos com os investimentos do governo central para o soerguimento da economia extrativa. Foi importante analisarmos tal situação para sabermos as condições dos imigrantes, o que na verdade não melhorou muita coisa. E ao contrário do que muitas literaturas da época apontaram como momento favorável, para o grosso da população a situação continuou a mesma.

Mas, foi importante ainda refletirmos sobre as contribuições deixadas pelos imigrantes no concernente ao desenvolvimento de algumas funções que atendiam as necessidades da cidade. Além disso, foram responsáveis ainda pela difusão de novos hábitos e valores que se misturaram aos da cultura local ganhando assim uma conotação “híbrida”.

Estas questões perpassaram os capítulos desta dissertação onde nos propusemos a analisar a história de imigrantes no espaço de Manaus. De fato não foi um trabalho de fácil realização, dada as dificuldades que encontramos em relação as poucas fontes existentes, mas não desanimamos diante dos problemas, pois um historiador não retoma ou chega perto de uma realidade no tempo com facilidade. Cabe a ele levar consigo sua bagagem de conhecimentos e experiências para trabalhar as fontes e registros existentes, matéria-prima que lhe permite o conhecimento a respeito de qualquer realidade manifestada no tempo.

Assim, não vimos como um trabalho finalizado ou mesmo como uma resposta acabada, mas o começo para novas investidas em um tema que caminha em lentos passos se formos levar em consideração o tempo e o espaço por nós estudado. De fato, trabalhar com o imigrante em determinado espaço é por si complexo, mais ainda se formos analisar o imigrante em tempos remotos com apenas alguns registros que se quer revelam o que de fato viveram. As falhas aqui apresentadas podem ser suprimidas por nós quando lembramos os esforços que imputamos neste trabalho, mas de forma alguma nos conformaremos em deixar de lado as questões pendentes e as brechas que sentimos não termos fechado.

Assim, poderíamos ter abrangido mais sobre determinadas questões como o cotidiano e representações dos imigrantes, questionamentos que podem futuramente vir a serem foco e objeto de um trabalho com maior abrangência e que desde já nos propomos a dar seguimento.

Enfim, consideramos alcançados os objetivos deste trabalho que se torna mais um entre tantos outros que buscam apresentar uma historiografia dinâmica no sentido de abarcar os sujeitos sociais e sua realidade em determinado tempo.

FONTES

1 – PERIÓDICOS:

Jornal do Comércio – 1920 – 1950

Diário da Tarde – 1944

La Voz de España – 1901.

Boletim da Associação Comercial do Amazonas – 1949

Revista Sintonia – 1939-1945.

El Hispano-Amazonense – 1920.

Gazeta da Tarde – 1921.

2 – OUTRAS FONTES:

Estado do Amazonas – Mensagem do Governador do Estado, Álvaro Botelho Maia, de 1936.

Estado do Amazonas – Mensagem do Governador do Estado, Cesar do Rego Monteiro, de 10 de julho de 1921.

Estado do Amazonas – Mensagem do Governador do Estado, César do Rego Monteiro, de 14 de julho de 1923.

Estado do Amazonas – Mensagem do Governador do Estado, Ephigenio Ferreira Salles, julho de 1926.

Estado do Amazonas – Mensagem do Governador do Estado, Ephigenio Ferreira Salles, em 14 de julho de 1928.

Estado do Amazonas – Mensagem do Interventor Álvaro Botelho Maia dirigida ao presidente Getúlio Vargas de 1942 a 1942.

Estado do Amazonas – Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, por Álvaro Maia – Interventor Federal – referente à Outubro de 1939 a Maio de 1940.

Estado do Amazonas – Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, por Álvaro Maia – Interventor Federal – referente ao período de 1942 a 1943.

Estado do Amazonas – Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, por Álvaro Maia – Interventor Federal – referente ao período de 1944 a 1945.

Estado do Amazonas – Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, por Álvaro Maia – Interventor Federal – referente ao ano de 1940 a 1941

Estado do Amazonas – Relatório da Chefatura de Segurança Pública ao Governador Silvério Nery. In: Mensagem do Governador do Estado, em 1904.

Estatuto da Santa Casa de Misericórdia – 1891.

Estatuto da Santa Casa de Misericórdia – 1926.

Estatuto da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas – 1916.

Livro de Registro da Santa Casa de Misericórdia – 1935 a 1945.

Município de Manaus – Relatório Municipal dirigido ao Interventor Álvaro Botelho Maia pelo prefeito Antônio Botelho Maia em 1938.

Município de Manaus – Relatório sobre a exposição dos trabalhos da Prefeitura de Municipal de Manaus, apresentada ao Interventor Álvaro Botelho Maia, pelo prefeito interno Jessé de Moura Pinto de Janeiro a Setembro de 1935.

Província do Amazonas – Relatório de Presidente da Província, do Tenente Coronel José Clarindo de Queiroz, de 1880.

Relatório do Hospital Beneficente Portuguesa referente ao exercício de 1921.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, André Vidal de. **Sociologia de Manaus: Aspectos de sua aculturação**. Manaus: Fundação Cultural do Amazonas, 1974.
- BARAÚNA, Sílvia Maria Quintino. **Representações da Sociedade Manauara na Revista Rionegrino (1922-1940)**. Monografia de Final de Curso de Graduação. Manaus: UFAM, 2007.
- BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **O movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2000.
- BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia: Análise do processo de Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.
- BATISTA, Djalma. **O Paludismo na Amazônia**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural do Amazonas**. Manaus, Ed. Valer 1999.
- BENCHIMOL, Samuel. Manaus – O Crescimento de uma Cidade no Vale Amazônico. In: **Raízes da Amazônia**, Ano I – V. 1 – nº 1 – Manaus, Editora INPA, 2005.
- BENCHIMOL, Samuel. **O Romancero da Batalha da Borracha**. Manaus: Imprensa Oficial, 1992
- BITENCOURT, Agnello. **Corografia do Estado do Amazonas**. Manaus, ACA – Fundo Editorial, 1985.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOTELHO, João Bosco. A Santa Casa de Misericórdia de Manaus entre 1930 a 1949. In: **Amazônia em Cadernos**, Manaus, v. 6, n. 4, 1998.
- CAMPOS, Hermenegildo. **Climatologia Médica do Estado do Amazonas**. Manaus, ACA/Fundo Editorial, 1988.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **Uma Introdução à História**. Ed. Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, Izabel de. Introdução. In: Centro de Estudos Migratórios (Org). **Migrantes êxodo forçado**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- CASTEL, Robert. **A era da Informação: economia, sociedade, cultura – A sociedade em rede**. 7ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- CASTEL, Robert. As Armadilhas da Exclusão. In: **Desigualdade e a Questão Social**. São Paulo: EDUC, 1997.
- CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. 34ª. Ed. Guimarães Editores, 1982.
- CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAIFANS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro. Campus, 1997.

- CASTRO, Mavignier de. **Síntese Histórica e Sentimental da Evolução de Manaus.** Manaus, Tipografia Fênix, 1948.
- CHALHOUBE, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores na belle époque.** 2ª Ed., Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações,** Lisboa: DIFEL, 1990.
- COSTA, Francisca Deusa Sena da. **Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana: trabalhadores urbanos em Manaus (1890-1915).** São Paulo, 1997.
- COSTA, Selda Vale da. **Eldorado das Ilusões.** Cinema e sociedade: Manaus (1897-1935). Manaus: Ed. Da Univ. do Amazonas, 1996.
- CUNHA, Euclides da. **À Margem da História.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CUNHA, Euclides da. **Amazônia: um paraíso perdido.** 3ª ed. Manaus: Valer, 2003.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DEAN, Warren. **A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica.** São Paulo, Nobel, 1989.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo 1920-1934.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DIAS, Ednéa Mascarenhas: **A Ilusão do Fausto: Manaus, 1880-1920.** Manaus: Valer, 2000.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo do século XIX.** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DURHAM, E, A. **A Caminho da Cidade.** A vida rural e a migração para São Paulo. 2ª ed, São Paulo: Ática, 1973.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História.** 3 ed., Lisboa: Presença, 1989.
- FERRARINE, Sebastião Antônio. **Transertanismo: Sofrimento e miséria do nordestino na Amazônia.** Petrópolis: Editora Vozes, 1979.
- FILHO, Antonio Luiz Macedo e Silva. Estilhaços de uma Guerra. In: GONÇALVES, Adelaide e COSTA, Pedro Eymar Barbosa (orgs). **Mais Borracha para a Vitória.** Fortaleza: MAUC/NUDOC; Brasília: Ideal Gráfica, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FRAGOSO, João Luis. O Império Escravista e a República dos Plantadores. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). **História Geral do Brasil.** Rio de Janeiro. Campus, 1990.
- FREITAS, Marcos Cezar (Org.) **Historiografia em Perspectivas.** São Paulo: Contexto, 1998.
- FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.** São Paulo, Editora Nacional. 22ª edição, 1957.
- GAUDEMAR, J. P. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital.** Lisboa: Editora Stampa, 1977.

- HAHNER, Juner E. **Pobreza Política**: os pobres urbanos no Brasil, 1870-1920. Brasília: EDUNB, 1993.
- HEYER, Lígia Fonseca. A evolução da mancha urbana de Manaus e as diferenciações microclimáticas. **Amazônia em Cadernos**, Manaus – nº 4 – 1998.
- JUNIOR, Mandarola Eduardo e GALLO, Priscila Machiori Dal. **Ser Imigrante**: Implicações Territoriais e existenciais da Migração. VII Encontro Nacional sobre Migrações. Belo Horizonte – Agosto de 2009.
- LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará**: faces da sobrevivência (1889-1916). Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2006.
- LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte, UFMG, 1999.
- LOREIRO, Antônio José Souto. **Síntese da História do Amazonas**. Manaus Imprensa Oficial 1978.
- MARTINELLO, Pedro. **A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial**: e suas conseqüências para o vale amazônico. Rio Branco: Editora UFAC, 1988.
- MARTINS, José S. **A Sociabilidade do Homem Simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, José S. **Exclusão Social e Nova Desigualdade**. São Paulo: Paulos, 1997.
- MARTINS, José S. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo, Hucitec. 1997.
- MARX, KARL; Engels Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e História**: história, cidade e trabalho. Bauru, EDUSC, 2002.
- MELLO, Alcino Teixeira de. **Nordestinos na Amazônia**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Imigração e Colonização/Departamento de Estudos e Planejamento, 1956.
- MELLO, Mário Lacerda de. MOURA, Hélio A. de. Coordenadores. **Migrações para Manaus** – Recife: FUNDAJ/ed. Massangana, 1990.
- MELLO, Thiago de. **Manaus, Amor e Memória**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.
- MENDONÇA, Carlos. **Gente do Nordeste no Amazonas** (Reportagem em torno do repovoamento do Amazonas em 1942). Manaus, divulgação da Imprensa Pública, 1943.
- MESQUITA, Otoni Moreira de. **La Belle Vitrine**: O mito do progresso na refundação da cidade de Manaus – 1890/1900. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFF, 2005.
- MORALES, Lúcia Arrais. **Vai e Vem, Vira e Volta**: as rotas dos soldados da borracha. São Paulo: Annablume, 2002.
- MOURA, Denise Ap. Soares. Andantes de Novos Rumos: A Vinda de Migrantes Cearenses para Fazendas de Café Paulista em 1878. **Revista Brasileira de História**, vol. 17, n. 34, São Paulo, 1997.
- NEDER, Gislene. Cidade, Identidade e Exclusão Social. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1997.

- NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a Seca: políticas emergenciais na era Vargas. **Revista Brasileira de História**, vol. 21 n° 40. São Paulo, 2001.
- OLIVEIRA, Adélia Engracia de. Ocupação Humana. In: Enéas Salatti et al. **Amazônia, desenvolvimento, integração e ecologia**. São Paulo, Brasiliense/Cnpq, 1983.
- OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. **A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara**. Dissertação de Mestrado. Manaus: UFAM, 2009.
- OLIVEIRA, José Ademir de. **Manaus, 1920-1967: A cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ EDUA – Editora Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2003.
- PECHMAN, Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. In: BRESCIANI, Stela. **Imagens da Cidade, Séculos XIX e XX.**, 1 ed. São Paulo: Marco Zero, 1993.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito Além do Espaço: Por uma História Cultural do Urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16. 1995.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma Outra Cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2001.
- PINHEIRO, Luis Balkar Sá Peixoto. Na Contramão da História: Mundo do Trabalho na Cidade da Borracha. In.: **Canoa do Tempo**, v. 1, Manaus: 2007, p. 11-32.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus, 1899-1925**. Manaus: Edua, 2003.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)**. Tese de Doutorado em História, São Paulo: PUC, 2001.
- PÓVOA, Neto Hélio. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual. Novos desafios para análise. In: HEIDEMANN, Heinz Dieter, SILVA, Sidney Antônio (Org.) **Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais**, São Paulo: Humanitas, 2007.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo Brasiliense, 35ª edição, 1987.
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com Axé: Candomblé e Umbanda no mercado religioso. Dossiê Religiões no Brasil. **Estudos Avançados**, v.18, São Paulo, 2004.
- RAFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo, Ática, 1993.
- RAGO, Margareth. Amores Lícitos e Ilícitos na Modernidade Paulistana ou no de Madame Pomméry. In: **Teoria & Pesquisa**, 47, jul/dez, 2005.
- RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- REIS, Arthur César Ferreira. **O Nascimento da Cidade (Manaus, 1890 a 1900)**. Edições Governo do Amazonas, 1966.
- REIS, Arthur César Ferreira. **O Seringal e o Seringueiro**. 2ª edição revista. Manaus: EdUA/ Governo do Estado do Amazonas, 1997.

- SALIM, Celso Amorim. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Vol. 3, São Paulo, ABEP, 1992.
- SANTOS, Carlos Augusto dos; BRASIL, Marília C.; MOURA, Hélio A. “*Persona Non Gratae?* – A imigração indocumentada no Estado do Amazonas”. In: **Migrações internacionais: Contribuições para Políticas – Brasil 2000**. Brasília: CNPD, 2001.
- SANTOS, Eloína Monteiro dos. **A Rebelião de 1924 em Manaus**. 3ª Edição. Manaus: Editora Valer, 2001.
- SANTOS, Milton, SOUZA, Maria Adélia A. de (org.). **A Construção do Espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.
- SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História Econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.
- SAYAD, A. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.
- SECRETO, Maria Verônica. **Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Contribuições metodológicas para análise das migrações. In: HEIDEMANN, Heinz Dieter, SILVA, Sidney Antônio (Org.). **Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais**. São Paulo, Ed. Humanitas, 2007.
- SOUZA, João Carlos de. Ocupações de Áreas Urbanas em São Paulo: Trajetórias de vida Linguagens e Representações. **Revista Brasileira de História**, vol. 18, n. 35, São Paulo 1998.
- TEIXEIRA, Carlos Corrêa. **Servidão Humana na Selva – O aviamento e o barracão nos seringais da Amazônia**. Manaus: Editora Valer/Edua, 2009.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1987.
- THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, Edward Palmer. **Senhores e Caçadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- UCHÔA, Samuel. **Dois Anos de Saneamento**, 1923. Manaus: Livraria Clássica. 1924.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha Peixoto, YARA, Maria Aun Khoury. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 2002
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasiliense: UNB, 1991.
- WEINTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.
- WITTER, José Sebastião. O Imigrante na Sociedade Brasileira. **Cadernos de História de São Paulo**. N. 3 e 4, 1995.